UMA HOMENAGEM À MEMÓRIA
PROJECTO DE UM TANATÓRIO PARA COIMBRA

Maria Inês Domingues Carvalho

Dissertação de Mestrado Integrado apresentada
à Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

ORIENTAÇÃO
Doutora Clara Pimenta do Vale

CO-ORIENTAÇÃO
Doutora Alice Tavares Costa

Setembro 2019

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, à Professora Doutora Clara Pimenta do Vale, que desde a primeira hora aceitou o acompanhamento deste trabalho, pela dedicação, responsabilidade e pela partilha de conhecimentos;

Em segundo lugar, à Professora Alice Tavares Costa e ao Departamento de Engelharia Civil da Universidade de Aveiro pela oportunidade e orientação na realização dos ensaios laboratoriais que contribuíram para enriquecer esta prova;

Aos meus pais, pelo amor e dedicação, encorajamento e apoio incondicional durantes estes anos, sem os quais não teria sido possível, contribuindo sempre para a minha evolução;

À minha irmã, pela amizade e por partilhar noites de trabalho;

Aos meus avós e tia, pelas suas experiências de vida e de sabedoria;

À Arquitecta Luísa Valente, autora do projecto do Tanatório de Matosinhos, pela sua disponibilidade e conversas no que diz respeito ao tema desta dissertação,

A todos os amigos e colegas, que partilharam conhecimentos, experiências e conselhos.

Nota:
As citações presentes no corpo de texto são de tradução livre do autor.
Nas citações e notas de rodapé, o texto citado é transcrito na sua língua original.
O texto não foi redigido segundo o novo acordo ortográfico.

RESUMO

Começando pelo início. O aumento da cremação tem vindo a desenvolver-se de ano para ano, não só pelo motivo dos cemitérios sobrelotados, mas pela vontade do defunto e abertura a mentalidades mais abertas.
Claramente antes do ano 2000, a inserção de um projecto desta natureza, era considerado inválido na cidade de Coimbra, no qual a igreja se opunha à ideia da cremação e à construção deste tipo de equipamento. De facto, houve a intenção de colocar um crematório junto ao Cemitério Municipal da Conchada, numa altura que já se começava a falar deste método funerário.
Partindo do conceito "és pó e ao pó voltarás", onde a terra é um elemento vigoroso, com o propósito da utilização da matéria-prima na construção do edifício, semelhante ao processo natural de sepultamento. Alvenarias em bloco de adobe e reboco de terra, no qual se movimentam no interior.
Um tanatório é um equipamento funerário, de tipologia idêntica e evidencia outros serviços inexistentes nos crematórios. A proposta do Tanatório é um exemplo de um equipamento que poderia implementar-se em Coimbra.

Palavras-chave: tanatório, memória, colina, Coimbra, lugar, alvenaria em adobe, ruína.

ABSTRACT

Starting at the beginning. Interest in cremation has been increasing from year to year, not only because of overcrowded cemeteries, but also because of the public's willingness to be more openminded about it.
Clearly before the year 2000, the demand for such a project was considered non-existent in the city of Coimbra, in which the Church opposed the idea of cremation and the construction of this type of equipment. In fact, there was the intention of placing a crematorium next to the Conchada Municipal Cemetery, at a time when talk was already beginning about this funerary method.
Starting from the concept "you are dust and to dust you will return", where earth is a primary element, the concept is to use this raw material in the construction of the building, similar to the natural process of burial. Walls made of adobe brick, with plaster applied to the interior.
A Tanatório is funeral equipment of the same typology and shows other services not available in crematoriums. The Tanatório proposal is an example of equipment that could be implemented in Coimbra.

Keywords: burial equipment, memory, hill, Coimbra, place, adobe masonry, ruin.

LISTA DE ACRÓNIMOS E ABREVIATURAS

A.M. - Arquivo Municipal

C.M.C. - Câmara Municipal de Coimbra

SUMÁRIO

Agradecimentos **I**

Resumo **III**

Abstract **V**

Lista de acrónimos e abreviaturas **VIII**

Introdução **14**

I

Função e lugar

1. *Thanatos na cidade* **19**

1.1. *Thanatos* no meio urbano **19**

1.2. Morte e a Arquitectura **25**

1.3. Coimbra **35**

1.4. Lugar da Conchada **41**

1.4.1. *Eusápia* dos mortos **47**

1.4.2. Memória da ruína, colina do Monte Florido **59**

1.4.3. Intervenção na ruína **65**

II

Construir em terra

2. A terra **71**

2.1. A cor **75**

2.2. O adobe **79**

2.3. Reboco de Terra **87**

2.4. Terra no laboratório **93**

III

Espaço da morte, uma proposta

3.1. O programa e percurso **105**

3.2. A relação com o lugar **109**

3.3. Opções de projecto **111**

3.3.1. Casa Amarela, uma nova identidade **111**

3.3.2. Um equipamento **115**

3.4. Materialidade **123**

3.4.1. Luz sobre a cor **125**

3.5. Soluções construtivas **129**

Considerações finais **137**

Referências bibliográficas **139**

Índice de imagens e desenhos **145**

Anexos **155**

Para a avó Maria

INTRODUÇÃO

O objecto de estudo desta dissertação centra-se num equipamento específico para a cidade de Coimbra, um tanatório, articulado com o cemitério municipal existente na Conchada. Pretende-se que funcione como catalisador urbano, e deverá responder às necessidades da sociedade em geral.

O cemitério da Conchada é nesta altura definido como um espaço sobrelotado e, devido a este problema, tem-se a intenção de se expandir cada vez mais o espaço da área cemiteral, pelo que é necessário projectar um edifício funerário neste sector da cidade. Por outro lado, com o avançar do tempo, os crematórios são mais procurados, por várias razões, entre elas, a sobrelotação dos cemitérios, a escolha pessoal de familiares ou pela vontade dos defuntos, razões que determinam a proposta de um tanatório.

A implantação do edifício será num dos pontos mais altos da cidade de Coimbra, sensivelmente ao nível da cota da Alta (Universidade), em continuidade com o antigo cemitério da Conchada. Esta zona caracteriza-se de forma privilegiada, pelo seu domínio do território da cidade, tendo vista sobre vários monumentos, espalhados por Coimbra, onde os mosteiros de Santa Clara-a-Velha/Nova são perfeitamente destacados na margem esquerda do rio Mondego.
Junto ao cemitério, destaca-se a ruína de uma antiga habitação, conhecida por casa amarela, com impacto na paisagem e inserida na antiga Quinta do Monte Florido. A construção do tanatório será a oportunidade de dar nova vida a este prédio, que ali permanece esquecido no tempo, usando-o para algumas das funções administrativas.

A motivação para este tipo de objecto arquitectónico e do lugar em estudo, surge a partir de familiares e de amigos “perdidos” no tempo, incluindo o sepultamento da “Avó Maria”, nesse mesmo cemitério. A ela dedico este estudo, e todo o processo que o mesmo significou na grande superação pessoal do tema da morte.

Com o tema e o lugar escolhido, partir-se-á para as várias fases de investigação.
Procedeu-se a uma pesquisa bem fundamentada e ampliada para a escolha do caso em estudo, quer na procura de referências, de outros projectos, programas idênticos, e temas sobre a espiritualidade e a intemporalidade.
A dissertação estrutura-se em três capítulos: o primeiro faz referência ao objecto em estudo, à sua função, à sua localização e faz o reconhecimento de alguns pontos importantes da cidade de Coimbra.
No segundo capítulo estuda-se o material de construção eleito. Efectivamente, quando a decisão sobre o objecto em estudo é tomada, a escolha do material emerge da mesma, no pó onde tudo se liga. O adobe, um material feito da matéria-prima mais universal, com o qual se erguem alvenarias, rebocos de terra que as revestem, e a ideia da manipulação da cor para criar ambiências.
O segundo capítulo dedica-se à componente laboratorial, onde se executaram diversos ensaios para a camada final de revestimento das alvenarias de adobe, dando apoio na fase de projecto.
No terceiro capítulo, apresenta-se o projecto do tanatório, justificando opções, e terminando por abordar algumas questões construtivas.

I

FUNÇÃO E LUGAR



1. *THANATOS NA CIDADE* [1]

1.1. *THANATOS* NO MEIO URBANO

A morte *"é um grande nivelador, trata todos por igual, mas cada um pode partir à sua maneira"* [2].
Este capítulo é o mais importante e que deu as bases e noções essenciais para o desfecho do último capítulo – projecto do Tanatório.
A morte, é um tema que nem toda a sociedade pretende introduzir no seu quotidiano, pois relaciona-se com a mesma como uma limitação, como o fim da vida. A morte é um fenómeno tabu e incompreendido aos vivos, *"desde sempre este foi um tema que inquietou o Homem, a certeza da aproximação de algo que não conhece. Isso levou a que cada cultura, cada religião, cada indivíduo criasse mecanismos de resposta a esse enigma quer em termos de crenças, quer em simbologias"* [3].

A morte, no entendimento da comunidade, é *"uma alma fugidia que nos toca ao de leve e se evola"* [4], desvanecendo através de um sussurro e que regressa ao que nunca será entendido novamente. A morte é alcançada de uma forma natural, como algo que é inacessível à inteligência humana, provocando-lhe respeito, medo e curiosidade.

O tema em questão entende-se como *"um facto cultural, pelas representações que induz, quanto à sua natureza e origem, pelos fantasmas e imagens que suscita, pelos meios que mobiliza para se recusar ou para se ultrapassar"* [5].

Ainda relativamente à questão da morte, a arquitectura relaciona-se com esta, como um elemento integrado no dia-a-dia dos vivos, pretendendo que a sociedade, presente e futuramente, deva encarar a morte de forma mais aceitável, através de novos espaços funerários, tornando-os mais agradáveis e delicados, com a constante relação entre o lugar de memória, a luz e a natureza que os envolve.
A sociedade em geral, com o passar dos anos cria *"uma relação de incompatibilidade progressiva com o cadáver e a ideia da sua*

[1] OLIVEIRA, 2007, *"In Memoriam, na Cidade"*, pág. 92

[2] MENDES, 2018, *"Viver da Morte"*, pág. 92

[3] ROCHA, 2013, *"Morte, Espaço e Arquitectura, das ideias às formas, um projecto"*, FAUP (Tese de Mestrado), pág. 13

[4] MACHADO, 1990, *"Cuidar dos mortos"*, pág. 5

[5] MACHADO, 1990, op. cit, pág. 5

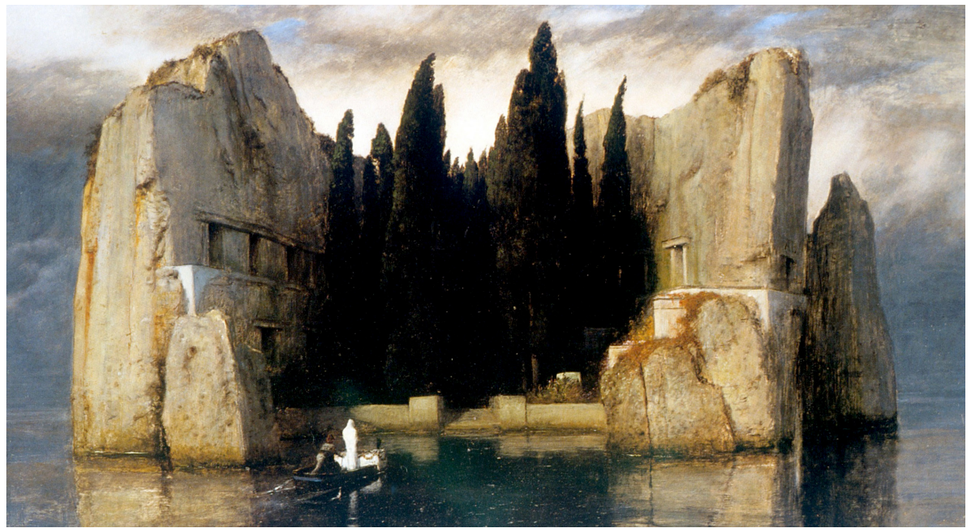


Fig.01 - Ilha dos Mortos, 1880

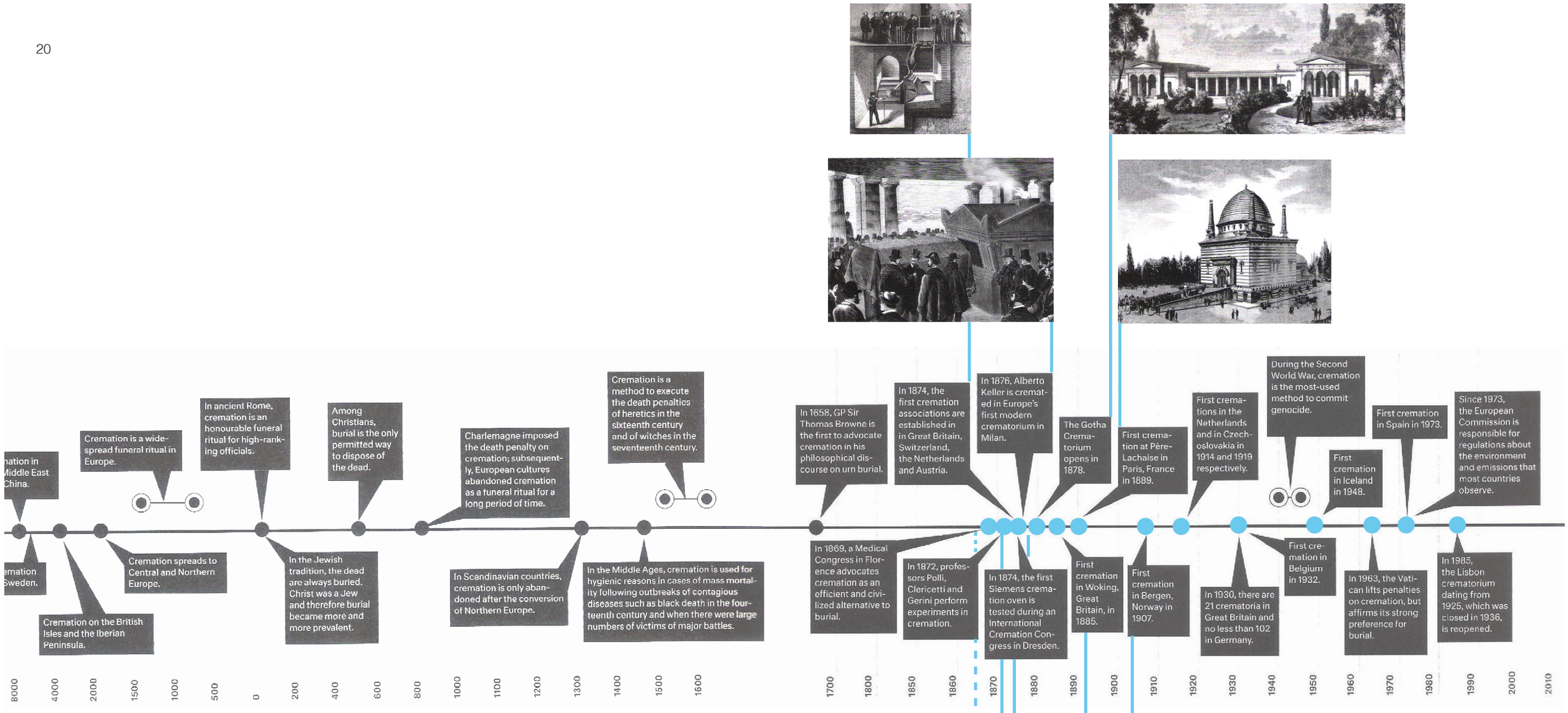


Fig.02 - Cronologia e representações da evolução da cremação no mundo e na Europa

inevitável decomposição" [6]. Com a cremação estabelece a forma de evitar a negação da morte, um método que contribui para a aceleração do processo.

A cremação é *"uma prática antiga, que acompanha alguns grupos humanos, já sendo praticada pelos gregos e romanos. A cremação é desde a Antiguidade "[...] o rito mais frequente [...] e é uma prática também encontrada n´ [...] os habitantes da Índia, a prática de Brahma, Vishnu e Shiva, sob a influência de um clima insalubre, húmido e quente"* [7].
A prática de cremação na religião católica surge, com mais frequência, nos finais dos anos oitenta, do século passado (como se pode verificar na folha da figura 02, ao lado).
Na Europa, desde o século passado, até aos dias de hoje, a prática da cremação tem vindo a desmistificar-se, o que a tem tornado um serviço mais procurado, independentemente das fés, de cada um.
Na tese *"Evolução Identitária de um Lugar"* a autora refere que *"(…) o Cemitério da Conchada está já sobrelotado, mesmo com a criação de ossários verticais e que, ao ser ampliado, deverá ter-se em conta a solução de crematório"* [8].
Numa fase inicial, a Conchada seria a melhor opção para a implantação de um crematório, mas a escolha final deu origem à sua construção em Taveiro, fora do centro urbano.
No distrito de Coimbra, existem dois crematórios, que distam entre si 50 km situando-se um no concelho de Coimbra, na União de Freguesias de Taveiro, Ameal e Arzila e o outro, no concelho da Figueira da Foz, na Freguesia de São Julião. Tendo apenas estes dois edifícios, para a elevada procura (como se pode ver na folha seguinte, figura 04 a 05), identifica-se a necessidade de um terceiro espaço de cremação. Surge, desta forma, a ideia da elaboração de um projecto para um novo equipamento em Coimbra, mais precisamente, um Tanatório junto ao cemitério da Conchada, na Quinta do Monte Florido.
A presente dissertação pretende responder à primeira solução de implantação desta tipologia de edifício, dentro da cidade de Coimbra.

[6] OLIVEIRA, 2007, *"In Memoriam, na Cidade"*, Universidade do Minho (Tese de Doutoramento), pág. 308

[7] COELHO, 2016, *"Crematorium"*, EUAC (Dissertação de Mestrado), pág. 26

[8] SILVA, 2012, *"Evolução Identitária de Um Lugar, a Conchada de Coimbra"*, DARQ-FCTUC (Dissertação de Mestrado), pág. 133



Fig.03 - Organogramas das áreas funerárias, diversidade e função de tipologias

Figueira da Foz

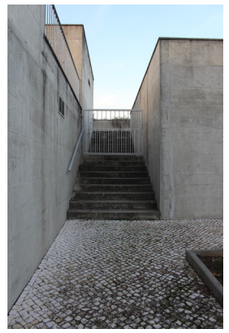
2008











Taveiro

2016

OTTO











Fig.04 - Esquema de identificação dos crematórios na zona de Coimbra (Figueira da Foz e Taveiro)

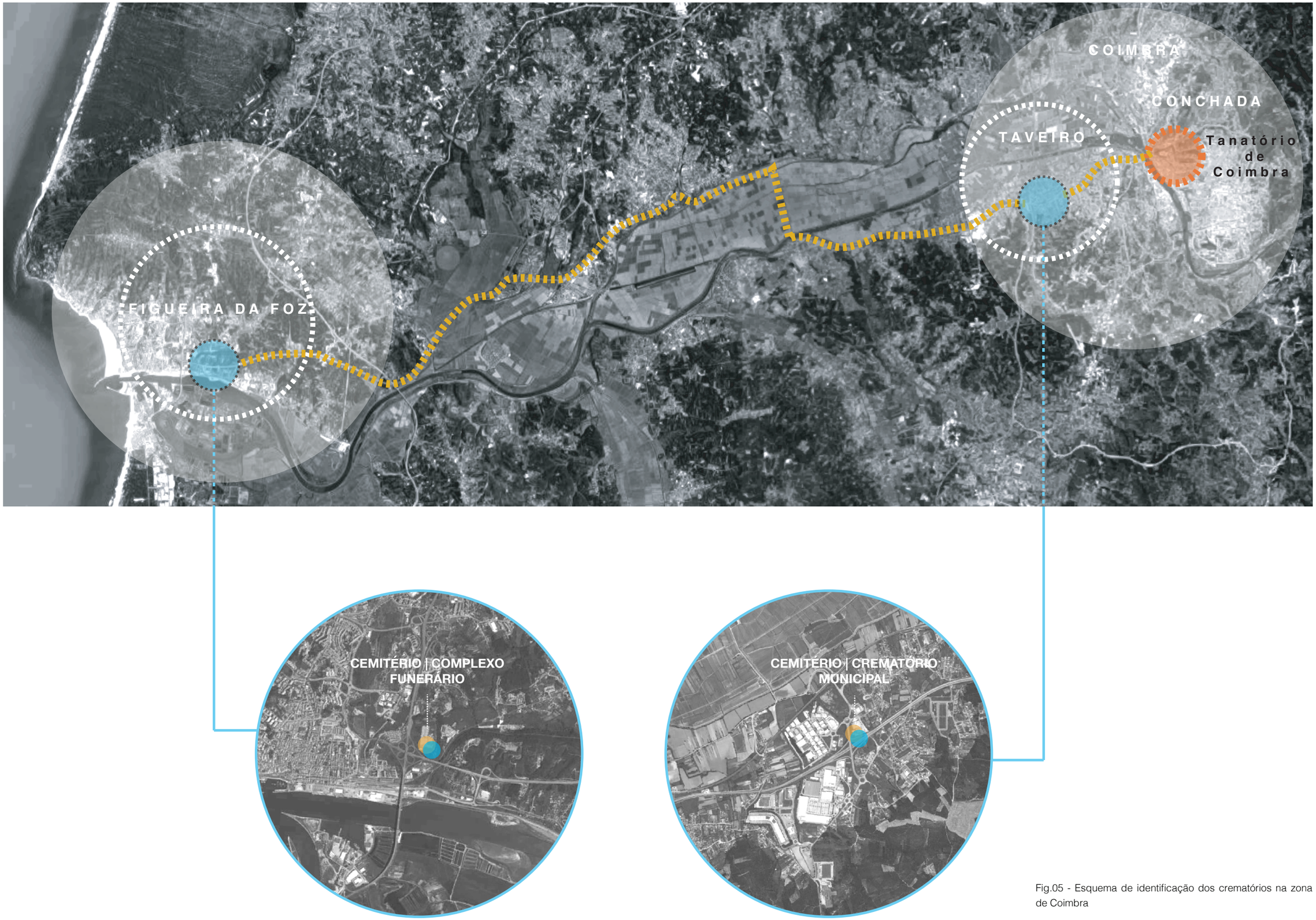
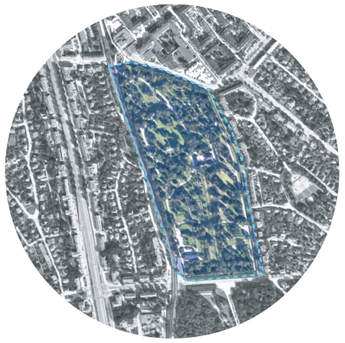


Fig.05 - Esquema de identificação dos crematórios na zona de Coimbra

CONTEXTO INTERNACIONAL

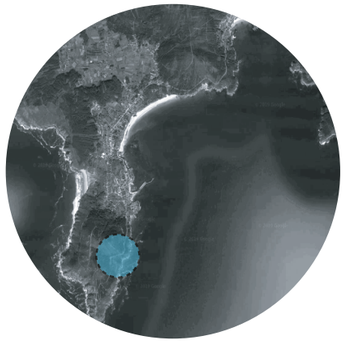
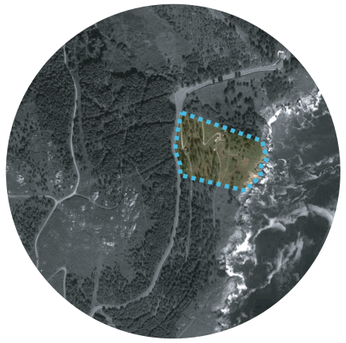



1940
Cemitério do Bosque
Suécia

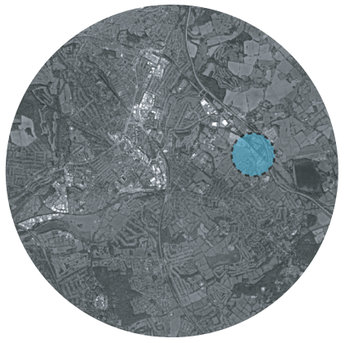



2000
Cemitério de Finisterra
Espanha




2017
Cemitério de Bushey
Old
Reino Unido




CONTEXTO NACIONAL




2009
Tanatório de
Matosinhos
Portugal




Fig.06 - Cronologia e identificação das referências de projecto

1.2. MORTE E A ARQUITECTURA

Existiu sempre uma relação entre a arquitectura e a morte. Sendo a arquitectura, uma das formas que os vivos tinham de homenagear os que partiam para a 'vida eterna'. As experiências espirituais e religiosas, sempre estiveram patentes nas marcas arquitectónicas ao longo dos séculos.

O tanatório, permite uma resposta de funerais em simultâneo, conseguindo e respeitando a privacidade de cada funeral, devido à sua tipologia autónoma. É composto, *"para além do sector de serviço técnico, uma área pública comum articulada com espaços individualizados onde decorrem os velórios, uma sala ecuménica destinada à celebração dos vários ritos e um serviço de apoio que inclui geralmente espaço de restauração e posto de venda de flores"* [9]. Este edifício que corresponde à pratica de cremação (edifício com pouca existência em Portugal) caracteriza-se com a função de *"escala territorial média"* [10], catalisador de um espaço central de cariz funerário, apresentando-se de forma monumental, quer do ponto de vista arquitectónico, quer urbanístico.

Para além dos aspectos referidos atrás, em *"in memoriam"* - tese de doutoramento, a autora menciona que esta tipologia poderá também corresponder *"como um monumento gerador de urbanidade* [pois pode estar] *localizado no centro da cidade ou no limite de um parque, interiorizado num bosque ou chegado ao mar, consolidado ou instituindo a sacralidade do sítio, a poética desse espaço e a espiritualidade do rito; potenciando a ritualização e as formas de lidar com a dor, afirmando o trabalho de luto como um caminho imprescindível à integração emocional da perda"* [11]. Ainda, de acordo com as bases teóricas referidas em *"in memoriam"*, são identificados sete princípios elementares e propósitos para a reintegração de Thanatos na cidade:

"1 - assumir os espaços dedicados à morte e à sua comemoração como um sistema significante no tecido social e estruturador do contexto urbano emergente;

2 - encontrar a escala acertada para cada espaço concreto (…) assim como definir a sua articulação com o desenho e a morfologia da cidade que integra;

3 - garantir a sua implantação (…) objectivando as relações de ordem social que cada situação ou edifício específico implicam, assegurando a proximidade necessária ao cumprimento desse fim;

4 - afirmar a monumentalidade e a eloquência espacial da arquitectura funerária e da paisagem a que dá origem;

5 - facultar através da concepção e da configuração do espaço, a expressão da multiculturalidade no seu sentido mais lato;

6 - promover uma requalificação da necrópole (…) que assente sobre critérios actuais de desenho, ultrapassando a perspectiva estrita da museificação - sem afectar a sua finalidade e favorecendo o diálogo com o contexto citadino,

7 - rever o enquadramento legislativo específico no sentido de o abrir a novas modalidades de expressão do equipamento funerário - considerando a possibilidade de a necrópole vir a reintegrar o tecido urbano, mediante, nomeadamente, a revogação da actual obrigatoriedade de limites físicos que a definem como território de exclusão" [12].

Para melhor compreensão sobre a expressão da morte relacionada com a arquitectura, foi seleccionado durante a fase de investigação, um conjunto de alguns projectos e elementos com programas idênticos, quer de forma directa quer em termos de relação com sua espiritualidade e intemporalidade. Aqui apresentam-se as quatro obras organizadas cronologicamente e analisadas em esquemas, de nível programático e de percursos.

[9] OLIVEIRA, 2007, *"In Memoriam, na Cidade"*, Universidade do Minho (Tese de Doutoramento), pág. 315

[10] OLIVEIRA, 2007, op. cit, pág. 322

[11] OLIVEIRA, 2007, op. cit, pág. 323

[12] OLIVEIRA, 2007, *"In Memoriam, na Cidade"*, Universidade do Minho (Tese de Doutoramento), pág. 347

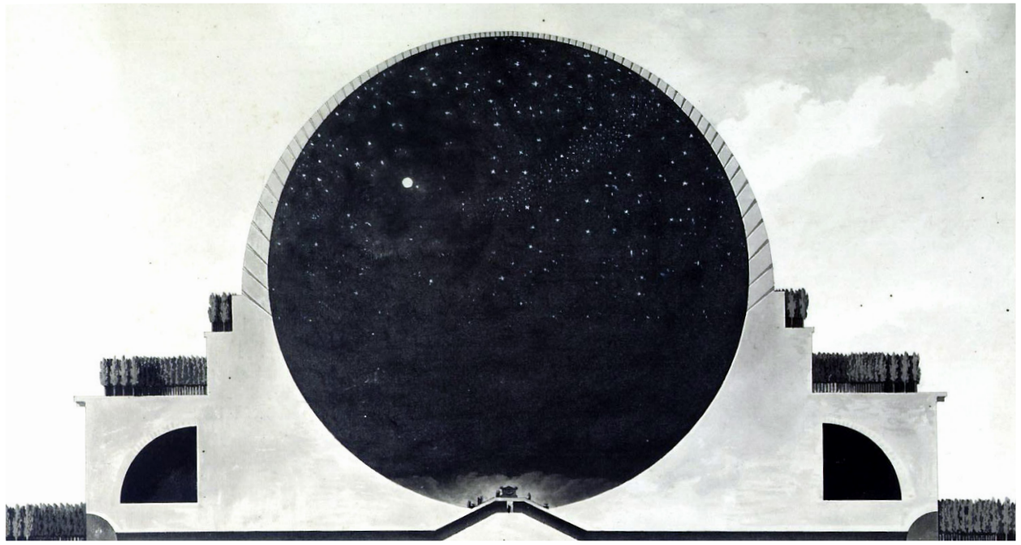
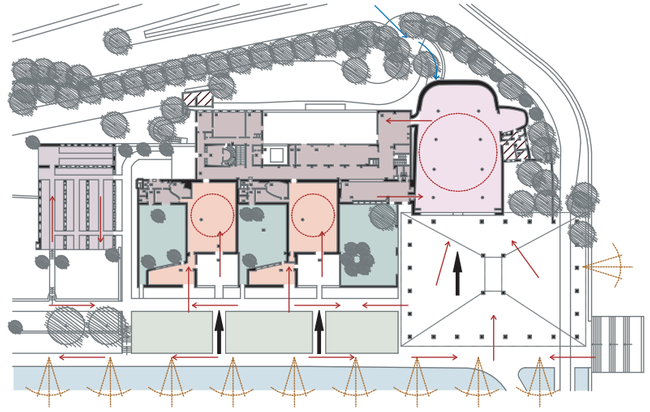


Fig.07 - Cenotáfio para Newton, projecto de Etienne Louis Boullée



1/1000

Descrição funcional:

- entrada
- percursos
- pano de água
- sala de cerimónias
- columbários
- jardim
- capelas de velação
- área técnica/serviços/piso -1
- privilégio paisagístico

Localização: Estocolmo

Arquitectos: Asplund e Lewerentz

Contexto: Periurbano

Programa: Crematório

Fig.08 - Planta do Cemitério do Bosque, descrição do projecto

1.2.1. CEMITÉRIO DO BOSQUE

A primeira obra refere-se ao cemitério do bosque em Estocolmo, projectado em 1940 por Erik Gunnar Asplund e Sigurd Lewerentz. Uma obra exemplar dos espaços funerários, da prática de cremação, do modo como se implanta na relação entre as qualidades paisagísticas do lugar – "colina e vale, floresta e clareira, terra e céu - para construir um ambiente profundamente invectivo da morte e do renascimento" [13] com a restante área cemiteral. O Cemitério do Bosque situa-se fora do centro da cidade, integrando-se na forma de separar a morte do quotidiano. A ideia de morte para a sociedade não era admitida, devido ao conceito da decomposição do corpo.

Este conceito de cemitério terá uma carga filosófica diferente do tradicional, levando a abrir as mentalidades para a ligação entre a morte e a natureza, como fazendo parte duma metamorfose natural normal, como acontece com qualquer ser vivo.

Nos primeiros edifícios projectados, Asplund deu forma à Capela do Bosque [14] e a Capela da Ressurreição [15] foi projectada por Lewerentz. Após a construção destes primeiros edifícios, Lewerentz abandonou o projecto que lhe tinha sido atribuído, ficando apenas Asplund como responsável pela obra.

O cemitério nasce na paisagem do bosque. Na entrada principal, de acesso ao crematório, inicia-se um caminho suave, transversal a uma cruz monumental em pedra, que rompe a linha de horizonte, *"conquistado pelo desenho cuidado de caminhos que percorrem desde a clareira à colina de Meditação, irrompe dentro da densa floresta de pinheiros"* [16]. À medida que o percurso é feito, sobressai o pórtico desenhado por diversos pilares, marcando a entrada do edifício do crematório ao fundo da paisagem que, *"no entanto, a imagem da paisagem só foi concluída quando este edifício foi construído*" [17]. O crematório relaciona-se com a colina e por um espaço compreendido para o depósito de urnas, num recinto em que os seus muros criam uma cinta até às capelas do edifício.

O edifício do crematório está composto por dois pisos de serviços, integrando as seguintes áreas: as capelas, a sala de cerimónias e área técnica.
O espaço de condolência foi distribuído por três capelas, com acesso distinto entre si, estando apenas interligadas por um corredor de circulação de funcionários, na medida que pretende resolver a conexão entre a capela e os restantes espaços do crematório. As capelas apresentam-se com capacidades de prestar diversos serviços ao mesmo tempo.
A relação entre a natureza e o espaço construído conduz esta atmosfera para dentro do edifício, entre as capelas, pátios e sala de espera, transmite um espaço tranquilo de ambiente íntimo e delicado. As capelas são semelhantes entre si. A urna é colocada no eixo da entrada junto ao "altar", imersa pela luz natural, proveniente de um vão lateral, ladeada por assentos nas laterais, de forma a fortalecer o carácter de despedida entre a família e amigos. Após a despedida efectuada nas capelas, a urna segue o último trajecto para sala de cerimónias, a sala de luz [18] de escala monumental, formada por dois alinhamentos de pilares de várias configurações, que confluem em direcção ao altar, desde o pórtico de entrada para o interior da capela principal.

[13] OLIVEIRA, 2007, *"In Memoriam, na Cidade"*, Universidade do Minho (Tese de Doutoramento), pág. 167

[14] *"Woodland Chapel"*, nome original do projecto de Asplund

[15] *"Chapel of the Ressurrection"*, nome original do projecto de Lewerentz

[16] ROCHA, 2013, *"Morte, Espaço e Arquitectura, das ideias às formas, um projecto"*, FAUP (Tese de Mestrado), pág. 43

[17] PELAEZ, 2002, *"Erik Gunnar Asplund, escritos 1906/1940"*, [tradução da autora] in *"sin embargo, la imagen del paisaje sólo quedó completa cuando se construyó este edifício"*, pág. 245

[18] PELAEZ, 2002, op. cit., pág. 250

Descrição funcional:

entrada

percursos

memorial

oratório

sala de autópsias

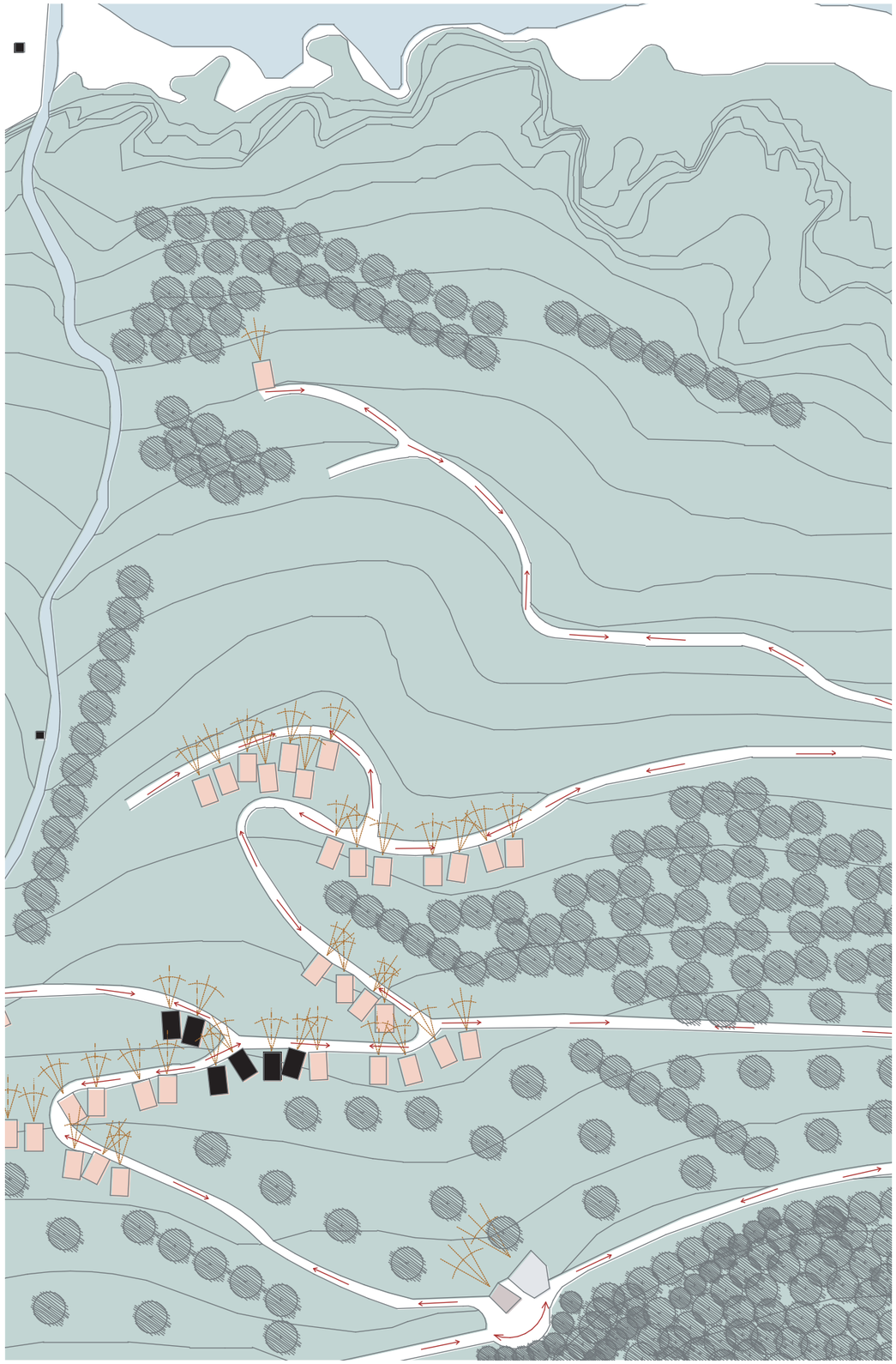
privilégio paisagístico

Localização: Finisterra

Arquitectos: Cesar Portela

Contexto: Rural

Programa: Cemitério



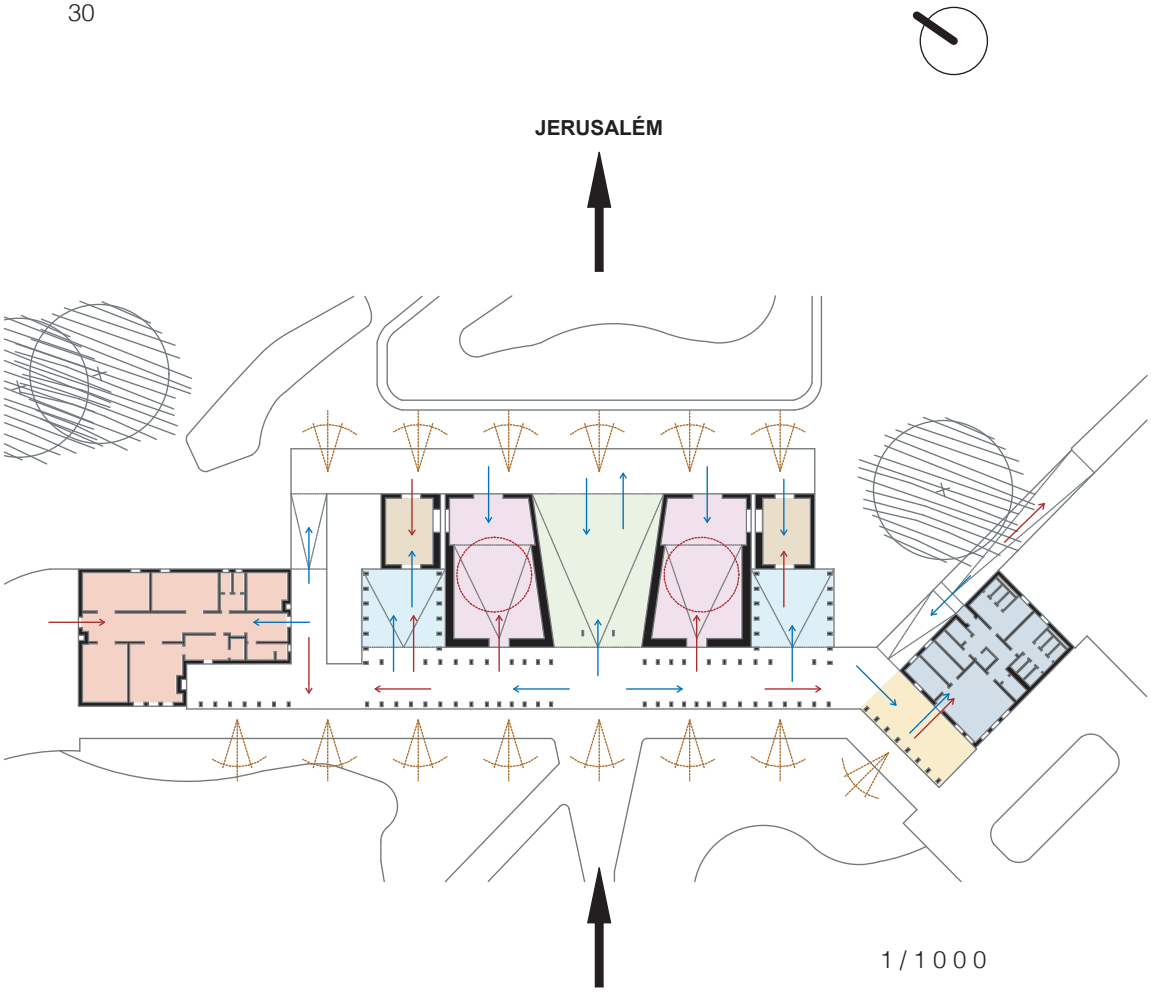
1 / 1 0 0 0

Fig.09 - Planta do Cemitério de Finisterra, descrição do projecto

1.2.2. CEMITÉRIO DE FINISTERRA

A segunda obra, projectada em 2000 por Cesar Portela, localiza-se na província da Corunha, numa linha condutora de peregrinação até ao cabo de Finisterra, numa zona bastante declivosa em contacto com o mar, e é formado por um conjunto de pequenos blocos cinzentos que contrastam com a natureza envolvente, embutidos com divergentes eixos na colina (na planta ao lado). O cemitério municipal de Finisterra, é uma obra que, infelizmente, encontra-se inacabada, abandonada e vandalizada. O objectivo para esta encosta era projectar um espaço metafórico transcendente entre a terra, mar e céu, destinado aos que perderam a vida no mar e nunca foram sepultados pelo facto de nunca se terem encontrados os corpos.

O acesso, ao conjunto de volumes em betão, é feito por um caminho desde o nível da estrada, em comunhão com a vegetação. O mesmo é definido por uma ramificação em rampa de terra batida, que nos leva para um espaço plano, mostrando dois primeiros volumes, com funções distintas entre si, o primeiro alberga oratório e o segundo pela sala de autópsias. O restante acesso acompanha as cotas íngremes até cada volume. No projecto foi estipulado a existência 41 volumes, mas actualmente são apenas seis construídos. Cada volume é formado por uma grelha em betão embutido, de nichos vazios de 4x3, simbolizando os ossários tradicionais.



Descrição funcional:

- entrada
- percursos
- espaço de encontro e de chegada
- recepção
- aréa de lava mãos
- sala de oração
- sala Cohamin
- arco de oração
- mortuária
- privilégio paisagístico

Localização: Bushey Old

Arquitectos: Waugh Thristleton Architects

Contexto: Rural

Programa: Edifício mortuário

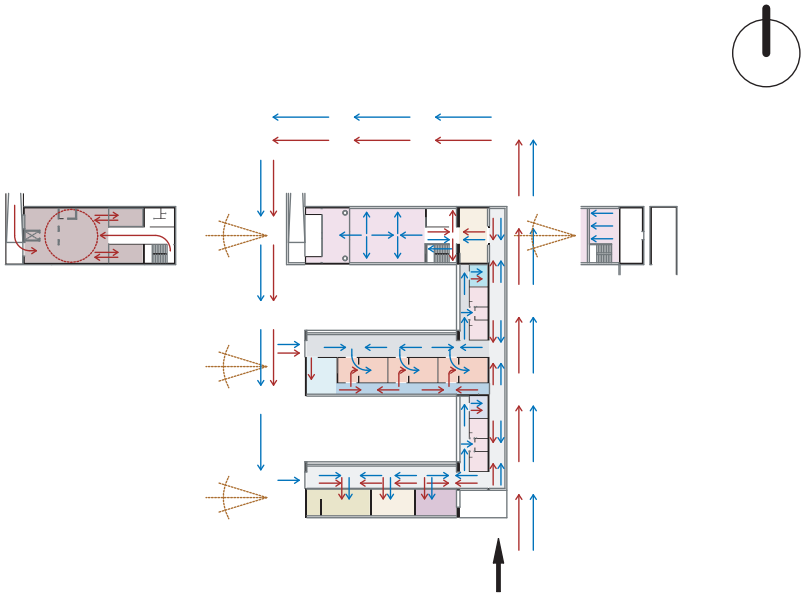
Fig.10 - Planta do Cemitério de Bushey Old, descrição do projecto

1.2.3. CEMITÉRIO DE BUSHEY OLD

A terceira análise, segue com o cemitério de Bushey, projecto de Waugh Thristlon Architects em 2017. É o mais recente do conjunto de referências que foram essenciais para ter a noção dos espaços funerários e serviram de inspiração para o projecto final.
A obra implanta-se na periferia de Londres, num dos espaços mais importantes, para o sepultamento de judeus, projectado entre os espaços verdes.

O espaço funerário está agregado ao cemitério existente, sendo composto por quatro volumes, que se interligam por uma galeria aberta para a malha verde do local onde se implanta. A galeria reúne o acesso a partir do espaço de chegada e serve de ponto de encontro entre os visitantes. A partir da mesma tem-se acesso às salas de oração, uma de cada lado, local em que a urna permanece durante algum tempo, antes de se dirigir ao rito final. Em cada um dos extremos junta-se a sala de Cohnim (constitui uma cerimónia tradicional judaica) e no exterior-interior é criado um espaço de lava mãos.

Entre estes volumes descritos atrás, nasce ao centro um espaço que se destina ao arco de oração orientado a Jerusalém. Em cada extremidade do limite do edifício, aglomeram-se os últimos espaços que apoiam este processo. No lado esquerdo, o volume é composto pela casa mortuária e do outro lado, os serviços administrativos.



1 / 1000

Descrição funcional:

- entrada
- percursos
- cafetaria
- florista
- administração
- sala de cerimónias
- capelas de velório
- sala de espera
- área técnica
- sala tanatopraxia
- galeria de funcionários
- galeria público
- instalação sanitária
- sala de apoio
- arrumos
- privilégio paisagístico

Localização: Matosinhos

Arquitectos: Luísa Valente

Contexto: Periurbano

Programa: Tanatório

Fig.11 - Planta do Tanatório de Matosinhos, descrição do projecto

1.2.4. TANATÓRIO DE MATOSINHOS

O Tanatório de Matosinhos, projectado por Luísa Valente em 2009, é um equipamento funerário que decorre do projecto de ampliação do cemitério local, contudo implantado de forma autónoma a este. O edifício organiza-se em três corpos, interligados entre si a partir de uma galeria principal (como se verfica na planta da figura 11). O primeiro corpo destina-se a serviços de administrativos e de apoio, tais como a florista e cafetaria, servindo igualmente o cemitério; o corpo intermédio destina-se ao espaço íntimo, estando composto por três capelas de velório e pelas antecâmaras respectivas a cada capela, sala de tanatopraxia, dando apoio às capelas e ainda, por uma galeria de funcionários e por uma sala de repouso, que apoia os familiares e amigos. O terceiro e último corpo corresponde ao processo funerário, através da sala de despedida, apresentando uma forte relação com a linha do horizonte, conjugando linhas de terra, com o mar e o céu, num grande vão que enquadra o serviço fúnebre. Dessa forma, durante a cerimónia, a urna, centrada no espaço, aponta-se à linha do horizonte. A mesma após a cerimónia, desce ao piso técnico através de uma plataforma hidráulica.

Para além desta sala, o último volume é constituído, também, pela sala de espera, sala de entrega das cinzas e o piso do tabuleiro inferior. É no tabuleiro inferior, que se faz o apoio ao processo da cremação. É ainda, neste piso, que está o forno, a sala de refrigeração e uma sala que fornece o reconhecimento da urna e, ainda, os vestiários com instalação sanitária de funcionários.

O recinto do edifício, conjuga espaços verdes com a área para o depósito de urnas. Desenhando um espaço comum, o jardim da memória é o espaço onde estão os cendrários (elemento com diversos nichos que se assemelha aos ossários presentes nos cemitérios), estando estes sobre uma plataforma que permite os acessos e a “contemplação” do cemitério existente com a linha do mar ao fundo.



Fig.12 - Planta topográfica de Coimbra e Arrabaldes de Coimbra (primeira planta topográfica moderna da cidade), 1845, escala 1/4000



Fig.13 - Coimbra com relação ao Rio Mondego

1.3. COIMBRA

"Quem não viu Coimbra,
Não viu coisa linda." [19]

As cidades nascem, crescem e vivem, para além do tempo para o qual foram pensadas. Coimbra não foi execção, cresceu muito, mas de uma forma muito peculiar. Diferente de todas as outras, com uma alma própria, de onde resultaram, por um lado, alguns erros urbanísticos e por outro, uma liberdade na construção e imagem urbana. A cidade remonta a origens romanas e visigóticas, e posteriormente com a invasão muçulmana, esta também deixou alguma influência [20].

A cidade de Coimbra, *"uma cidade de encostas e cumeeiras, caracterizadas pela sobreposição de construções em pirâmide de degraus, separadas por intensidades diversas de luz"* [21], localizada no centro do país. Aeminium – nome romano da cidade, conhecida pela 'cidade do conhecimento' ou pela 'cidade dos estudantes'. Na paisagem, destaca-se o morro bastante escarpado, integrando o casario citadino, adaptando-se às configurações do terreno, sobranceiro ao rio Mondego. A primeira ocupação romana formou-se na Alta, no topo do morro.

> *"E como veio assentar neste cenário de maravilha a cidade universitária? (...) Pois bem! No ponto onde os últimos pendores dessa zona de relêvo avançam mais para Ocidente, e mais se aproximam do curso do rio, estava o lugar de eleição para o aparecimento de um núcleo urbano. Êsse ponto, correspondente a uma espécie de promontório que a zona montanhosa projecta quási de encontro ao Mondego, marcou, na verdade, o local onde veio localizar-se o núcleo de povoamento que deu origem à futura cidade de Coimbra."* [22]

A sua posição era estratégica e predominante, pois seria um *"ponto de passagem quase obrigatória, entre o Norte e o Sul"* [23]. Os romanos, sobre o rio Mondego construíram uma ponte – Santa Clara – possibilitando a ligação dos dois morros (Alta e o de Santa

[19] FIGUEIREDO, 1996, *"Coimbra, antiga e moderna"*, pág. 5

[20] Breve história de Coimbra [Consultado em 21/04/2019 às 12:00] Disponível em http://www.uccla.pt/membro/coimbra

[21] SILVA, 2012, *"Evolução Identitária de Um Lugar, a Conchada de Coimbra"*, DARQ-FCTUC (Dissertação de Mestrado), pág. 23

[22] GIRÃO, SOARES e TORQUATO, 1987, *"Coimbra e Arredores"*, pág. 11

[23] BORGUES, 1987, *"Coimbra e Região"*, pág. 35



Fig.14 - Templo Ecuménico no topo da serra e destaque entre a natureza



Fig.15 - Paço das Escolas na Universidade de Coimbra e Rua da Sofia, Património Mundial da UNESCO desde 2013

Clara).
A construção desta ponte teve maior importância devido à circulação pendular da população, pois *"urbanizou esse núcleo de povoamento, elevando-o a um plano superior e tornando-o centro importante de relações"* [24] e *"a importância que a sua construção teve no rápido crescimento de Aeminium. Marcando (...) o terminus da navegação fluvial, e determinando ali a concentração dos caminhos terrestres"* [25] uma decisão influente para a ramificação dos sectores da cidade. Estes factores foram significativos para a evolução urbana.

No século XII, D. Dinis fundou a Universidade de Coimbra, a primeira universidade de Portugal e por ordem do rei D. João, em 1537, foi estabelecida de vez e consequentemente, esta interferiu, até hoje, com a vida social e económica da cidade [26].

Durante a Idade Média, de acordo com o site "Center of Portugal", *"havia uma Coimbra cristã, uma Coimbra judaica e uma Coimbra árabe que se perfilaram como vértices de um triângulo ecuménico de miscigenação cultural"* [27], (actualmente existe no distrito de Coimbra, um templo ecuménico, situado em Mirando do Corvo, no topo da colina sobranceira à vila em forma de pirâmide, que se destaca pela forma e cor na paisagem).
Ao que tudo indica, era um raríssimo caso de uma região de Portugal onde, durante muito tempo, existiu paz entre todas as comunidades, que contribuíram de uma forma muito forte para o crescimento social, económico, cultural e urbanístico da cidade.

O Comité do Património Mundial, atribuiu a 23 de Junho de 2013 o galardão máximo a Coimbra, como Património Mundial da UNESCO, *"torna-se um momento-chave, numa inevitável tomada de consciência para uma cidade, cujo património cultural, histórico e arquitectónico pertence agora à Humanidade (...) a Universidade de Coimbra – Alta e Sofia – sempre se destacou como importante centro de conhecimento, difusor de ideias, de influências culturais e ideológicas, contagiando e deixando-se contagiar no campo das ciências ao direito, das artes à arquitectura e urbanismo"* [28].

[24] CORREIA, GIRÃO e SOARES, 1939, *"Coimbra e Arredores"*, pág. 14

[25] CORREIA, GIRÃO e SOARES, 1939, op. cit.

[26] Breve história de Coimbra [Consultado em 21/04/2019 às 12:00] Disponível em http://www.uccla.pt/membro/coimbra

[27] Artigo do Turismo de Portugal, *"Coimbra, um percurso judaico, Rua Corpo de Deus (Corpus Christi), a Judiaria Velha"* [Consultado em 20/04/2019 às 21:00] Disponível em http://www.centerofportugal.com/pt/coimbra-judaica/

[28] AMARO, 2006, *"Memória e Cultura, Um lugar de encontros para as artes"*, FAUP (Dissertação de Mestrado), pág. 21



Fig.16 - Museu Machado de Castro, novo “membro” do Património Mundial da UNESCO de 2019

Para além dos espaços referidos atrás, a UNESCO integra na família de monumentos da área classificada de Património da Humanidade, a 7 de Julho deste ano, outro elemento de extremo valor da cidade, o Museu Nacional Machado de Castro, construído sobre o criptopórtico da Cita Aeminium, o fórum da cidade romana, tendo sido alvo de várias intervenções anteriores. A requalificação e ampliação recente (desde 2004 a 2012), da autoria de Gonçalo Byrne, permitindo *"aprofundar e dar visibilidade ao estudo científico do conjunto, graças a um programa global de intervenção que contemplou a arqueologia, arquitectura e museografia"* [29].

Coimbra, cresceu e será sempre uma cidade moderna, apesar de ter sido construída sobre as marcas da antiguidade, o que lhe dá um conhecimento e um saber continuo.

[29] Artigo do Jornal de Notícias de Coimbra, *"Museu Machado de Castro integrado no Património Mundial da UNESCO"* [Consultado em 09/07/2019 às 22:50] Disponível em https://www.noticiasdecoimbra.pt/museu-machado-de-castro-integrado-no-patrimonio-mundial-da-unesco/?fbclid=IwAR031EvkaFukc1eMHp-drz3jAYVrZxkos469gjcN-4JxAa4NIefaEcQfOMwhk

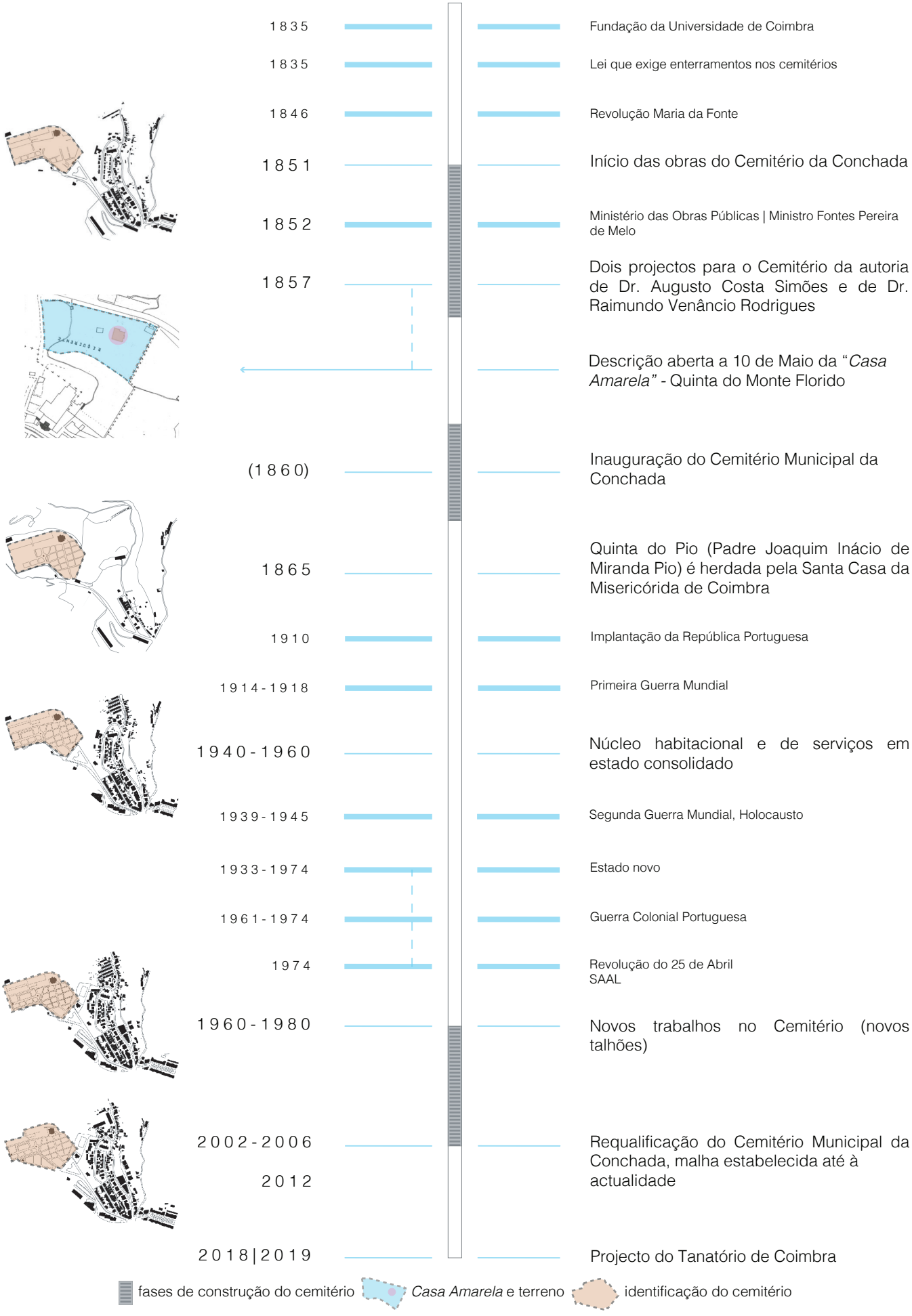


Fig.17 - Cronologia da evolução da Conchada, plantas da malha urbana

1.4. LUGAR DA CONCHADA

"O mal desta paisagem de Coimbra é que não tem arestas que o corpo e o espírito precisam de limar. Ambos deslizam por ela como enguias no lodo. E a longa história do convívio humano com a sua suavidade das suas formas é um equívoco dramático. Cuida cada mortal que caminha ainda no chão, e passeia já na bem-aventura." [30]

A cidade de Coimbra, cidade de procedimento *"catalisador de inúmeras e diversas culturas"* [31] levam-na a declarar-se como a "cidade do conhecimento" e de transformação, *"um lugar de tradições fortemente enraizadas, de concentração de um vasto número de monumentos históricos e património com interesse local, nacional e mundial"* [32], sequências de memórias passadas. Damos seguimento ao capítulo, com algumas das questões de análise do território, compreendendo o espaço natural e o construído, relacionado com a cultura da cidade. Analisaremos a área edificada, a densidade e a forma, do ponto de vista da experiência do estado natural e urbano, um lugar que outrora já fora humanizado e estruturado por ramificações. A concepção do elemento cemiteral, de extrema importância para a cidade e para o desenvolvimento da evolução do espaço urbano.

O estudo foca-se na Conchada, uma colina urbana de Coimbra, malha urbana com contiguidade relativamente ao centro da cidade, na qual o espaço é estruturado por elementos que integram o local, através de habitações e de pequenos serviços. Apresentando-se num dos pontos mais altos, sobranceiro ao rio Mondego, manifestando uma presença com maior relevância, em que os seus limites arcaicos perduram e, assim, pode-se caracterizar a Conchada como:

"A Conchada é rural e urbana.
A Conchada começou por ser uma quinta, começou por ser um cemitério e (…) começou por ser um bairro. São fragmentos de história numa determinada época que de algum modo vão marcando e definem

[30] BORGUES, 1987, *"Coimbra e Regiões"*, pág. 12

[31] CIRCULO DE ARTES PLÁSTICAS DE COIMBRA, 2015, *"Anozero - Um lance de dados"* (Bienal de Arte Contemporânea de Coimbra), pág. 49

[32] CÍRCULO DE ARTES PLÁSTICAS DE COIMBRA, 2015, op. cit, 49

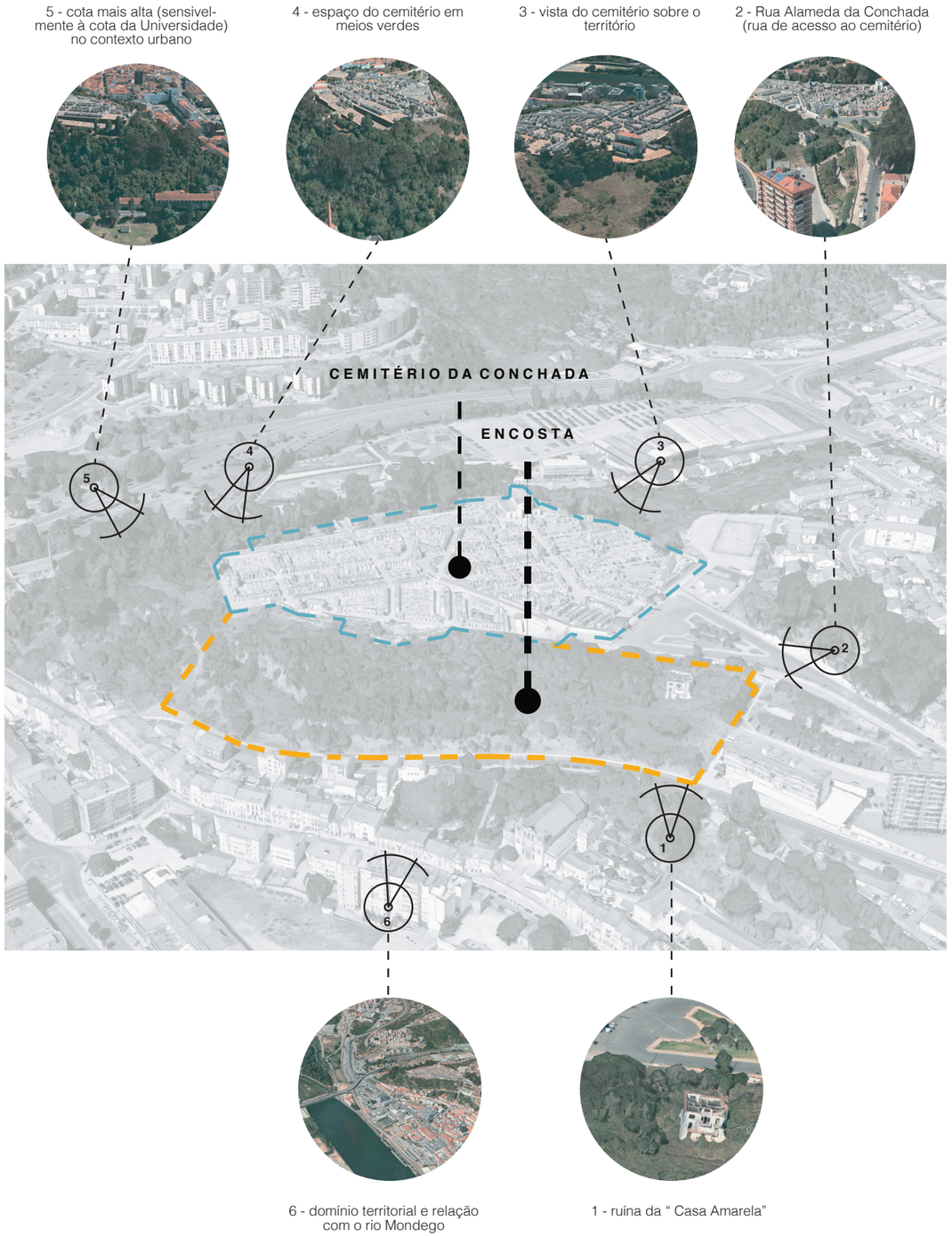
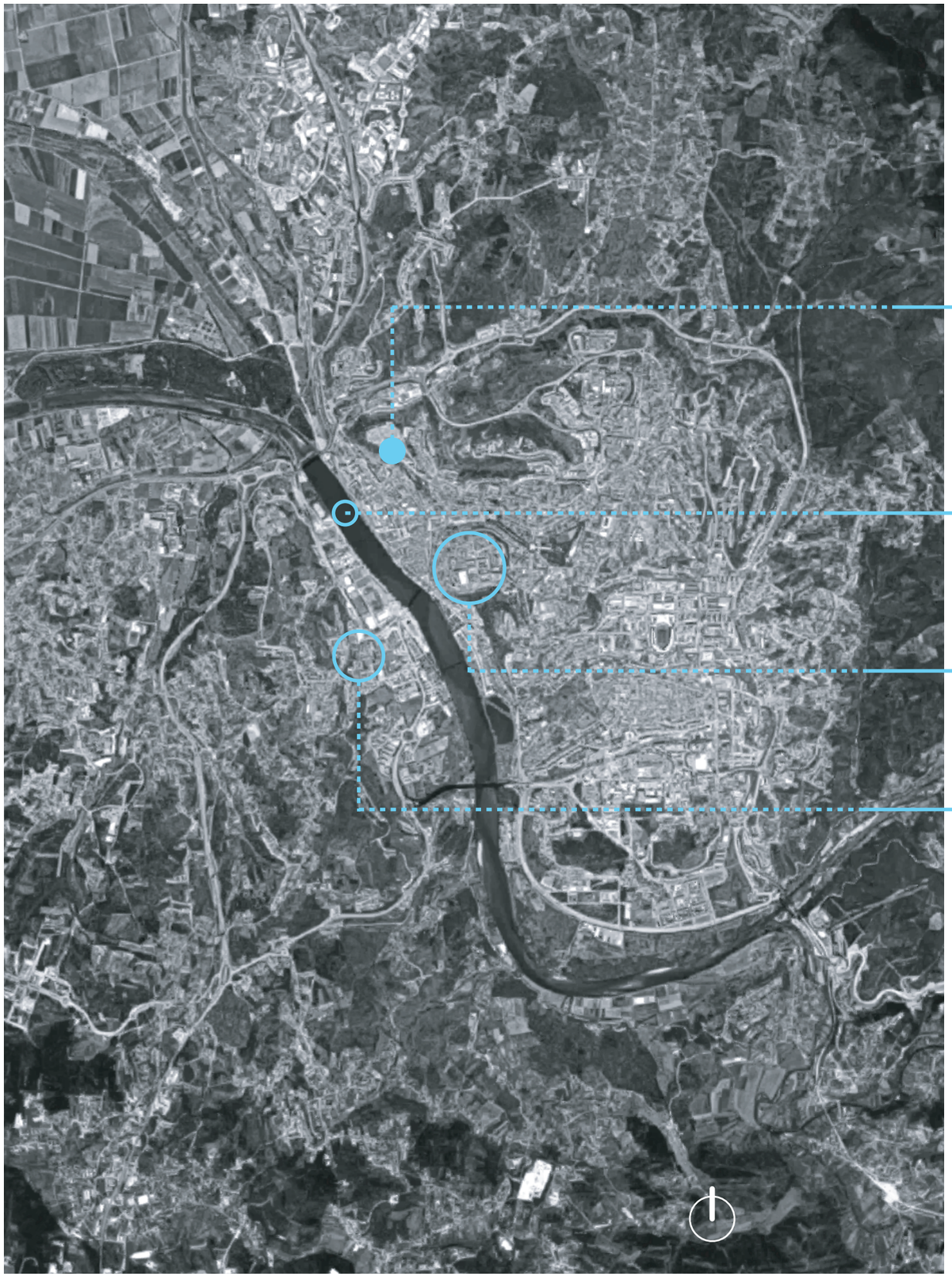


Fig.18 - Caracterização e identificação do lugar da Conchada

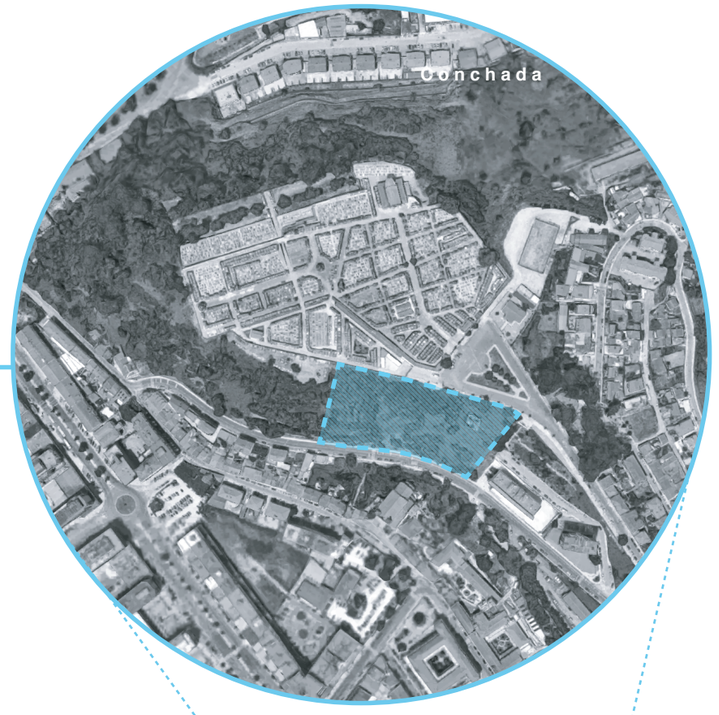


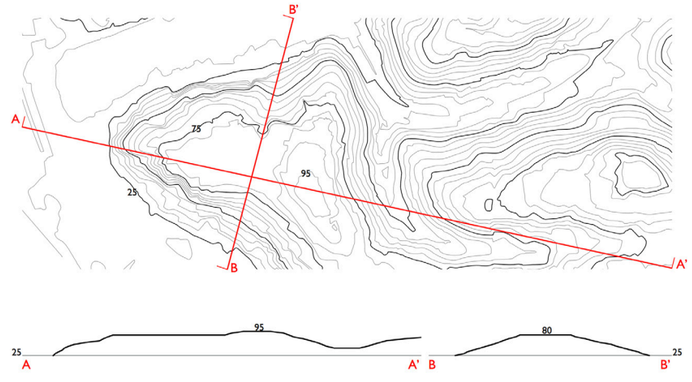
terreno 11 415, 579 m2

Rio Mondego

Universidade de Coimbra (Alta)

Santa Clara - a - Velha e Nova





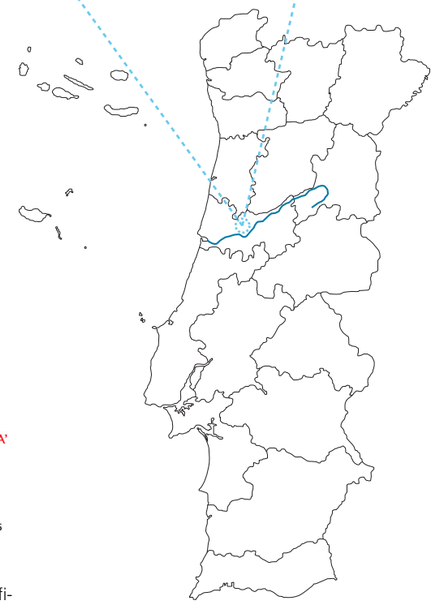


Fig.19 - Esquema de localização de Coimbra com alguns pontos importantes, identificação e perfís da Conchada

a imagem e identidade deste lugar.
Hoje, a Conchada não esconde a sua toponímia nem a arquitectura da vivência que a caracteriza - uma identidade definida pelo espaço e pelas interacções sociais, culturais, políticas, geográficas e económicas, que a tornam num lugar rico e único." [33]

Por definição, a 'Conchada' indica-nos o que uma concha pode conter. Sendo que *"concha provém do latim conchula, de concha, e que nos pode remeter para o cume do monte"* [34] arborizado em destaque. O local onde a área em estudo se integra compara-se com a configuração de uma concha, com a concavidade voltada para baixo.
Do ponto de vista geográfico, a Conchada é uma zona da cidade que em termos topográficos, é caracterizado pela configuração triangular, que na forma primitiva era bastante ampla.
No artigo da *"Revista de História"*, Maria Teresa Veloso, Professora e Investigadora do Centro de História da Sociedade e da Cultura, menciona um curso de água *"que rompia um caminho num vale a norte da colina urbana"* [35], numa zona agrícola, em que *"a abundância da água neste arrabalde da cidade patenteia-se no próprio nome árabe que, naquela época, era dado ao lugar – Algeara. Realmente, o vale da Conchada, onde corre o arrogio de Coselhas, é uma verdadeira várzea como o citado topónimo árabe significa. O lugar era então um dos subúrbios agrícolas mais prezados. Ali se cultivavam vinhas, pomares e se exploravam almuinhas"* [36]. Com a linha de água presente na Conchada, poder-se-á dizer que esta poderá ter dado o arranque da fase primitiva deste vale.

No início do século XIX, Coimbra voltava-se novamente para o ensino, onde os colégios da rua da Sofia, traziam uma nova vida à cidade, tendo impulsionado as habitações para a encosta da Conchada, onde, por um lado ficavam livres das inundações sazonais do Mondego e, por outro, ganhavam uma vista única, sobre o rio.

[33] SILVA, 2012, *"Evolução Identitária de Um Lugar, a Conchada de Coimbra"*, DARQ-FCTUC (Dissertação de Mestrado), pág. 7

[34] SILVA, 2012, op. cit., pág. 31

[35] NOBRE, 2012, *"A água na cidade de Coimbra durante a Idade Média"*, FLUC, Instituto de História Económica e Social, pág. 164

[36] NOBRE, 2012, op. cit.,pág. 164



Fig.20- A Conchada no enquandramento da Cidade de Coimbra

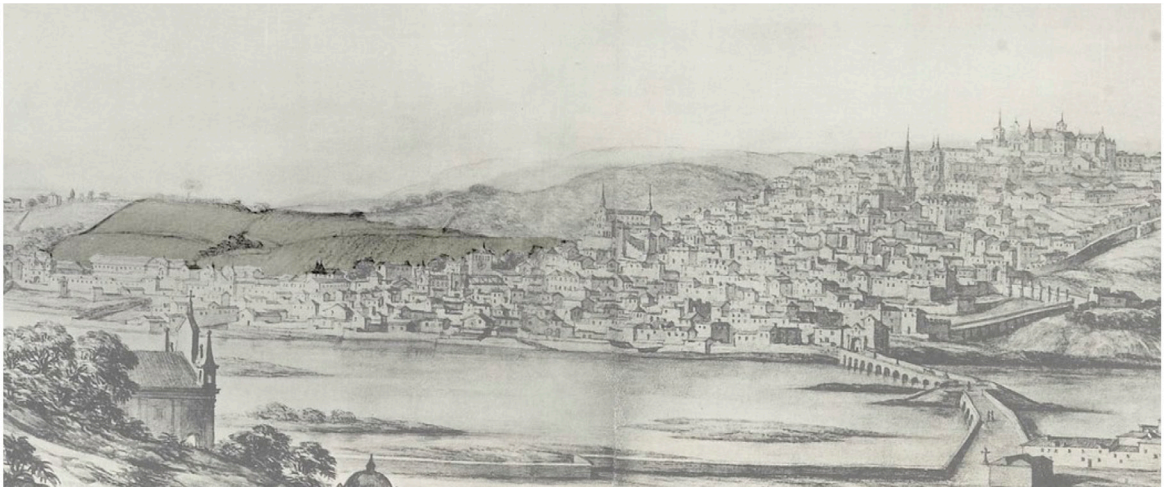


Fig.21 - Coimbra, Pier Maria Baldi, 1668/1669



Fig.22 - Planta da Conchada, José Baptista Lopes com Jaime Loureiro e Frederico Taveira, 1934, escala 1/1000

Com os colégios a funcionarem com salas cheias, aumentam o número de estudantes a quererem ir para a Universidade, obrigando a aumentar o número de edifícios, para receber tantos candidatos. Procede-se, assim, ao desalojamento das pessoas que viviam na Alta e, consequentemente, erguem-se, nesse local, grandes e imponentes edifícios, onde outrora eram casas pequenas, simples e pobres. A maioria dessas pessoas foram alojadas em bairros sociais, construídos para o efeito, como o bairro de Celas, do Castanheiro e da Conchada.

Na Conchada, talvez pela existência de espaço, nasce um novo bairro, o conhecido bairro das barracas, numa semelhança com as favelas brasileiras, de onde muitos tinham regressado (ver conversa com D. Rosa Castro Pita, em anexo).

Fica a Conchada conhecida, como um dos bairros, onde as diferenças arquitectónicas e sociais são mais notadas.
Outra construção, que influenciou muito a arquitectura da Conchada e que se mantém até aos dias de hoje, é o cemitério da Conchada. Num ponto mais alto da margem direita da bacia hidrográfica do Mondego, entre as cotas 95 e 108, composta por três vertentes excessivamente clivosas, com orientação a norte, nascente e poente, sendo poente-sul o ponto central para a construção do cemitério municipal de Coimbra.

Anteriormente, este sector da malha da cidade integrava-se numa área rural e periférica, do centro histórico. Com o desenvolvimento urbano, torna-se numa zona mais central. Então a Conchada é a *"(…) parte mais elevada da colina, sobranceira à estrada do cemitério e ao próprio cemitério"* [37], até ao século XIX era um espaço com ligações de actividade agrícola, onde a oliveira e a vinha possuíam um reconhecimento constante, mas a ocupação rural deste espaço centrava-se na pastorícia, com a forte presença de pequenas parcelas familiares, quintas e ruínas, que actualmente encontram-se em estado de abandono.

[37] SILVA, 2012, *"Evolução Identitária de Um Lugar, a Conchada de Coimbra"*, DARQ-FCTUC (Dissertação de Mestrado), pág. 27



Fig.23 - Detalhe do portão do Cemitério Municipal da entrada principal

1.4.1. *EUSÁPIA* [38] DOS MORTOS

Antes de iniciar com o elemento marcante, que qualifica parte da área norte da Conchada como cemitério, é necessário mencionar o movimento de Maria da Fonte. Em 1846, no alto Minho, houve uma revolução liderada por um conjunto de mulheres, que se opunha à nova lei promulgada por Costa Cabral. Lei esta que obedecia à proibição de inumações de cadáveres no interior das igrejas na qual a população queria resistir e manter a tradição à margem da lei, cujo sepultamento era feito no interior ou no adro das igrejas, vontade dos cristãos por ser uma tradição sagrada e de protecção.

> *"Ao fim da estrada está o Cemitério da Conchada, em sitio muito conveniente. Precede a sua entrada um terreiro d´onde se descobre uma grande parte de Coimbra. O portico, que se filía na ordem toscana, muito adequada a esta obra pela sua simpleza, não é falto de magestade."* [39]

A Eusápia dos mortos é conhecida como uma reprodução da cidade dos vivos - o cemitério, a cidade dos mortos, é um *"lugar ambíguo a que se exige proximidade e afastamento, território da sacralidade (…) grandes contentores de memória da cultura (…) e num mesmo lugar todos os tempos e todas as culturas"* [40] que caracteriza o período cronológico da vivência e o do eterno, um processo de transição que marca a paisagem pelos limites de uma nova escala construtiva.

A noroeste da Conchada, os terrenos desta zona periférica de Coimbra, elevados e dotados de conveniente exposição solar, arejamento e acessos, estava relacionada com diversos campos, como a doença e a morte. À doença, devido à instalação do hospital dos leprosos, de fundação duocentista e *"à morte porque aí se situava um dos locais de cumprimento máximo de penas, ou*

[38] CALVINO, 1972, *"As Cidades Invisíveis"*, pág. 120

[39] FIGUEIREDO, 1996, *"Coimbra, antiga e moderna"*, pág. 341

[40] OLIVEIRA, 2007, *"In Memoriam, na Cidade"*, Universidade do Minho (Tese de Doutoramento), pág. 161



Fig.24 - Cemitério e Rua Alameda da Conchada

seja, as forcas da cidade de Coimbra, cujo acesso era feito pela Ladeira da Forca" [41], e diversas oficinas de fogueteiros e armazéns de pólvora.

Apesar dos factores estarem associados à morte, como atrás descritos, estes não foram o fundamento para a instalação do cemitério municipal na zona.

A *"ideia do cemitério corporizou-se como uma metáfora do paraíso"* [42] e após a longa discussão da futura localização adequada do cemitério, entre o mês de Agosto e Setembro de 1851, o espaço para a implantação do cemitério público é definido em unanimidade e chegou-se à conclusão que a sua construção deveria implantar-se na antiga Quinta da Conchada, portanto:

> *"(…) a designar na quinta da Conchada o local para o Cemitério, logo por voto unanime se assentou ser aquelle o sitio a todos os respeitos o mais conveniente, não sò em relação higiénicas, mas atè é facilidade da conducção dos cadáveres para elle, podendo ter duas boas estradas, uma pela azinhaga do Carmo para o serviço do bairro, e outra pela Fonte Nova para o bairro.*
>
> *Uma commissão está encarregada de marcar a necessaria extensão do terreno da referida quinta, que deve comprehender-se no circuito do cemiterio, que não perderá nunca por ser grande e espaçozo."* [43]

Embora já se fizessem sepultamentos no local e nas áreas circundantes, o novo recinto só foi formalmente inaugurado em 1860, não tardando muito que as famílias abastadas da cidade começassem a nele erguer os seus jazigos. As décadas seguintes assistiram à construção da capela (actual jazigo municipal) e de grande número de memoriais, implicando mesmo uma primeira ampliação da cerca. Entretanto, a inauguração do cemitério incentivou a progressiva urbanização da zona, que actualmente integra o desenho da cidade; a pressão colocada sobre a Conchada pelo desenvolvimento urbano e populacional determinou uma descaracterização parcial deste espaço, que hoje integra diversas ampliações e

[41] SILVA, 2012, *"Evolução Identitária de Um Lugar, a Conchada de Coimbra"*, DARQ-FCTUC (Dissertação de Mestrado), pág. 49

[42] OLIVEIRA, 2007, *"In Memoriam, na Cidade"*, Universidade do Minho (Tese de Doutoramento), pág. 342

[43] Artigo de jornal *"O Observador"*, nº 430, 23-08-1851, pág. 2-3



Fig.25 - Planta da Cidade de Coimbra, ARTOP, 1985, escala 1/5000 com a identificação do Cemitério Municipal

adequações contemporâneas.

A construção do cemitério municipal define, concebe uma estrutura de *"um exemplo de organização fixa. Igualmente, o seu modo de agrupamento bem como o seu modo de partição interna correspondem também a estruturas que pormenorizam a cultura da cidade, na qual resulta de um plano deliberado que varia com a história e a cultura"* [44]. O cemitério municipal da Conchada é um elemento destacado na paisagem, uma referência entre os outros cemitérios existentes na cidade. O seu traçado é um dos componentes mais relevantes nesta área, que ao erguer-se *"naquelas que são as primeiras moradas permanentes"* [45], deu o primeiro passo para evolução da malha urbana, integrando-a na estrutura da cidade.
A Quinta da Conchada foi eleita como um espaço apropriado para a implantação do cemitério. Um artigo do jornal, *"O Observador"* de 1851, realça a decisão como a mais conveniente:

> *"(…) a indicar o local mais conveniente, e na minha opinião o unico proprio para o estabelecimento d´um cemiterio em Coimbra.*
> *É hoje opinião geralmente recebida n´esta cidade, que a quinta da Conchada é o local mais conveniente, e o unico que reune todas as condições hygienicas, sem uma só desvantagem, para a fundação d´um cemiterio.*
> *E com effeito, este local està a uma distancia razoavel, e ao norte da cidade, ficando esta por consequências, sendo ali o cemiterio, livre da perniciosa influencia dos ventos leste, sul e oeste, impregnados das emanações cadavéricas. O vento norte é o unico que depois de passar pela Conchada toma a direcção da cidade: porem este vendo sêcco e fresco, ainda que infeccionado pelos miasmas sépticos do Cemiterio, não a pode prejudicar de modo algum, por lhe passar sobranceiro, em consequencia, da demasiada elevação d´aquelle local: e ainda que aquelle vento batesse*

[44] HALL, 1986, *"A Dimensão Oculta"*, pág. 121

[45] GARCIA, 2016, *"Espaço Cénico, Arquitectura e Cidade"*, pág. 41



Fig.26 - Entrada principal do Cemitério

em um ou outro ponto da cidade, como estes gazes mephiticos pela sua natureza tendem a expander-se, logo que se escapão da terra, e a elevar-se tanto mais, quanto mais rarefeita é a atmosphera, a sua virulencia teria perdido tanto da sua força, que atendendo á elevação da Conchada e á distancia a que se acha da cidade, jà nenhum prejuiso causaria aos seus habitantes.

A natureza do seu terreno composto de terra calcarea, silica e alguma argila, podendo conservar alguma humidade, sem ser excessivamente húmido, é dos mais appropriados para a putrefacção dos cadaveres.

A extensão da quinta offerece todas as proporções, para que se possa construir um grande cemiterio, com a capacidade necessaria não sò para o enterramento dos óbitos que houverem de ter lugar em todas as freguezias da cidade, hospitaes, e casa de expostos, mesmo em ocasião d´alguma epidemia: mas também para uma capella, para ruas de direcções convenientes, e para as ruas ou galarias destinadas aos tumulos." [46]

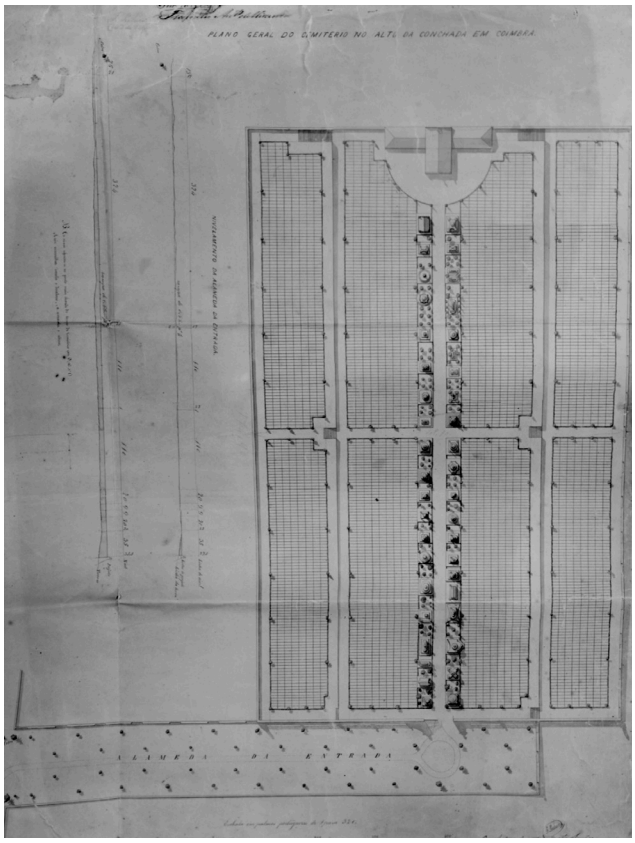
(…) O cemiterio estabelecido na quinta da Conchada será um monumento de gloria para o seu principal fundador, que por esta obra tão meritoria, ha de grangear os devidos louvores, e sinceros agradecimentos de toda a gente sensata desta cidade" [47].

O propósito da implantação do cemitério foi concretizado devido à localização deste espaço, por ser um lugar com características apropriadas e condições higiénicas que um cemitério exige, pois, era de fácil acesso para o transporte de corpos, com a distância entre a Quinta da Conchada e o centro da cidade relativamente aceitável e porque *"a composição do terreno era apropriada para a putrefacção dos corpos"* [48].

[46] Artigo de jornal *"O Observador"*, nº 434, 06-09-1851, *"Cemitério em Coimbra"*, pág. 3-4

[47] Artigo de jornal *"O Observador"*, nº 434, 16-09-1851, *"Cemitério em Coimbra"*, pág. 4

[48] COELHO, 2016, *"Crematorium"*, EUAC (Tese de Mestrado), pág. 51



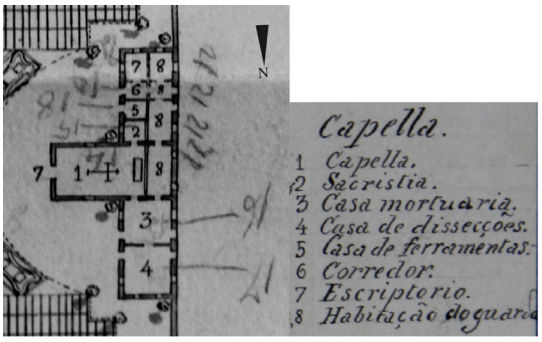
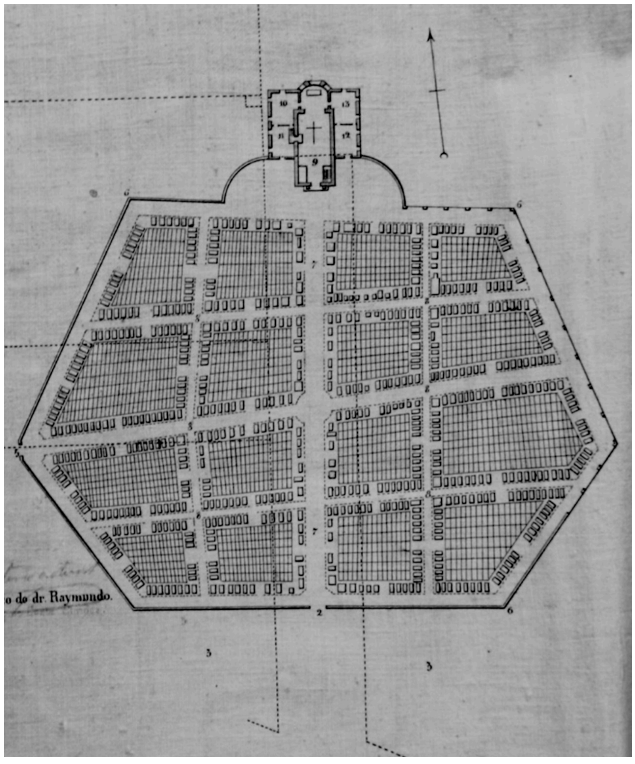


Fig.27 - 1ª proposta para o Cemitério Municipal e capela na Conchada, Costa Simões, 1857



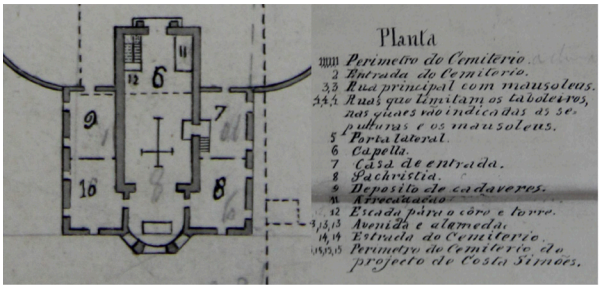


Fig.28 - 2ª proposta para o Cemitério Municipal e capela na Conchada, Dr. Raymundo, 1857

Dado todos os aspectos necessários para a construção do cemitério seguiu-se para o projecto da tão esperada necrópole de Coimbra, que consiste em dois projectos distintos por dois 'entendedores' na matéria.

O primeiro foi da criação do Dr. Augusto da Costa Simões (figura 27), no qual o traçado era composto por um cemitério rectangular agrupado no centro da planta. A entrada principal apresentava-se por um percurso extenso acompanhado por jazigos em cada lateral, permitindo contacto directo com a capela projectada. Este eixo é definido como um espaço melancólico, tanto na função cemiteral como no seu prestígio e monumentalidade, desde a entrada até à capela desenhada.
A capela foi projectada com a forma em 'T', centrada e de acesso aos restantes anexos, como a casa mortuária e a casa de dissecações, sacristia, casa de ferramentas, escritório e habitação do guarda.

O segundo, foi produzido pelo Dr. Raimundo Venâncio Rodrigues (figura 28), sendo essa a proposta eleita e actualmente existente. O projecto do espaço cemiteral era composto por um traçado irregular, com a forma hexagonal e a entrada principal dá acesso a um eixo, organizado por percursos acompanhados por sepulturas e jazigos até à capela, localizada a norte da necrópole. A capela abarcava um acesso na lateral e a sua entrada principal era centrada. Sendo a mesma composta por: sacristia, depósito de cadáveres, casa de dissecações, arrecadação e por uma escadaria que dá acesso ao coro e à torre.



Fig.29 - Conchada sobranceira ao Rio Mondego com vista privilegiada

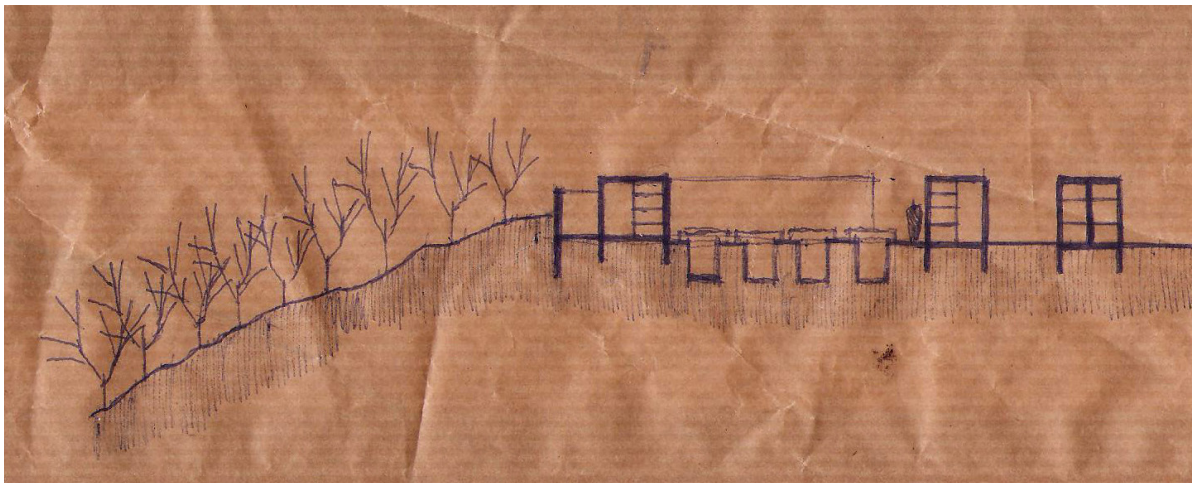


Fig.30 - Perfil do Cemitério com a encosta

Após a evolução da construção do cemitério público, o tecido urbano da área em estudo deixa de ser um espaço rural e passa a ser uma zona centrada entre quintas, de área urbanizada.

> *"A necrópole, avatar desse espaço mítico, idealiza-se e concretiza-se na tensão entre as duas imagens mais fortes: a de Jerusalém Celeste, território encerrado, pétreo e organizado arquitectonicamente, e a do Éden, paisagem arcádica e aberta como museu-ao-ar-livre"* [49] e *"um repositório colectivo da memória da cidade"* [50].

O cemitério da Conchada, que remonta a um lugar de múltiplos cenotáfios e de objectos escultóricos de uma história local é, ainda hoje, um dos maiores da região. Integrado no desenho da cidade, apesar de se encontrar implantado no ponto alto da encosta, encosta esta, bastante declivosa. Apresenta-se de modo isolado e 'aberto' à restante cidade, patenteando o elemento do território da morte na paisagem.

[49] OLIVEIRA, 2007, *"In Memoriam, na Cidade"*, Universidade do Minho (Tese de Doutoramento), pág. 342

[50] OLIVEIRA, 2007, op. cit., pág. 325



Fig.31 - Uma Casa Amarela na encosta

1.4.2. MEMÓRIA DA RUÍNA, COLINA DO MONTE FLORIDO

"(…) era designada a collina naturalmente pela cor do seu terreno (…) que outrora formava um dilatado olival" [51].

A Conchada localiza-se num ponto alto, sobranceira ao rio Mondego e destaca-se de forma privilegiada na cidade, pelo domínio territorial como atrás descrito. À medida que nasciam, as áreas verdes eram integradas no enquadramento urbano da cidade, constatando diversos quintais de áreas particulares, numa área de ruralidade periférica à cidade, em que *"encontramos as tradicionais casas térreas e de dois pisos"* [52], *"(…) Casa. Define-se por um ambiente destinado a habitação em que a materialidade delimitadora também é capaz de proteger os seus utilizadores do mundo exterior. Com base na vivência quotidiana, o espaço doméstico torna-se receptor de laços afectivos: lar, termo que certamente conduz a um sentimentalismo nostálgico (…) Tudo grita que ali vive-se ou viveu-se"* [53].

Em frente ao rio Mondego e a poente existe a quinta do Monte Florido, a colina verdejante, que ainda é bastante destacada ao longo de vários séculos, quinta esta, com sinais de abandono bastante evidentes. A ruína *"que foi assim de por longos anos, cujo os inquilinos foram saindo, as ideias das pessoas são relembradas"* [54], prolongando de ano para ano.
A ruína da '*Casa Amarela'* é uma estrutura do século XIX e com a reabilitação e adaptação da mesma ao novo projecto do Tanatório, estas duas estruturas fundem-se.
Neste mesmo espaço, a 15 metros de distância do nível da rua, o edifício amarelo gasto e devoluto ao longo de diversos anos, *"humillissimo casebre"* [55] é uma habitação perdida no espaço, que aguarda uma nova 'vida', exibido apenas na paisagem, sensível como *"eu sou tal como tu vês e daqui faço parte"* [56], condenada exclusivamente à ruína, derivado de um incêndio clandestino, declarando apenas as fachadas em alvenaria de pedra e, interiormente o espaço fragmentado em tijolo, na qual se julga de paredes estruturais e sem patamares. Suspeita-se que a ruína

[51] FIGUEIREDO, 1996, *"Coimbra, antiga e moderna,"*, pág. 339

[52] TRINDADE, 2002, *"A casa corrente em Coimbra"*, pág. 142

[53] NUDA, 2018, *"Limite"*, Revista NU, DARQ.FCTUC, pág. 12

[54] HILL, 2012, *"Weather Architecture"*, [tradução da autora] in *"ruins that been such for ages, whose tenants have long since been swept away, recall ideas of persons and times (...)"*, pág. 101

[55] FIGUEIREDO, 1996, *"Coimbra, antiga e moderna"*, pág. 339

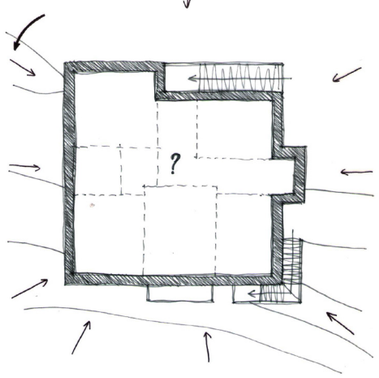
[56] ZUMTHOR, 2005, *"Pensar, a Arquitectura"*, pág. 17



Fig.32 - A ruína e a cidade



fachada norte



esquema em planta (voo do drone) - orientação



fachada poente



(1) processo “texture”, (2) processo “fachade”



fachada sul



fachada nascente

Fig.33 - Levantamento da *‘Casa Amarela’* via drone, desenho à mão levantada e reconstrução da fachada
(1º tentativa de levantamento, a partir do Agisoft)

esteja relacionada com uma antiga colegiada da Rua da Sofia.

A *'Casa Amarela'*, como é referida pelos habitantes da zona, com a primeira descrição a 10 de Maio de 1875, é uma antiga casa de habitação desocupada, na frente da encosta da quinta *"e que possue as seguintes confrontações: "NORTE - com a estrada da Conchada; SUL - com a igreja de Sta. Justa; NASCENTE - com o Asilo da Mendicidade; e POENTE - com o caminho público"* [57] que ia até à Rua da Sofia, como se verifica na planta topográfica, caminho esse que despareceu em 1965, após o desenho de uma nova artéria rodoviária, da rua de Aveiro.
Julga-se também ter servido de residência do antigo dono da quinta da Conchada - Padre Joaquim Inácio Pio, que antes de falecer poderá ter feito herdeira, desta habitação, a sua empregada. No local é possível verificar que a casa é composta por três níveis: cave, rés-do-chão e primeiro andar.
Durante as várias tentativas em encontrar informações sobre esta habitação, partiu-se para o levantamento a partir de imagens de um drone e através da fotogrametria (figura 33), alcançar os desenhos do edifício, como se pode verificar na folha ao lado. Após este exercício, surgiu uma pista que poderia levar a crer que existiria o processo mais recente da mesma, arquivada no A. H. (arquivo Histórico) da CMC.

Na documentação escrita de 1946-47 descreve-se que a habitação incumbia a três irmãs, que solicitavam a alteração da mesma, com o pedido de aproveitamento das fundações para a construção da casa das alfaias agrícolas, na qual a *'Casa Amarela'* se integra, no meio de uma propriedade agrícola. Comprova-se, nos desenhos do arquivo, que a casa afinal era composta por rés-do-chão, primeiro e segundo andar sendo o processo instruído com os respectivos alçados e cortes.

[57] Memória descritiva do processo Quinta do Monte Florido de 16 de Abril de 1946

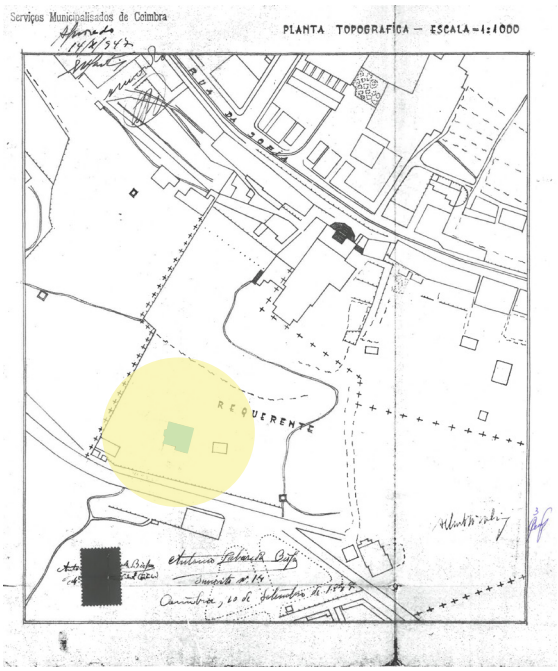


Fig.34 - Planta topográfica de 1947 do terreno da Quinta Monte Florido com um caminho antigo (desde a Igreja Sta. Justa até à estrada do Cemitério)

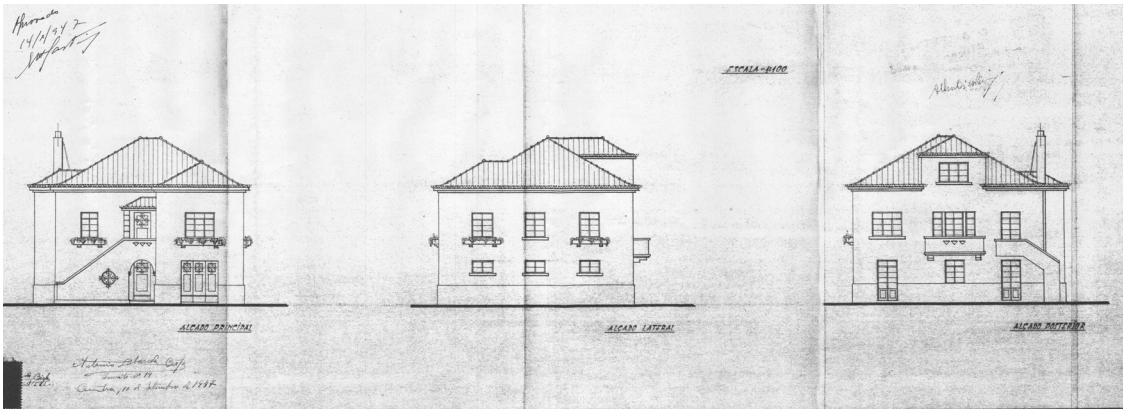


Fig.35 - Desenhos originais das fachadas da Casa Amarela antes da intervenção, 1947

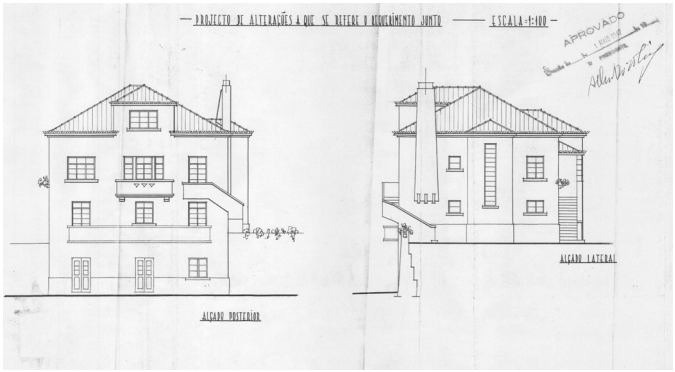


Fig.36 - Desenhos originais das fachadas da Casa Amarela depois da intervenção, aproveitamento das fundações para a casa das alfaias, 1947

O rés-do-chão era composto por adega, despensa, armazém, um compartimento de armazenamento de lenha, garrafeira, o quarto do criado e a instalação sanitária. O primeiro piso era constituído por dois quartos, zona de banho e instalação sanitária, sala de jantar, cozinha, copa e pelo escritório. No piso acima, o segundo andar compunha-se por arrumos, instalação sanitária e pelo quarto das criadas, com janela sobre o grande panorama da cidade.
A quinta é marcada por um declive bastante acentuado. O edifício pré-existente possuía uma ligeira diferença entre a fachada nascente/poente. Com o pedido da alteração do nível das fundações, para a construção da casa das alfaias agrícolas, conferiu-se nos desenhos que *"pelo projecto se verifica como se faz a adaptação da construção á diferença de nivel do terreno"* [58].

À medida que os anos iam avançando, a *'Casa Amarela'* serviu de habitação provisória para algumas famílias da zona, durante mais de vinte anos *"(…) pois as verbas que a Câmara destinou para a construção de casas, ou seja, de bairros económicos, escassearam. Uma vez que as barracas e as casas de lata haviam sido destruídas em 1942"* [59]. Federico Natividade (morador da Conchada) relata os acontecimentos na altura do processo SAAL entre 1974-76, *"uma experiência pioneira no contexto europeu que propunha a constituição de brigadas técnicas lideradas por arquitectos que em colaboração com as populações, tinham por objectivo enfrentar as prementes necessidades habitacionais de comunidades desfavorecidas em todo o país"* [60], referindo-se a este edifício como *"uma casa amarela, na encosta do cemitério, (que) foi também ocupada. Não tinha condições nenhumas, mas conseguiram, clandestinamente, arranjar-lhe luz e água. Só foram despejadas há pouco tempo, porque houve lá um incêndio"* [61].

Actualmente mantém-se em estado degradado aguardando novas ideias, capazes de atribuir *"poesia a uma paisagem"* [62], de levar *"esta morte natural"* [63] para um novo ressurgimento do espaço.

[58] Memória descritiva do processo Quinta do Monte Florido de 16 de Abril de 1947

[59] PIAO, 2015, *"Coimbra, Cidade de Bairros - Articulação Urbana entre o centro da cidade e os bairros da Conchada e Ingote"*, DARQ-FCTUC (Dissertação de Mestrado), pág. 77

[60] SERRALVES, *"Processo SAAL: Arquitectura e participação 1974-1976"*, [Consultado em 28/02/2019 às 16:30] Disponível em https://www.serralves.pt/documentos/RoteirosExposicoes/RoteiroSAAL_AF.pdf

[61] SILVA, 2012, *"Evolução Identitária de Um Lugar, a Conchada de Coimbra"*, DARQ-FCTUC (Dissertação de Mestrado), pág. 131

[62] MAKARIUS, 2011, *"Ruines"*, [tradução da autora] in *"font rever et donnent de la poesie à une paysage"*, pág. 189

[63] MAKARIUS, 2011, *"Ruines"*, [tradução da autora] in *"cette mort naturelle"*, pág. 189



Fig.37 - Ruína das Termas Romanas de S. Pedro do Sul

1.4.3. INTERVENÇÃO NA RUÍNA

> *"(...) os edifícios do passado falam connosco, fazem-nos escutar vozes."* [64]

Certamente, nalguns casos, o património em Portugal encontra-se em estado degradado, suspenso no tempo, conformando-se *"com um destino traçado, que é o desaparecimento puro e simples"* [65] quer edifícios públicos, quer edifícios domésticos.

> *"As ruínas têm direito inalienável à sua própria inutilidade, esse novo estatuto que foram gradualmente adquirindo à medida que a sua pretérita utilitas se transmudava e desaparecia."* [66]

Pode-se afirmar, que as ruínas *"são seres viventes que, tal como as pessoas, estão sujeitos a leis inexoráveis de ruína e de devastação física"* [67]. A intervenção em edifícios devolutos corresponde a um processo dinâmico na cidade, sendo que *"a arquitectura é o único meio de que dispomos para conservar vivo um laço com um passado ao qual devemos a nossa identidade e que é constitutivo do nosso ser"* [68] e *"a cidade é um património do passado"* [69] que se desloca para o futuro.

O abandono das ruínas são 'feridas' no território, mencionadas como anti património, elementos votados ao esquecimento, que ocorrem sempre por vários motivos: *"perda das funções de origem, desvalorização da marca estilística, entraves ao crescimento urbanístico e a outras intromissões na paisagem, falta de controlo e de segurança abrindo campo a toda a sorte de vandalismos, e mudança ideológica substantiva nos modos de encarar tal património como documento cultural operativo"* [70], originando assim a ruína numa repentina desvalorização, de morte natural.

Com o tempo de abandono avançado, as ruínas podem deixar de ser reabilitadas, passando a *"não-lugares sem memórias"* [71], *sítios sem sentido e inúteis, tornando-se "massa disforme, obsoleta, inóspita, por vezes até agressiva da paisagem envolvente: isto é, retiraram-lhes as valências que lhes justificavam o ser, antes de razões-outras conduzirem ao abandono e à inevitável transformação. É um método infalível para se decretar a morte"* [72].

[64] CHOAY, 2006, *"A Alegoria do Património",* pág. 121

[65] SILVA, 2014, *"Portugal em ruínas",* pág. 16

[66] SILVA, 2014, op. cit., pág. 11

[67] SILVA, 2014, op. cit., pág. 12

[68] CHOAY, 2006, *"A Alegoria do Património",* pág. 121

[69] GRACIA, 1996, *"Construir en lo construido",* pág. 179

[70] SILVA, 2014, *"Portugal em ruínas",* pág. 27

[71] SILVA, 2014, op. cit., pág. 44

[72] SILVA, 2014, op. cit., pág. 45



Fig.38 - Ruína das Termas Romanas de S. Pedro do Sul



Fig.39 - Casa de Chá nos Castelo de Montemor-o-Velho, projecto de João Mendes Ribeiro

Nas Termas Romanas de S. Pedro do Sul, João Mendes Ribeiro beneficia no projecto de reabilitação, a sua estrutura primitiva da ruína. O projecto de *"valorização, reabilitação e conservação teve como base a recuperação do edifício, propondo a intervenção mínima necessária para a sua utilização e correcta percepção"* [73], tendo no espaço termal, as proporções originais, técnicas construtivas e os materiais convencionais.

Ainda, neste espaço termal, foram restabelecidos algumas paredes que desabaram anos antes. O projecto, também, consistia em *"manter a ideia de ruína, trabalhada quer como vestígio arqueológico, quer como matéria expositiva"* [74], como ruína dentro da própria ruína. O elemento água, tinha uma enorme pertinência para o funcionamento destas termas e, aqui, foi indispensável resgatá-la, *"voltando a ser o elemento central do espaço. Esta recuperação é feita na tentativa de recriar a atmosfera termal (...) [Assim] a água adquire uma conotação lúdica, cruzando-se com a história e a gravidade do edifício preexistente (...)"* [75].

Outra obra e de pensamento diferente, é a Casa de Chá no Castelo de Montemor-o-Velho. Uma arquitectura para períodos indeterminaveis, utilizando um 'contentor' que gera e transforma a *"instalação vital, a qualidade conceptual e a aproximação poética"* [76], num espaço em que se sente a presença do passado. O novo equipamento surge na homenagem das peças da ruína, *"como uma arquitectura que evoca e acolhe, que constrói e organiza os fragmentos (...) reunidos, não simplesmente por justaposição, mas seguindo uma ideia precisa e um desenho rigoroso"* [77].

[73] RIBEIRO, 2006, *"João Mendes Ribeiro/2003-2016"*, pág. 229

[74] RIBEIRO, 2006, op. cit., pág. 229

[75] RIBEIRO, 2006, op. cit.

[76] RIBEIRO, 2006, op. cit., pág. 6

[77] RIBEIRO, 2006, op. cit.

II

CONSTRUIR EM TERRA



2. A TERRA

"A relação do homem com a terra e a inclusão desta nas suas construções vai muito para além da simples utilização de mais um recurso natural. O acto de construir é inerente à condição humana, primeiro como resposta às necessidades básicas de protecção e abrigo, e só depois como expressão de cultura." [78]

O capítulo 2 apresenta a investigação realizada referente à componente de manipulação material e cor, que serviu de complemento importante à concepção do projecto do Tanatório de Coimbra.
A arquitectura de terra e o tema Tanatório, foram temas marcantes para a concepção deste trabalho. A terra, em abstracto, tantas vezes associada ao ciclo da vida e da morte, *"és pó e pó voltarás"* [79], sempre foi desde tempos ancestrais um material de construção da habitação e com a mesma filosofia de base, pois no ciclo de vida – terra/matéria-prima, terra/edifício, terra/matéria-prima após demolição – contempla todas as fases de um ciclo de uma forma natural.

A escolha do sistema construtivo em terra, neste caso de adobe, surge quase naturalmente dessa relação entre o conceito da vida e da morte, considerando que *"a arquitectura em terra tem os seus espaços: o da continuidade e a do futuro"* [80] e *"(...) pela utilização do solo como matéria-prima"* [81].
A morte está ligada a uma noção ancestral do voltar à terra, decidimos então que queríamos construir em terra. Neste construir em terra, tínhamos duas hipóteses: a taipa ou o adobe, e face à região em que estamos seria mais lógico construir em adobe pela aproximação geográfica a este sistema construtivo predominante na Beira Litoral.

[78] JORGE, 2006, *"Terra: forma de construir"*, pág. 26

[79] GÊNESES (3:19)

[80] JORGE, 2006, op. cit.

[81] FONSECA, I., 2007, *"Arquitectura de Terra em Avis"*, pág. 51



Fig.40 - Edifício funerário em taipa, Cemitério Bushey Old

Muitas questões foram levantadas sobre a terra, tais como: Porque não recorrer aos materiais locais? Porque não utilizar a matéria-prima no erguer de alvenarias ao escavar o solo? Porquê utilizar sempre os materiais industriais convencionais e não fazer uma construção de forma sustentável?

De facto, começam a aparecer reabilitações e novos edifícios com a utilização de sistemas construtivos em terra, como o caso do cemitério de Bushey Old (espaço conhecido por enterramentos de judeus, descrito no capítulo 1), nos arredores de Londres, projectado pelo Waugh Thristleton Architects, que consiste num edifício funerário, associado ao cemitério, estabelecido por quatro volumes de construção em taipa. A sua cor é marcada na envolvente dos espaços verdes.

A cor é determinante em qualquer sistema construtivo. A terra pode ser o material de acabamento. A ambiência é importante num edifício funerário, onde a cor e a luz são decisivas para a sua caracterização. Portanto, decidimos a título experimental fazer ensaios de cor de forma a controlar a cor da matéria para alguns espaços, mas também a sua capacidade de reflectir a luz.

A cor foi um dos elementos mais importantes para a concepção do projecto. Isto determinou um estudo onde se chegou a tons desejáveis a utilizar no projecto do Tanatório. A questão da luz alia-se à cor, tornando a atmosfera funerária mais aceitável.

O espaço, a cor e a luz são elementos que perduram na memória de cada individuo, principalmente quando se trata de momentos em que o estado emocional, eventualmente frágil, procura a serenidade.

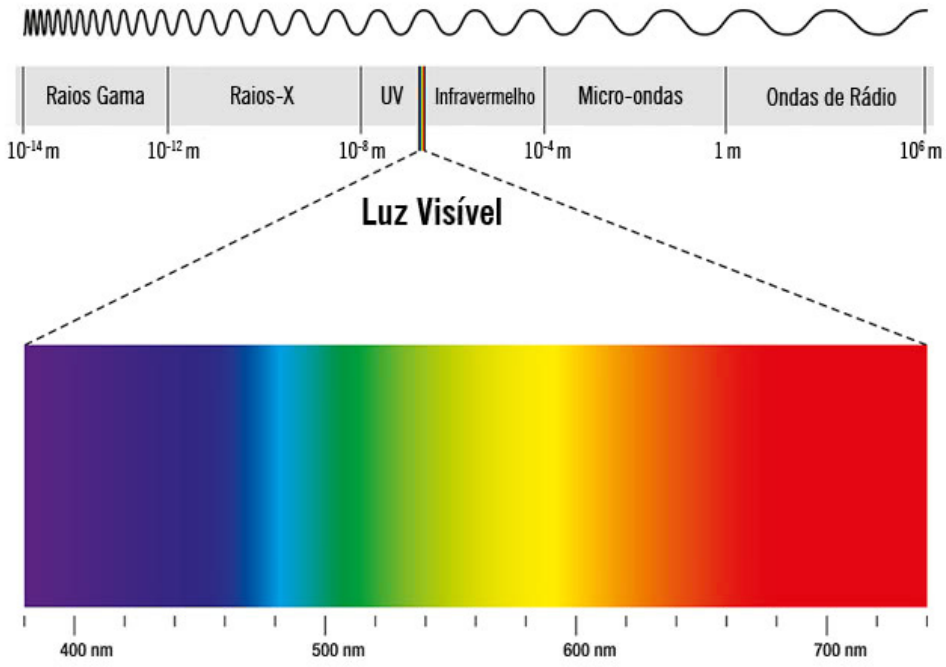


Fig.41 - Espectro da luz visível

2.1. A COR

"A cor não é uma propriedade fixa dos materiais, pois estes possuem distintos aspectos cromáticos que se traduzem na capacidade de produzir diferentes impressões sensoriais de cor num observador, dependendo do seu estado físico e em função das características da iluminação que sobre esses materiais incide" [82].

Podemos classificar as cores em quentes e frias. As cores quentes articulam-se com *"a luz solar e com o fogo, (...) como o vermelho, as terras vermelhas, os amarelos de ferro, o laranja"* [83] e *"as cores frias resultam directamente com a cor da água, da luz da lua, do gelo e como o verde-azulado, o violeta ténue, ou as cores onde predominam os azuis, como o azul-da-prússia, ultramarino, cobalto e turquesa e por fim o ciano, o branco, os cinzentos"* [84].

A luz *"é a radiação energética visível, ou seja, a vibração eletromagnética propagada em linha recta a partir da origem a uma velocidade"* [85]. Esta radiação de energia, tem uma distribuição contínua, ao longo do comprimento de onda, havendo uma zona em que toma nome de espectro de luz visível (o que o olho humano consegue ver, do violeta ao vermelho [86], figura 41).

O autor, José Aguiar, menciona que *"de dia, a fonte é o Sol e sem luz, a cor não existe: as radiações não têm cor; não são portadoras de cor. As radiações de luz não passam de transmissores de energia e de informação"* [87].

[82] AGUIAR, 2002, *"Cor e Cidade Histórica: Estudos Cromáticos e Conservação do Património"*, pág. 145

[83] AGUIAR, 2002, op. cit, pág. 159

[84] AGUIAR, 2002, op. cit, pág. 172

[85] AGUIAR, 2002, op. cit, pág. 149

[86] CÍRCULO DE LEITORES, 1985, *"Moderna Enciclopédia Universal"*, pág. 240

[87] AGUIAR, 2002, op. cit. pág. 149

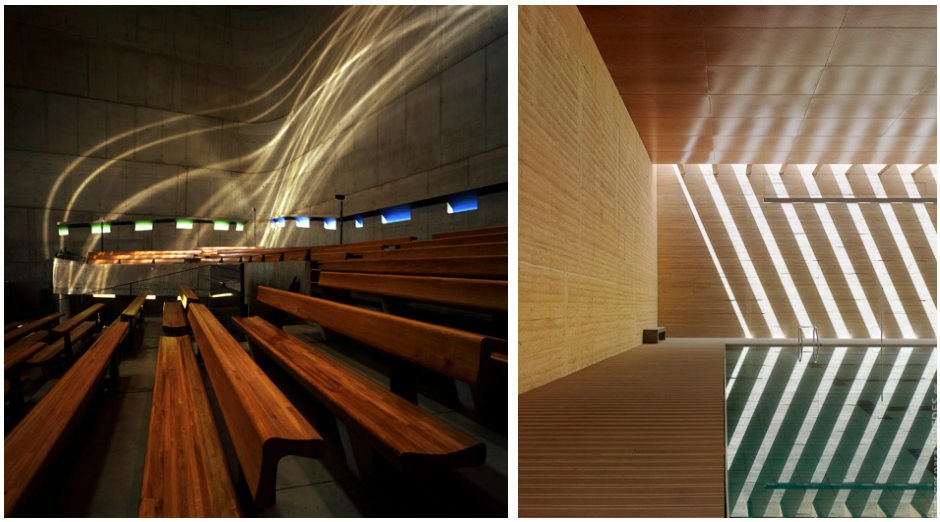


Fig.42 - Luz como elemento indespensável

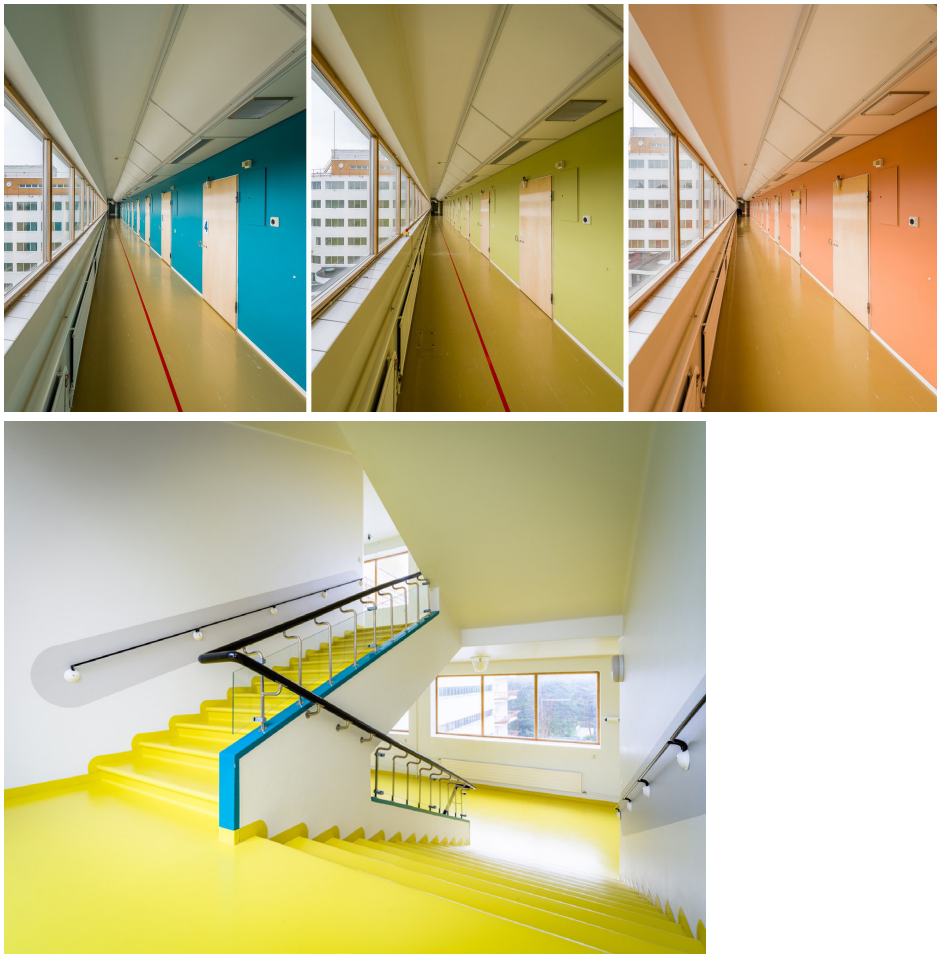


Fig.43 - Cores do Alvar Aalto no Sanatório Paimio

A luz, *"é o principal material com que a arquitectura é capaz de vencer o tempo"* [88]. Um elemento indispensável no papel da arquitectura, que Le Corbusier define como *"a arquitectura é o jogo sábio, correcto e magnífico dos volumes dispostos sob a luz"* [89]. Sendo que a luz é *"algo concreto, preciso, contínuo, material. Matéria mensurável e qualificável"* [90]. Campo Baeza considera que a luz é o primeiro material a ser concebido, *"o mais eterno e universal dos materiais"* [91], um material essencial e primordial que surge no criar do espaço.
A luz é atribuída de forma gratuita *"para permanecer na memória e no coração das pessoas"* [92].
Segundo o artigo *"The Building as tool of healing"* [93], no subtítulo *"The Colours of Caring"*, a caixa de escadas do Sanatório Paimio na Finlândia foi projectada a amarelo. A intenção de Alvar Aaalto era conduzir a luz solar para o interior do edifício, reflectindo-se na cor amarela, pois era crucial para o tratamento da tuberculose nos doentes. Como o edifício era relativamente extenso a nível de pisos, Alvar Aaalto decidiu incluir mais cores noutros espaços e assim *"posteriormente, encontramos uma escadaria azul brilhante, tectos verdes e frios, colunas vermelhas, painéis do aquecimento com cor, detalhes coloridos por todo o lado. Alguns foram usados como método para os pacientes encontrarem as suas enfermarias"* [94]. A cor no interior de um edifício público é fundamental.

A cor no projecto do Tanatório em Coimbra irá ser utilizada em diversos tons suaves, tons terra que serão usados nos espaços conjugando-os com as entradas de luz previstas, como elementos caracterizadores e identitários de cada espaço associado às cerimónias fúnebres.

No exterior, a cor num único tom, é escolhida destacando-se entre a área verde da encosta da Conchada e a Casa Amarela – de nome e de cor.

[88] BAEZA, 2011, *"Pensar com as mãos"*, pág. 53

[89] LE CORBUSIER: *"A biografia de um dos mais importantes arquitectos do século XX"*, [Consultado em 26 de Setembro de 2019 às 20:00] Disponível em https://www.vivadecora.com.br/pro/arquitetos/lecorbusier/

[90] BAEZA, 2008, *"A ideia construída"*, pág. 15

[91] BAEZA, 2008, op. cit., pág. 16

[92] BAEZA, 2011, *"Pensar com as mãos"*, pág. 55

[93] COLLECTION, 2019, *"The building as tool of healing, the Architecture Diaries"* [Online], Part 6, [Consultado em 9 de Março de 2019 às 16:00] Disponível em https://wellcomecollection.org/articles/XGQVzBAAAFUQpnGS

[94] COLLECTION, 2019, op. cit., [tradução da autora] in *"later we encountered a bright blue staircase, cool green ceilings, red columns, dun-coloured lin, teal heating panels - coloured details are everywhere. Some of these were used as way-finding - patients identifying their wards by their colour - a sensible precaution in such a large building (…)"*



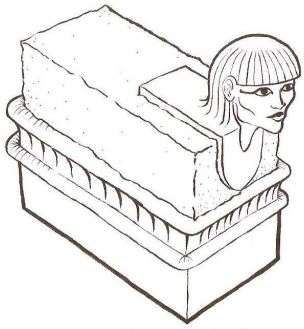
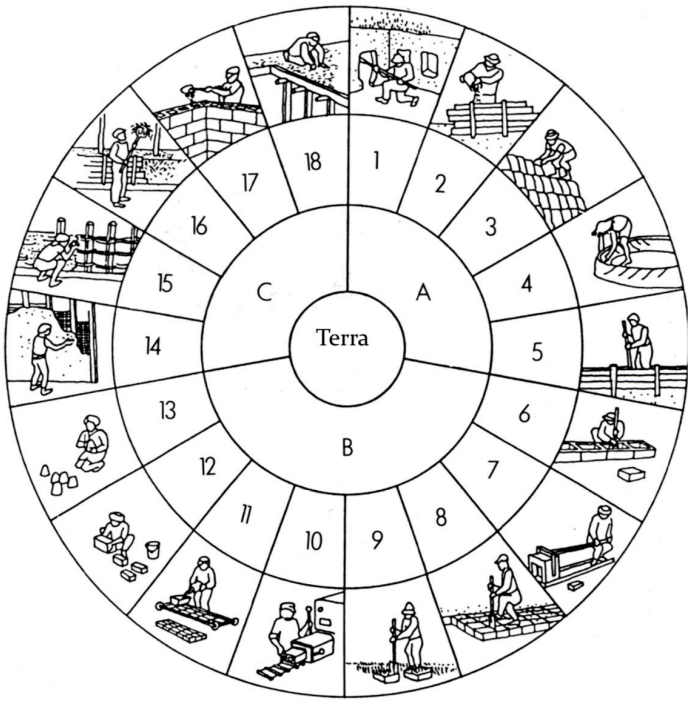


Fig.44 - Friso da Rainha Hatshepsut a fazer um tijolo de terra e um tijolo de adobe com figura feminina



(A) Utilização da terra sob a forma monolítica e portante:
1 - terra escavada
2 - terra plástica
3 - terra empilhada
4 - terra modelada
5 - terra prensada

(B) Utilização da terra sob a forma de alvenaria portante:
6 - blocos apiloados
7 - blocos prensados
8 - blocos cortados
9 - torrões de terra
10 - terra extrudida
11 - adobe mecânico
12 - adobe manual
13 - adobe moldado

(C) Utilização da terra como enchimento de uma estutura de suporte:
14 - terra de recobrimento
15 - terra sobre engradado
16 - terra palha
17 - terra de enchimento
18 - terra de cobertura

Fig.45 - Diagrama das diferentes técnicas construtivas de terra crua, por CRAterre

2.2. O ADOBE

Como referido, para este projecto elegeu-se como material de base, um material com história universal, de tradição construtiva ancestral, hoje utilizado em muitos países – o adobe. É um dos materiais mais usados no mundo, que consiste no fabrico de blocos em terra que são secos ao ar, fazendo parte de sistemas construtivos com configurações e sistemas construtivos diversas.

> *"A designação "adobe" foi adoptada, internacionalmente, a partir da conferência internacional "Adobe 90". O nome, esse, teve na origem na escrita demótica egípcia sket shat do termo tyb ou tob que significava tijolo (...) entre a simbologia do passado e as crenças atuais, a arquitectura em adobe existe no mundo desde cerca de 9 000 a.C. e encontra-se actualmente, em franca expansão prevendo-se que o futuro lhe reserve um papel decisivo no panorama da arquitectura mundial."* [95]

O adobe que corresponde à construção de um bloco feito da matéria prima mais abundante – *"terra que tirou do solo e deixou secar ao sol"* [96] – é uma técnica construtiva, que existe desde antiguidade até aos dias de hoje, sendo como umas das técnicas de construção mais globalizadas, no universo de edificações e de lugares, nomeadamente classificados pela UNESCO.

É um método, que consiste na colocação da terra em moldes de madeira, compactado com as mãos, retirando-se o excesso no final com uma régua de madeira e de secagem ao ar. O processo de secagem, passa por deixar os blocos desenformados no *"solo, que deve ser plano e regularizado com uma camada de areia para receber os adobes na sua forma plástica"* [97]. Este não deve ser removido do local, por ainda ser uma 'massa fresca'. A sua secagem na posição horizontal demora cerca de três dias após os quais são posicionados ao cutelo para secagem uniforme.
O adobe, após a secagem, necessita de ser testado para verificação da sua resistência e sendo este teste validado pode ser aplicado de imediato em obra, *"podem ser aparelhados em paredes,*

[95] FERNANDES e TAVARES, 2016, *"O Adobe"*, pág. 10-11

[96] FATHY, 2009, *"Arquitectura para os Pobres"*, pág. 15

[97] PINHEIRO, 2017, *"Adobes! Porque não? Integração do adobe como processo construtivo na arquitectura contemporânea"*, FAUP (Dissertação de Mestrado), pág. 52

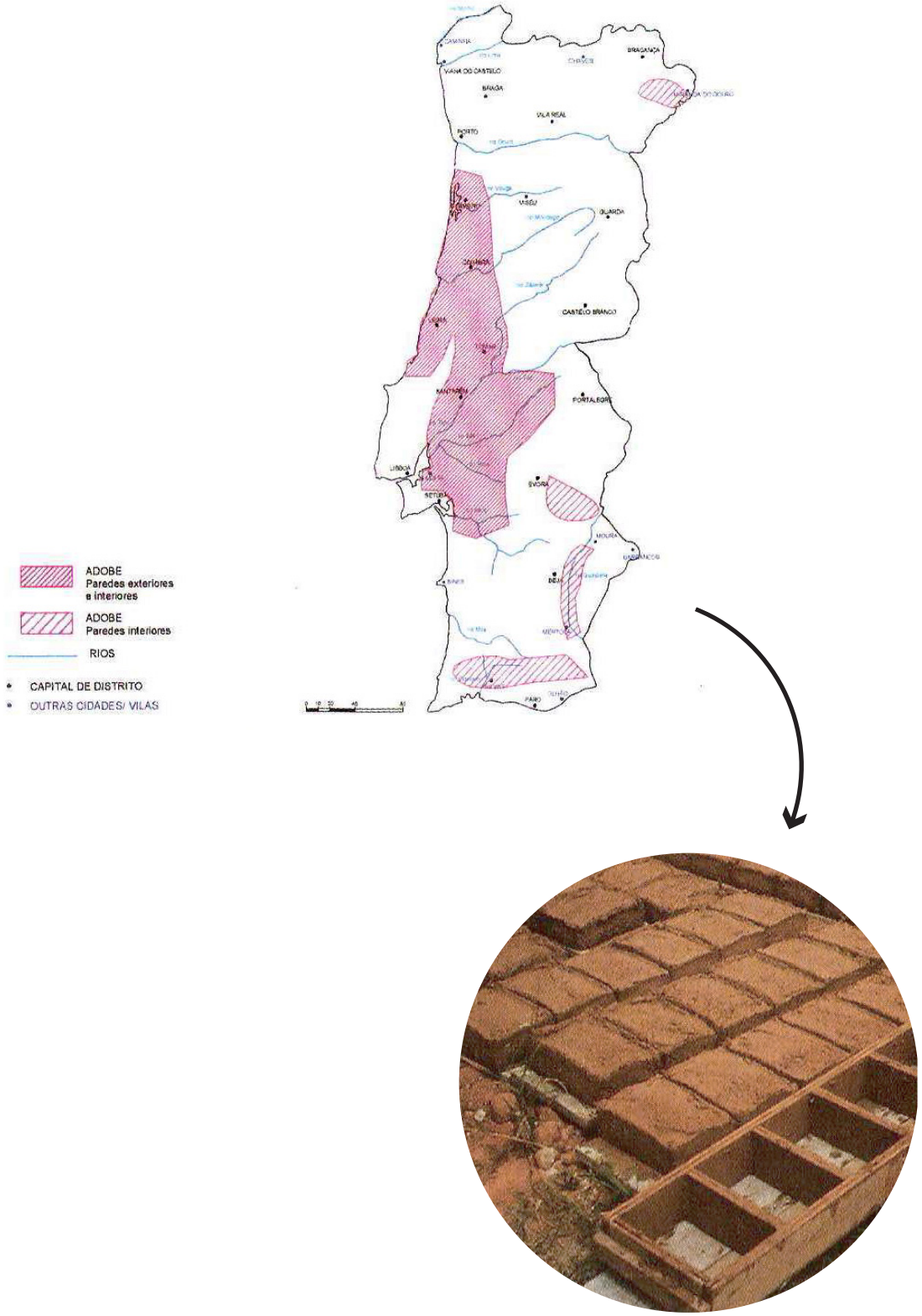


Fig.46 - Presença do tijolo de adobe em Portugal e concepção e secagem do tijolo

que podem ser portantes, ou construir cúpulas, arcos e abóbadas" [98].

A construção em adobe, no nosso país *"surgiu naturalmente nos vales, junto aos rios, estuários e planícies e na foz de rios do litoral centro, onde predominam os solos de aluviões, ricos em minerais, areias e siltes, uma terra considerada ideal para a sua manufatura"* [99], precisamente nas bacias hidrográficas do rio Vouga, Mondego e Tejo. Pode ainda referir-se, *"que as construções em adobe aparecem, sobretudo, nas regiões de rochas em decomposição avançada (regossolos) e são mais frequentes na costa e junto às margens dos rios, onde predominam solos com origem em depósitos fluviais (fluviossolos) ou solos ácidos de mineralização lenta (podzoisolos) e, ainda, argilosos (luviossolos)"* [100].

Há duas técnicas para a produção do adobe em Portugal, a primeira é o adobe de terra, fabricados com terra argilosa, à qual é adicionada algumas vezes por fibras vegetais, e areia; o segundo método é a manufactura do adobe de cal, que consiste na adição de cal à terra e água.

O adobe moldado, isto é, executado com o apoio de moldes de madeira na sua produção. Os moldes, com as medidas convencionais (0,45x0,30x0,12m [101], em paredes exteriores de habitações) são produzidos em madeira, forrados por uma chapa metálica no seu interior, em que esta tem como objectivo o auxílio e o deslocamento do adobe, sem o desformar. A utilização da chapa metálica também possibilita a colocação de uma camada de óleo (para a produção de adobe de cal) impedindo que a massa adira aos limites do molde.

O método da construção em adobe é simples e *"semelhante à colocação do tijolo convencional formando uma alvenaria"* [102], e consiste na sobreposição dos blocos colocados contra fiados, argamassados, que poderão ficar à vista nalguns casos, mas são sobretudo rebocados com uma argamassa, à base de cal aérea e areia.

[98] FRANK, 2017, *"Arquitectura Contemporânea em Terra: Modos de ver e de fazer"*, FAUP (Dissertação de Mestrado) pág. 26

[99] FRANK, 2017, op.c cit. 29

[100] FERNANDES e TAVARES, 2016, *"O Adobe"*, pág. 16-17

[101] FERNANDES e TAVARES, 2016, op. cit., pág. 17

[102] EIRES, JALALI e TORGAL, 2009, *"Construção em Terra"*, pág. 43

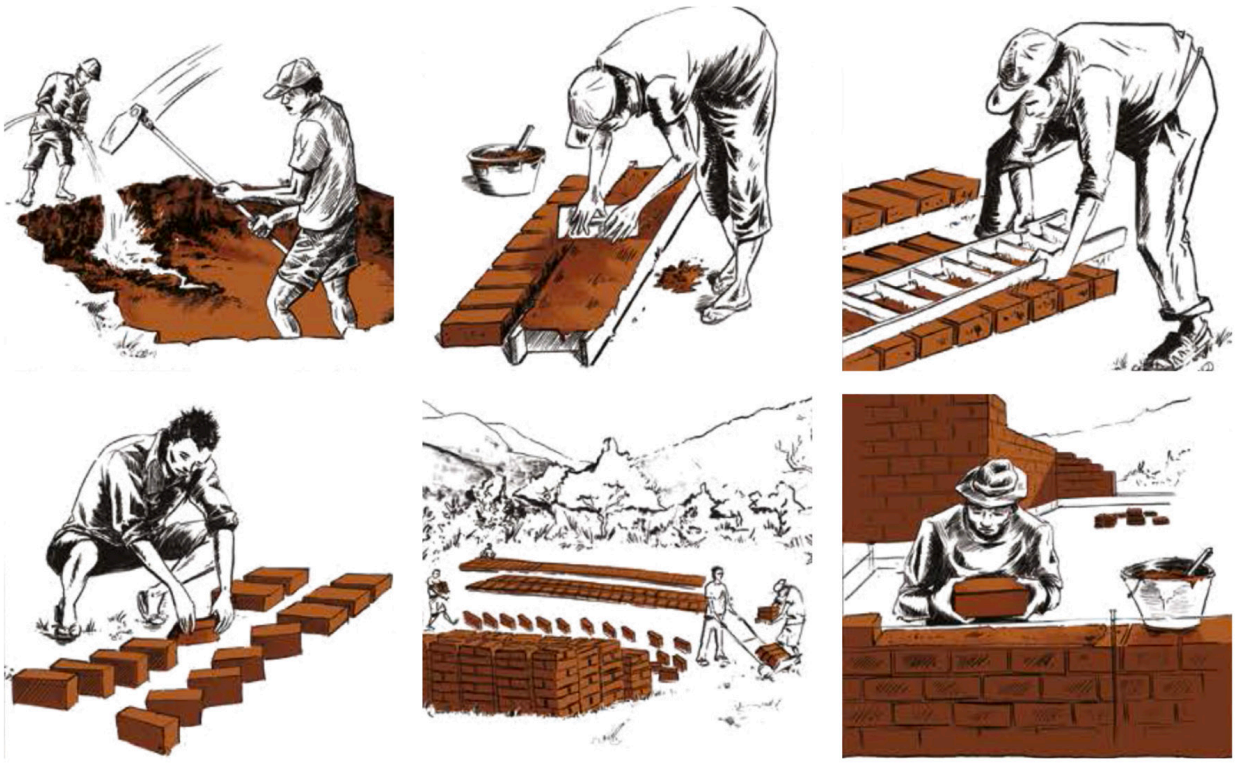


Fig.47 - Ilustração do processo de produção do tijolo e aplicação

A produção e construção em adobes é constituída pelas seguintes fases [103]:

1. Extração da terra:
A extração da terra era feita em locais identificados como tendo a matéria-prima com as características adequadas, os chamados areais ou barreiros. Durante vários anos, a extração realizava-se de forma manual e posteriormente, esta começou a ser executada com o suporte de máquinas, tornando o trabalho mais fácil. Após a extracção da terra argilosa numa primeira fase, mantinha-se a terra a céu aberto, durante alguns dias, de forma a perder o excesso de humidade da terra.

2. Preparação da matéria-prima:
Com a terra mais seca, os seus componentes (areias, siltes) são separados e os torrões argilosos serão reduzidos a pó. Com este processo, a matéria-prima torna-se fácil de trabalhar.

3. Adições à matéria-prima terra:
A matéria-prima por vezes, apresenta-se com elevada quantidade de argila, exigindo uma correcção que normalmente é feita com adição de areias de granulometria controlada. Noutros casos é possível a adição de fibras vegetais para evitar a retracção das argilas na fase de secagem do adobe. Na região da Beira Litoral adiciona-se à terra (agregados) a cal (ligante) o que confere ao adobe características próprias.

4. A mistura:
Pela tradição de alguns locais (Mira, por exemplo) no centro do monte de terra é colocada a cal na proporção desejada e adicionada a água, procurando-se que a desagregação da cal se misture bem com a terra, para perfeita coesão da argamassa final, sendo necessário várias pessoas para a realização dessa operação.

5. Moldagem:
Para a execução do bloco de adobe usa-se um molde de madeira com dimensões tipificadas consoante o fim a que se destina

[103] FERNANDES e TAVARES, 2016, *"O Adobe"*, pág. 32-37



Fig.48 - Exemplo de um espaço com adobes empilhados e armazenados

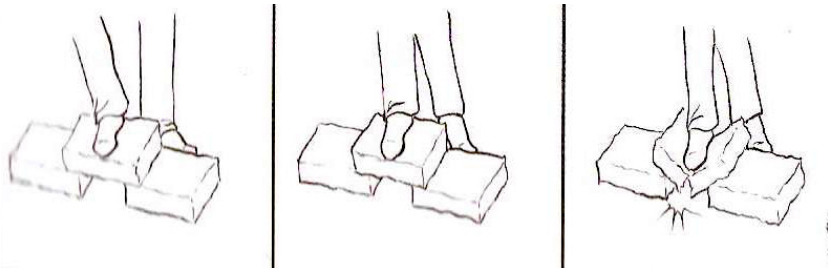


Fig.49 - Processo de um ensaio ao adobe, se o adobe não aguentar o peso de uma pessoa, adicionar mais argila à terra

o adobe na construção. Os moldes de madeira, têm de ser submersos previamente em água para que a desmoldagem se faça facilmente. Para alguns tipos de adobe os mesmos estão forrados por uma chapa metálica no interior que se barra com óleo. Após a preparação da matéria-prima, esta introduz-se manualmente nos moldes, compactando manualmente tendo especial cuidado nos cantos. Após esta fase estar completa, o processo consiste em retirar os excessos dos moldes com uma régua e só depois é que os moldes são retirados deixando-se os blocos de adobe a secar no lugar onde foram moldados.

6. Secagem:

A secagem é feita nos locais onde foram produzidos os adobes ao ar livre, podendo nalguns casos após alguns dias de secagem serem transportados para telheiros, procurando-se não os expor a grandes flutuações de temperatura e humidade e tanto quanto possível controlando esta.

Se a secagem dos adobes for em eiras, o pavimento deve ser plano e regular e com uma camada de areia de base, de forma a receber os blocos na posição horizontal durante três dias; seguidamente colocam-se os adobes ao cutelo para a continuação do processo de secagem.

7. Espaço de armazenamento:

Durante a secagem dos adobes, os mesmos podem ser mudados de posição para secagem uniforme e no fim da quarta semana serão testados no local para verificar a sua capacidade resistente. Nalgumas regiões a experimentação do material consiste: na colocação de *"um adobe sobre outros dois nos seus extremos, deixando grande parte do mesmo em vão. O adobe assim colocado deverá aguentar com o peso de uma pessoa. Os que se fracturam não estarão aptos para serem armazenados nem utilizados na construção"* [104].

[104] EIRES, JALALI e TORGAL, 2009, *"Construção em Terra"*, pág. 37

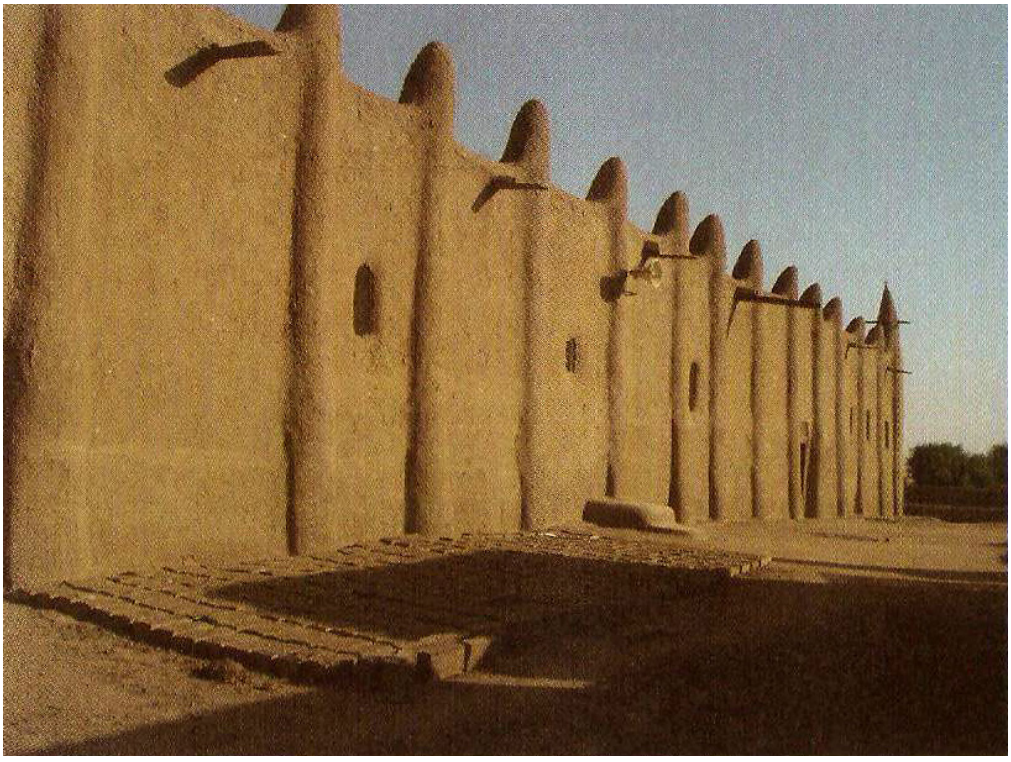


Fig.50 - Adobes a secar no exterior de uma mesquita

O adobe em Portugal, usou-se até meados do século XX, finais da década de 60 [105], como material corrente de construção de algumas regiões do país. A produção e a construção em adobe, passa a ser substituída pelo tijolo maciço, portanto (…) *"a não evolução do adobe para modelos de produção industrial, como ocorreu com o tijolo, levou à clara substituição deste material pelo segundo, que passou a ser mais acessível, transportável e disponível"* [106].
Ultimamente em Portugal verifica-se um maior interesse pelo bloco de adobe, motivado pelo reconhecimento dado aos edifícios construídos nesta técnica em vários pontos do país com este material comprovadamente mais resistentes do que se julgava [107]. Assim este pode tornar-se um material de construção a usar na arquitectura contemporânea ou na reabilitação de edifícios em adobe.

2.3. REBOCO DE TERRA

Por argamassa ou reboco de terra, designamos o reboco *"onde o uso da terra é predominante"* [108]. O mesmo é elaborado com uma base de terra argilosa e é aplicado no revestimento exterior, ou como argamassa de assentamento da alvenaria, formando a camada de protecção do edifício, funcionando também como o elemento a degenerar em primeiro lugar, especialmente com os elementos atmosféricos [109].

A argamassa é *"um produto da construção constituído, no mínimo, por um ligante (aglomerante) e um agregado (areia natural ou proveniente de resíduos ou subprodutos), que são amassados com água. A argamassa é aplicada no estado fresco"* [110] para o seu endurecimento final, através do processo de secagem.

Pode-se também referir, que a argamassa é um elemento estético, enquanto reboco à vista aplicado na parede de alvenaria com diversas cores, que se formam pelos agregados colocados na argamassa ou pela adição de pigmentos próprios.

[105] EIRES, JALALI e TORGAL, 2009, *"Construção em Terra"*, pág. 87

[106] EIRES, JALALI e TORGAL, 2009, op. cit., pág. 88

[107] EIRES, JALALI e TORGAL, 2009, op. cit., pág. 88-89

[108] FARIA e LIMA , 2018, *"Rebocos de Terra"*, pág. 9

[109] FARIA e LIMA, 2018, op. cit., pág. 11

[110] FARIA e LIMA, 2018, op. cit., pág. 14



Fig.51 - Rebocos de exterior, Novo México

É importante mencionar que para um melhor comportamento do revestimento da estrutura de alvenaria, um reboco de uma forma em geral, deve ter as seguintes finalidades:

1. "protecção dos elementos onde são aplicados (…) das acções a que estes são sujeitos, nomeadamente face à água, sais, poluição e choques;

2. estética, principalmente quando incluem a camada de acabamento, podendo apresentar cores, padrões e texturas diversas" [111].

Outras características de um reboco que podem contribuir para o bom funcionamento de edifícios:

1. "isolamento térmico - embora usualmente os rebocos sejam aplicados com espessura relativamente reduzida, determinadas argamassas podem ter uma baixa condutibilidade térmica e os rebocos contribuírem para o comportamento térmico do elemento construído;

2. conforto acústico - através da massa do reboco e principalmente através da textura da superfície da camada de acabamento, para um adequado tempo de reverberação dos espaços;

3. conforto higrotérmico - no caso dos espaços interiores, através do contributo para a regulação da humidade relativa do ar interior" [112].

Em comparação com outro tipo de reboco, o reboco de terra e cal aérea é identificado pela utilização da matéria prima – a terra, como agregado e a cal como ligante das argamassas, sendo um *"reboco de terra eco eficiente"* [113].

Segundo o livro *"Rebocos de Terra"*, o mesmo também é utilizado em diversos locais do mundo, estando estes relacionados com a arquitectura vernacular, *"designada arquitectura de terra (...) da qual fazem parte diversos sistemas construtivos, como sejam as alvenarias de adobe, as paredes monolíticas de taipa e as paredes mais ligeiras de tabique preenchido por argamassas de terra"*[114].

[111] FARIA e LIMA, 2018, *"Rebocos de Terra"*, pág. 26

[112] FARIA e LIMA, 2018, op. cit.

[113] FARIA e LIMA, 2018, op. cit., pág. 9

[114] FARIA e LIMA, 2018, op. cit., pág. 11



Fig.52 - Tons de diversas matérias-prima

O reboco de terra apresenta *"um processo de endurecimento apenas associado à secagem das partículas de água presentes entre as lamelas dos minerais argilosos contidos na terra utilizada. Esta particularidade do processo de endurecimento dos rebocos de terra – ser um processo apenas de secagem – é simultaneamente responsável pela maioria das suas vantagens construtivas, assim como por grande parte das suas principais fragilidades"*[115]. Algumas destas são: a vulnerabilidade à água no estado líquido (degradação pela acção da água) ou a possibilidade de reparação e reutilização (quando é reutilizado para um novo reboco). Assim sendo, o reboco de terra não pode ser utilizado no exterior (excepto o reboco de cal) e passa a ser aplicado no interior do edifício. Refere-se então que:

> *"Em Portugal, os rebocos exteriores de edifícios antigos, mesmo os que têm paredes de terra, foram geralmente constituídos por argamassas de cal aérea, ou de cal com adição de terra (...). No caso das alvenarias de adobe exixtiram muitas variantes. Usualmente, no caso de adobes não estabilizados (ou seja, sem adição de cal aérea na sua composição) eram utilizadas, para o assentamento das alvenarias, argamassas com base na mesma terra que constituía os adobes. Nesses casos, geralmente, o reboco do interior do edifício era de argamassas só de terra e a cal era apenas usada para as argamassas do reboco exterior"* [116].

Ainda de acordo com o livro "*Rebocos de terra"*, este método *"estende-se um pouco por todo o território"* [117], em reabilitações e em novos edifícios. Este, normalmente é utilizado na habitação, mas pode também ser empregue em edifícios públicos como *"restauração, hotelaria e escritório"* [118]. Os autores deixaram pistas de cuidados a ter na utilização do reboco de terra em futuros projectos.
Na sequência do ponto 2.1, com o estudo da utilização da terra como revestimento, pretende-se 'alargar horizontes' no que diz respeito à utilização deste método em alvenarias de adobe e, neste caso em particular, no projecto do Tanatório.

[115] FARIA e LIMA, 2018, *"Rebocos de Terra",* pág. 35

[116] FARIA e LIMA, 2018, op. cit., pág.30

[117] FARIA e LIMA, 2018, op. cit., pág. 109

[118] FARIA e LIMA, 2018, op. cit., pág. 109

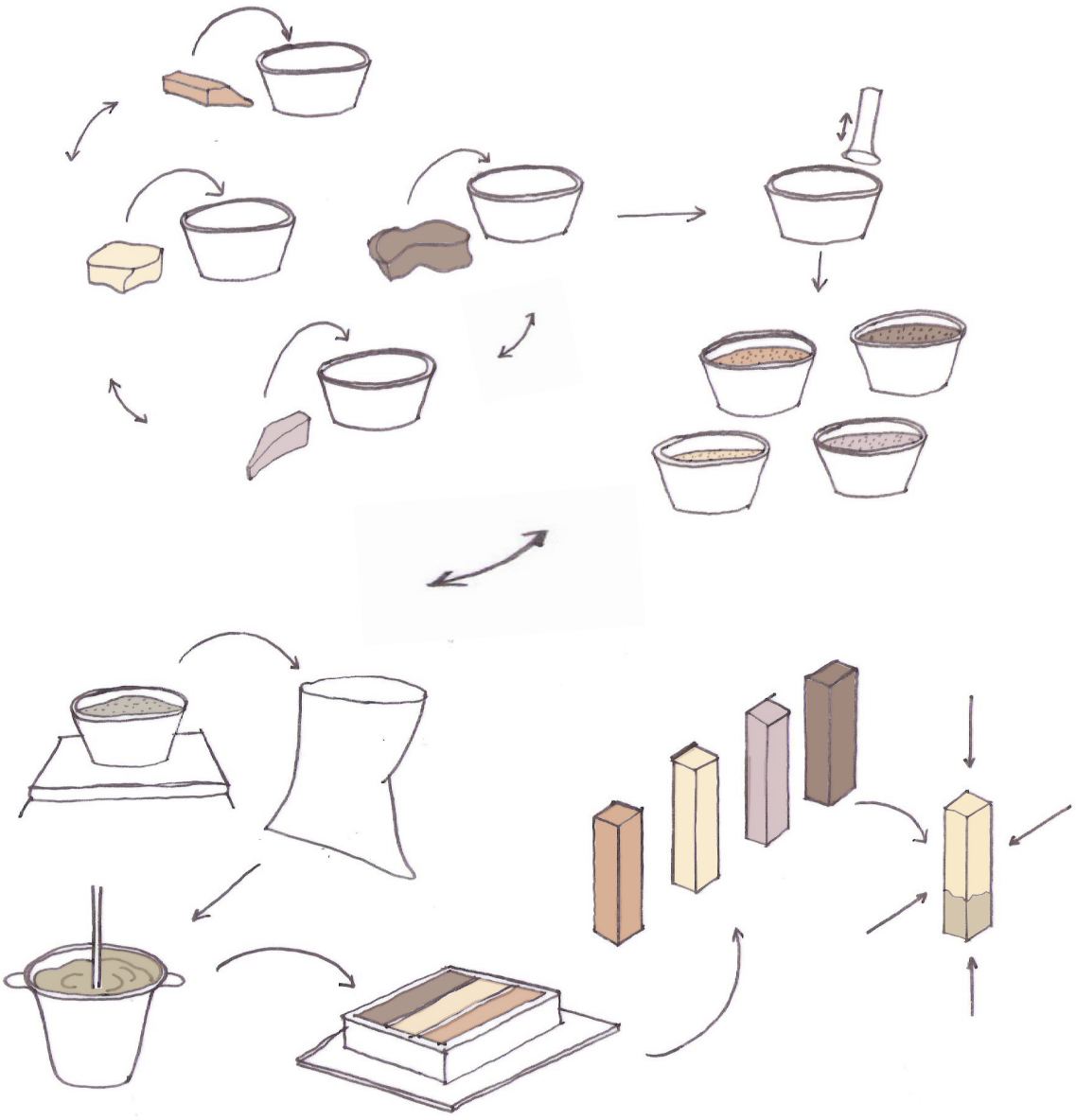


Fig.53 - Esquema do processo dos ensaios em laboratório, na Universidade de Aveiro

2.4. TERRA NO LABORATÓRIO

A terra foi a matéria-prima escolhida para o projecto do equipamento funerário em Coimbra. Surge pela ideia de retomar uma técnica construtiva 'esquecida' – o adobe, e pelo interesse pessoal por opção nesta fase do curso – a utilização da terra no projecto com base em ensaios laboratoriais para o apoio a este.
Este subcapítulo consiste, na aproximação ao material construtivo a implementar no projecto do Tanatório – a terra, pela elaboração de uma série de ensaios realizados no Laboratório do Departamento de Engenharia Civil da Universidade de Aveiro, sob orientação da Arquitecta Alice Tavares.
Na sequência do referido no ponto 2.1, sobre a importância da cor, procurou-se manipular os materiais para ir ao encontro dos objectivos de obtenção de cores terra específicas e com capacidades diferentes de reflectir a luz como base nos ensaios do laboratório.
Avançámos com ensaios de cor através da execução de provetes, testando a adição de vários outros materiais de construção processados para o efeito. Assim sendo, partiu-se para a componente prática laboratorial, complementada com registos fotográficos, de todo o processo de ensaio de cada provete, realizados no laboratório de Engenharia Civil da Universidade de Aveiro, que passamos a descrever.
Este processo contemplou: a selecção de materiais; o seu tratamento e preparação para a execução de provetes; a execução de provetes (três provetes por cada tipo ensaiado); a secagem destes em câmara apropriada com controlo de temperatura e humidade e finalmente a realização do ensaio segundo as normas Europeias. O objectivo da realização destes ensaios foi verificar se o produto composto obtido com manipulação da cor mantinha ou não as características de resistências e de absorção de água dos de uso corrente, pelo que foram usados provetes de teste não manipulados, ou seja, com uma composição material e granulométrica corrente.

Passamos a descrever as seguintes fases:



Fig.54 - Fragmento de tijolo cerâmico, transformação dos agregados



Fig.55 - Fragmento de um bloco de adobe, transformação dos agregados



Fig.56 - Fragmento de pedra de Eirol (região de Aveiro), transformação dos agregados



Fig.57 - Fragmento de material cerâmico composto por três camadas, desagregação e transformação dos agregados

1ª fase – preparação dos materiais

Foi feita a selecção de materiais de construção possíveis de alterar a cor do adobe. Todos os materiais foram moídos até desagregação total dos constituintes. Tendo ficado 24 horas em câmara climatizada com temperatura constante de 100ºC até atingirem níveis de humidade constante.



Fig.58 - Pesagem e junção dos agregados (bloco de adobe e tijolo cerâmico)



Fig.59 - Pesagem e junção dos agregados (bloco de adobe, areia e peça cerâmica rosa)

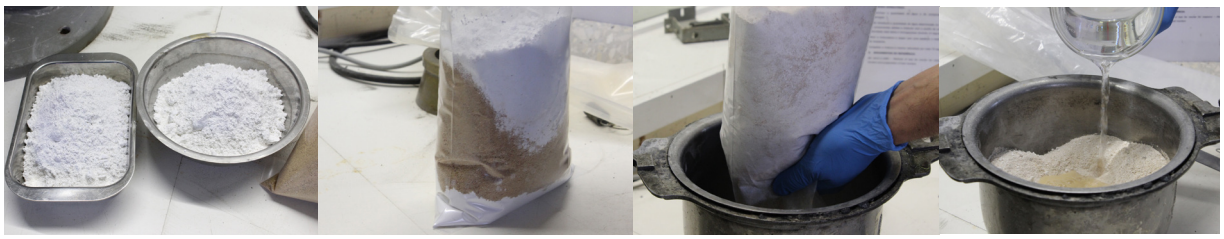


Fig.60 - Adição de cal ao bloco de adobe e preparação da massa

2ª fase – tratamento, preparação e execução dos provetes

Consoante as cores e intensidades da cor desejada, foi feita a pesagem e a definição de composição diferenciada de agregados e ligante, por cada conjunto de três provetes.



Fig.61 - Mistura da pasta e misturadora mecânica

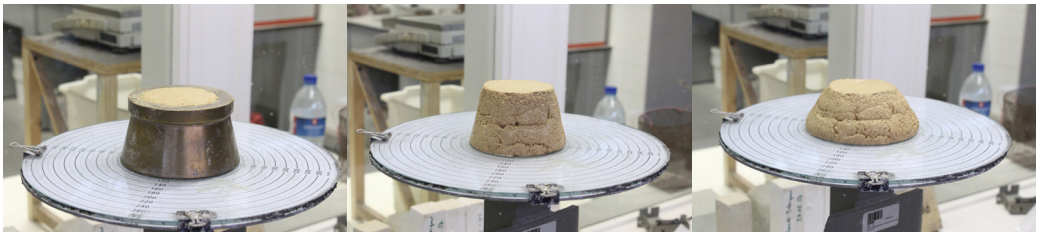


Fig.62 - Espalhamento da argamassa



Fig.63 - Colocação da massa nos moldes



Fig.64 - Moldes finalizados para o processo de secagem

3ª e 4ª fases – execução de provetes

As argamassas para cada conjunto de provetes foram amassadas em misturadora mecânica com controlo de velocidade e tempo. Tendo-se procedido a um ensaio prévio de espalhamento para verificar a trabalhabilidade da argamassa e verificação da necessidade de correcções adicionais, o que não foi necessário.

Procedeu-se à inserção e compactação da argamassa no suporte laboratorial de provetes laboratorial. Após o que foram novamente colocados na câmara climatizada com controlo de temperatura constante a 20ºC e controlo constante de humidade a 65%HR.



Fig.65 - Provetes antes e depois do ensaio de capilaridade

5ª fase – Ensaio de absorção capilar

Procedeu-se aos ensaios segundo a norma EN 1015-18 (CEN, 2002) cumprindo as diferentes etapas de pesagem e registo fotográfico da subida da frente húmida. Para este efeito, os provetes foram colocados num tabuleiro com 1 cm de altura de água e fazendo-se as pesagens nos tempos previstos na norma.
Verificou-se que a absorção de água era semelhante em todos os provetes, incluindo o provete de teste. Pelo que se concluiu que as adições realizadas não alteraram significativamente o coeficiente de absorção de água, um dos parâmetros a ter em conta para os materiais da construção em adobe. Após este ensaio, e não tendo os provetes ficado danificados, procedeu-se novamente à sua colocação na câmara climática, nas condições já mencionadas.

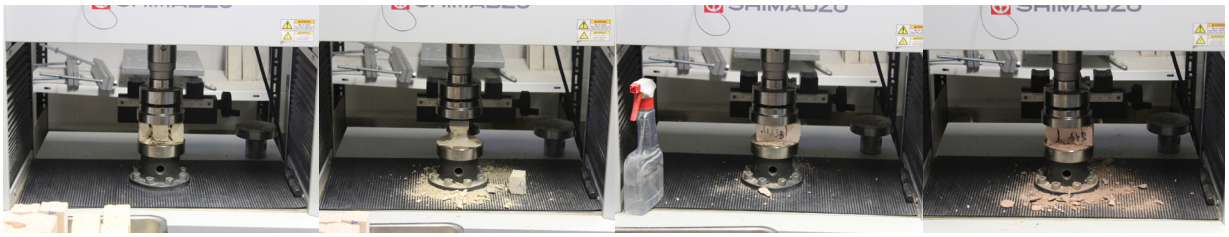


Fig.66 - Ensaio de compressão

6ª fase – Ensaios de caracterização - compressão e flexão

Realizaram-se os ensaios para a resistência à compressão e flexão segundo a norma EN 1015-11 (CEN 1999b), concluindo-se que a manipulação de cor através da adição de outros materiais de construção não tinha comprometido a resistência mecânica em comparação com o provete de teste.

Neste caso, a elaboração dos provetes de cores distintas foi importante para garantir que os objectivos de manipulação da cor dos materiais não comprometeram as características fundamentais do material, podendo assim de forma mais consistente ser usadas no processo de projecto. Procurando que a cor final para cada espaço criasse diversas atmosferas a partir de jogos de cor e de texturas em cada espaço, definidas pelo contraste ou semelhança entre o bloco de adobe e a argamassa de assentamento (à vista) ou o reboco.

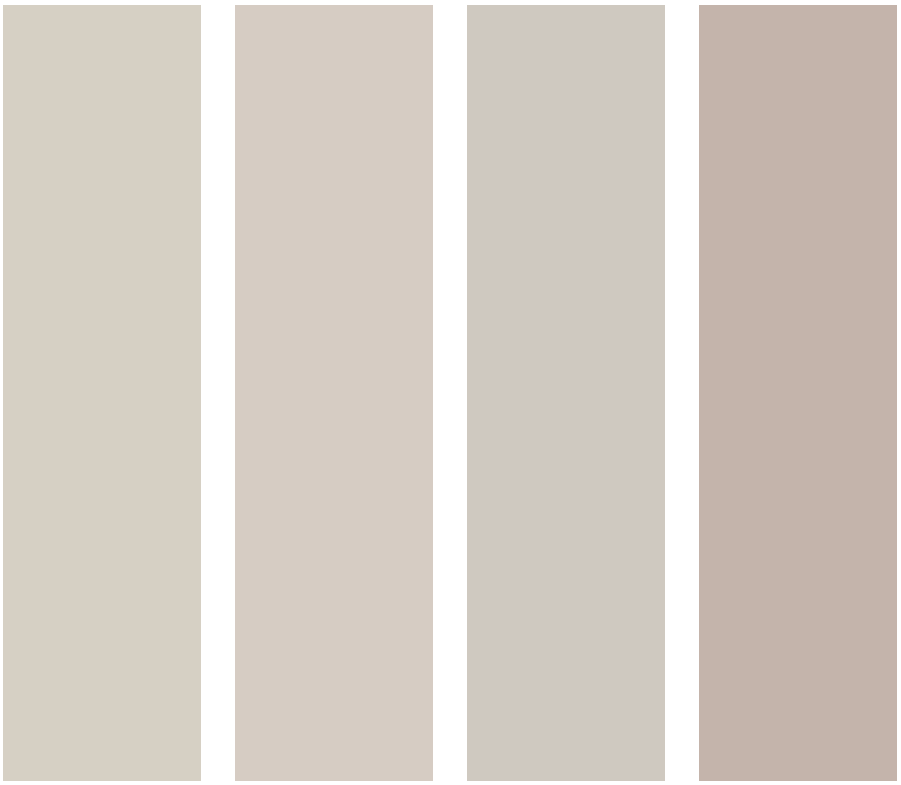


Fig.67 - As quatro cores dos provetes a utilizar no projecto do Tanatório de Coimbra

III

ESPAÇO DA MORTE

UMA PROPOSTA



Neste último capítulo iremos apresentar o projecto do Tanatório, sendo nosso desejo, tal como refere Zumthor, *"conseguir projectar edifícios que, no decorrer do tempo, se unem desta forma natural com a figura e história do lugar"* (…) *"em que cada nova obra intervém numa certa situação histórica. Para a qualidade desta intervenção é crucial que se consiga equipar o novo com características que entrem numa relação de tensão significativa com o existente"* [119].

O Homem tem alguma dificuldade em lidar com a perda, com a dor, com o desconhecimento relativamente ao 'futuro', no entanto houve neste domínio alguns 'avanços', sendo um dos mais marcantes a forma como se começou a aceitar outros formatos de exéquias, outros destinos para o corpo físico.
Após o descrito nos capítulos anteriores, relembramos os temas essenciais para o objectivo desta dissertação: a forma como a morte é encarada ou sentida na sociedade e o projecto e construção de equipamentos em adobe.
Neste momento do nosso trabalho é possível usar os conhecimentos adquiridos, ao longo da fase de investigação, e tomar decisões mais fundamentadas no processo de projecto.

[117] ZUMTHOR, 2005, *"Pensar a Arquitectura"*, pág. 17

[118] SEIXAS, 2016, *"Melancolia e Arquitectura em Aldo Rossi"*, pág. 209

[119] SEIXAS, 2016, op. cit., pág. 234

> *"O conceito de complexo funerário, único e profundamente inscrito na área envolvente e desse modo, também na cidade, como estabelecimento público capaz de caracterizar a paisagem urbana"* [120] (…) *e poderá ser um lugar melancólico da memória colectiva, que pode ser visitado como um museu sentimental"* [121].

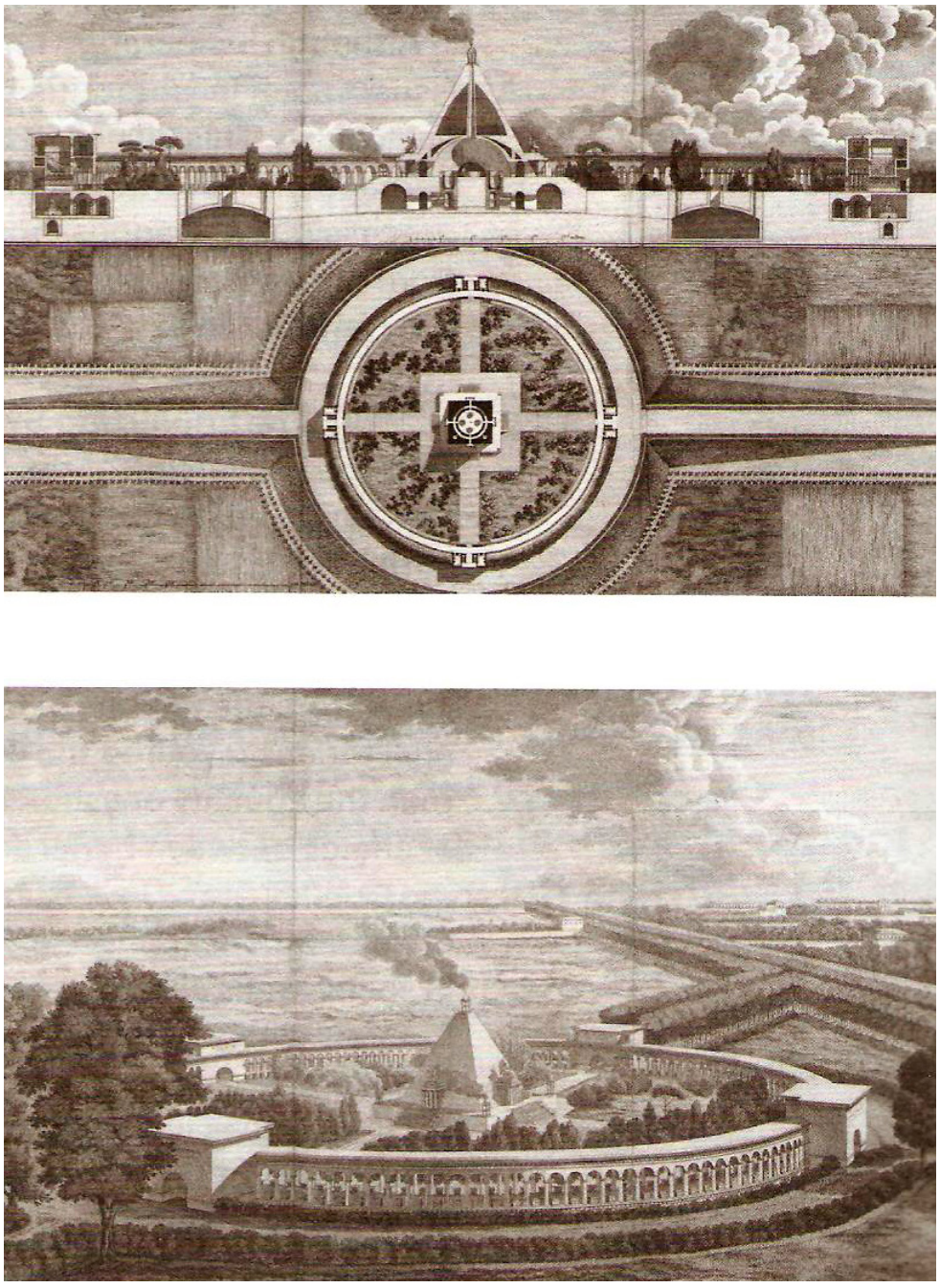


Fig.68 - Monumento na paisagem, a pirâmide do cenotáfio de Etienne-Louis Boullé (planta, corte e perspectiva)

O tanatório é um dos espaços exclusivos da morte, que tem como destino *"à concretização dos rituais de luto, à expressão e partilha de dor, à socialização da memória, à materialização dos traços da saudade e da recordação, à representação da sociedade dos vivos e da sua história – não só deverão ser incluídos na estrutura social e urbana citadina, como buscar a máxima intensificação da experiência da despedida, permitindo cumprir adequada e condignamente os ritos de separação indispensáveis ao reequilibro emocional individual e colectivo após a perda traumática que a morte sempre significa"* [122]. O tanatório, é um equipamento que, enquanto estrutura física e apoio emocional, tem pouca presença no nosso país.

3.1. O PROGRAMA E PERCURSO

O desenvolvimento do projecto decorre a partir do programa previamente analisado e definido, tendo como ponto de partida o estudo das quatro referências de edifícios presentes no capítulo I, *"criando uma atmosfera e modulações sentimentais, a esta luz, a arquitectura tornou-se o recipiente de uma nova forma de vida"* [123], alvo de linhas traçadas transversalmente à ruína evidenciada da *'Casa Amarela'*, *"(...) empregando referências da cidade existente como se estivessem dispostas, numa superfície plana e ilimitada, de modo que a arquitectura faça, gradualmente, parte de novos eventos"* [124].

No organigrama da figura 69, na folha seguinte, podemos constatar a separação em três conjuntos de áreas, identificadas com três cores distintas, sendo a distribuição das mesmas feitas pelos dois edifícios (a *'Casa Amarela'* e o Tanatório). O amarelo corresponde às áreas públicas: cafetaria, instalação sanitária, recepção e entrega de cinzas, cendrários, florista e oratório; e a azul, os espaços funerários (espaços mais íntimos): sala de condolências, de cerimónias, família e de espera.

[122] SEIXAS, 2016, *"Melancolia e Arquitectura em Aldo Rossi"*, pág. 128

[123] SEIXAS, 2016, op. cit., pág. 209

[124] SEIXAS, 2016, op. cit., pág. 234

(1) - sala onde se finaliza o processo de cremação e identificação das cinzas

(2) - sala onde se localizam os três fornos de cremação

(3) - sala de preparação do corpo, antes das cerimónias fúnebres e câmaras refrigeradoras

(4) - sala onde os familiares e amigos velam o corpo

(5) - sala onde os familiares e amigos se reúnem "fora do ambiente funerário"

(6) - espaço onde se encontram pequenos compartimentos, idênticos aos ossários (presentes nos cemitérios) para guardar as cinzas

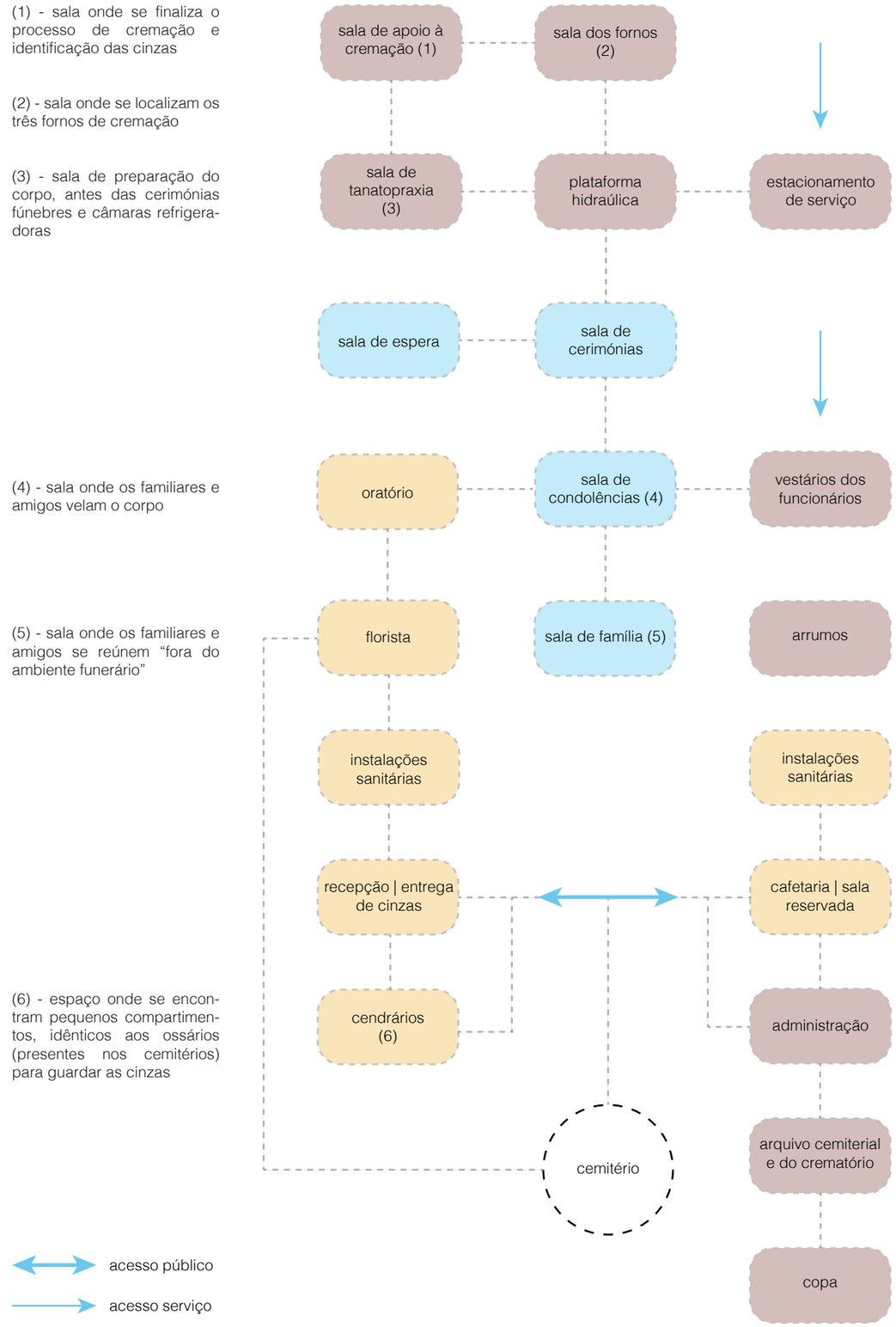


Fig.69 - Organograma do programa definido para o projecto do Tanatório, legenda das áreas mais especificas

ZONA AMARELA

público

EDIFÍCIO PRINCIPAL

_ recepção | sala de entrega das cinzas
_ florista
_ foyer
_ oratório
_ instalações sanitárias
_ cendários

CASA AMARELA

_ sala de serviço de cafetaria
_ sala reservada
_ instalação sanitária

ZONA AZUL

público
(áreas funerárias)

EDIFÍCIO PRINCIPAL

_ sala de familia
_ sala de condolências
_ sala de espera
_ sala de cerimónias

ZONA CASTANHA

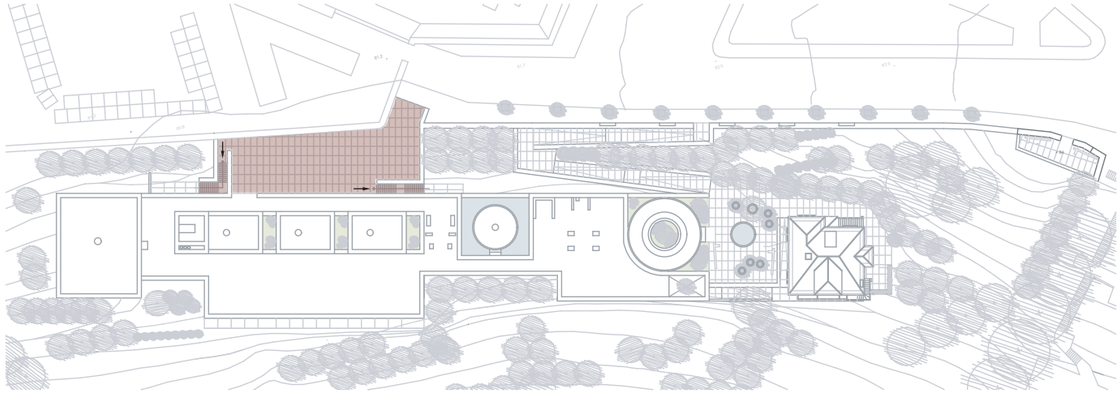
serviço

EDIFÍCIO PRINCIPAL

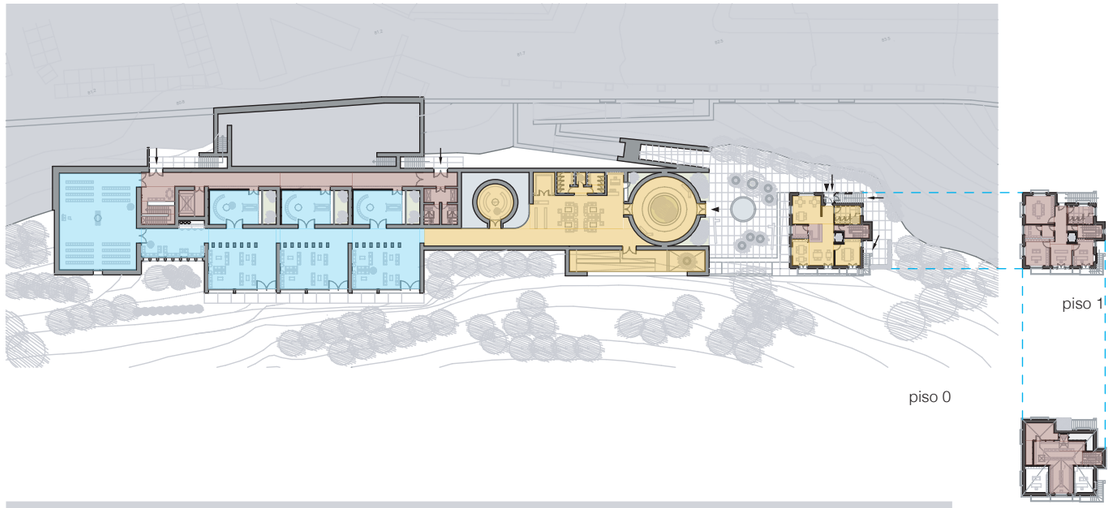
_ estacionamento de serviço
_ sala tanatopraxia
_ vestiários dos funcionários
_ galerias
_ sala do(s) forno(s)
_ sala de apoio à cremação
_ plataforma hidraúlica

CASA AMARELA

_ bar
_ despensa
_ administração
_ escritórios
_ sala de reuniões
_ instalação sanitária
_ copa
_ cacifos
_ sala de trabalho
_ arquivos
_ arrumos
_ oficinas



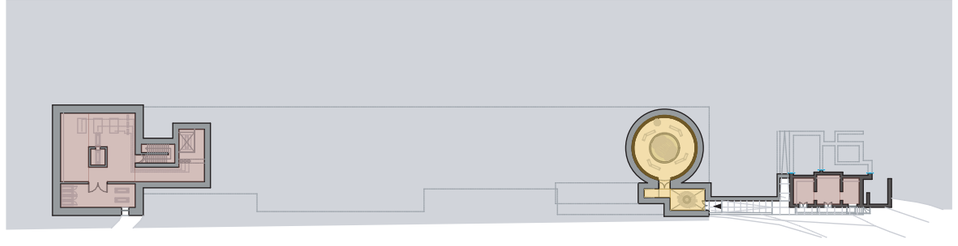
piso de cobertura



piso 0

piso 1

piso 2



piso -1

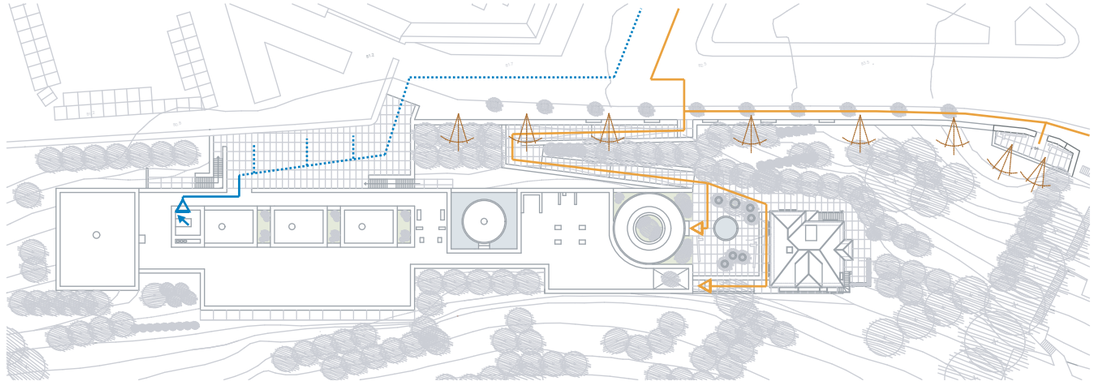
◄ acesso público

⇠ acesso de serviço

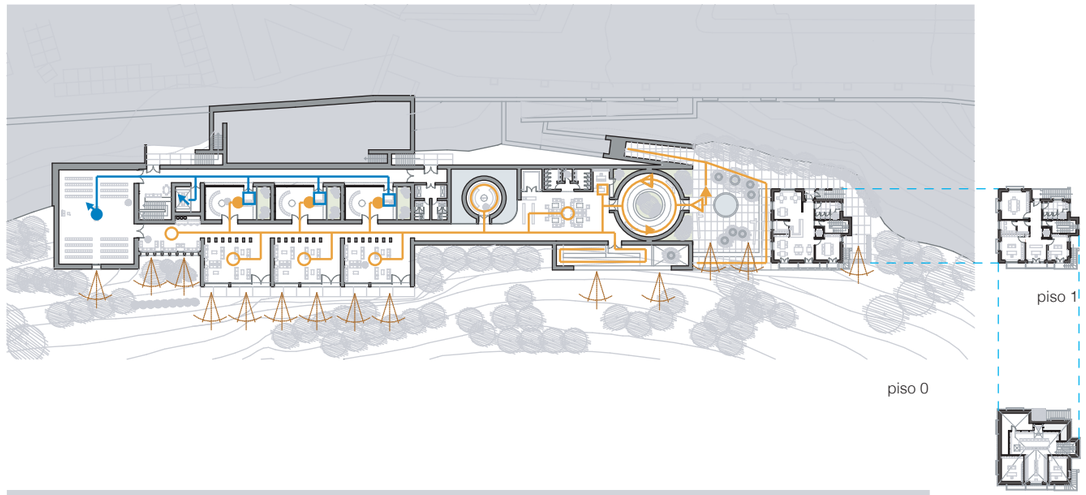
Fig.70 - Esquema de cores em plantas do programa

Estruturadas as áreas públicas, foi-se agrupando as áreas técnicas (serviços), representadas a castanho: copa, serviços administrativos, sala de reuniões e de trabalho, arquivos cemiterial e de cremação, arrumos, vestiários, sala tanatopraxia, plataforma hidráulica (acesso vertical) e estacionamento de serviço, sala do(s) forno(s) e de apoio à cremação. É possível observar nas plantas (figuras 70 a 71), os diversos espaços identificados pelas cores atrás definidas.

O esquema de percursos e o programa foram pensados em paralelo, diferenciando o trajecto do público e da urna, tendo em conta que estes nunca se encontrem no mesmo sítio, isto é, garantido que o mesmo é estabelecido por duas 'galerias' distintas para cada percurso (como se pode verificar na folha seguinte, na figura 71).



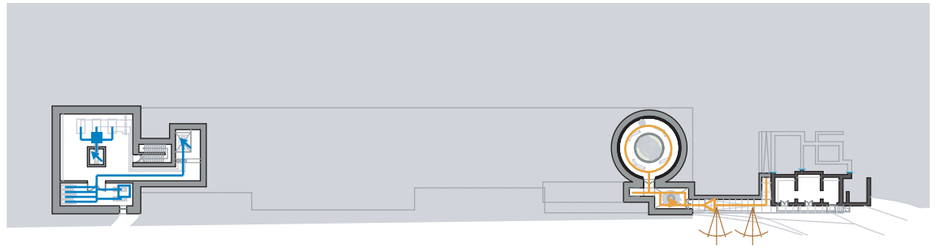
piso de cobertura



piso 0

piso 1

piso 2



piso -1

Percurso do público:
- entrada
- saída
- foyer | sala de espera
- sala de despedida
- percurso
- sala da entrega de cinzas

Percurso da urna:
- entrada
- percurso
- sala de condolências | sala tanatopraxia
- cerimónia
- plataforma hidraúlica
- percuso de carro funerário
- sala do(s) forno(s)

privilégio paisagístico

Fig.71 - Esquema de cores em plantas do percurso da urna e público



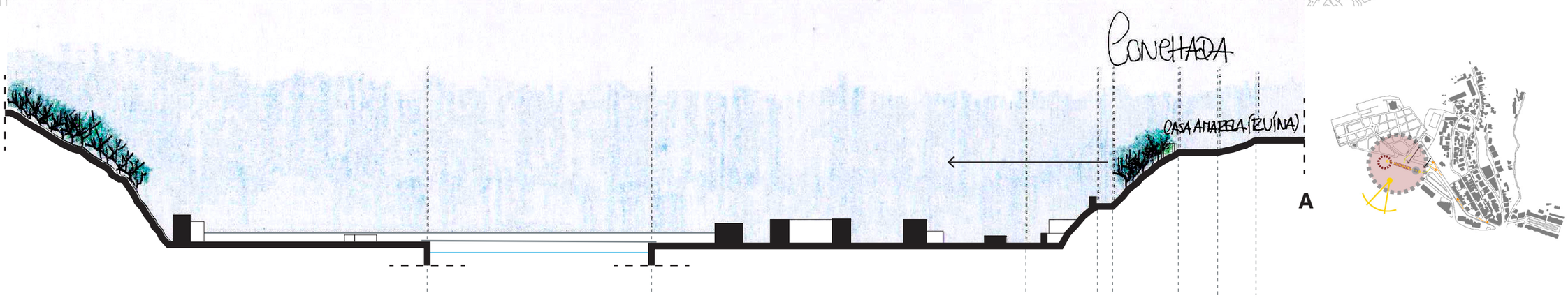


Fig.72 - Planta 1/1000 com identificação do lugar em estudo e perfil A

3.2. A RELAÇÃO COM O LUGAR

A primeira linha traçada surge a partir da estrutura em ruína de pedra, onde se irá alçar as paredes do novo edifício, na encosta da Conchada. Dois volumes circunscrevem o cenário da Quinta do Monte Florido, com impacto paisagístico que *"marcam a nossa imaginação e que fazem surgir a curiosidade pela realidade do objecto representado, então é a própria representação que se torna o objecto da cobiça"* [125].

Uma colina bastante íngreme (orientada a poente), redesenhada com a inserção do novo equipamento funerário, dominando o espaço envolvente e imponente à cidade, exprimindo a transformação do cenário do lugar (entre a vegetação e a ruína), através de plataformas criadas no terreno.

Neste mesmo sentido, os desenhos na folha ao lado (figura 72), mostram a relação, em perfil e planta, entre as colinas (Conchada e Santa Clara) e as margens do rio Mondego.

[125] ZUMTHOR, 2005, *"Pensar a Arquitectura"*, pág. 13

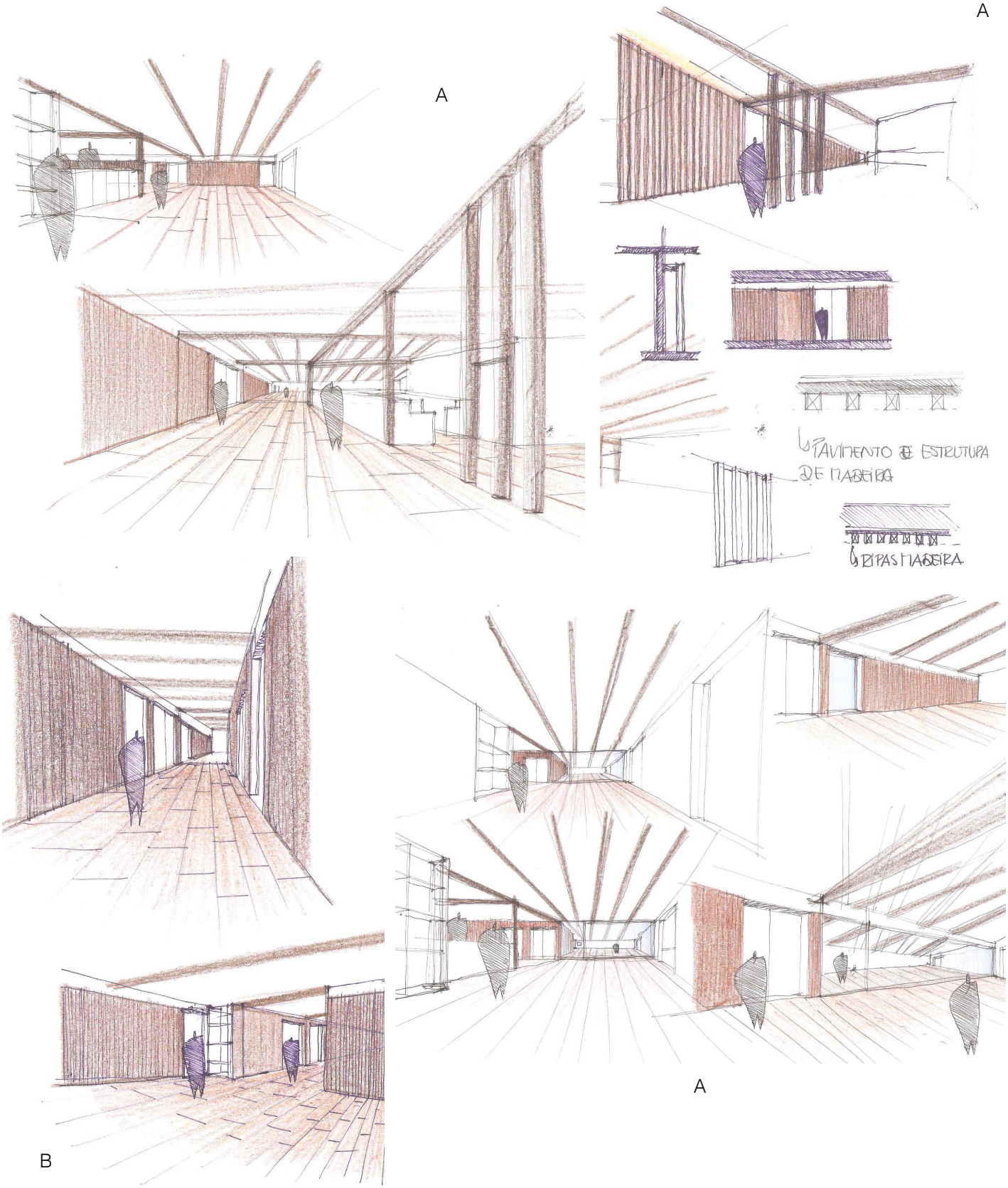


Fig.73 - Estudo de novas funções (cafetaria (A) e serviços administrativos (B)) na *'Casa Amarela'*

3.3. OPÇÕES DE PROJECTO

3.3.1. CASA AMARELA, UMA NOVA IDENTIDADE

> *"Desde o princípio do século em que vivemos que se tem falado bastante na << Casa Portuguesa>>. Que é isto a que se chama a casa portuguesa?"* [126].

O estudo prévio das áreas da antiga *'Casa Amarela'*, deu mais firmeza à proposta de intervenção na ruína da antiga habitação do século XIX, sendo como *"um anseio de recuperar a harmonia perdida da paisagem"* [127] . Um *'chalet'* - como Raul Lino menciona na sua obra - um chalé português, *"como sinónimo de pequena moradia isolada"* [128], inserido na antiga Quinta do Monte Florido. Poderemos então, considerar a 'Casa Amarela', como um chalé, com uma certa magia, que não perdeu, nem com os anos, nem mesmo com a deterioração do edifício.

Como referido no primeiro capítulo, a *'Casa Amarela'* é composta pelo piso da cave (cota 76), por primeiro piso (cota 79) e segundo piso (cota 84). Com a nova intervenção, a antiga habitação renasce como um espaço de cariz público, destinada a uma área de serviço de cafetaria e administrativos ligados ao Tanatório, mas que porventura irão apoiar a população e o sítio da Conchada.
À cota 73, no tabuleiro inferior deste antigo edifício (27), forma-se o espaço de arrumos, a oficina e de apoio à jardinagem.
O piso térreo à cota 76 divide-se em duas zonas, uma zona mais ampla e outra mais compartimentada. Ao acedermos a este piso, o espaço encontra-se organizado na zona de café (18), espaço este que permite a leitura das salas (de serviço de café (17)), na instalação sanitária mista (20), no acesso aos pisos administrativos, que se faz por uma plataforma hidráulica e por uma sala mais reservada (19).

[126] LINO, 1992 [1933], *"Casas Portuguesas"*, pág. 109

[127] LINO, 1992 [1933] op. cit., pág. 113

[128] LINO, 1992 [1933] op. cit., pág. 111



Fig.74 - Espaço de arquivo e de leitura no sótão da Casa da Escrita, projecto de João Mendes Ribeiro

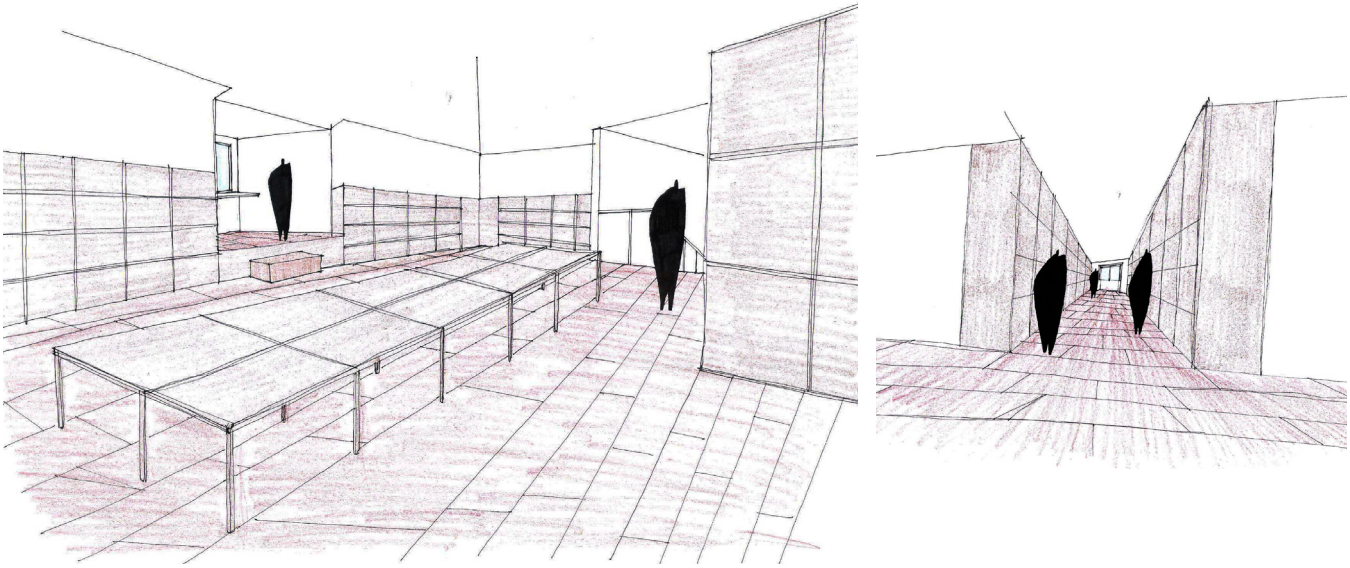


Fig.75 - Sala de trabalho e de arquivo (referência ao projecto da Casa da Escrita)

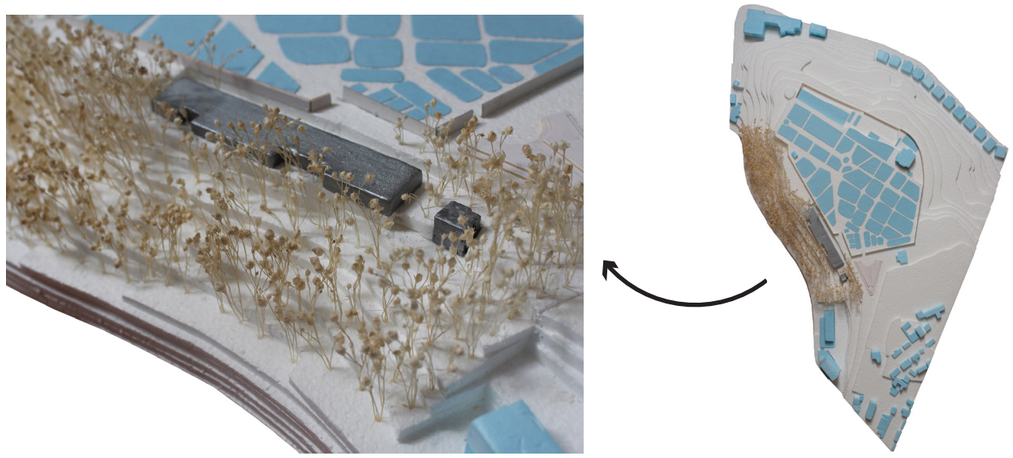


Fig.76 - Maquete 1/1000 - envolvente

No piso acima, o espaço é constituído pelos serviços administrativos do cemitério existente e do edifício novo tais como: a secretaria (23), dois escritórios em cada lateral (24), sala de reuniões (21), a instalação sanitária mista (20) e por um espaço de copa e de cacifos (22).

Por último, o sótão (de águas furtadas) acolhe o arquivo do tanatório e cemiteral (25), arrumos (26) e a sala de trabalho (25), uma área definida por três luzes, a nascente (a partir de uma mansarda), norte (claraboia) e poente (panorama sobre a cidade). Neste mesmo piso, incorpora um nicho de leitura, permitindo entradas da luz natural. Tadao Ando em *"Light, Shadow and Form"* refere que *"o cintilar da luz coincide com a aproximação da sua extinção: sobre esta fronteira entre luminosidade e obscuridade articulam-se e tomam forma"* [129], trazendo vida ao espaço.

Tomamos como referência as mansardas na Casa da Escrita, localizada em pleno centro histórico de Coimbra, do projecto de reabilitação de João Mendes Ribeiro, onde o espaço do sótão (figura 74) se completa com três mansardas fazendo-se acompanhar pelo arquivo existente.

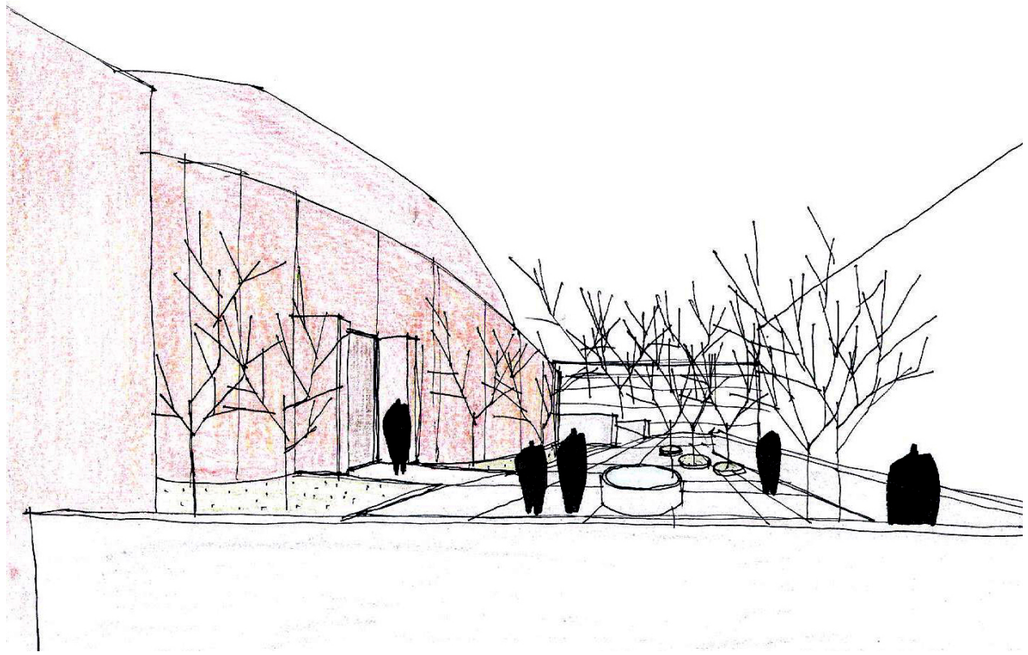
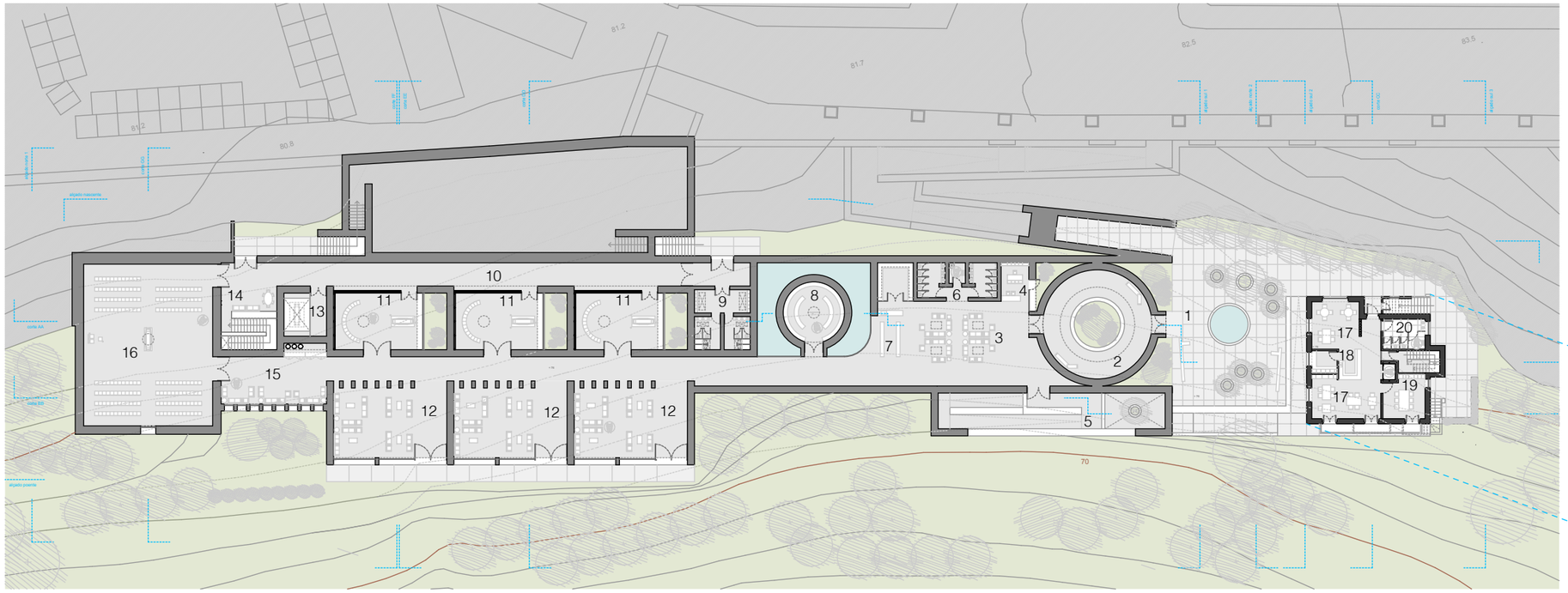
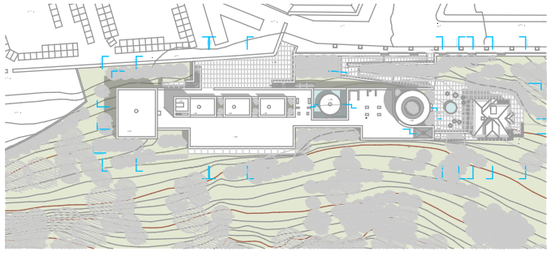


Fig.77 - Praça entre Tanatório e a *'Casa Amarela'*

[129] DAL CO, 2001, *"Tadao Ando, as obras, os textos, a critica"*, pág. 458



planta piso 0

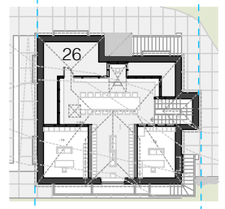


planta de cobertura



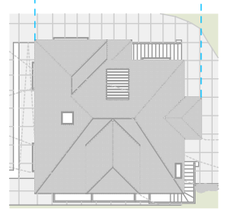
planta piso 1

20 - i.s. mistas
21 - sala de reuniões
22 - cacifos e copa de funcionários
23 - administração
24 - escritórios

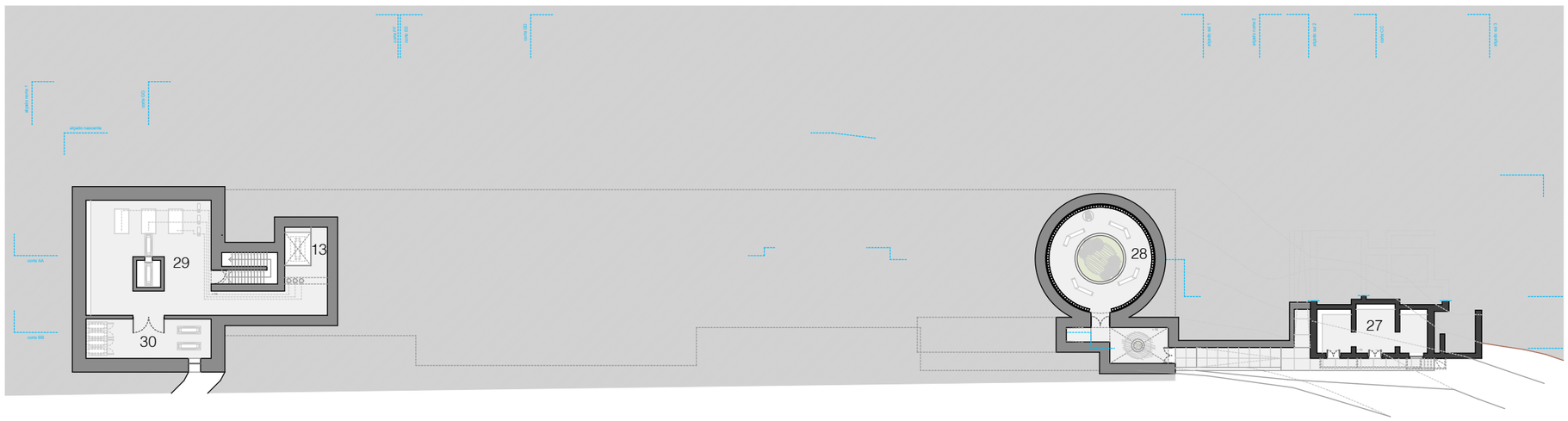


planta piso 2

25 - sala de trabalho e arquivos
26 - arrumos



planta de cobertura



planta piso -1

TANATÓRIO

1 - praça 2 - entrada 3 - foyer 4 - recepção 5 - galeria de acesso aos cendrários 6 - I.S. feminino/masculino e mobilidade reduzida 7 - florista 8 - oratório 9 - vestiários de funcionários 10 - galeria de funcionários 11 - sala de condolências 12 - sala de família 13 - acesso vertical - plataforma hidraúlica 14 - acesso piso técnico 15 - sala de espera 16 - sala de cerimónias 28 - cendrários 29 - sala do(s) forno(s) 30 - sala tanatopraxia

CASA AMARELA

17 - sala de serviço de cafetaria 18 - bar e despensa 19 - sala reservada 20 - I.S. mistas 27 - oficínas/arrumos

N

Fig.78 - Plantas 1/2000 e 1/500 (escala 1/200 em anexo)

3.3.2. UM EQUIPAMENTO

"Possuir a capacidade de atrair, de diversas formas, a emoção e o raciocínio (…) o edifício deve respeitar a memória." [130]

Este equipamento tanatológico é um lugar de celebração e de luto, área em que a comunidade dos vivos e a comunidade dos mortos se encontram num só espaço, integrado e adaptado à natureza do lugar escarpado. O procedimento de encastre, tornando-o num elemento de sacralidade do lugar e catalisador urbano, numa *"arquitectura construída* [que] *tem o seu lugar no mundo concreto. É ali que tem a sua presença. É ali que fala por si própria"* [131]. Os acessos ao edifício novo são praticados por sistema de rampas, que nos permite entrar no meio da natureza, ao encontro de um lugar sagrado e poético entre o verde que ali preside. Após os dois lances de acesso ao edifício, forma-se uma praça (1) que envolve a estrutura da *'Casa Amarela'* e o Tanatório, duas arquitecturas de épocas diferentes. Cria assim, uma plataforma com a vantagem de usufruir do enquadramento paisagístico envolvente, como um miradouro para a restante cidade, conseguindo-se ainda um espaço de ponto de encontro, desenvolvido perante um plano de água de forma circular, para que este permitisse a atmosfera refletida no mesmo, *"onde tudo é possível"* [132].

Os espaços funerários, onde habitualmente homenageamos um familiar ou um amigo, são edifícios antiquados e por norma encontramos um espaço completamente escuro, madeiras, vitrais, tornando-os espaços sombrios. Ao projectar um novo espaço, pensou-se na importância de fugir à regra, transformando-os em lugares mais acolhedores de forma a 'esbater' as situações de perda. Não só os espaços em si, mas também a duração do percurso até ao edifício é algo que tende a permanecer igualmente na memória. Durante a fase de projecto, todas as peças se foram completando, assim um novo edifício para a colina da Quinta do Monte Florido surgiu de uma forma particular.

[130] ZUMTHOR, 2005, *"Pensar a Arquitectura"*, pág. 17

[131] ZUMTHOR, 2005, *"Pensar a Arquitectura"*, pág. 12

[132] ZUMTHOR, 2005, *"Pensar a Arquitectura"*, pág. 14

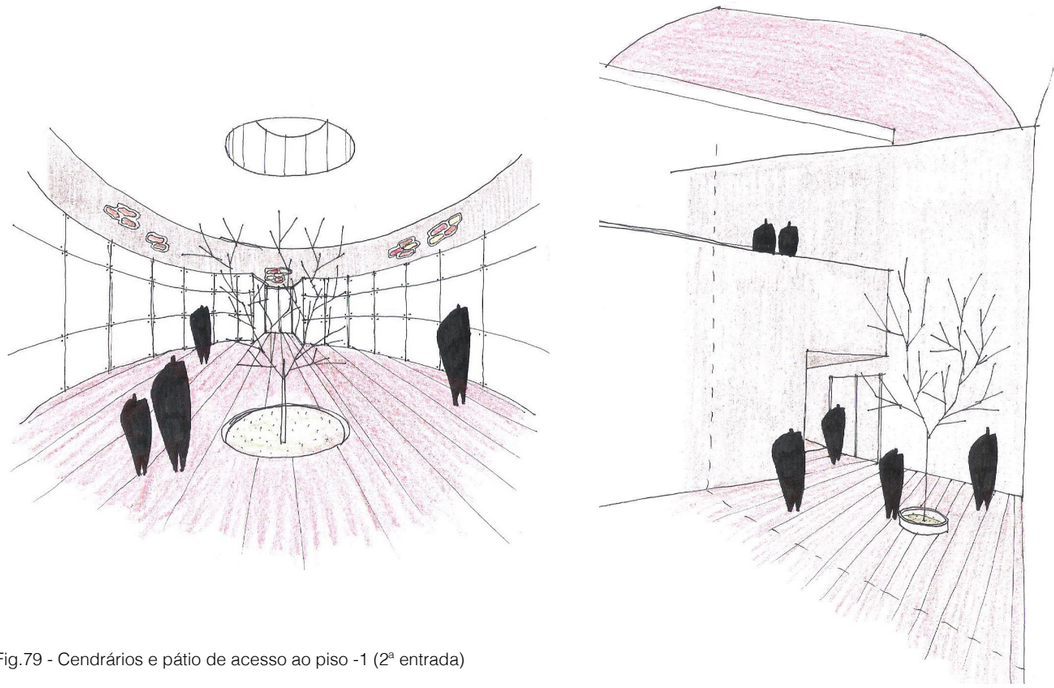
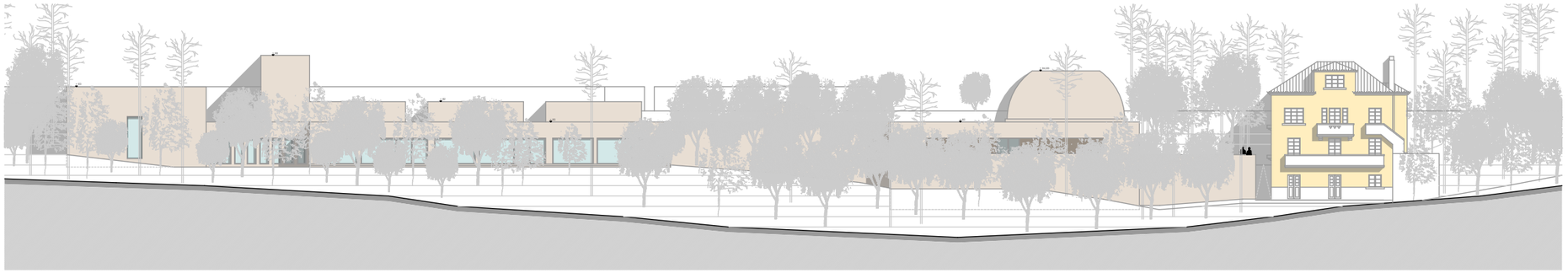
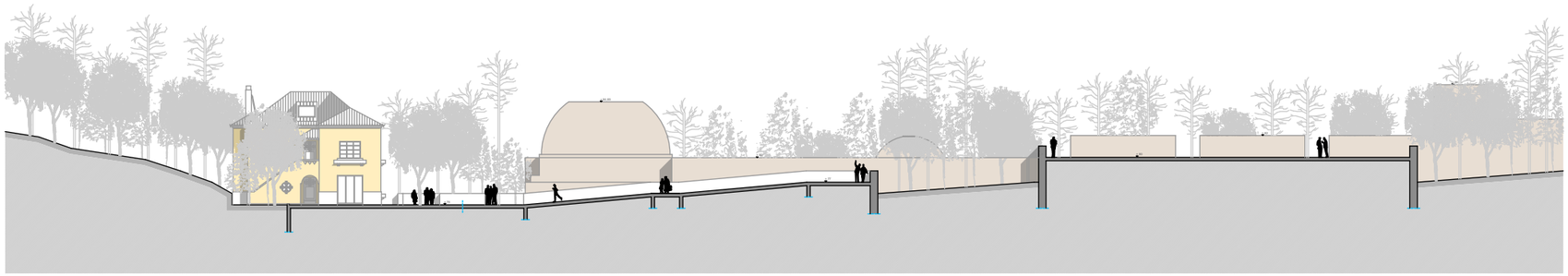


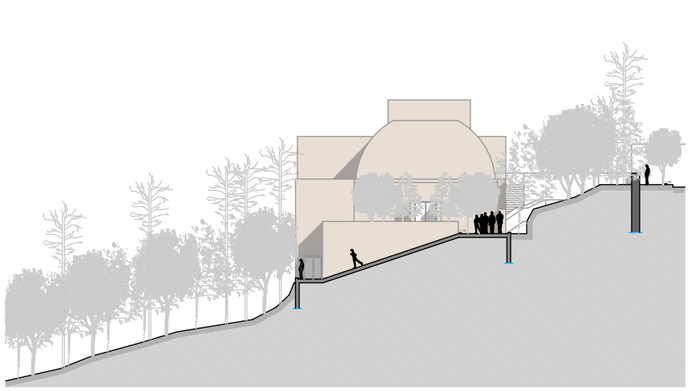
Fig.79 - Cendrários e pátio de acesso ao piso -1 (2ª entrada)



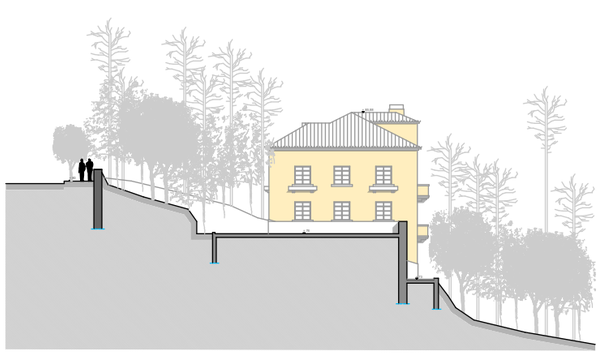
alçado poente



alçado nascente



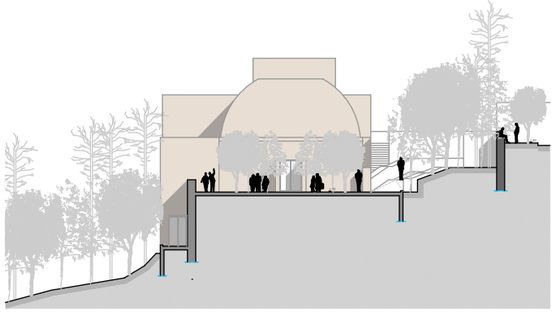
alçado sul 2



alçado norte 2



alçado sul 3



alçado sul 1



alçado norte 1

Fig.80 - Alçados/perfís 1/500 (escala 1/200 em anexo)

Dentro do edifício principal, no piso 0 (à cota 76), confrontamo-nos com um espaço circular de semi céu aberto (2), uma abóbada com 9,10 de altura, onde *"a abertura superior significa (...) a direcção ascensional para o Céu, o desejo de transcendência"* [133], um marco que cria uma atmosfera emocional, permitindo grandes entradas de luz até ao piso do tabuleiro inferior, onde se localizam os cendrários (28). Estes relacionam-se com o meio natural da escarpa, permitindo a cada pessoa percorrer o seu caminho até à entrada, de forma agradável. Com o atravessar da porta de entrada, descobrimos um espaço desenhado por um foyer (3), área social que dá origem a outras atmosferas do programa como a recepção (integrando a zona de entrega das cinzas (4)), florista (7), instalações sanitárias (6) e a galeria que permite o acesso aos cendrários (5).

A galeria atrás descrita, resulta no acesso preferencialmente reservado, um espaço de cariz resguardado e reservado, ligando este ao piso inferior por rampa (à cota 72), piso este que tem a mesma leitura circular da entrada do equipamento funerário (28), caracterizado por uma das formas de homenagear os mortos, sendo um *"testemunho material de que se passou por cá"*[134], os cendrários. Estes são de uso comum, estando divididos por pequenos compartimentos idênticos aos ossários, presentes nos cemitérios. Estes espaços têm como finalidade principal constituir-se como um local onde os familiares dos falecidos onde estes possam preservar as cinzas, sempre que essa seja a vontade manifestada, ao invés de as guardar num cemitério. Este recinto corresponde a um duplo pé direito, aberto para a entrada principal, como um oráculo comparado à *"forma que os deuses deram ao céu estrelado e às órbitas em que giram os mundos; o outro é um seu reflexo aproximado, como todas as obras humanas"* [135], possibilitando grandes entradas de luz como *"um lado artesanal nesta tarefa de criar atmosferas arquitectónicas"* [136]. Existe também outro acesso pelo exterior, para quem não queira entrar pela porta principal, e este acede-se pela plataforma (à cota 76), por rampas e por um pátio interior.

[133] ELIADE, 1999, *"Sagrado e Profano: a Essência das Religiões"*, pág. 189

[134] MENDES, 2018, *"Viver da Morte"*, pág. 89

[135] CALVINO, 1972, *"As Cidades Invisíveis"*, pág. 110

[136] ZUMTHOR, 2006, *"Atmosferas: Entornos Arquitectónicos, as coisas que me rodeiam"*, pág. 21

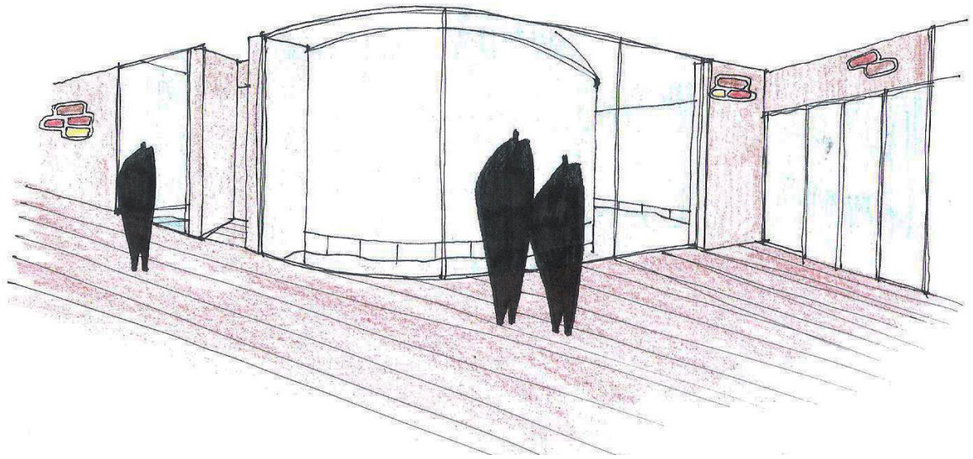
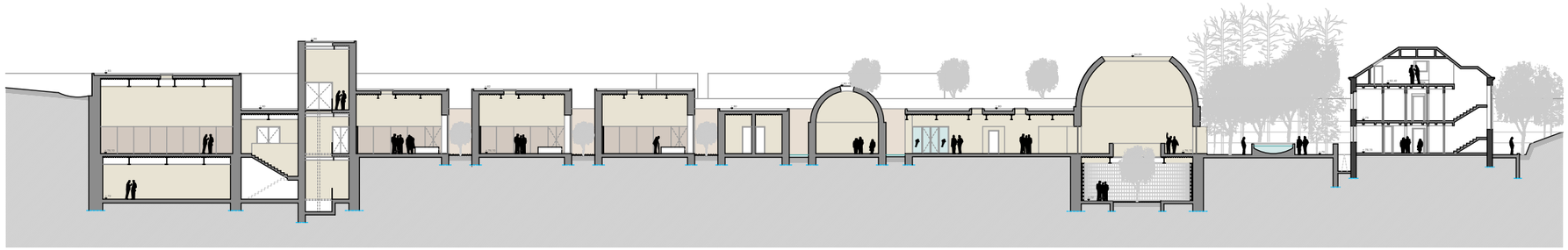
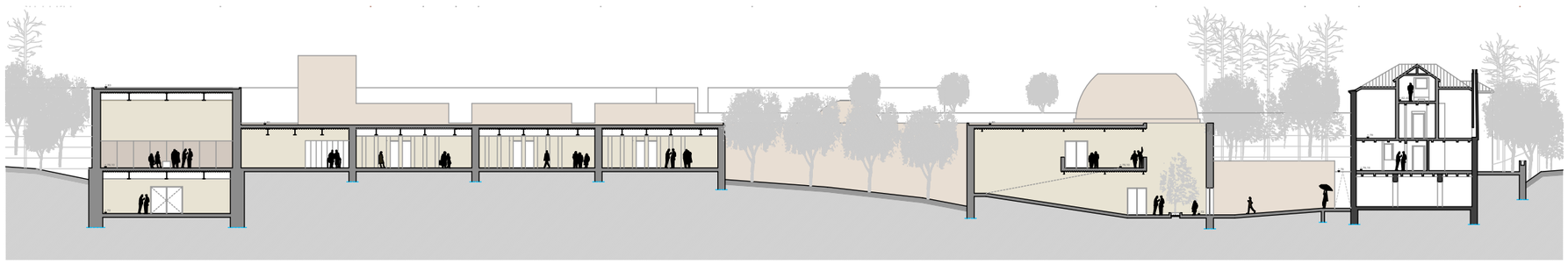


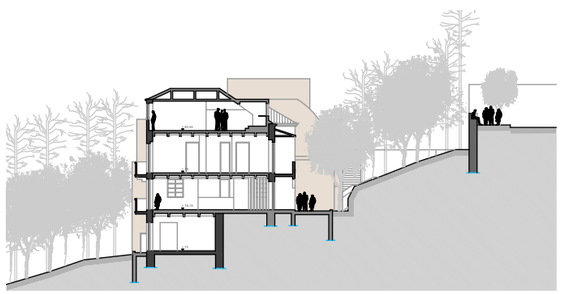
Fig.81 - Oratório exterior e interior (sobre água)



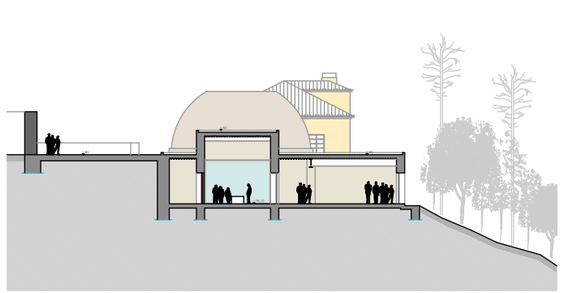
corte AA



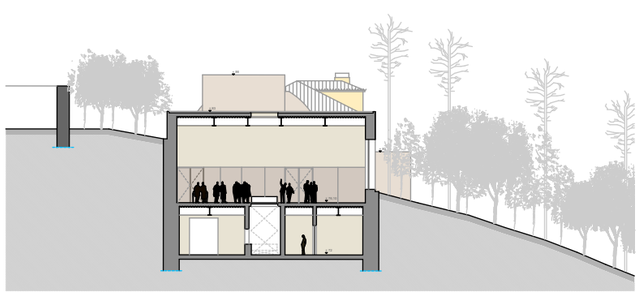
corte BB



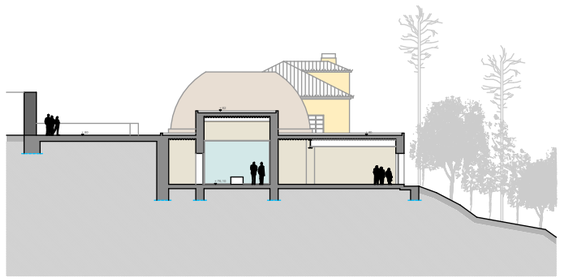
corte CC



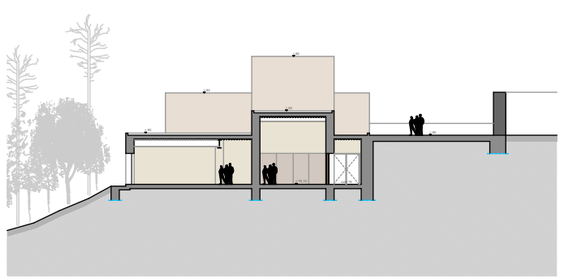
corte DD



corte GG



corte EE



corte FF

Fig.82 - Cortes/perfís 1/500 (escala 1/200 em anexo)

O único percurso que nos leva aos espaços reservados permite a distinção de áreas a partir de um espaço 'sobre água', onde *"a água tem o estranho poder de estimular a fantasia e revelar as possibilidades da vida; é uma matéria monocromática, aparentemente colorida mas na realidade desprovida de cor; um mundo monocromático, mas onde se podem perceber infinitos reflexos de cor"* [137], um espelho dentro do edifício, unindo outras áreas, através do oratório, onde existe uma relação que marca o pano de água com o espírito humano. Um compartimento de refúgio, um espaço de orações (8) para todos os visitantes, *"porque o Céu revela, pelo seu próprio modo de ser, a transcendência, a força, a eternidade. Ele existe de uma maneira absoluta, porque é elevado, infinito e eterno"* [138], onde a luz corta a abóbada e molda o espaço, como uma 'joia' no escuro.

A galeria de natureza reservada marca *"um percurso idêntico ao que vai da vida à morte"* [139], com a designação de 'caminho da vida' - trajecto da vida até à sua conclusão com (…) *"a intenção de construir um percurso ou passeio simbólico em direcção à morte"* [140], neste *"corredor de condução"* [141] que liga aos principais espaços funerários deste edifício, como as salas de condolências, salas de família, sala de cerimónias, sala de espera e as respectivas áreas técnicas, instaladas no piso inferior à cota 72.

As salas de condolências (11) estão localizadas na zona mais a norte do edifício, volumetricamente num único corpo composto por três capelas com 6,35 de altura. Estas são acedidas também por uma segunda galeria, reservada a funcionários (10) que serve igualmente os vestiários (9). As mesmas foram projectadas de modo a permitir três serviços fúnebres em simultâneo. Foram pensadas de modo a relacionar com o exterior e a natureza envolvente a partir de um pátio, orientado a sudoeste, onde a luz *"é no espaço, o que os sons são no tempo: expressão perfeita na vida"* [142] [que] (…) *"explica um estado de alma"* [143], permitindo entradas de luz distintas.

[137] DAL CO, 2001, *"Tadao Ando, as obras, os textos, a crítica"*, pág. 462

[138] ELIADE, 1999, *"Sagrado e Profano: a Essência das Religiões"*, pág. 129

[139] SEIXAS, 2016, *"Melancolia e Arquitectura em Aldo Rossi"*, pág. 205

[140] SEIXAS, 2016, op. cit., pág. 207

[141] ZUMTHOR, 2006, *"Atmosferas: Entornos Arquitectónicos, as coisas que me rodeiam"*, pág. 43

[142] RIBEIRO, 1998, *"Fragmentos de uma Prática de Dramaturgia do Espaço"*, DARQ-FCTUC (Tese de Mestrado) pág. 44

[143] RIBEIRO, 1998, op.cit., pág. 46

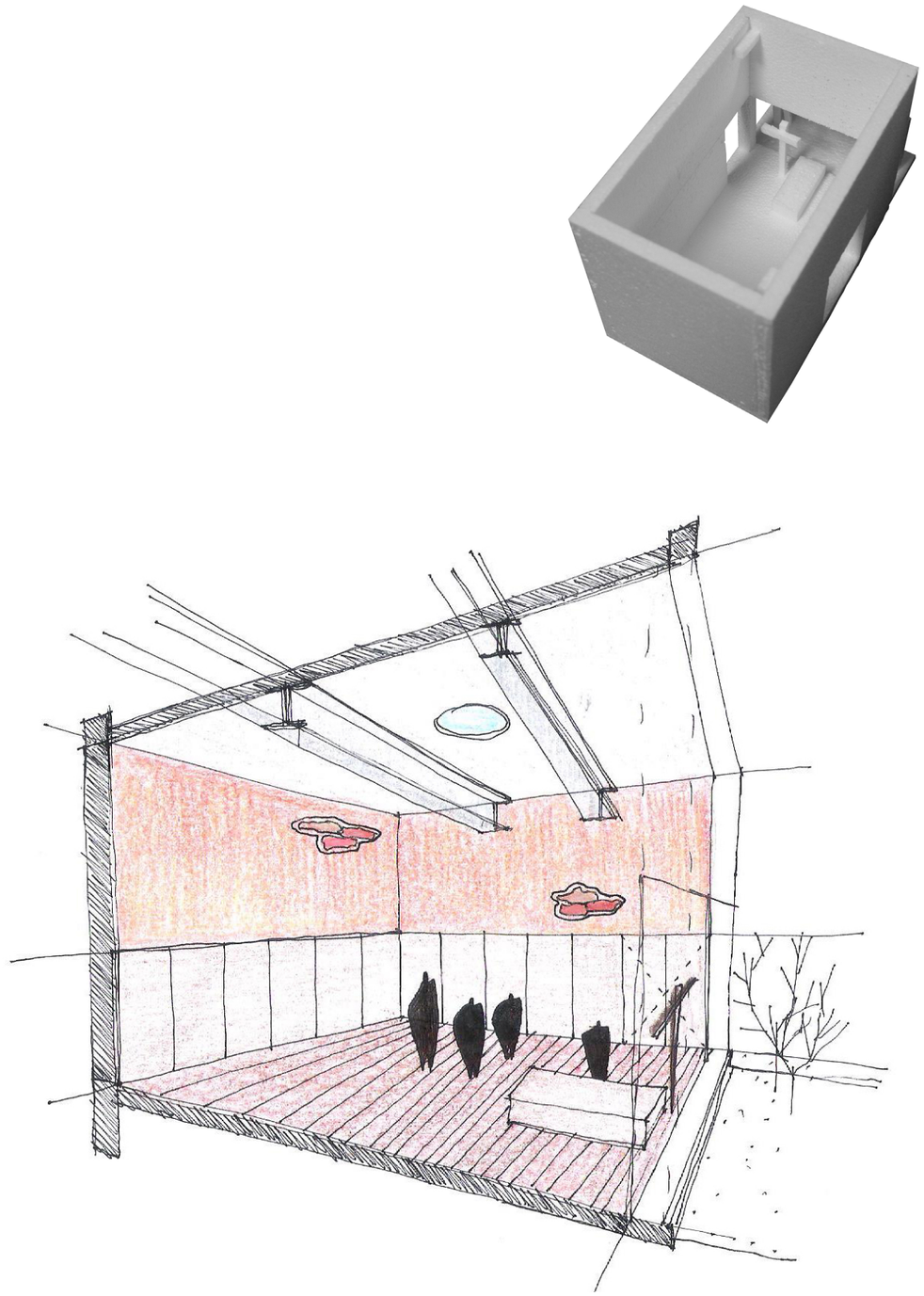
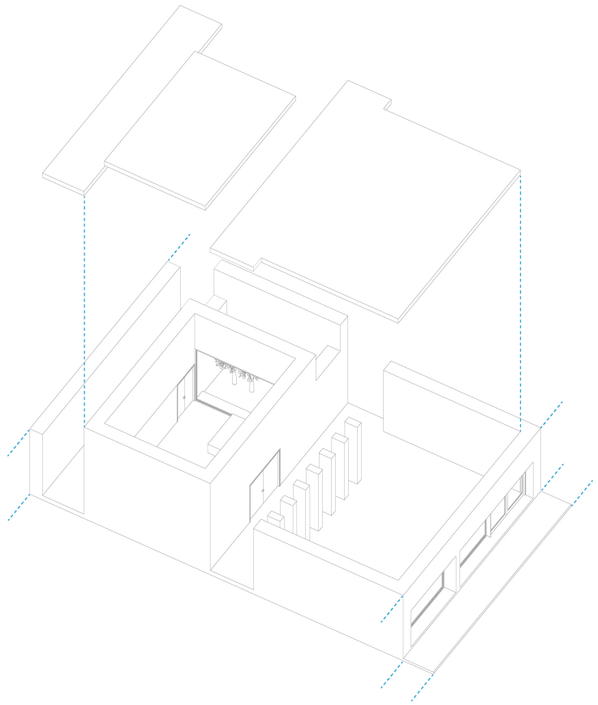


Fig.83 - Sala de condolências, maquete 1/50 e esquisso



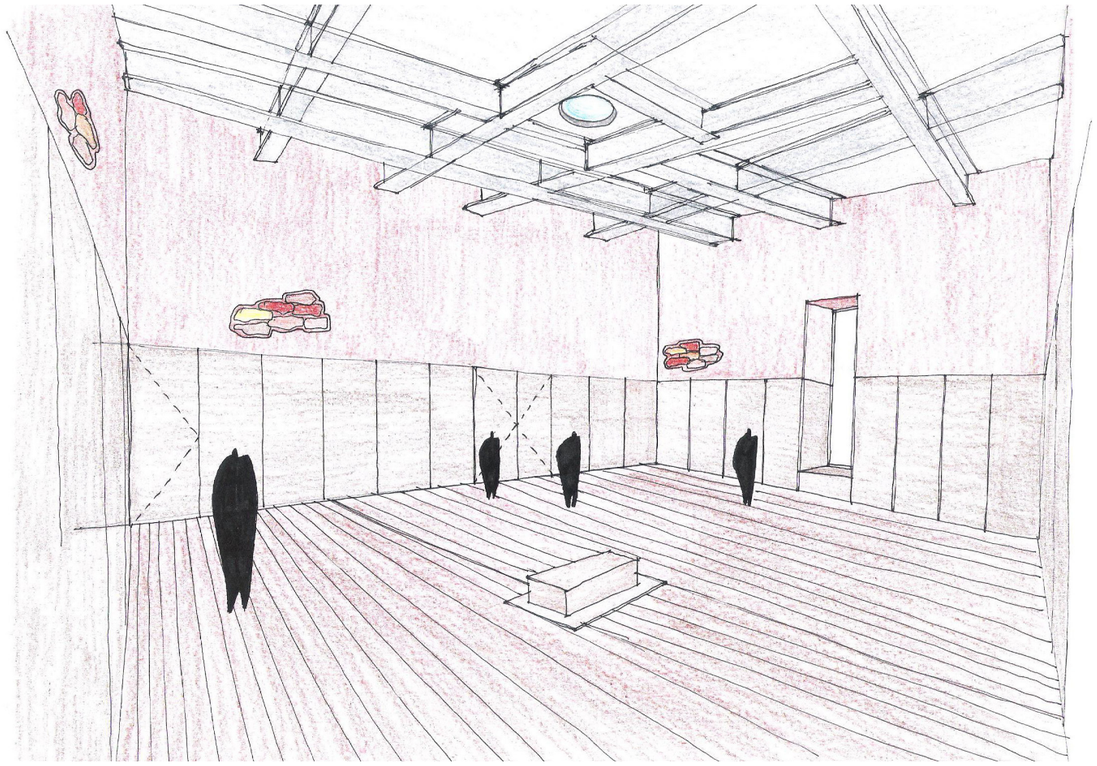


Fig.84 e 85 - Axonometria da sala de condolências e sala de família e sala de cerimónias

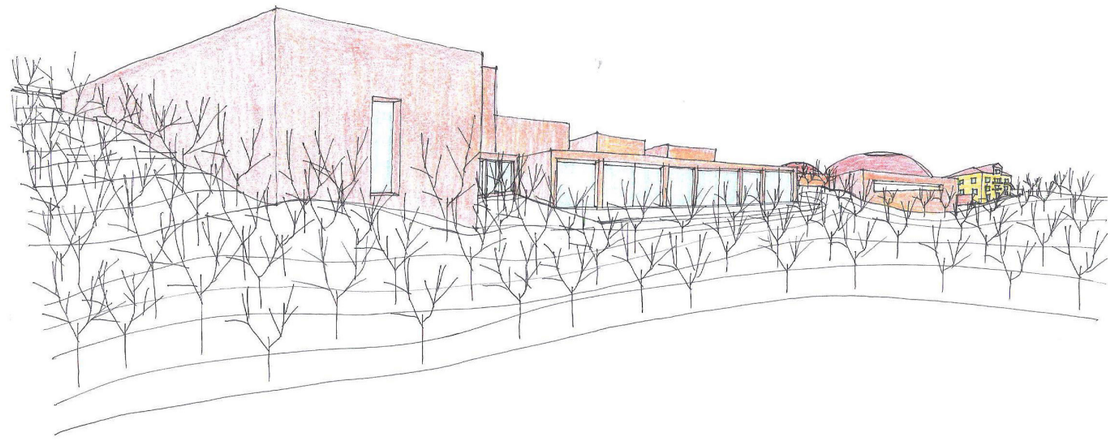


Fig.86 - Tanatório entre a natureza da escarpa, uma máquina na paisagem virada à cidade e poente

> *"A porta que se abre para o seu interior, significa de facto uma solução de continuidade.*
> *O limiar que separa os dois espaços indica ao mesmo tempo a distância entre os dois modos de ser, profano e religioso. O limiar é ao mesmo tempo o limite (…) que distinguem e opõem dois mundos - e o lugar paradoxal onde estes dois mundos comunicam entre si, onde se pode efectuar a passagem do mundo profano para o mundo sagrado, dentro de cada volume das capelas, o limiar e a porta, mostram de uma maneira imediata e concreta a solução de continuidade do espaço"* [144].

Para além das salas de condolências, projectou-se um espaço amplo com 3,62 de pé direito, em concordância com a galeria de acessos, que de certa forma permite privacidade para os familiares e amigos do defunto (12). Estes poderão permanecer 'fora do ambiente fúnebre', movimentando-se dentro do edifício, devido à sua arquitectura, de modo a *"vaguear livre"* [145], por um espaço virado a poente sobre o declive da encosta, aberto à cidade, relacionando-se com o pulmão verde envolvente. A galeria dá por fim acesso às salas de espera (15) e de cerimónias.

> *"A morte de uma pessoa só é reconhecida como válida depois da realização das cerimónias fúnebres, ou quando a alma do defunto foi ritualmente conduzida à sua nova morada, no outro mundo, e lá em baixo, foi aceite pela comunidade dos mortos"* [146].

Como todos os outros vãos virados a poente, a sala de cerimónias ou sala de despedida (16), distingue-se na paisagem da cidade de outra forma, afirmando-se como um quadro (1,44 por 4,10) numa parede de 6,90 metros de pé direito, revelando o cenário exterior. O trajecto da urna, *"o caminho e marcha são susceptíveis de ser transfigurados em valores religiosos, "porque todo o caminho pode simbolizar <o caminho da vida> e toda a marcha uma <peregrinação>, uma peregrinação para o Centro do Mundo"* [147], fazendo-se apenas pela galeria dos funcionários e finalizando-se no centro da sala, perante os olhares do público, em que *"o homem religioso se esforçou sempre por se estabelecer no <Centro do Mundo>* (…) *a descoberta ou a projecção de um ponto fixo - o <centro> - equivale à criação do Mundo"* [148], na sala de cerimónias. Deste modo, uma claraboia no *"espaço do altar torna-se num espaço sagrado"* [149]. O espaço possui uma plataforma hidráulica que após a cerimónia e o 'último adeus' realizado, desce ao piso inferior por um elevador até à área técnica, onde se localiza o forno de cremação, composto por um *"instrumento de entrada de urnas, pulverizador e por um compartimento de tratamento das cinzas"* [150].

No piso inferior encontra-se, como referido atrás, a área técnica, formada por duas salas: a dos fornos e de apoio à cremação (29) e a das câmaras de refrigeração, que tem como objectivo fazer face ao fluxo de maior procura destes serviços, em que os corpos poderão 'aguardar pela sua vez', estando esta, integrada na sala de tanatopraxia (30). Em *"Viver da Morte"*, a autora faz referência à tanatopraxia: *"consiste na inibição temporária do surgimento de fenómenos de decomposição, conferindo um aspecto mais <natural> ao cadáver durante a cerimónia fúnebre"* [151].

O acesso a este piso é feito de duas maneiras: o primeiro acesso é feito por uma escada, que arranca do piso térreo a partir do corredor de funcionários e o segundo por uma plataforma hidráulica (mais técnica (13)), formada por um elemento vertical de 10,78 metros de altura (marcada na paisagem) permitindo a transição de equipamentos de auxílio à cremação e de transporte de urnas para os seus respectivos lugares.

[144] ELIADE, 1999, *"Sagrado e Profano: a Essência das Religiões"*, pág. 39

[145] ELIADE, 1999, op. cit., pág. 193

[146] ELIADE, 1999, op. cit., pág. 193

[147] ELIADE, 1999, op. cit., pág. 36

[148] ELIADE, 1999, *"Sagrado e Profano: a Essência das Religiões"*, pág. 36

[149] ELIADE, 1999, op. cit., pág. 44

[150] Memória descritiva do projecto Tanatório de Matosinhos, Arquitecta Luísa Valente

[151] MENDES, 2018, *"Viver da Morte"*, pág. 67

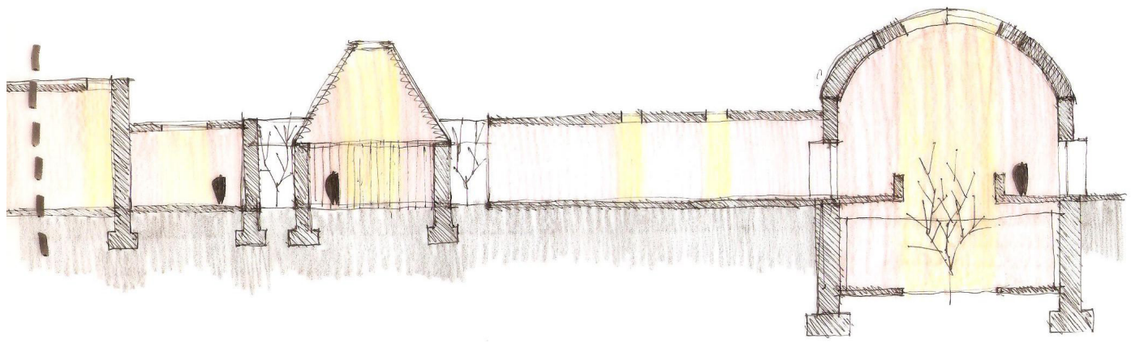


Fig.87 - Esquema do estudo da luz na entrada e zona pública

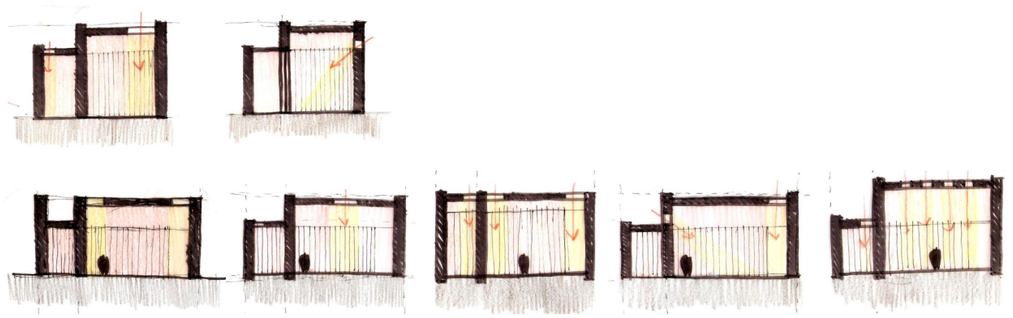


Fig.88 - Esquema do estudo da luz na sala de condolência

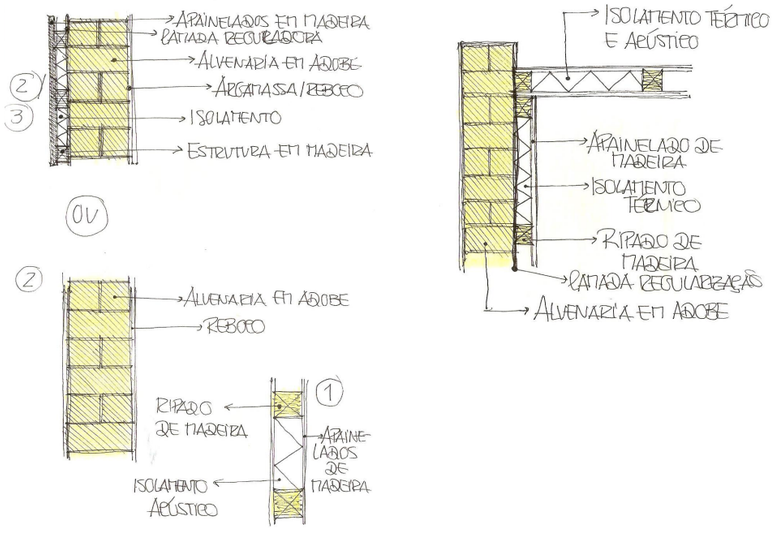


Fig.89 - Esquema dos materiais, na sala de condolências

3.4. MATERIALIDADE

A escolha do material faz parte dos pressupostos iniciais, como já referido. As opções de projecto terão como base o segundo capítulo, em que se descreve o processo para a produção do bloco de adobe em alvenarias e do seu acabamento. Umas das questões levantadas foi como é que conseguimos empregar um material ancestral para uma construção dos dias de hoje.

A nível da materialidade, o sistema construtivo (bloco de adobe), em alguns momentos, apresenta-se por um conjunto de blocos visíveis. Estes surgem pela vontade de dar força e continuidade ao mesmo, trazendo o material de construção à 'superfície' da parede, onde poderão apresentar diversas tonalidades, criando assim ambiências diferentes entre os espaços projectados. Ao contrário das alvenarias no interior, a camada exterior do edifício comporta-se de forma diferente, isto é, o reboco de terra utilizado no interior não pode ser aplicado no exterior, pois no exterior terá de ser aplicado um reboco com bastante cal, a fim de os tornar mais consistentes, duradouros e resistentes aos elementos naturais (precipitação, temperatura, etc).

O adobe, reboco, madeira e o tijolo maciço estão sempre presentes em todas as áreas do edifício, onde existe uma continuidade de umas para as outras, acompanhadas por dois factores que delimitam os espaços funerários - cor e luz natural (figuras 87 à 89, nos desenhos ao lado).

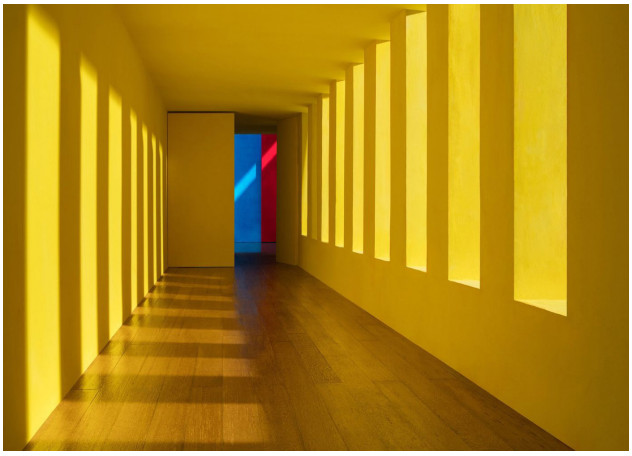


Fig.90 - As cores de Luís Barragan

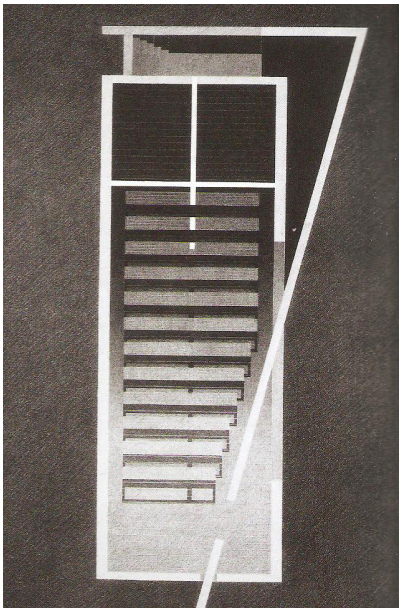


Fig.91 - Igreja da Luz, Tadao Ando

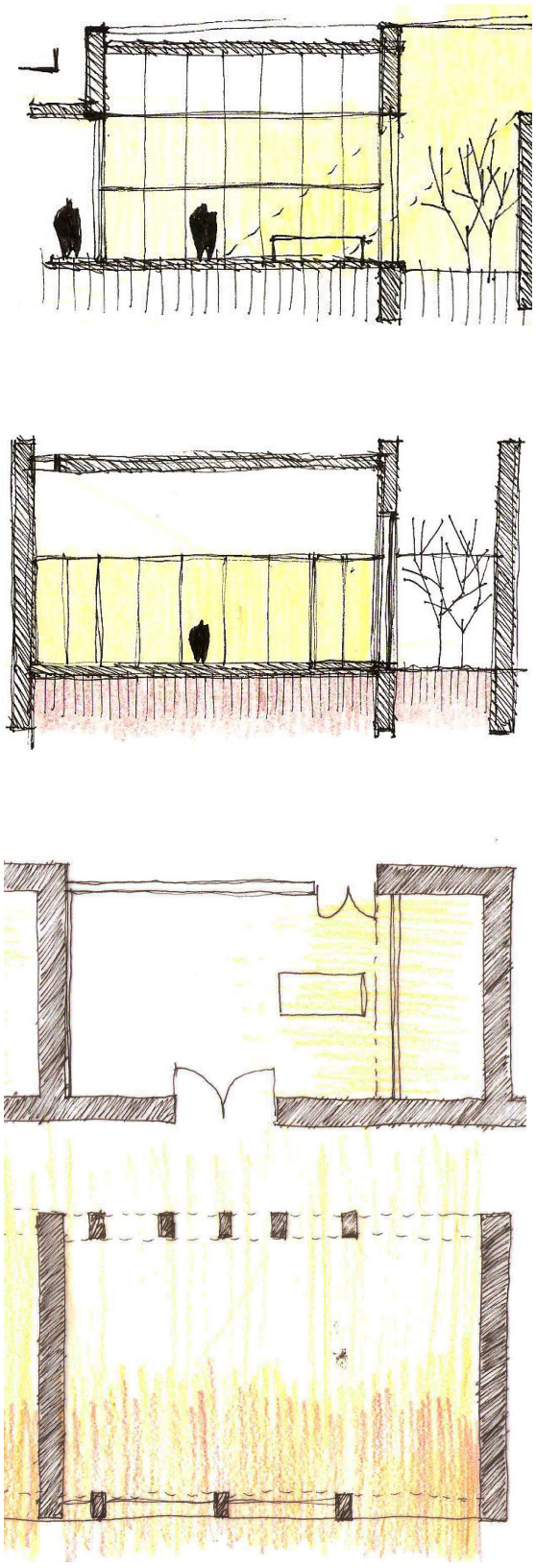


Fig.92 - Esquema da luz em planta e cortes da proposta da sala de condolências

3.4.1. LUZ SOBRE A COR

A cor e a luz, são factores que transmitem 'vida' aos seres vivos, factores estes que influenciam o percurso de um ser vivo. A cor e a luz complementam-se similarmente no papel da arquitectura. No projecto do Tanatório, também foram factores determinantes, na criação de espaços funerários, concebendo ambiências totalmente distintas entre as áreas projectadas, como por exemplo nas salas de condolências e de cerimónias, onde a cor comunica com a luz (modela o espaço) num cenário de perda, em que o ambiente se torna mais 'leve'.

Abordaremos seguidamente o modo como a luz e a cor interagem entre si.
Os factores da luz e cor na sala de condolências foi o mais trabalhado, espaço este com maior tempo de utilização. A sala foi projectada para colocação da urna no centro, junto ao grande vão e por um conjunto de assentos, que forma um espaço amplo de 8 por 5,50 metros e de 5,50 de altura.

A luz, na arquitectura de Tadao Ando, *"é um factor determinante para a definição do espaço"* [152] e para estes espaços. A luz é um elemento fundamental, que configura e molda o espaço, desta forma podemos observar (na figura 88 e 92) o estudo da luz, efectuados ao longo da fase de projecto.

O conjunto de três salas, inserem-se no centro do edifício, orientadas a sul, onde as entradas de luz variam constantemente, através de uma claraboia, de forma circular e pelo pátio.
Neste caso em especial, a luz é um elemento importante para o ser

[152] DAL CO, 2001, *"Tadao Ando, as obras, os textos, a crítica"*, pág. 444

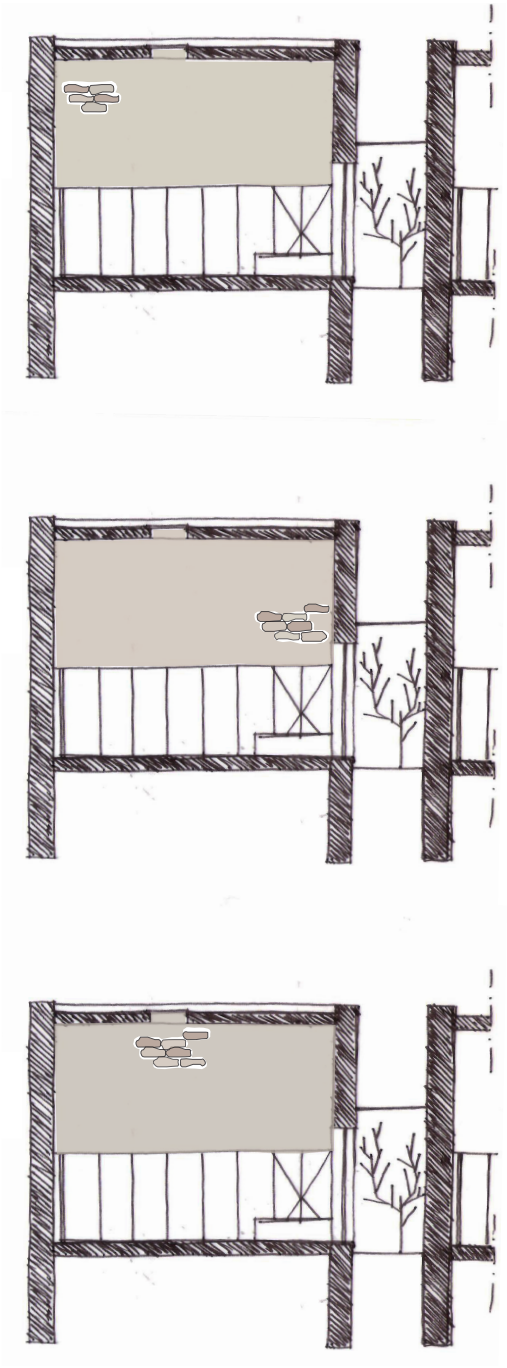


Fig.93 - Esquema das cores e composição dos blocos de adobe aparente na sala de condolências

humano, como factor estimulante e sensorial, onde *"(...) o papel da luz natural, que pode transmitir-nos, em qualquer parte do ambiente construído e de imediato, informações acerca do lugar e do tempo (...)* [pretendemos] *guiar a luz para o interior das arquitecturas, para dar,* [d]*essa maneira, profundidade ao espaço e tornar os ambientes estimulantes (...)"* [153].

Para estas salas, a cor também foi outro elemento que esteve presente em simultâneo com a luz, sendo que a cor será determinante com a presença da luz.

As alvenarias portantes do edifício e destes espaços são rebocadas com materiais selecionados, semelhantes entre si, tendo sido as três cores ensaiadas em laboratório (como podemos observar as mesmas no desenho ao lado, figura 93) e em certos momentos, o bloco de adobe revela-se nalguns pontos do espaço.

[153] DAL CO, 2001, *"Tadao Ando, as obras, os textos, a crítica"*, pág. 471

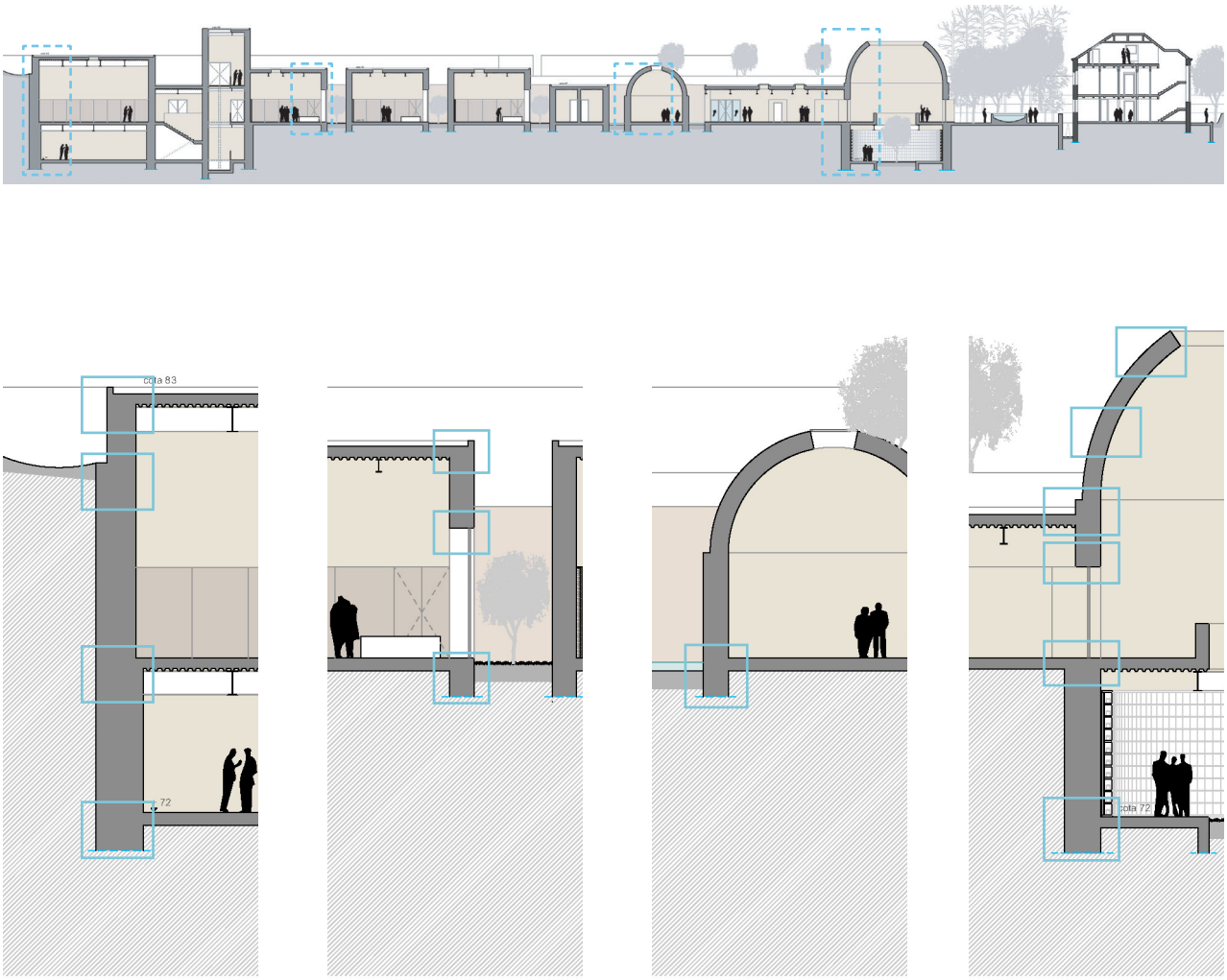


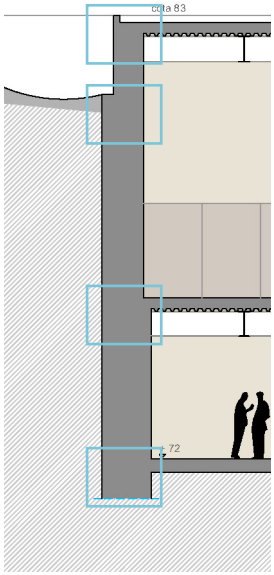
Fig.94 - Corte 1/500 e 1/200 com a identificação dos cortes construtivos

3.5. SOLUÇÕES CONSTRUTIVAS

Nunca havia surgiu a oportunidade de criar um projecto desta natureza e neste sistema construtivo, assim existe o interesse de aplicar este material (tijolo de adobe) neste trabalho. Numa construção contemporânea há um desconhecimento de como utilizar a terra e uma vontade de a aplicar, onde a alvenaria de adobe complementar-se-á com o betão.

Ao mesmo tempo que o método construtivo e a sua materialidade iam surgindo, a força do projecto ia tomando forma. O sistema construtivo surge nas várias soluções que integram o desenho do edifício. De um modo geral, as vigas metálicas descarregam nas alvenarias portantes de adobe. A utilização do adobe, neste projecto, não é como numa construção tradicional, o bloco não respeita as medidas convencionais (descrito no capítulo II), pelo motivo das paredes serem mais espessas do que é habitual. A construção em adobe levanta diversas dúvidas, isto é, foi-se questionando como se conseguia ter estruturas executadas em adobe com uma imagem contemporânea, sendo que neste projecto não se teve a intenção de reproduzir uma arquitectura de uma determinada zona.

Encontrámos alguns problemas e que durante a fase de projecto fomos descobrindo algumas respostas, às mais importantes e representativas do projecto. No edifício principal: sala de cerimónias, da sala de condolências e de algumas exceções, como a abóbada presente na entrada e do espelho de água que evidência o oratório, estando estas assinaladas na figura 94, na folha ao lado. As propostas dos detalhes construtivos que se apresentam são uma síntese dos sistemas propostos para o edifício, usando a mesma forma de construir. Antes de partir para os desenhos de detalhe, teve-se a preocupação de fazer o pré-dimensionamento



Escala 1/50

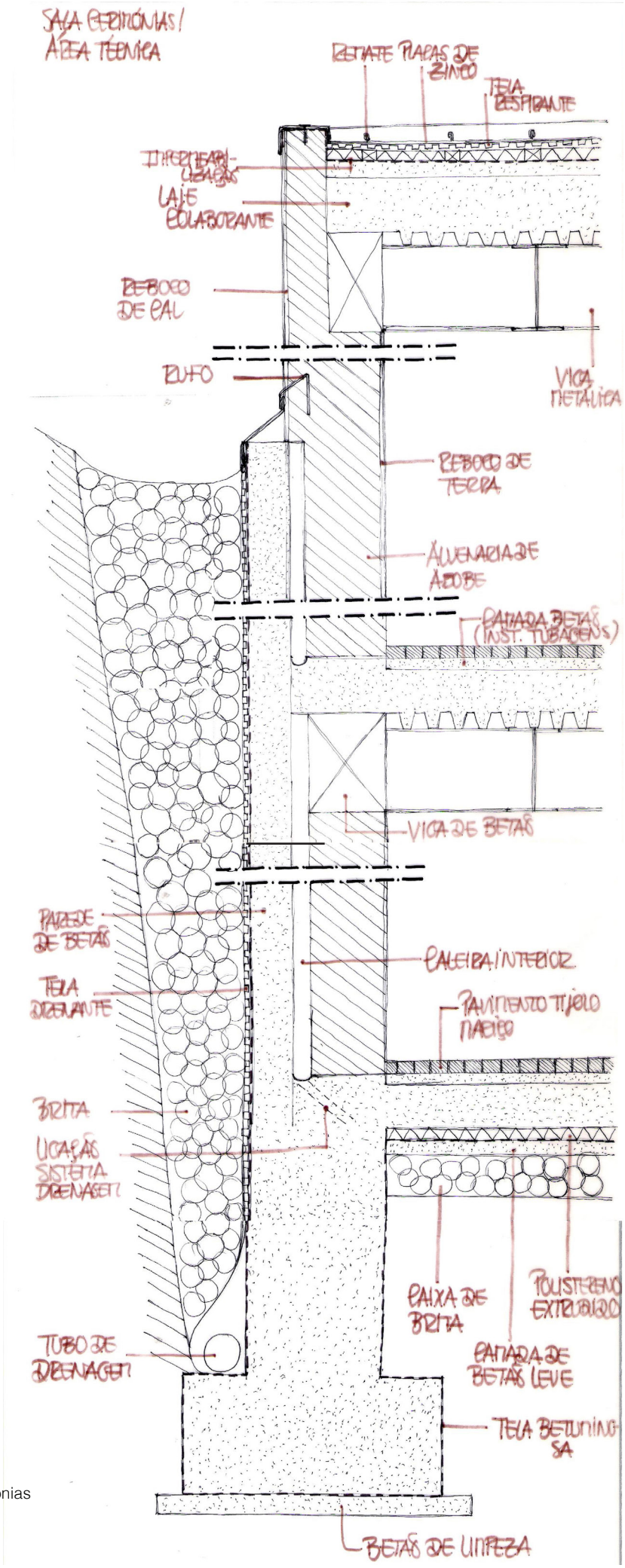


Fig.95 - Secção pela sala de cerimónias

dos elementos que compõem a estrutura do edifício.

Nos desenhos que acompanham este texto podemos observar que:
A nordeste da encosta da Conchada, o último volume é ocupado pela sala de cerimónias e pela área técnica. A situação poderia ser resolvida construtivamente da seguinte forma: o sistema construtivo da alvenaria em adobe com 0,67 cm, é auxiliada por uma segunda parede de betão com 0,30 cm de espessura, para o embasamento deste volume (embutido), até ao nível de corte do terreno no desenho. Estando esta parede de betão em contacto com o terreno, existiu a preocupação de colocar uma tela drenante até à fundação, dreno e na impermeabilização na camada seguinte. Estes elementos são coroados por um rufo aparente, constituído por duas chapas, onde são perfuradas na parede de adobe (na diagonal), para impedir infiltrações, e finalizando, por uma camada de reboco de cal, conforme se pode comprovar no corte construtivo, na figura 95.
Podemos ainda referir, que não temos um saber instituído de como utilizar o adobe com o betão, nesta solução, tendo a parede rebocada de ambos os lados, pode porventura aparecer um fluxo de vapor e saída do mesmo, e neste caso o betão é um material mais permeável ao vapor de água, assim temos uma interface que vai ter mais resistência à passagem de água e que casualmente poderá haver mais condensações no meio, desta forma empregou-se um sistema de uma caleira no interior da parede com tubos de atravessamento nas lajes até ao sistema de drenagem (no solo).
A estrutura do edifício é mista: uma cinta de vigas de betão embutidas nas alvenarias de adobe e por uma grelha de vigas metálicas aparente no espaço. Na cobertura e nos pisos intermédios, as lajes são aparentes e colaborantes, permitindo com que estas não fiquem com demasiada espessura. Como referido atrás, o pavimento em tijolo maciço é continuo em todas as áreas, estando este apoiado por uma segunda camada de betão, para instalações de tubagens.
A cobertura é rematada na platibanda por chapas de zinco, assentes em ripas de madeira com isolamento nos intervalos e com uma

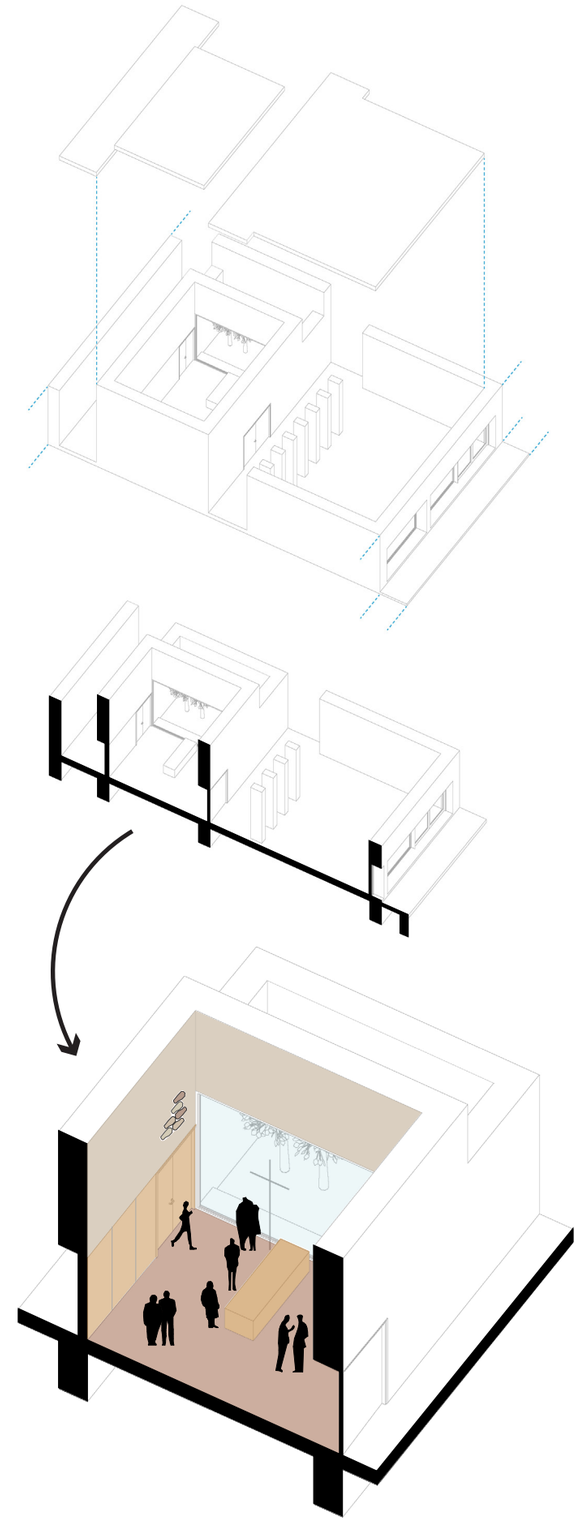
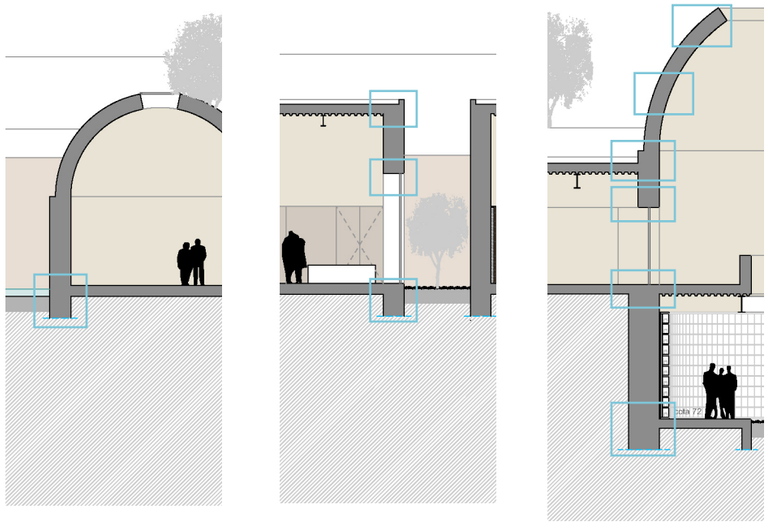


Fig.96 - Axonometria da sala de condolências e sala de família (repetido), corte e ambiência da sala de condolências



Escala 1/50

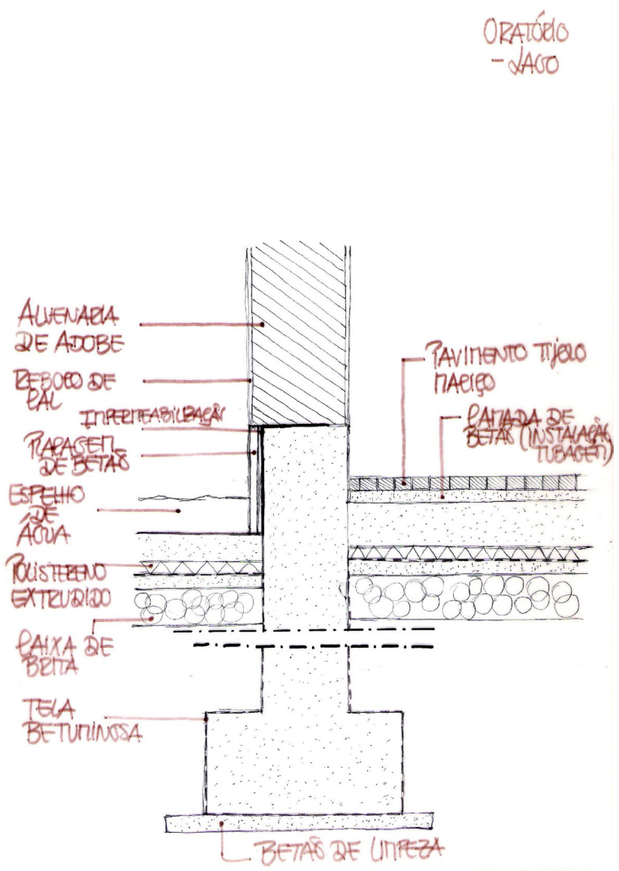


Fig.97 - Secção pelo oratório

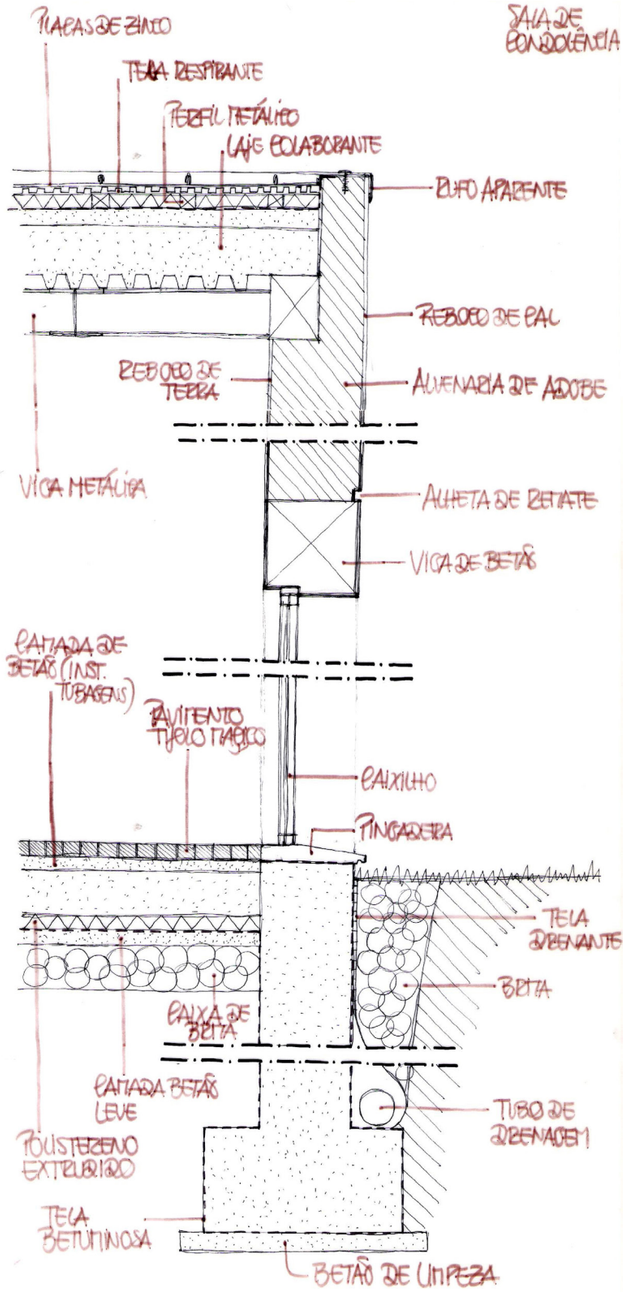


Fig.98 - Secção pela sala de condolências

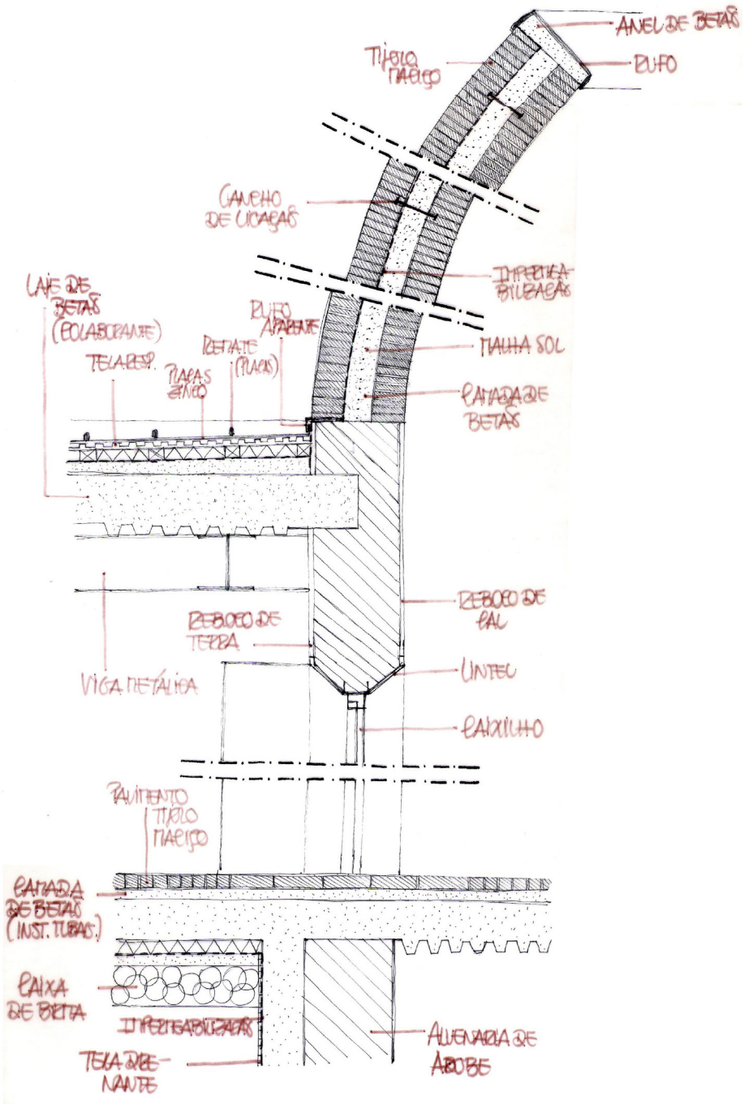


Fig.99 - Secção pela abóbada (entrada)

tela respirante/pitonada, possibilitando uma camada de oxigénio por baixo das chapas de zinco.
A sala de condolências (figura 98), um espaço com maior tempo de utilização, a proposta surge (e ainda com algumas dúvidas): o vão de 5,50 de comprimento e de 3,50 de altura, enquadra-se com o pátio e com a urna, onde a luz varia consoante a disposição solar. Na proposta, o caixilho une-se a uma viga de betão ou por um lintel metálico. O pavimento de tijolo tem continuidade até ao limite do vão, marcado pela pingadeira de pedra, tornando a leitura do vão mais clara. Sendo um espaço em contacto com o solo, a fundação segue a mesma regra dos outros desenhos.
Nos espaços da entrada e do oratório, confirma-se um outro método de cobertura, a abóbada.
A composição no desenho do oratório foi resolvida desta forma: por um espaço sobre a água, (houve a necessidade de subir ligeiramente a fundação para não haver fuga de água para dentro do compartimento, como se pode verificar no desenho da figura 97). A terra em contacto com a água, leva a deformar o bloco de adobe, assim a impermeabilização, neste caso, segue o mesmo sentido da fundação, dobrando-a para o interior. O alinhamento da fundação foi modificado, de forma a colocar e ocultar a impermeabilização, através de placagens de um material mais resistente, de betão rematado com o reboco (a alvenaria de adobe aparente no exterior torna-se uma estrutura mais frágil e devido às precipitações, os blocos desformam-se) como um elemento de marcação, que delimita o trajecto da humidade e dos respingos (criando um corte ascensional) que eventualmente possam vir a existir. Esta solução, como elemento de marcação, tem uma leitura continua no edifício, onde as ligações com o terreno são garantidas por placagem de betão, com embasamento de 1 metro acima do solo.
O acesso ao edifício, como uma grande ambiência, marca a entrada para um espaço circular e por uma imponente semi-abóbada. A grande dimensão desta abóbada (na figura 99) provavelmente não permitiria o uso do adobe e assim optou-se pela utilização do tijolo maciço, tendo a mesma leitura do pavimento no edifício. Para conseguir alçar este elemento, o conjunto de tijolos deveriam ter o apoio de uma cofragem. A abóbada seria constituída por três camadas: duas de tijolo, no intradorso e no extradorso e uma camada intermédia de betão com alguma expressão, armada com uma malha sol, e impermeabilizada, tudo rematado por um rufo de zinco aparente.

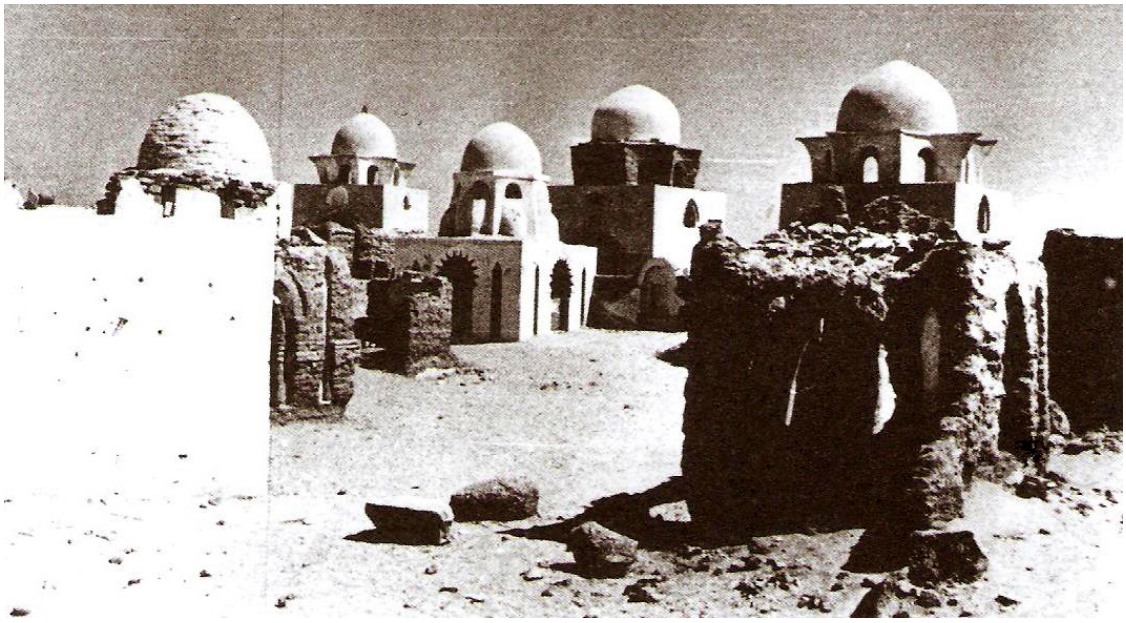


Fig.100 - Presença de abóbadas na necrópole no Egipto



Fig.101 - Presença de abóbadas na Torre do Silêncio, Zoroastrian Yazd, Irão

A presença de abóbadas é constante e com dimensões pequenas, Hassan Fathy mostra a sua experiência no Egipto, nas aldeias pobres e rurais. No livro *"Arquitectura para os pobres"*, o autor descreve a vontade que tinha em construir no Egipto e da procura pela forma de construir sem ter materiais à sua disposição. A ideia surge quando Hassan Fathy questiona *"(...) não seria possível utilizar o tijolo de terra também para cobrir as minhas casas? Uma espécie de abóbada? (...)"* [154], durante várias tentativas e a extensa procura de entendedores, a construção de abóbadas começam a surgir.

A medida convencional para o tijolo na abóbada é de 25x15x5 cm, assim *"(...) na face maior tinham duas ranhuras paralelas entre si desenhadas com os seus dedos na diagonal. Estas ranhuras eram muito importantes, pois permitiam que o tijolo aderisse, por sucção, a uma superfice de lama (...)"* [155], eram produzidos com mais palha do que é normal, isto é, a criação de um tijolo mais leve (devido ao seu peso final).

O trabalho de campo, os ensaios e os desabamentos de abóbadas, fizeram que Hassan Fathy não abdicasse da sua ideia inicial, deixando-o ainda mais confiante em adquirir novos métodos construtivos para os seus projectos.

No projecto do Tanatório, não se empregou este método, passando então para outro plano e da necessidade de projectar as abóbadas em tijolo maciço, devido à sua grande dimensão e por ser um processo difícil.

Dando por fim ao capítulo e como refere o autor de *"Melancolia e Arquitectura"*, neste projecto atribuiu-se *"um sucedâneo arquitectónico da vida e da morte, dando forma à metáfora subjacente da casa abandonada (…) enquanto edifício que aborda o problema da morte e do sentimento de perda e de luto tanto pelos mortos quanto pelos vivos"* [156].

[154] FATHY, 2009, *"Arquitectura para os Pobres, uma experiência no Egipto Rural"*, pág. 15

[155] FATHY, 2009, op. cit., pág. 20

[156] SEIXAS, 2016, *"Melancolia e Arquitectura em Aldo Rossi"*, pág. 301

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um percurso académico é sempre um enriquecimento, onde adquirimos novos conhecimentos e uma nova postura. Hoje sabemos como a arquitectura influencia a vida das pessoas e vice-versa. Esta investigação foi um grande exemplo disso.

A morte é um tema difícil, complexo, que expõe as nossas maiores fragilidades e os nossos maiores medos. Há cerca de 10 anos, um familiar deixou-nos, tendo sido um período extremamente difícil de lidar, pela perda em si, mas também pela proximidade da morte. Assim, o tema deste trabalho foi um duplo desafio. Projectar um edifício funerário nessas circunstâncias é uma forma de começar a encarar a vida como um todo, a morte como parte da vida, isto é, como o infinito. A arquitectura, e as "novas funções funerárias" como os crematórios e tanatórios, têm um papel importante para ajudar a desmistificar este tema sempre tabu, dando espaços com melhores condições e de certa forma contribuindo para alterar tendências enraizadas ainda na sociedade – sepultamento tradicional.

Este foi um trabalho extenso, com o projecto de um edifício relativamente grande e com uma solução construtiva que não é convencional.

A escolha do material de adobe teve um papel importante, aproveitando a matéria-prima que a terra nos dá para a construção. Relacionando o nascimento com a morte "és pó e em pó te irás transformar". Este trabalho foi pensado, questionando como seria um edifício construído com este tipo de material ancestral e a sua aplicação nos dias de hoje.

Apesar da intenção da utilização do adobe estar desde a fase inicial, a mesma levanta imensos problemas, mas também nos dá oportunidades.

Tal como a terra que tem várias tonalidades, também pretendemos dar alguns tons diferentes ao acabamento das alvenarias, tornado os espaços mais agradáveis.

Como objectivo subjacente a todo o projecto, o desejo de trazer novos espaços, ambientes, sensações mais leves, de ideias claras, através da ARQUITECTURA para que estas despedidas sejam menos mórbidas, tentando desta forma amenizar, um pouco, a dor dos que ficam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, José, “Cor e Cidade Histórica: Estudos cromáticos e conservação do Património”, 1ª edição, Porto: Faup Publicações, 2002

ALARCÃO, José de, “Coimbra, a montagem do cenário Urbano”, fot. Filipe Jorge, João Boavista, Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2008

AMARO, Diogo Miguel, “Memória e cultura, um lugar de encontros para as artes”, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2016

BAEZA, Alberto Campo, “A Ideia Construída”, Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2008

BAEZA, Alberto Campo, “Pensar com as Mãos”, Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2011

BORGUES, Nelson Correia, “Coimbra e Região”, ed. Presença, Colecção Novos Guias de Portugal, Volume 6, 1ª edição, Lisboa, 1987

CALVINO, Italo, “As Cidades Invisíveis”, Leya editor, Livros RTP, 1972

CAPC, Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, “Anozero - Um lance de dados”, Bienal de Arte Contemporânea de Coimbra, 2015

CHOAY, Françoise, “A Alegoria do Património”; trad. Teresa Castro, Edições 70, Lisboa, 2006

CO, Francesco Dal, “Tadao Ando: As obras, os textos, a crítica”, trad. Margarida Periquito, 1ª edição, Dinalivro, Lisboa, 2001

COELHO, Eliana, “Crematorium”, Dissertação de Mestrado, Escola Universitária das Artes de Coimbra, 2016

CONTEMPORANEOS, Encuentro Internacional sobre los Cementerios, “Una arquitectura para la muerte: actas/ I Encuentro Internacional sobre los Cementerios Contemporaneos”, ed. C.O.P.T..D.G.A.V., Sevilha, 1993

CORREIA, Dr. Vergílio, “A arte em Coimbra e Arredores”, direcção de Alice Correia, ed. póstuma, Coimbra, 1953

ELIADE, Mircea, “Sagrado e Profano: A Essência das Religiões”; trad. Manuela Torres, ed. Livros do Brasil, 1999

FATHY, Hassan, “Arquitectura para os Pobres: uma experiência no Egipto rural”,trad. Joana Pedroso Correia, ed. Dinaltivo, Lisboa, 2009

FERNANDES e TAVARES Alice e Maria, “O Adobe”, Cadernos de construção com terra, ed. Argumentum, Lisboa, 2016

FIGUEIREDO, A. C. Borgues de, “Coimbra, Antiga e Moderna”, fac-similada, ed. Almedina, Coimbra, 1996

FONSECA, Inês, “Arquitectura de Terra em Avis”, ed. Argumentum, Lisboa, 2007

FRANK, Lisa,”Arquitectura Contemporânea em Terra: Modos de ver e de fazer”, Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2017

GARCIA, Andreia, “Espaço Cénico, Arquitectura e Cidade: Guimarães, um modelo conceptual”, ed. Caleidoscópio, Casal de Cambra, 2016

GILI, Mónica, “La última casa = The last house”, ed. Mónica Gili, trad. Paul Hammond, ed. Gustavo Gili, Barcelona,1999

GRACIA, Francisco de, “Construir en lo Construido. La Arquitectura como modificación”, ed. Nerea, 2ª edición, Madrid, 1996

HALL, Edward T., “A Dimensão Oculta”, trad. Miguel Serras Pereira, ed. Relógio d´Água, Lisboa, 1986

HILL, Jonathan, “Weather Architecture”, London: Routledge, first edition, 2012

JORGE, Filipe, “Terra: forma de construir, Arquitectura, antropologia, arqueologia, 10ª mesa - redonda de primavera”, ed. Argumentum, Lisboa, 2006

LEITORES, Círculo de, “Moderna Enciclopédia Universal.” edited by Círculo de leitores, 1985

LIMA e FARIA, Paulina e José, “Rebocos de Terra”, ed. Argumentum, Lisboa, 2018

LINO, Raul, “Casas Portuguesas: alguns apontamentos sobre o arquitectar das casas simples”, ed. Cotovia, Lisboa, 1992

LYNCH, Kevin, “ A Boa Forma da Cidade”; trad. Jorge Manuel Costa Almeida e Pinho, edições 70, Lisboa, 1981

LYNCH, Kevin, “A Imagem da Cidade”; trad. Maria Cristina Tavares Afonso, edições 70, Lisboa, 2011

MACHADO, Carlos Alberto, “Cuidar dos mortos”, Instituto de Sintra, Sintra, 1999

MAKARIUS, Michel ,“Ruines: Représentations dans l´art de la Reinaissance à nos jours”, ed. Flammarion, 2011

MENDES, Rita Canas, “Viver da morte”, ed. Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2018

NOBRE, Maria Teresa, “A água na cidade de Coimbra durante a Idade Média”, Revista Portuguesa de História, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de História Económica e Social, 2012

NORBERG - SCHULZ, Christian “Genius Loci, Paesaggio Ambiente Architettura”, ed. Electa, Terza edizione, 1996

NUDA, “Limite”, Revista NU, DARQ-FCTUC, Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2018

OLIVEIRA, Maria Manuel, “In Memoriam, na Cidade”, Tese de Doutoramento, Universidade do Minho, 2007

PALLASMA, Juhani, “Los ojos de la piel”, Editorial Gili, SL, Barcelona, 2006

PALLASMA, Juhani, “ Essências”, Editorial Gustavo Gili, Barcelona, 2018

PATAO, Sofia Diéguez, “Arte y arquitectura funeraria = arte e arquitectura funeraria = funeral art and architecture: Dublin, Geneva, Madrid, Torino: XIX-XX/ ed. Sofia Diéguez Patao y Carmen Giménez”, ed. CEE, Madrid, 2000

PASCOAL, Sara, “Por uma arquitectura integrada: projecto de habitação unifamiliar nos antigos coutos de Alcobaça”, Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2017

PELÁEZ, José Manuel López, “Erik Gunnar Asplund, escritos 1906/1940, Biblioteca de Arquitectura, El Croquis Editorial, 2002

PIÃO, Ana, “Coimbra, cidade dos bairros: Articulação urbana entre o centro da cidade e os bairros da Conchada e Ingote”, Dissertação de Mestrado, Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2015

PINHEIRO, Luís, “Adobes! Porque não? Integração do adobe como processo construtivo na arquitectura contemporânea”, Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2017

RIBEIRO, João Mendes, “Fragmentos de uma prática de dramaturgia do espaço”, Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 1998

RIBEIRO, João Mendes, “João Mendes Ribeiro /2003-2016”, editor José Manuel das Neves, Uzina Books, Lisboa, 2016

ROCHA, Francisco, “Morte e Arquitectura: das ideias às formas, um projecto”, Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2013

SEIXAS, Diogo, “Melancolia e Arquitectura em Aldo Rossi” ed. Orfeu Negro, Lisboa, 2016

SILVA, Cláudia, “Matérias de terra: Projecto de Reabilitação em Requeixo, Aveiro”, Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2017

SILVA, Elisa, “Evolução Identitária de um Lugar, a Conchada de Coimbra”, FCTUC, Dissertação de Mestrado, Departamento de Arquitectura, 2012

SILVA, Gastão de Brito e, “Portugal em Ruínas”, ed. Fundação Francisco Manuel dos Santos, Lisboa, 2014

SOLÀ - MORALES, Ignasi, “Territórios”, editorial Gustavo Gili, Barcelona, 2002

TORGAL, EIRES, JALALI ,Rute M.G., Said, F. Pacheco, “Construção em Terra”, Universidade do Minho, 2009

TRINDADE, Luísa, “A casa corrente em Coimbra: dos finais da Idade Média aos inícios da Época Moderna”, Câmara Municipal de Coimbra, Coimbra Património, 2002

VERHOEVEN, Vicent Valentijn and Kim, “Goodbye Architecture: The Architecture of Crematoria in Europe”, nai010 publishers, Rotterdam, 2018

VIEIRA, Álvaro Siza “01 textos”, ed. Carlos Campos Morais, Porto, 2009

ZUMTHOR, Peter, “Pensar a Arquitectura”, ed. Gustavo Gili, Barcelona, 2005

ZUMTHOR, Peter, “Atmosfera: Entornos Arquitectónicos, as coisas que me rodeiam, ed. Gustavo Gili, Barcelona, 2006

OUTRAS FONTES

SARGENT, Emily, “ The building as tool of healing”, Wellcome Collection, The architectures diaries, part 6 2019

VILLENEUVE, Denis, “Blade Runner 2049”, 163 minutos, 2017

https://www.uccla.pt/membro/coimbra

https://arcspace.com/architects/

https://www.behance.net/search?field=4

https://www.behance.net/gallery/44033801/Crematorium-Kahlenberg-Vienna

http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/05.060/459

http://www.wearedesignbureau.com/projects/cubes-for-cars/

(https://www.architectural-review.com/rethink/typology/typology-crematorium/10014547.article)

https://www.arcoweb.com.br/projetodesign/especiais/25-opera-prima-cidade-dos-mortos

http://acercadecoimbra.blogs.sapo.pt/tag/cemitério+da+conchada

http://www.indiewire.com/2017/10/blade-runner-2049-dystopia-production-design-denis--villeneuve-1201891427/

https://www.archdaily.com.br/br/881413/blade-runner-2049-tem-cenario-inspirado-em-projeto-de-barozzi-veiga

https://www.researchgate.net/publication/314232855_The_Zenith_seen_through_the_Oculus_of_the_Pantheon

https://www.moma.org/artists/27?=undefined&page=1&direction=

http://www.karresenbrands.nl/projects

https://www.architonic.com/en/project/boltshauser-architekten-rammed-earth-house-rauch--family-home/5100620

http://www.beta-architecture.com/ager-sanctus-nuria-rubio/

https://mythstalesandlies.wordpress.com/2012/10/31/the-temple-of-death-cenotaph-for-isaac-newton/

http://eartharchitecture.org/?/archives/1178-Lacey-Residence.html

https://www.archiweb.cz/en/b/lesni-hrbitov-skogskyrkog-rden

http://waughthistleton.com/bushey-cemetery/

ÍNDICE DE IMAGENS E DESENHOS

CAPAS DE CAPÍTULOS:

I - Função e Lugar - Rua do cemitério e vista do cemitério no exterior, fotografia da autora, 11 de Novembro de 2017

II - Construir em Terra - Blocos de adobe, armazenados na Universidade de Aveiro, fotografia da autora, 15 de Fevereiro de 2019

III - Espaço da Morte, uma proposta - Terreno a poente, projecto do Tanatório de Coimbra e a ruína da Casa Amarela, fotografia da autora, 11 de Novembro de 2017

CAPÍTULO I

Fig.01 - “Ilha dos mortos”, Arnold Boecklin, 3ª série, 1880, consultado a 26 de Fevereiro de 2019, in https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Arnold_Boecklin_-_Island_of_the_Dead,_Third_Version.JPG, edição da autora

Fig.02 - Cronologia e representações da evolução da cremação no mundo e na Europa, “Goodbye Architecture”, pág.260-263, montagem da autora

Fig.03 - Organogramas das áreas funerárias, diversidade e função de tipologias, “Goodbye Architecture”, pág.12-13, montagem da autora

Fig.04 - Esquema de identificação dos crematórios na zona de Coimbra, imagens do Google Earth, edição da autora

Fig.05 - Esquema de identificação dos crematórios na zona de Coimbra (Figueira da Foz e Taveiro), imagens do Google Earth e fotografias dos crematórios, edição e fotografias da autora, 27 de Novembro e 2 de Dezembro de 2018

Fig.06 - Cronologia e identificação das referências de projecto, imagens do Google Earth, Cemitério do Bosque, in “https://www.archiweb.cz/en/b/lesni-hrbitov-skogskyrkog-rden” e Cemitério Bushey Old in “http://waughthistleton.com/bushey-cemetery/”, consultado a 31 de Janeiro de 2018, esquema e fotografias da autora (Cemitério de Finisterra e Tanatório de Matosinhos), 21 de Novembro de 2017 e 23 de Fevereiro de 2018

Fig.07 - Cenotáfio para Newton, projecto de Etienne Louis Boullée, in “https://www.archdaily.com/614908/society-for-atheistic-spirituality-to-construct-etienne-louis-boullee-s-cenotaph-for-newton”, edição da autora

Fig.08 - Planta do Cemitério do Bosque, descrição do projecto, desenho e esquema da autora

Fig.09 - Planta do Cemitério de Finisterra, descrição do projecto, desenho e esquema da autora

Fig.10 - Planta do Cemitério de Bushey Old, descrição do projecto, desenho e esquema da autora

Fig.11 - Plantas do Tanatório de Matosinhos, descrição do projecto, plantas da Arquitecta Luísa Valente, esquema e edição da autora

Fig.12 - Planta topográfica de Coimbra e Arralbaldes de Coimbra (primeira planta topográfica moderna da cidade,reconstituição digital), autor Isisdoro Emílio Baptista, 1845, escala 1/4000, in http://sig.cm-coimbra.pt/MuniSIG/MuniSIGViewer/Index.html?viewer=InformacaoGeoespacial_WEB.InformacaoGeoespacial_WEB, montagem da autora

Fig.13 - Coimbra com relação ao Rio Mondego, fotografia da autora, 15 de Abril de 2019

Fig.14 - Templo Ecuménico no topo da serra e destaque entre a natureza, fotografia da autora, 3 de Setembro de 2019

Fig.15 - Paço das Escolas na Universidade de Coimbra e Rua da Sofia, Património Mundial da UNESCO desde 2013, fotografias da autora, 10 de Fevereiro de 2017 e 2 de lembro de 2019

Fig.16 - Museu Machado de Castro, novo “membro” do Património Mundial da UNESCO de 2019, fotografias da autora, 2 de Setembro de 2019

Fig.17 - Cronologia da evolução da Conchada, plantas da malha urbana, “Evolução Identitária de Um Lugar, a Conchada de Coimbra”, pág. 138, e planta da CMC do terreno onde se insere a Casa Amarela, esquema e edição da autora

Fig.18 - Caracterização e identificação do lugar da Conchada, imagens do Google Earth, esquema da autora

Fig.19 - Esquema de localização de Coimbra com alguns pontos importantes, identificação e perfis da Conchada, imagens do Google Earth, planta topografia e perfis da Tese de Mestrado “Evolução Identitária de Um Lugar, a Conchada de Coimbra”, pág. 28, esquema da autora

Fig.20 - A Conchada no enquadramento da Cidade de Coimbra, fotografia da autora, 3 de Dezembro de 2018

Fig.21 - Coimbra, Pier Maria Baldi, 1668/1669, “Evolução Identitária de Um Lugar, a Conchada de Coimbra”, pág. 30, edição da autora

Fig. 22 - Planta da Conchada, autor José Baptista Lopes com Jaime Loureiro e Frederico Taveira, 1934, escala 1/1000, in http://sig.cm-coimbra.pt/MuniSIG/MuniSIGViewer/Index.html?viewer=InformacaoGeoespacial_WEB.InformacaoGeoespacial_WEB, montagem da autora

Fig.23 - Detalhe do portão do Cemitério da Conchada da entrada principal, fotografia da autora, 11 de Novembro de 2018

Fig.24 - Cemitério e Rua Alameda da Conchada, fotografia da autora, 11 de Novembro de 2018

Fig.25 - Planta da Cidade de Coimbra, autor ARTOP, 1985, escala 1/5000 com a identificação do Cemitério Municipal, edição da autora

Fig.26 - Entrada principal do Cemitério, fotografia da autora, 11 de Novembro de 2018

Fig.27 - 1ª proposta para o Cemitério Municipal e capela na Conchada, Costa Simões, 1857

Fig.28 - 2ª proposta para o Cemitério Municipal e capela na Conchada, Dr. Raymundo, 1857

Fig.29 - onchada sobranceira ao Rio Mondego com vista privilegiada, fotografia da autora, 5 de Dezembro de 2017

Fig.30 - Perfil do Cemitério com a encosta, desenho da autora

Fig.31 - Uma Casa Amarela na encosta, fotografia da autora, 11 de Julho de 2018

Fig.32 - A ruína e a cidade, fotografia da autora, 11 de Novembro de 2018

Fig.33 - Levantamento da Casa Amarela via drone, realizado a 11 de Dezembro de 2018, e desenho à mão levantada e reconstrução da fachada do primeiro levantamento, a partir do programa Agisoft

Fig.34 - Planta topográfica de 1947 do terreno da Quinta Monte Florido com um caminho antigo (desde a Igreja Santa Justa até à estrada do Cemitério), A.M. da C.M.C.

Fig.35 - Desenhos originais das fachadas da Casa Amarela antes da intervenção, 1947, A.M. da C.M.C.

Fig.36 - Desenhos originais das fachadas da Casa Amarela depois da intervenção, aproveitamento das fundações para a casa das alfaias, 1947, A.M. da C.M.C.

Fig.37 e 38 - Ruína das Termas Romanas de S. Pedro do Sul, in "João Mendes Ribeiro/2003-2016", pág.229, edição da autora

Fig.39 - Casa de Chá no Castelo de Montemor-o-Velho, projecto de João Mendes Ribeiro "João Mendes Ribeiro/2003-2016", pág.6, edição da autora

CAPÍTULO II

Fig.40 - Edifício funerário em taipa, Cemitério Bushey Old, Waugh Thristlon Architects, in "http://waughthistleton.com/bushey-cemetery/"

Fig.41 - Espectro de Luz Visível, in https://www.todamateria.com.br/ondas-eletromagneticas/

Fig.42 - Luz como elemento indispensável, in "https://www.archdaily.com.br/br/762196/light-matters-le-corbusier-e-a-trindade-da-luz/54da556ae58ececb5300000f-view-looking-south-t"e "https://veredes.es/blog/en/piscina-municipal-de-toro-vier-arquitectos/"

Fig.43 - Cores do Alvar Aalto no Sanatório Paimio, na Finlândia, in "https://wellcomecollection.org/articles/XGQVzBAAAFUQpnGS"

Fig.44 - Friso da Rainha Hatshepsut a fazer um tijolo de terra in "Arquitectura para os Pobres, uma experiência no Egipto rural", pág.8, e um tijolo de adobe com figura feminina in "O Adobe", pág.10, edição da autora

Fig.45 - Diagrama das diferentes técnicas construtivas de terra crua, por CRAterre, in "Arquitectura Contemporânea em Terra: modos de ver e de fazer", pág.25, edição da autora

Fig.46 - Presença do tijolo de adobe em Portugal, pág.16, e concepção e secagem do tijolo de adobe, pág.88, in "O Adobe", edição da autora

Fig.47 - Ilustração do processo da produção do tijolo e aplicação, in "Arquitectura Contemporânea em Terra: modos de ver e de fazer", pág. 28

Fig.48 - Exemplo de um espaço com adobes empilhados e armazenados, in "O Adobe", pág.38, edição da autora

Fig.49 - Processo de um ensaio ao adobe, se o adobe não aguentar o peso de uma pessoa, adicionar mais argila à terra, in “O Adobe”, pág.31, edição da autora

Fig.50 - Adobes a secar no exterior de uma mesquita, in “O Adobe”, pág.14, edição da autora

Fig.51 - Rebocos de exterior, Novo México, in “Arquitectura Contemporânea em Terra: modos de ver e de fazer”, pág. 63

Fig.52 - Tons de diversas matérias-prima, in “Arquitectura Contemporânea em Terra: modos de ver e de fazer”, pág.79

Fig.53 - Esquema do processo dos ensaios em laboratório, na Universidade de Aveiro, desenho da autora

Fig.54 - Fragmento de tijolo cerâmico, transformação dos agregados, fotografia da autora, 2 de Junho de 2018

Fig.55 - Fragmento de um bloco de adobe, transformação dos agregados, fotografia da autora, 2 de Junho de 2018

Fig.56 - Fragmento de pedra de Eirol (região de Aveiro), transformação dos agregados, fotografia da autora, 3 de Junho de 2018

Fig.57 - Fragmento de material cerâmico composto por três camadas, separação e transformação dos agregados, fotografia da autora, 3 de Junho de 2018

Fig.58 - Pesagem e junção dos agregados (bloco de adobe e tijolo cerâmico), fotografia da autora, 15 de Junho de 2018

Fig.59 - Pesagem e junção dos agregados (bloco de adobe, areia e peça cerâmica), fotografia da autora, 15 de Junho de 2018

Fig.60 - Adição de cal às partículas do bloco de adobe e preparação da massa, fotografia da autora, 15 de Junho de 2018

Fig.61 - Mistura da pasta (a partir da misturadora mecânica) e espalhamento da massa final, fotografia da autora, 15 de Junho de 2018

Fig.62 - Espalhamento da argamassa, fotografia da autora, 15 de Junho de 2018

Fig.63 - Colocação da massa nos moldes, fotografia da autora, 15 de Junho de 2018

Fig.64 - Moldes finalizados para o processo de secagem, fotografia da autora, 15 de Junho de 2018

Fig.65 - Provetes antes e depois do ensaio de capilaridade ,fotografia da autora, 5 de Fevereiro de 2019

Fig.66 - Ensaios de compressão e flexão, 15 de Fevereiro de 2018

Fig.67 - As quatro cores dos provetes (testados no laboratório), utilizados no projecto do Tanatório de Coimbra, esquema da autora

CAPÍTULO III

Fig.68 - Monumento na paisagem, a pirâmide do cenotáfio de Etienne-louis Boullé (planta, corte e perspectiva), in “Goodbye Architecture”, pág.196, edição da autora

Fig.69 - Organograma do programa definido para o projecto do Tanatório, esquema da autora

Fig.70 - Esquema de cores em plantas do programa, esquema e desenhos da autora

Fig.71 - Esquema de cores em plantas do percurso da urna e público, esquema e desenhos da autora

Fig.72 - Planta 1/1000 com identificação do lugar em estudo (imagem do Google Earth), esquema de estratégia in “Evolução Identitária de Um Lugar, a Conchada de Coimbra”, pág.138 e perfil A, desenho e edição da autora

Fig.73 - Estudo de novas funções (cafetaria (A) e serviços administrativos (B)) na Casa Amarela, desenhos da autora

Fig.74 - Espaço de arquivo e de leitura no sótão da Casa da Escrita, projecto de João Mendes Ribeiro, fotografias da autora, 4 de Abril de 2019

Fig.75 - Sala de trabalho e de arquivo (referência ao projecto da Casa da Escrita), desenho da autora

Fig.76 - Maquete 1/1000, realizada 10 de Junho de 2019, edição e fotografia da autora, 15 de Junho de 2019

Fig.77 - Praça entre Tanatório e a Casa Amarela, desenho da autora

Fig.78 - Plantas 1/2000 e 1/500, desenhos da autora

Fig.79 - Cendrários e pátio de acesso ao piso -1 (2ª entrada), desenhos da autora

Fig.80 - Alçados/perfís 1/500, desenhos da autora

Fig.81 - Oratório exterior e interior (sobre água), desenhos da autora

Fig.82 - Cortes/perfís 1/500, desenhos da autora

Fig.83 - Sala de condolências, maquete de 1/50 e esquisso, realizada em 2018/2019, edição, fotografias e desenho da autora, 29 de Abril de 2019

Fig.84 e 85 - Axonometria da sala de condolências e sala de família, desenho da autora e sala de cerimónias, desenho da autora

Fig.86 - Tanatório entre a natureza da escarpa, uma máquina na paisagem virada à cidade e poente, desenho da autora

Fig.87 - Esquema do estudo da luz na entrada e zona pública, desenho da autora

Fig.88 - Esquema do estudo da luz na sala de condolências, desenhos da autora

Fig.89 - Esquema dos materiais, na sala de condolências, desenho da autora

Fig.90 - As cores de Luís Barragan, in “https://www.curbed.com/2017/2/8/14549300/luis-barragan-architecture-photography-james-casebere-emotional-architecture-sean-kelly-new-york”

Fig.91 - Igreja da Luz, TADAO ANDO, “Quando a luz encontra o concreto: reflexões sobre a obra de Tadao Ando”, in “https://www.archdaily.com.br/br/915357/quando-a-luz-encontra-o-concreto-reflexoes-sobre-a-obra-de-tadao-ando/5cb609c3284dd-14261000008-when-sunlight-meets-tadao-andos-concrete-image?next_project=no”, Osaka, Japão, autora Naoya Fujii, Prémio Pritzker de 1995, edição da autora

Fig.92 - Esquema da luz em planta e cortes da proposta da sala de condolências, desenhos da autora

Fig.93 - Esquema das cores e composição dos blocos de adobe aparente na sala de condolências, desenho da autora

Fig.94 - Corte 1/500 e 1/200 com a identificação dos cortes construtivos, desenho da autora

Fig.95 - Secção pela sala de cerimónias, desenho da autora

Fig.96 - Axonometria da sala de condolências e sala de família (repetido), corte e ambiência da sala de condolências, desenhos da autora

Fig.97 - Secção pelo oratório, desenho da autora

Fig.98 - Secção pela sala de condolências, desenho da autora

Fig.99 - Secção pela abóbada (entrada), desenho da autora

Fig.100 - Presença de abóbadas na necrópole no Egipto, in “Arquitectura para os Pobres, uma experiência no Egipto Rural”, pág.18, edição da autora

Fig.101 - Presença de abóbadas na Torre do Silêncio, Zoroastrian Yazd, Irão in “https://slate.com/human-interest/2014/10/towers-of-silence-in-yazd-a-zoroastrian-sky-burial-site.htmll”

ANEXOS

Fig.102 - Planta de cobertura 1/500, desenho da autora

Fig.103 - Planta piso 0 1/200, desenho da autora

Fig.104 - Planta piso -1 1/200, desenho da autora

Fig.105 - Plantas da *‘Casa Amarela’*: piso 1, 2 e cobertura 1/200, desenhos da autora

Fig.106 - Alçado poente e nascente 1/200, desenhos da autora

Fig.107 - Alçado sul 2, norte 2 e sul 3 1/200, desenhos da autora

Fig.108 - Alçado sul 1 e norte 1 1/200, desenhos da autora

Fig.109 - Corte AA e BB 1/200, desenhos da autora

Fig.110 - Corte CC, DD e GG 1/200, desenhos da autora

Fig.111 - Corte EE e FF 1/200, desenhos da autora

Fig.112 e 113 - Implantação da nova proposta para o Tanatório em Coimbra 1/1000, realizada 10 de Junho de 2019, edição e fotografia da autora, 15 de Junho de 2019

Fig.114 a 116 - Sala de condolências 1/50, realizada, edição e fotografia da autora a 16 de Junho de 2019

Fig.117 e 118 - Maquete de estudo 1/1000, envolvente da Conchada, realizada em 2017 e fotografia da autora, 29 de Abril de 2019

Fig.119 e 120 - Maquete de estudo 1/500, volumetria 1 (acima): projecto do Tanatório, volumetria 2 (abaixo): proposta de aproximação ao projecto, realizadas em 2018, edição fotografias da autora, 29 de Abril de 2019

Fig.121 e 122 - Maquete de estudo, organização do espaço da sala de condolências 1/100 e 1/50, realizadas em 2018/2019, edição e fotografias da autora, 29 de Abril de 2019

Fig.123 e 124 - Maquete de estudo, volumetria 1/200 com o terreno envolvente, realizadas em 2018, edição e fotografias da autora, 29 de Abril de 2019

Fig.125 - Memória descritiva sobre a Casa Amarela de 1947, aproveitamento das fundações para a construção da casa das alfaias e descrição dos materiais, A.M. da C.M.C, fornecida em Janeiro/Fevereiro de 2019, edição da autora

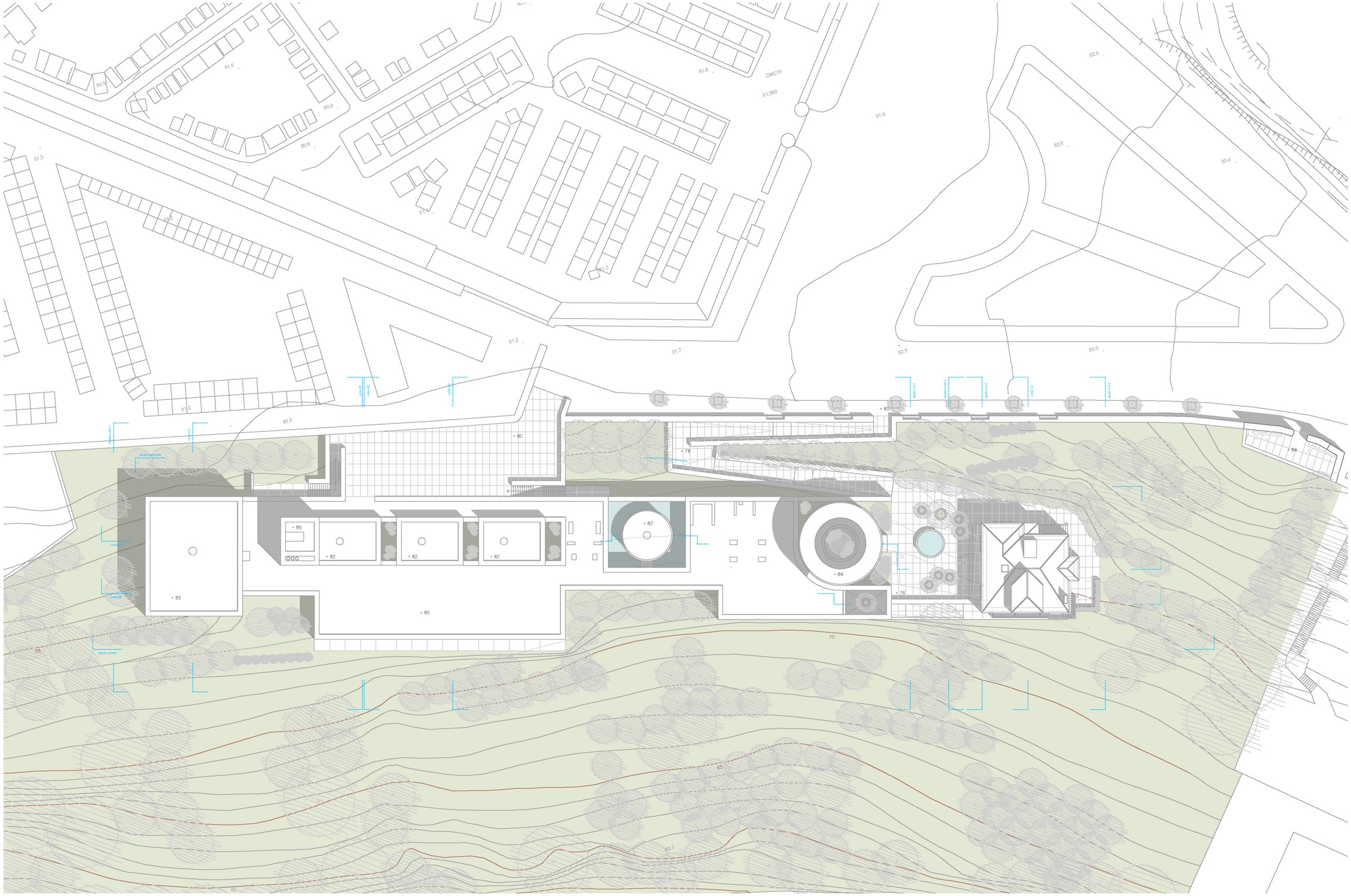
Fig.126 - Memória descritiva sobre a Casa Amarela de 1946, aproveitamento das fundações para a construção da casa das alfaias e descrição dos materiais, folha 1, A.M. da C.M.C, fornecida em Janeiro/Fevereiro de 2019, edição da autora

Fig.127 - Memória descritiva sobre a Casa Amarela de 1946, aproveitamento das fundações para a construção da casa das alfaias e descrição dos materiais, folha 2, A.M. da C.M.C, fornecida em Janeiro/Fevereiro de 2019, edição da autora

Fig.128 - Artigo Diário de Coimbra de 1 de Novembro de 2016, edição da autora

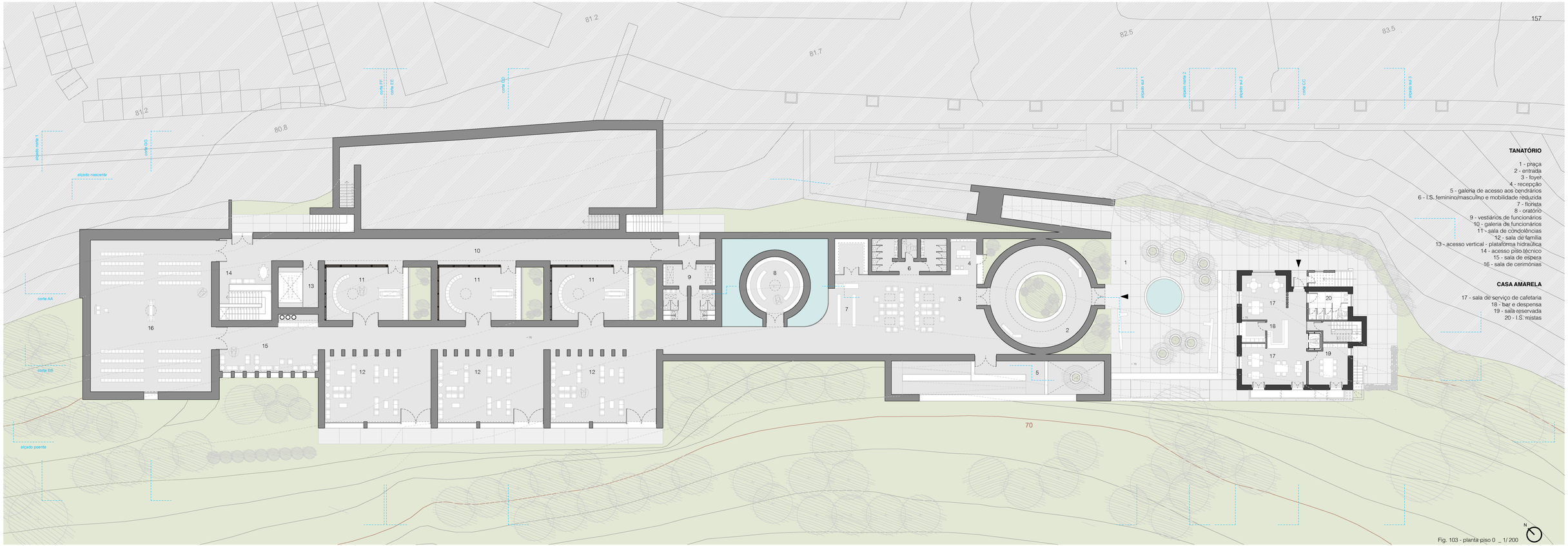
Fig.129 - Artigo Diário de Coimbra de 19 de Agosto de 2019, edição da autora

ANEXOS



N

Fig. 102 - planta de cobertura _ 1/ 500



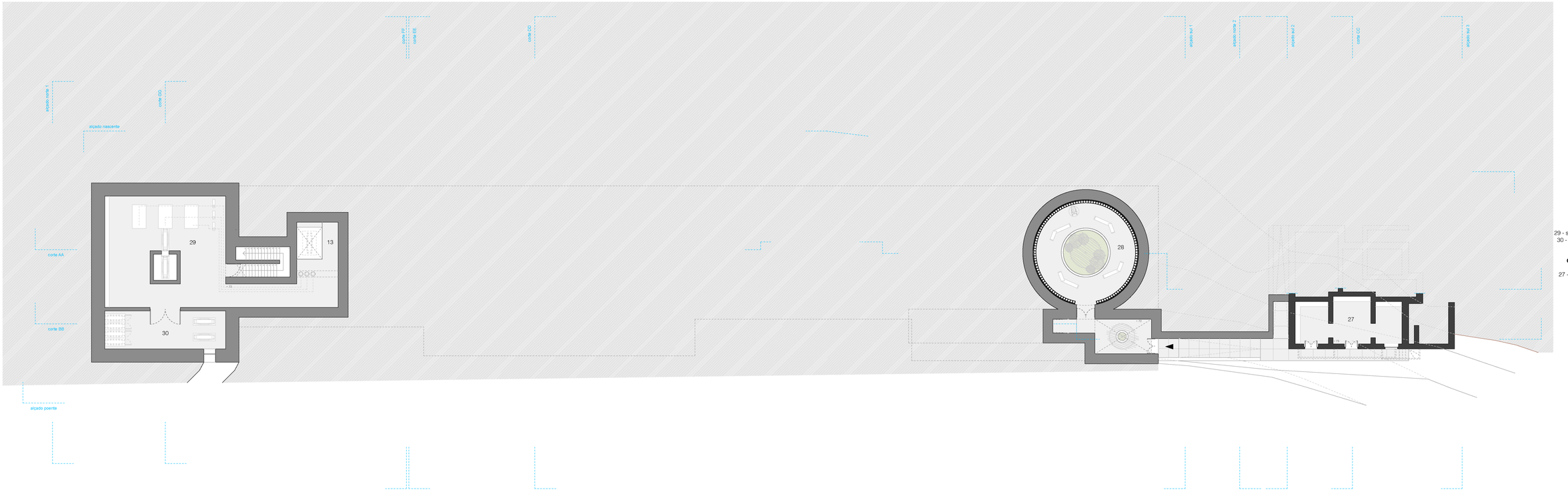
TANATÓRIO

1 - praça
2 - entrada
3 - foyer
4 - recepção
5 - galeria de acesso aos cendrários
6 - I.S. feminino/masculino e mobilidade reduzida
7 - floreira
8 - oratório
9 - vestiários de funcionários
10 - galeria de funcionários
11 - sala de condolências
12 - sala de família
13 - acesso vertical - plataforma hidráulica
14 - acesso piso técnico
15 - sala de espera
16 - sala de cerimónias

CASA AMARELA

17 - sala de serviço de cafetaria
18 - bar e despensa
19 - sala reservada
20 - I.S. mistas

Fig. 103 - planta piso 0 _ 1/ 200



TANATÓRIO

28 - cendrários
29 - sala do(s) forno(s)
30 - sala tanatopraxia

CASA AMARELA

27 - oficinas/arrumos

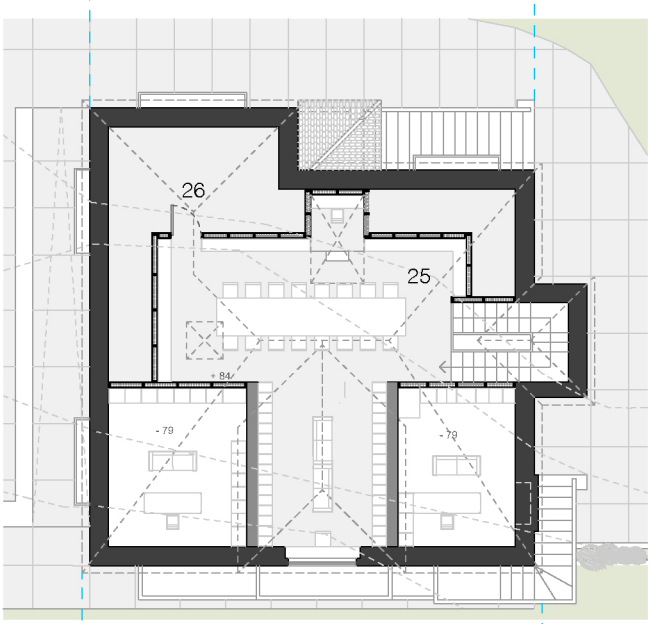
N

Fig. 104 - planta piso -1 _ 1/ 200



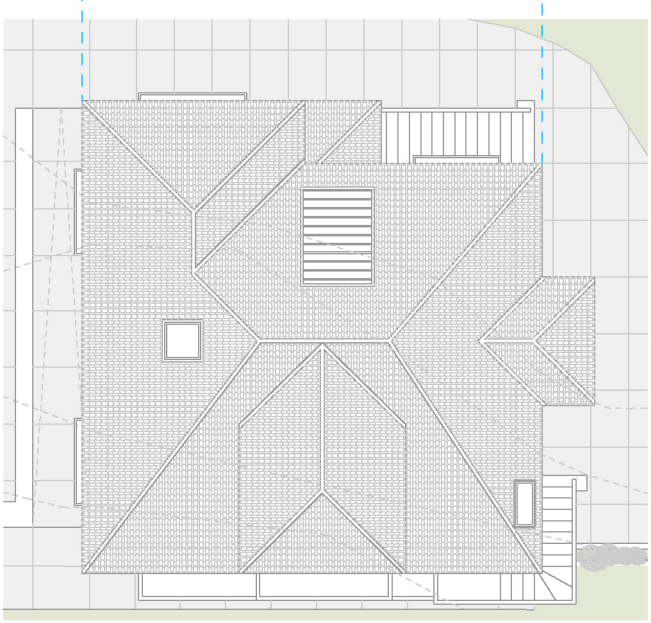
planta piso 1

21 - sala de reuniões
22 - cacifos e copa de funcionários
23 - administração
24 - escritórios



planta piso 2

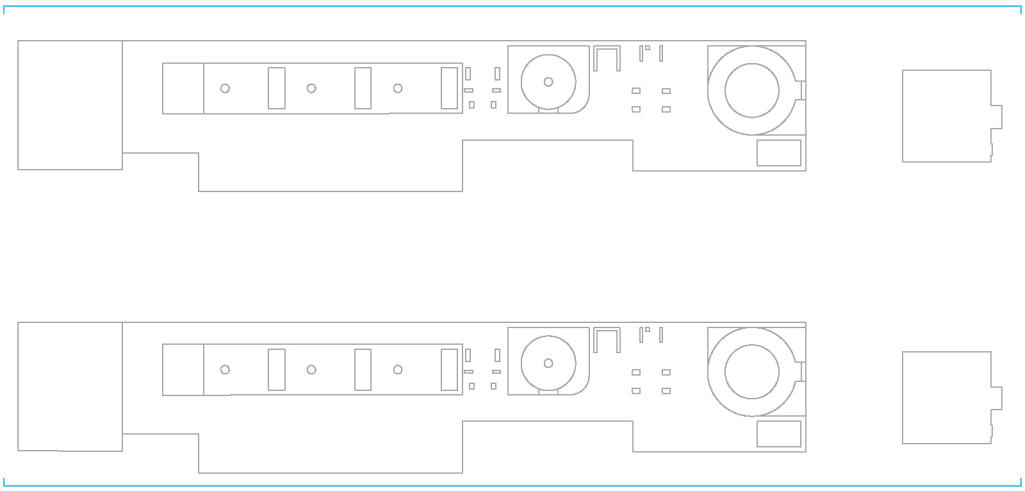
25 - sala de trabalho e arquivos
26 - arrumos



planta de cobertura

N

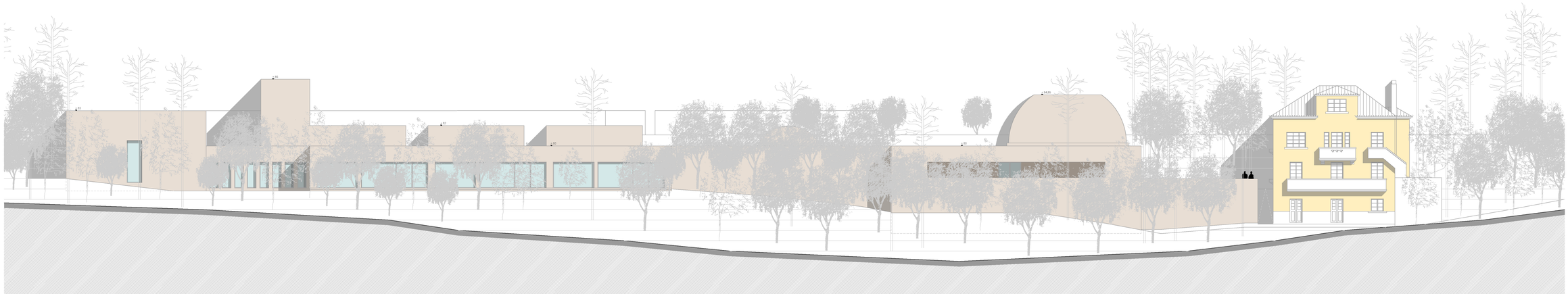
Fig. 105 - plantas da *'Casa Amarela'* _ 1/ 200



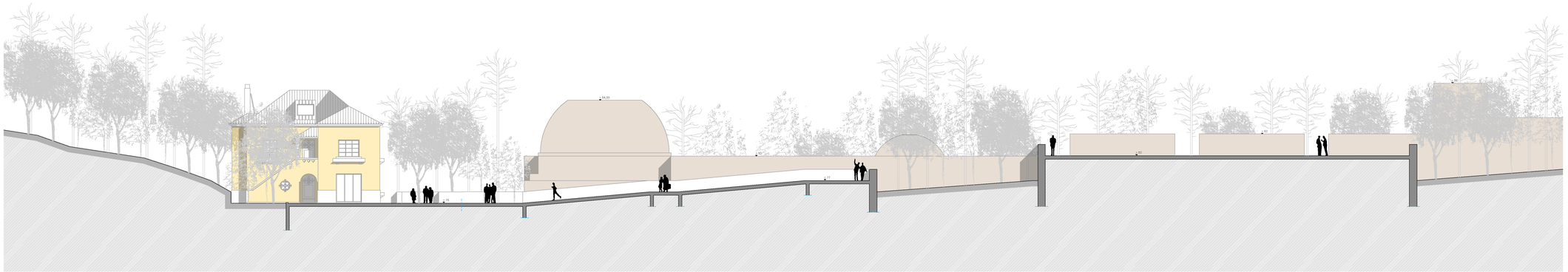
indicação de alçados _ 1/ 1000

- poente | nascente

N

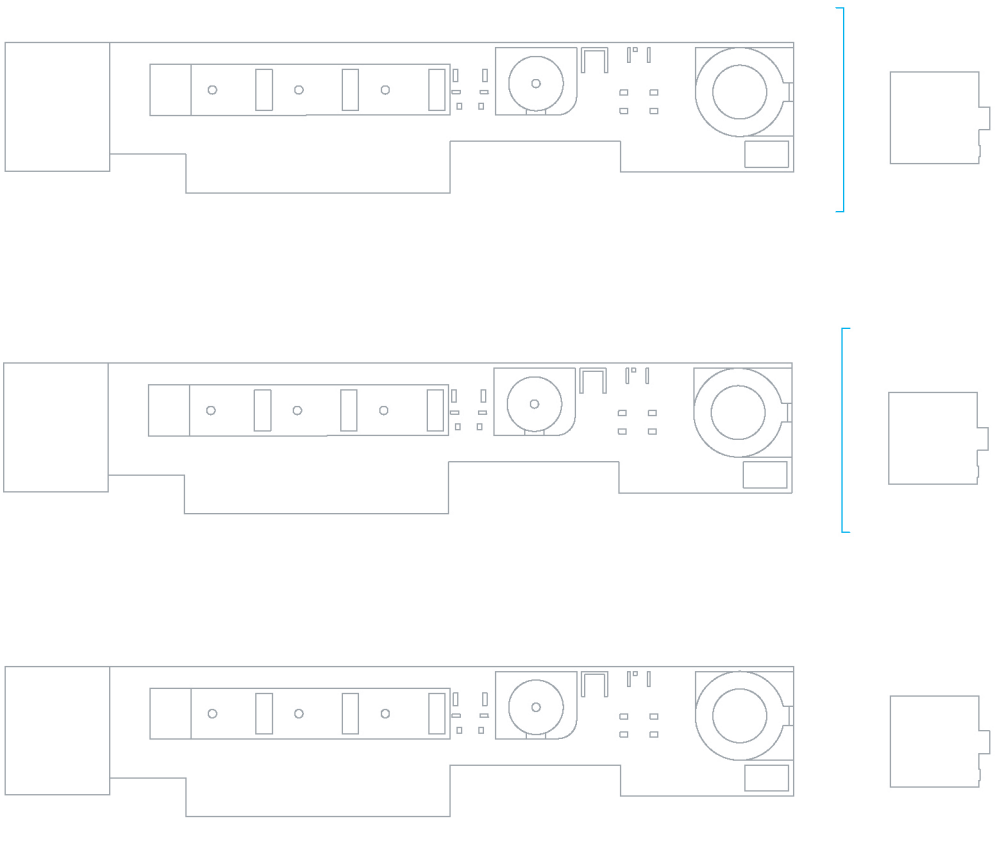


alçado poente _ 1/200



alçado nascente _ 1/200

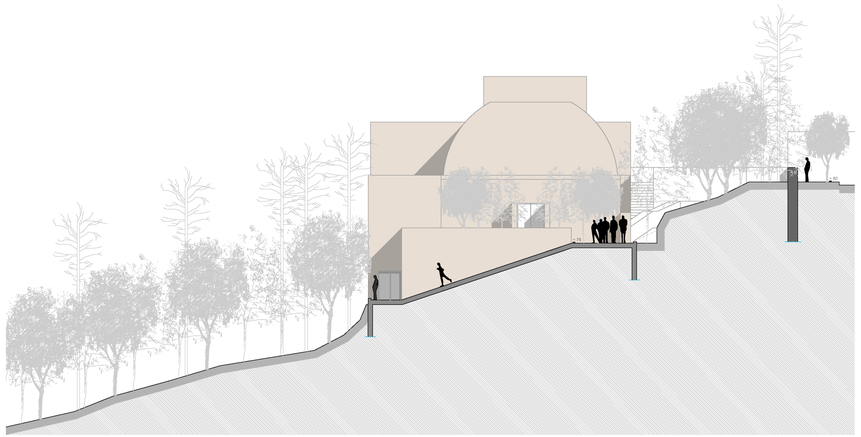
Fig. 106 - alçados _ 1/ 200



indicação de alçados _ 1/ 1000

- sul 2 | norte 2 | sul 3

N



alçado sul 2 _ 1/200

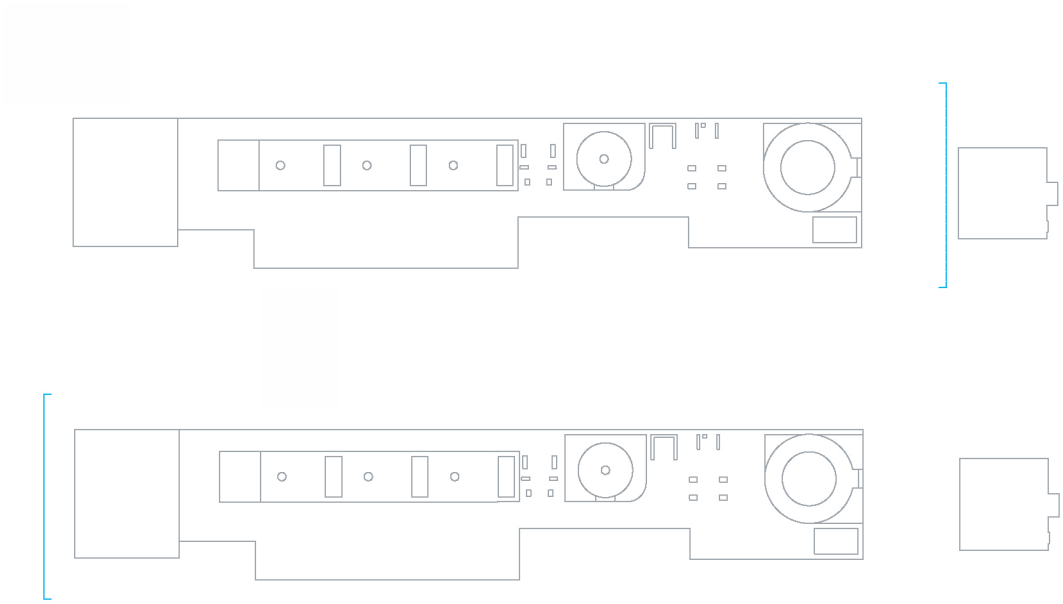


alçado norte 2 _ 1/200



alçado sul 3 _ 1/200

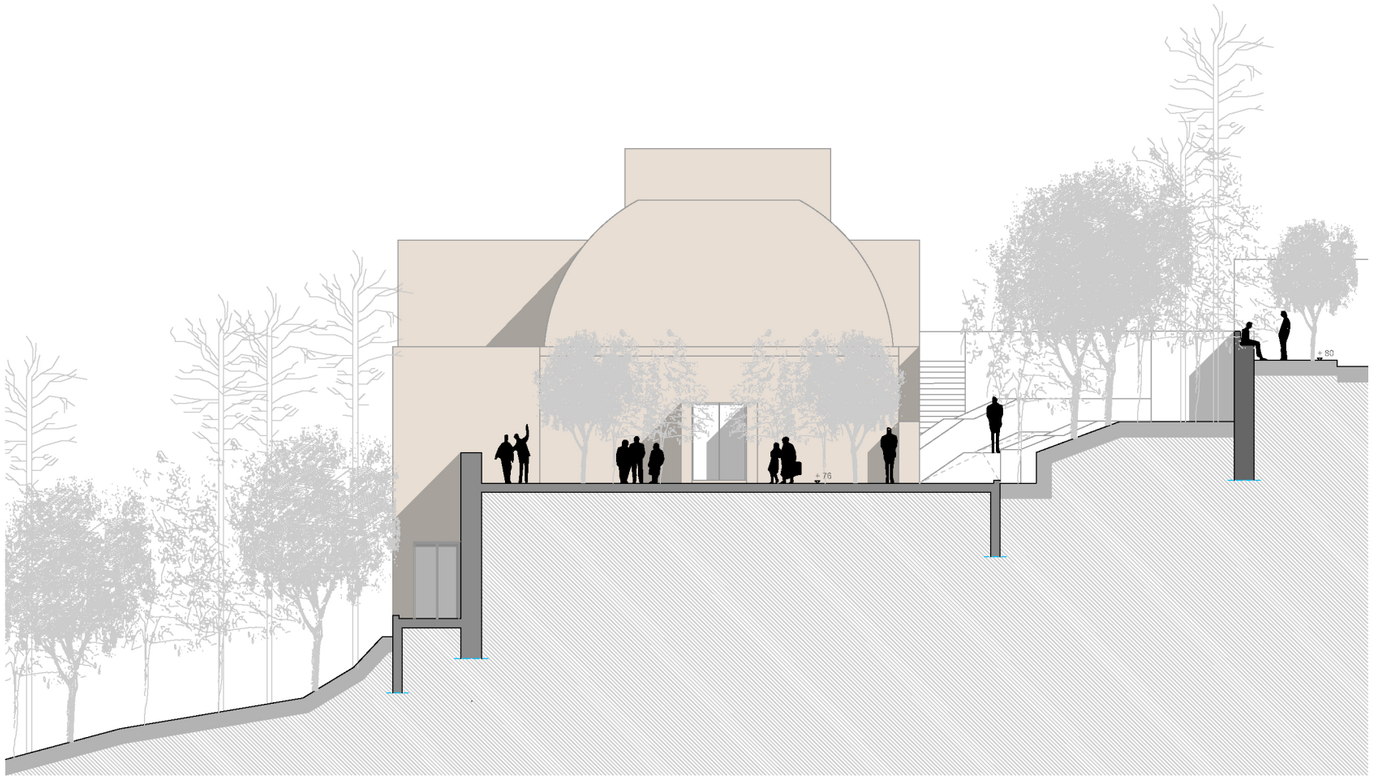
Fig. 107 - alçados _ 1/ 200



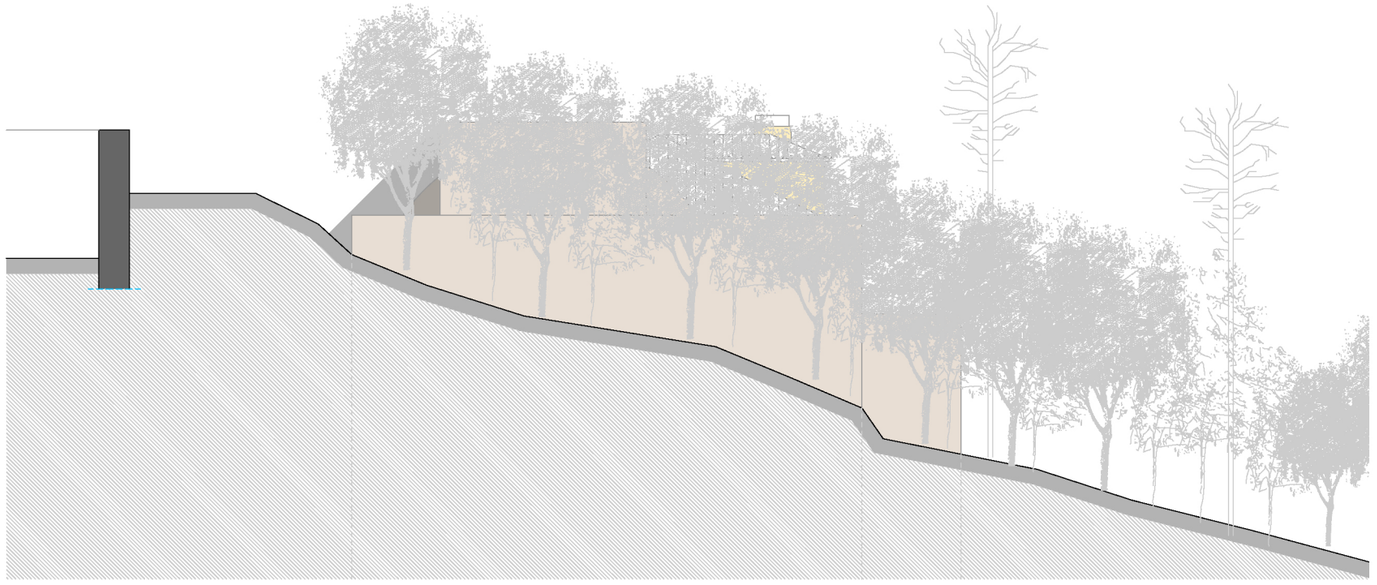
indicação de alçados _ 1/ 1000

- sul 1 | norte 1



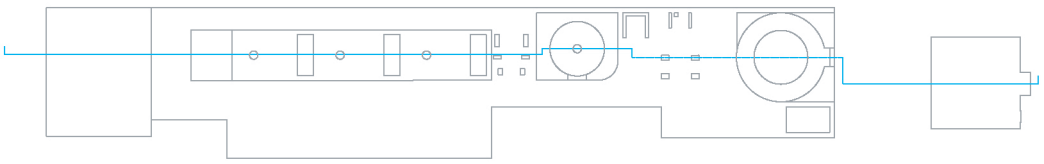


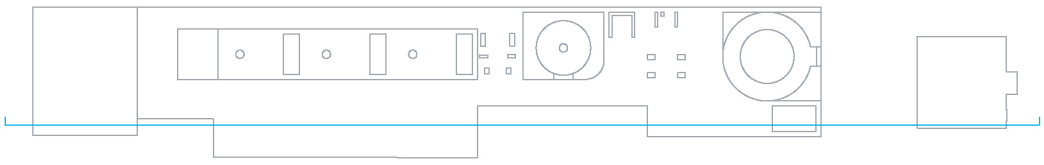
alçado sul 1 _ 1/ 200



alçado norte 1 _ 1/ 200

Fig. 108 - alçados _ 1/ 200

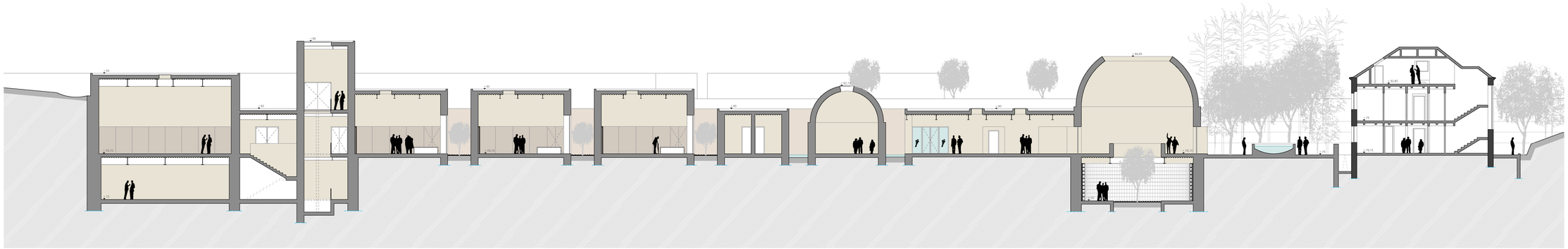




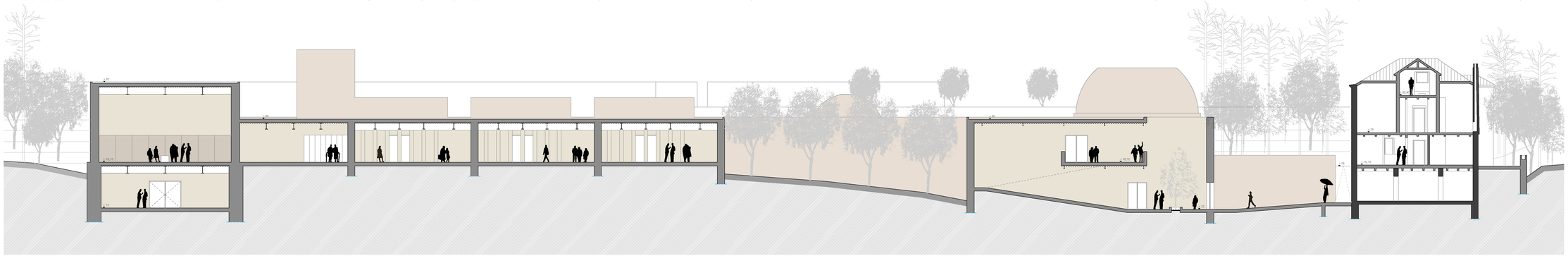
indicação de cortes _ 1/ 1000

- AA | BB



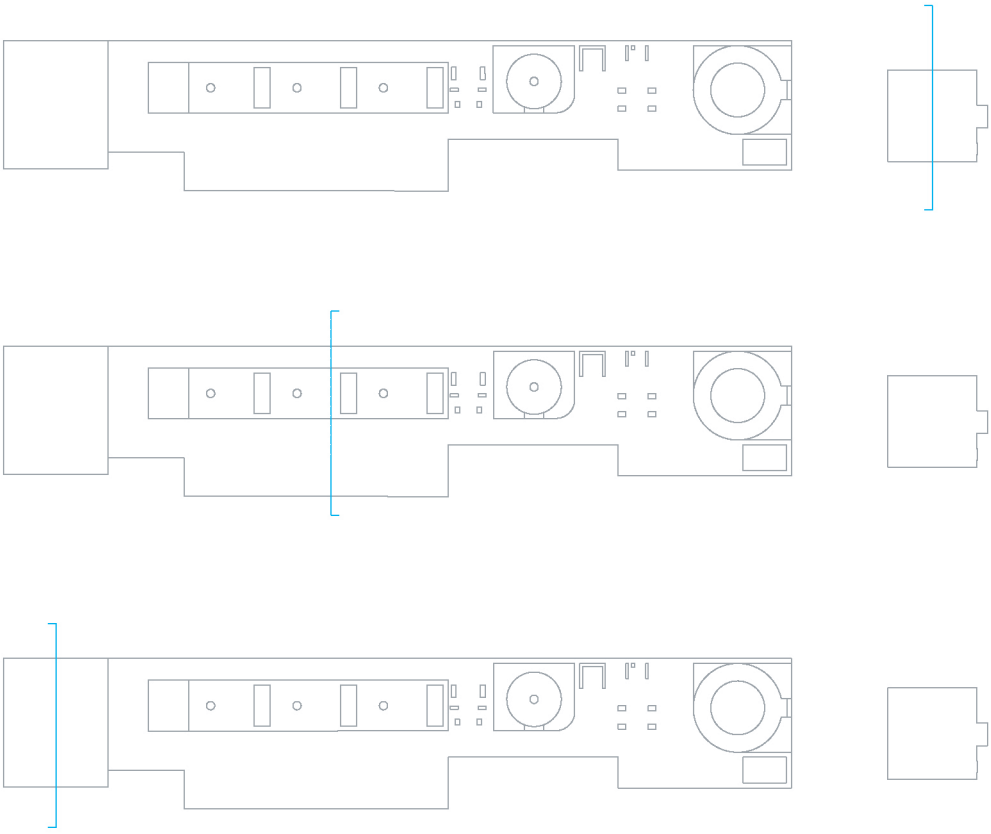


corte AA _ 1/ 200



corte BB _ 1/ 200

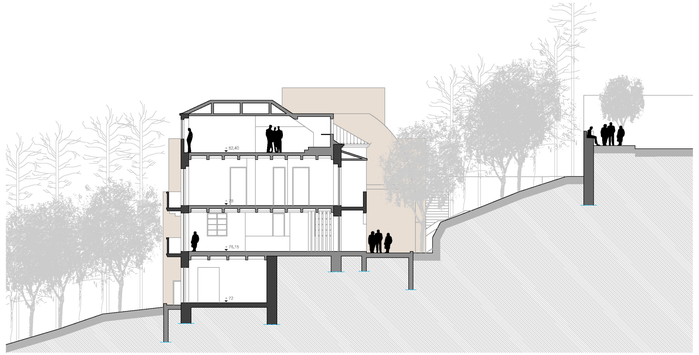
Fig. 109 - cortes _ 1/ 200



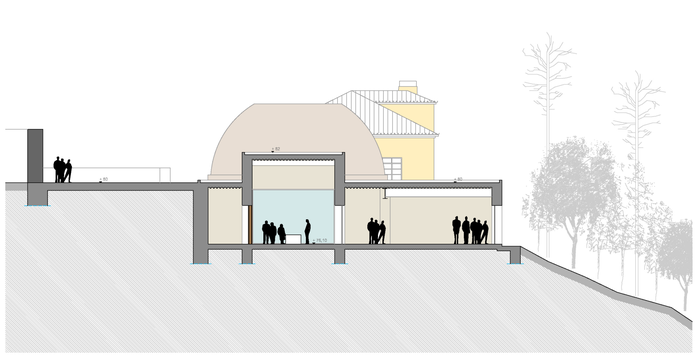
indicação de cortes _ 1/ 1000

- CC | DD | GG

N



corte CC _ 1/200

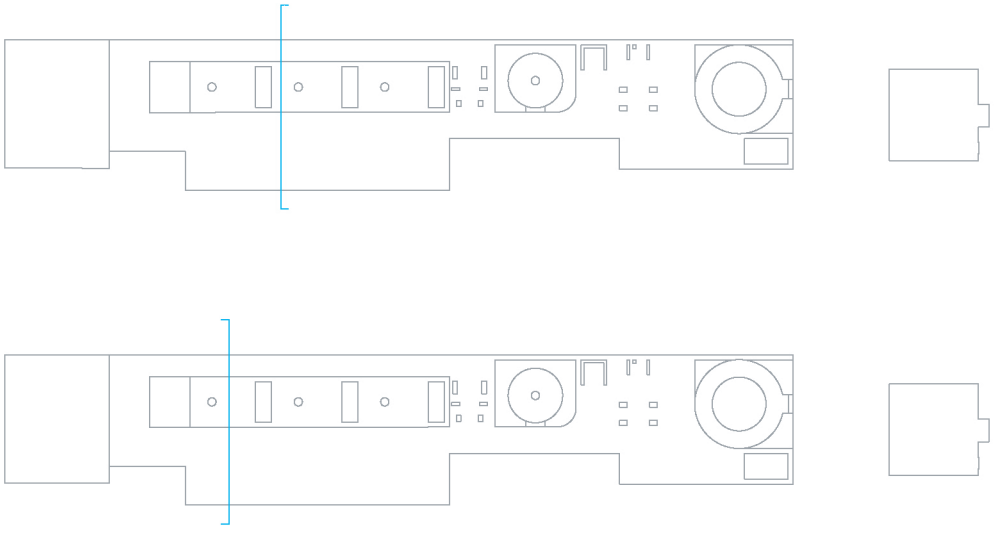


corte DD _ 1/200



corte GG _ 1/200

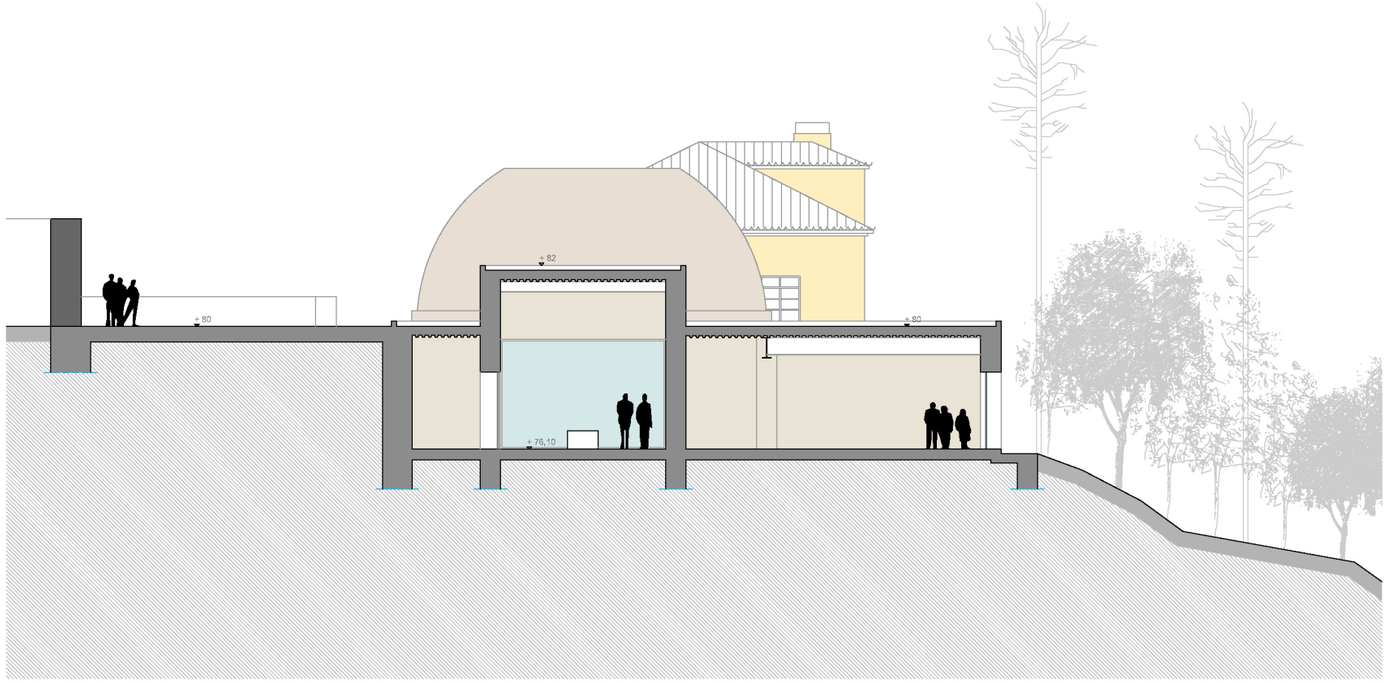
Fig. 110 - cortes _ 1/ 200



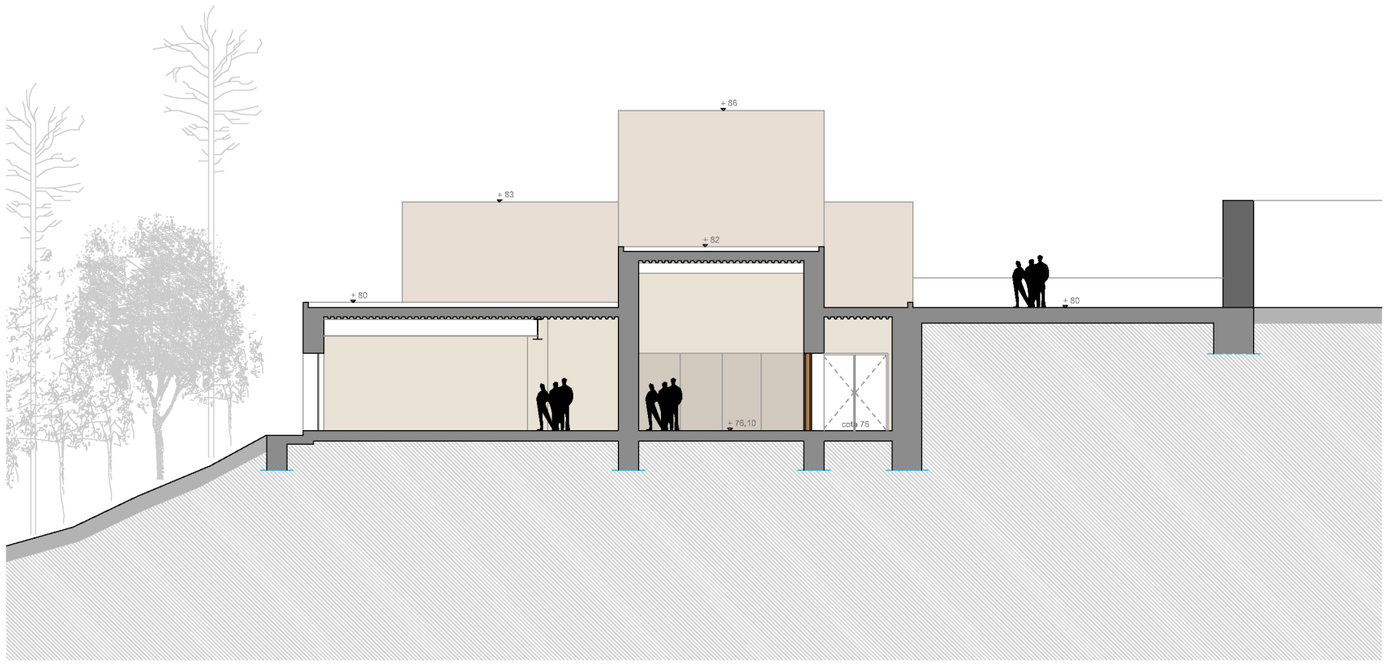
indicação de cortes _ 1/ 1000

- EE | FF

N



corte EE _ 1/200



corte FF _ 1/200

Fig. 111 - cortes _ 1/ 200



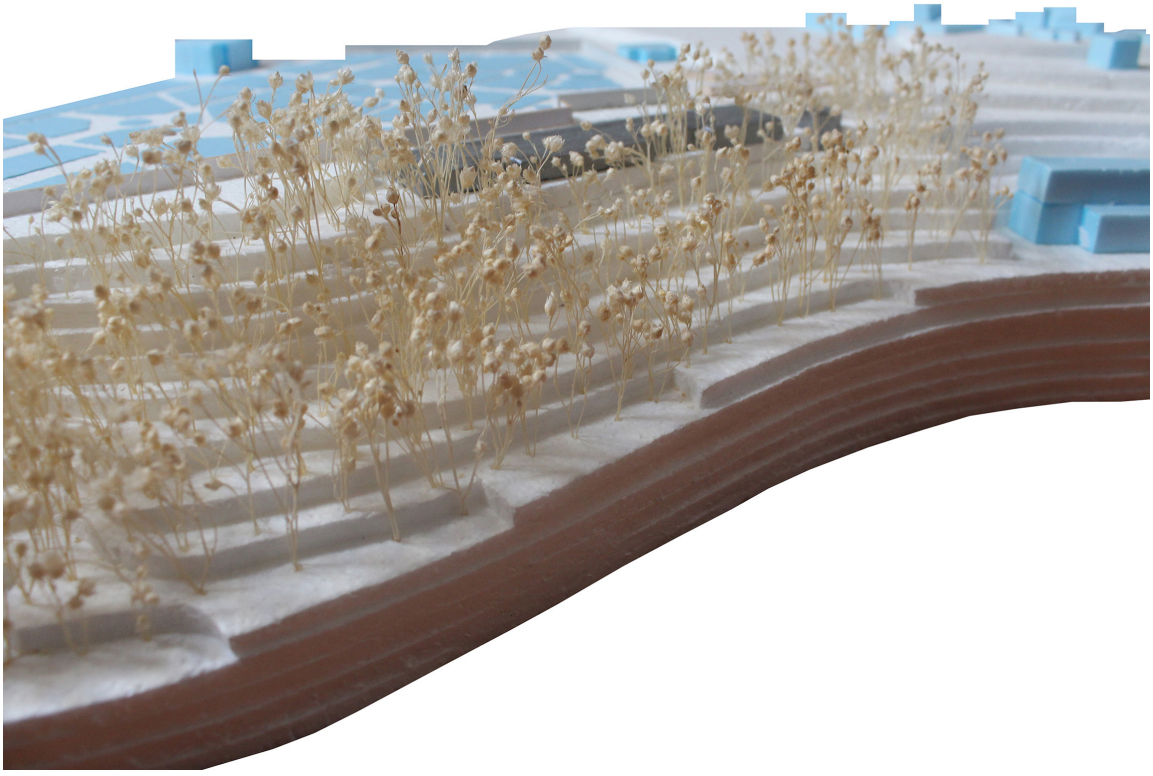


Fig.112 e 113 - Maquete 1/1000, implantação do Tanatório, envolvente da Conchada

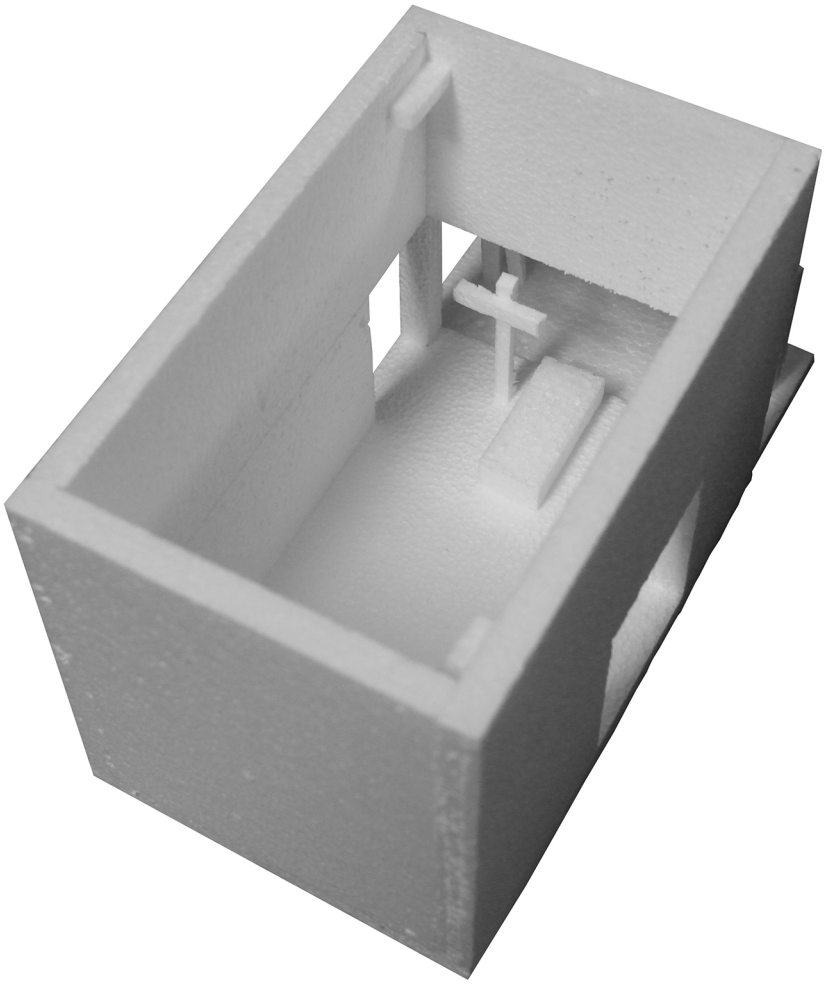
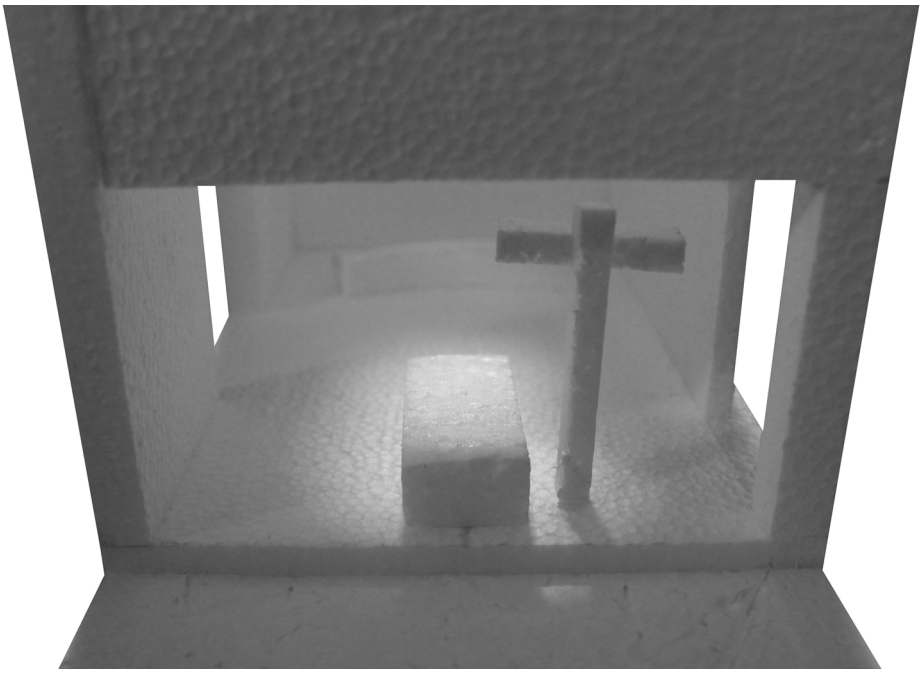
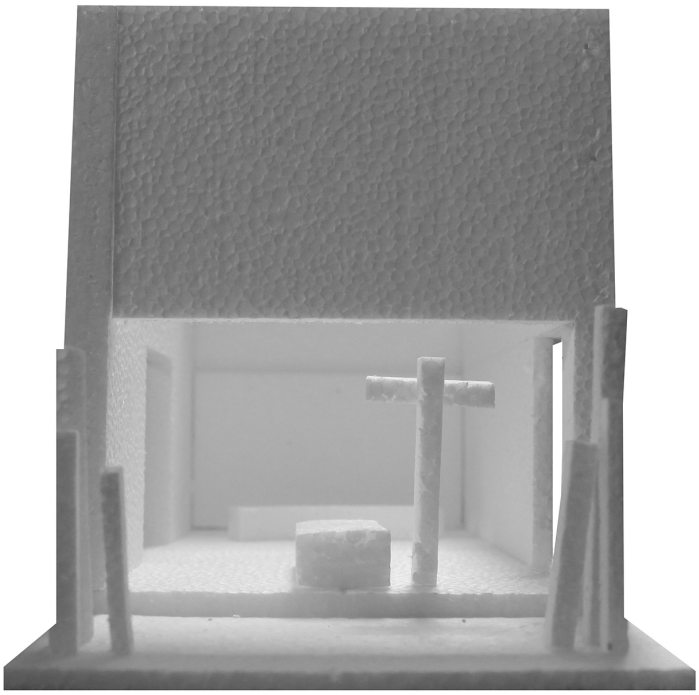
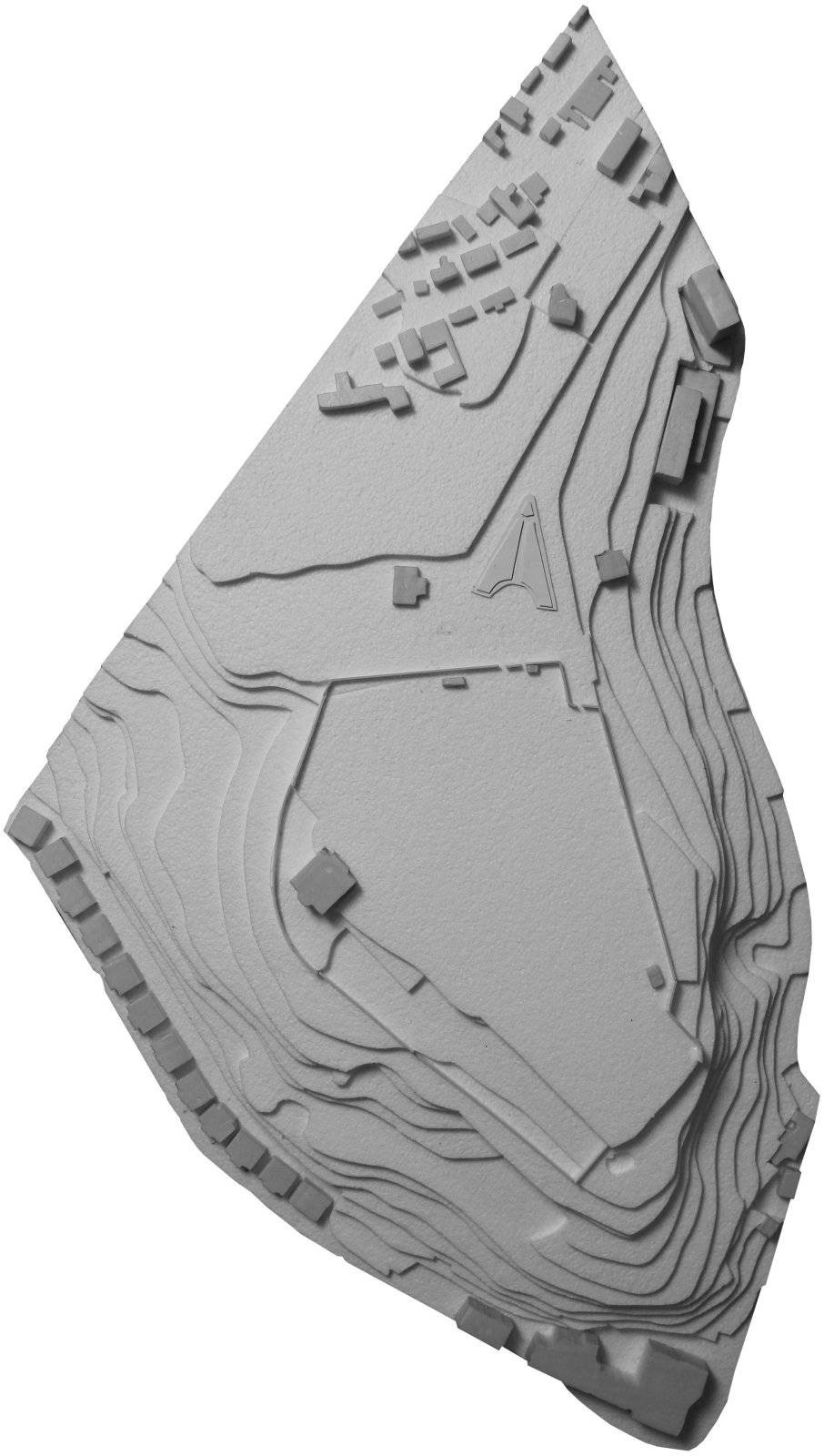


Fig.114 a 116 - Maquete de estudo 1/50, sala de condolências







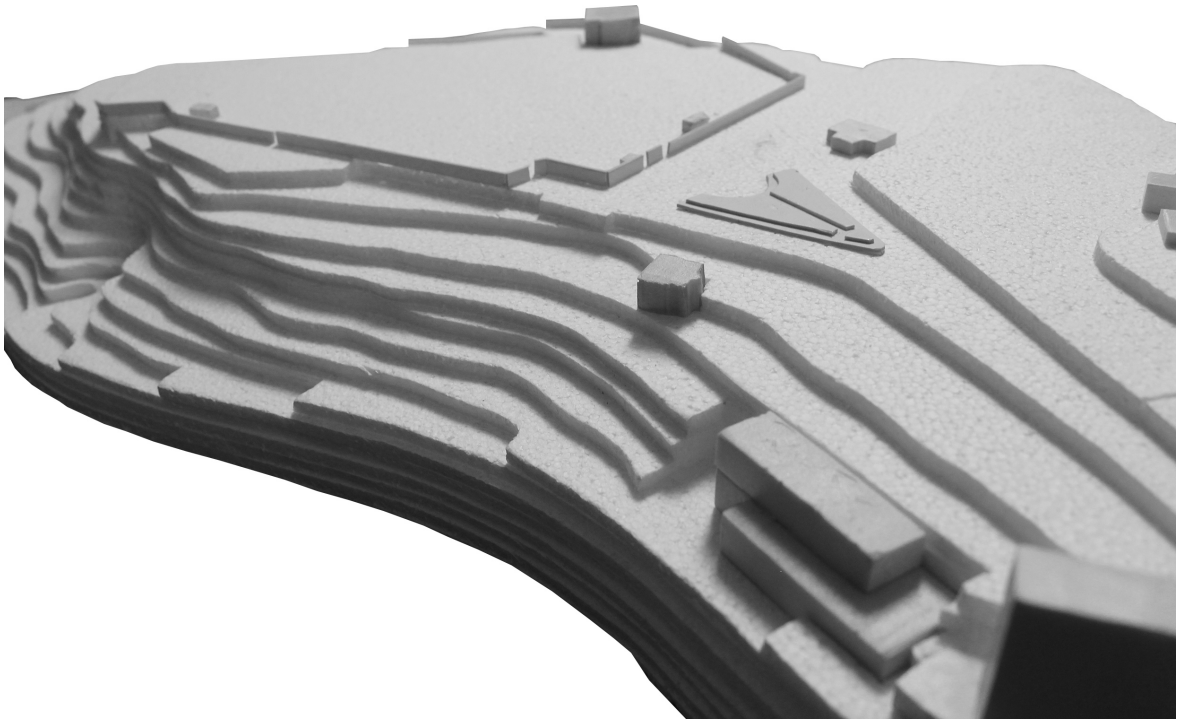
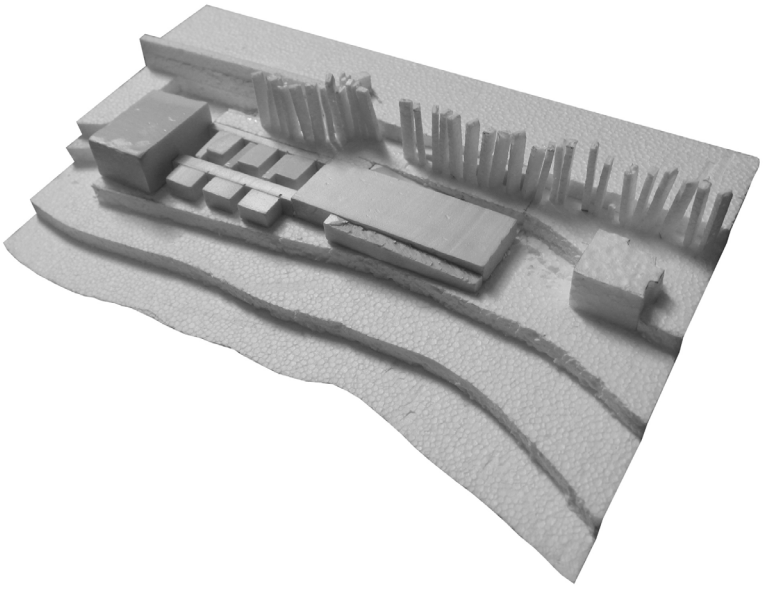


Fig.117 e 118 - Maquete de estudo 1/1000, envolvente da Conchada



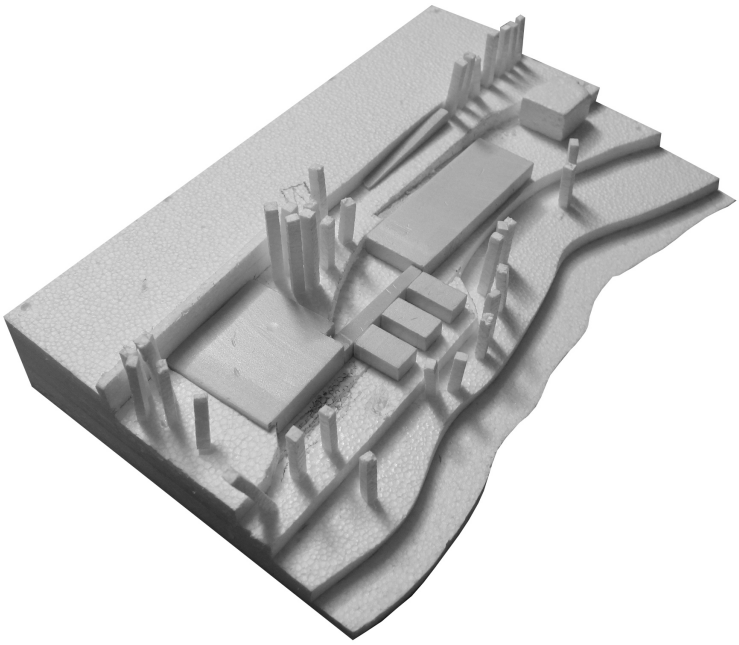


Fig.119 e 120 - Maquete de estudo 1/500, volumetria 1 (acima): projecto do Tanatório, volumetria 2 (abaixo): proposta de aproximação ao projecto

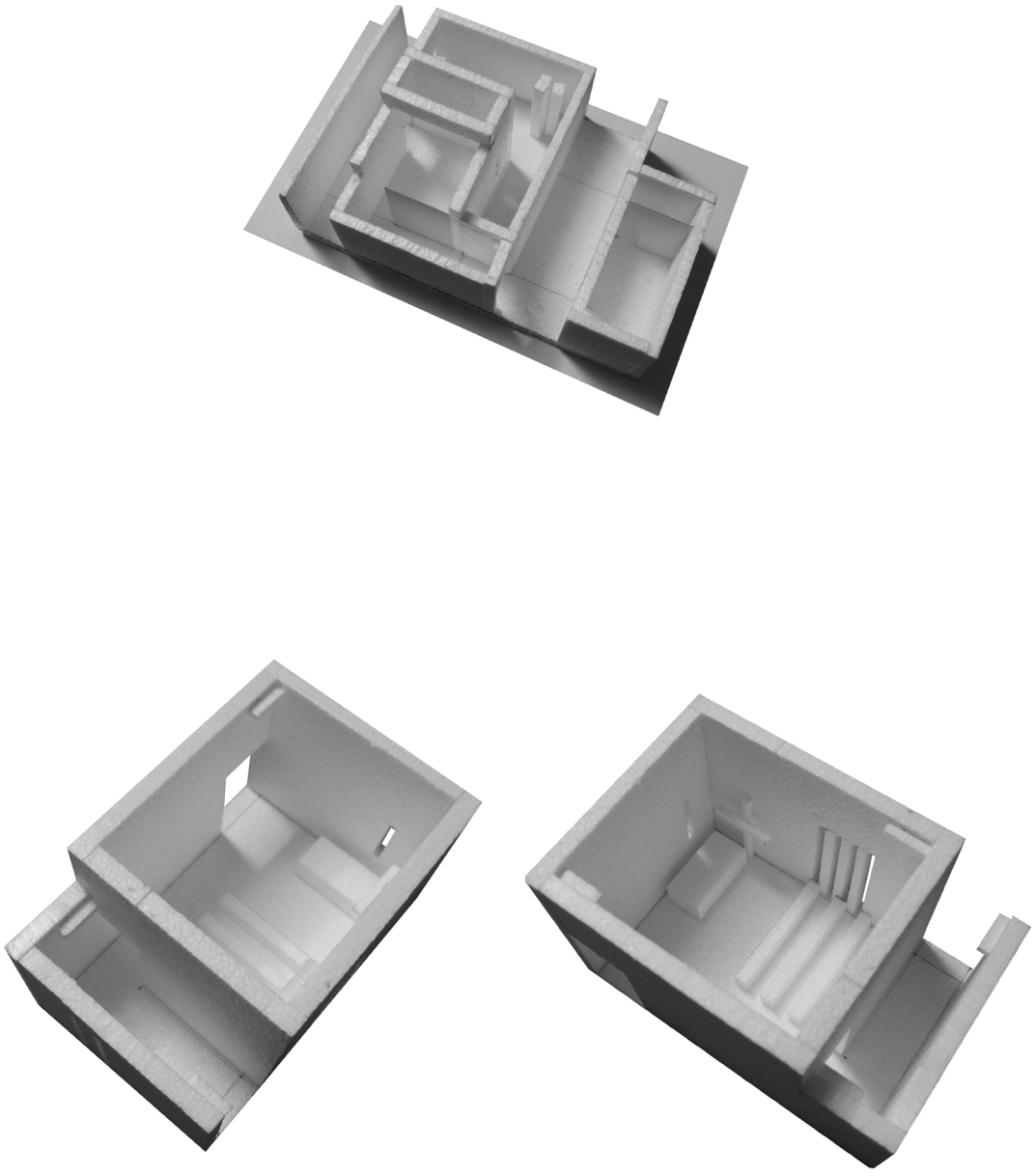
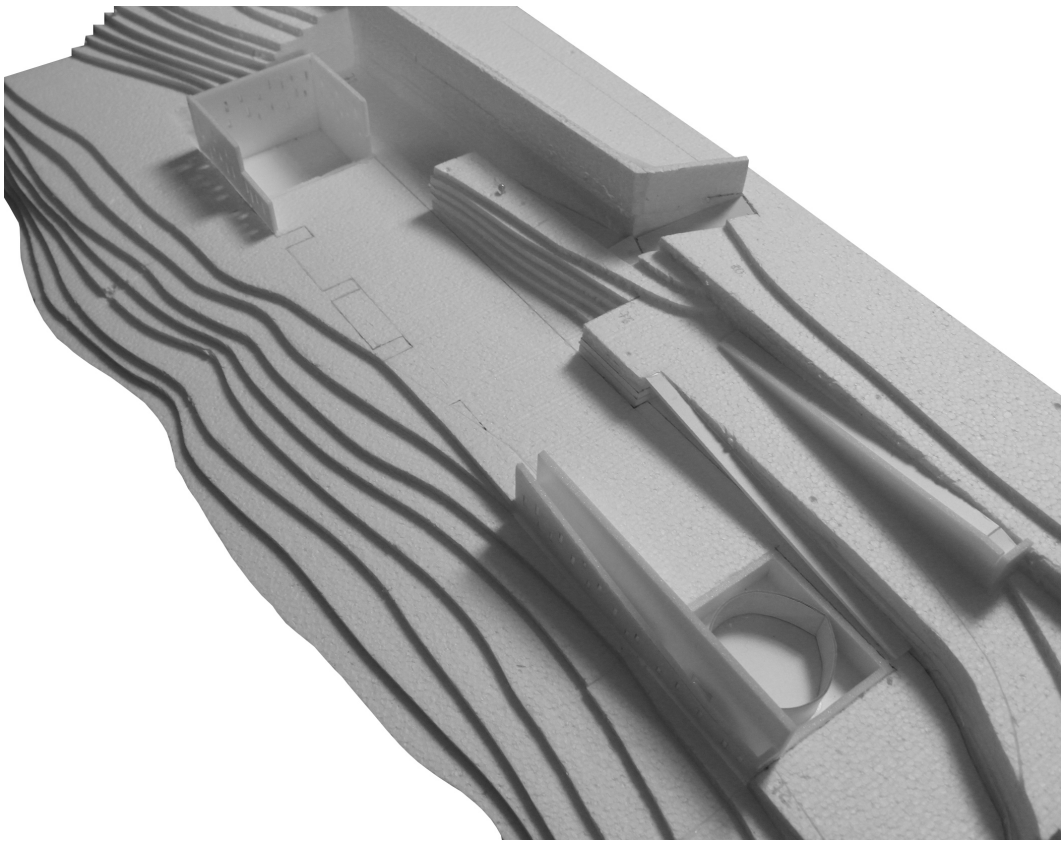


Fig.121 e 122 - Maquete de estudo, organização do espaço da sala de condolências 1/100 e 1/50





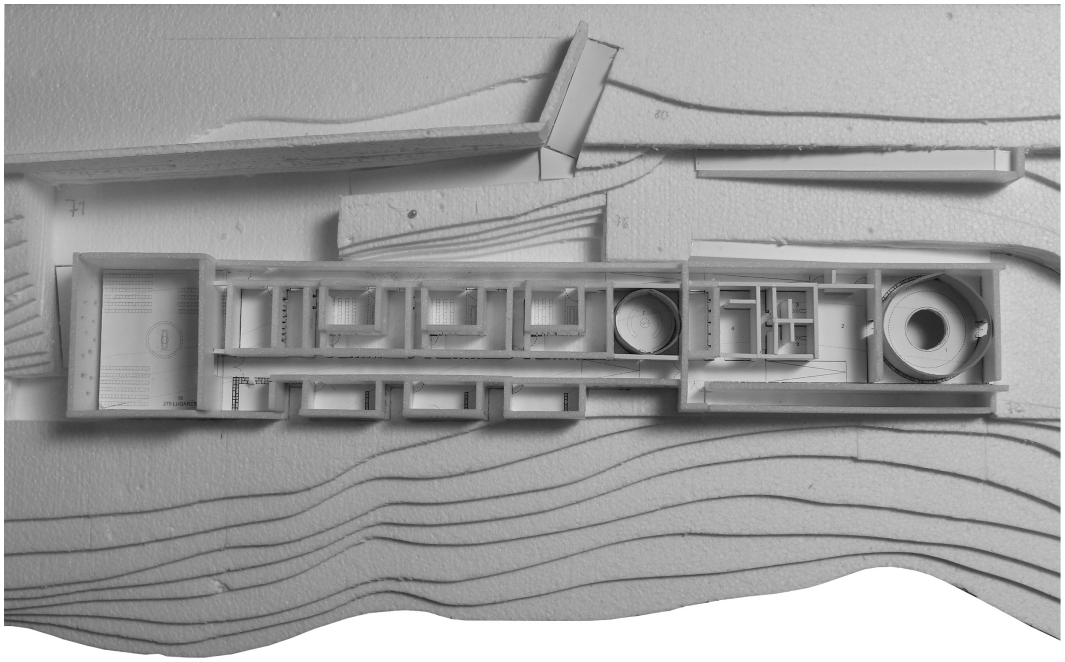
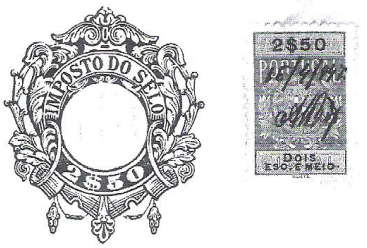


Fig.123 e 124 - Maquete de estudo, volumetria 1/200 com o terreno envolvente



Memoria descritiva.

Para se implantar a construção á distancia minima de I5 metros do alinhamento da rua,em virtude das imposições dos regulamentos de urbanização,aconteceu que se nos deparou uma grande diferença de nivel no terreno,entre a fachada principal e a de tardoz . Nestas condições,em virtude da casa ficar implantada no meio de uma proriedade agricola,decidiram as suas Excel.mas Proprietarias,aproveitar,na sub-cave assim obtida, duas divisões para alfaias agricolas.

Estas divisões terão o seu pavimento em betonilha.

Pelo projecto se verifica a maneira como se faz a adaptação da construção á diferença de nivel da terreno.

Coimbra,I6 de Abril de I947.

António Taborda Bispo

Fig.125 - Memória descritiva sobre a Casa Amarela de 1947, aproveitamento das fundações para a construção da casa das alfaias e descrição dos materiais



MEMÓRIA DESCRITIVA

O projecto junto diz respeito a um prédio que as Exmªs. Snrªs. D. Alzira Rocha, Gracinda Rocha, Cesaltina Rocha e Alice Rocha Falcão, moradoras na Praça 8 de Maio, desejam construir, em comum, na sua propriedade denominada Quinta do Monte Florido, nesta cidade, e que possue às seguintes confrontações: NORTE - com a estrada da Conchada; SUL - com a Igreja de Stª. Justa; NASCENTE - com o Asilo da Mendicidade; e POENTE - com o caminho público.

Na sua construção adotar-se-á nas fundações, o betão de boa cal hidraulica, ao traço de 300 K. de cal para 400 l. de areia e 800 l. de brita, e terão a largura e profundidade suficientes, a-fim-de que não seja ultrapassada a carga de segurança do respectivo terreno.

As alvenarias exteriores, em elevação, serão construídas com pedra de calcáreo de boa qualidade e argamassa de cal aérea de Penacova, ao traço de 2/5, em volume.

As paredes divisórias serão construidas em alvenaria de tijolo, com a mesma argamassa.

Na escada principal exterior, os degraus serão em cantaria de calcáreo do Outil ou análogo. A escada de serviço que dá acesso à cozinha, será construida em betão armado, assim como a veranda e os pavimentos da cozinha, casa de banho do rez-do-chão e W.C. das águas-furtadas.

Fig.126 - Memória descritiva sobre a Casa Amarela de 1946, aproveitamento das fundações para a construção da casa das alfaias e descrição dos materiais, folha 1

Os rebôcos exteriores e interiores e enchimento de tetos, serão executados com argamassa de cal aérea de Penacova e areia, ao traço; de 2/5, em volume.

A escada interior será construida em madeira de pinho de boa qualidade. Todas as restantes carpintarias, tais como: - estrutura do telhado, vigamentos para pavimentos e tetos, soalhos, roda-pés, bandeiras e caixilhos, etc., serão também de madeira de pinho.

Os pavimentos da cozinha, quarto de banho do r/c. e W.C. das águas-furtadas, serão revestidos de mosaico hidraulico.

As paredes destes compartimentos serão revestidas com um lambril de azulejo até à altura de 1,60 m.. Todas as restantes paredes interiores e exteriores, incluindo escadas e varanda, serão guarnecidas a massa de areia.

Os tetos de todas as dependências serão estucados, incluindo uma pequena sanca. A cobertura será em telha prensada, tipo marselhês, com beirado simples à antiga portuguêsa.

As loiças sanitárias serão de qualquer das fábricas nacionais, sendo os esgôtos constituidos por tubagem de grês cerâmico, com as secções necessárias ao bom funcionamento das instalações. - As pinturas serão executadas com tinta de óleo de linhaça, com uma demão de aparelho e 3 de cobertura, na côr a indicar posteriormente.

Coimbra, 9 de Dezembro de 1946

Antonio Lebarcela Bispo
Ag. Téc. de Engª Civil (I.I.L.)

Fig.127 - Memória descritiva sobre a Casa Amarela de 1946, aproveitamento das fundações para a construção da casa das alfaias e descrição dos materiais, folha 2

Diário de Coimbra

TERÇA-FEIRA | 1 NOV 2016 | 07

COIMBRA

Cremar é opção que ganha terreno na hora do adeus

Crescimento Complexo Funerário Municipal de Coimbra começou a funcionar a 13 de Junho deste ano e tem registado procura cada vez maior

FIGUEIREDO



Complexo Funerário oferece boas condições e faz com que a cremação não seja chocante

Margarida Alvarinhas

Sem avançar dados concretos, quem gere o Complexo Funerário Municipal de Coimbra, em Taveiro, garante que o serviço cresce de dia para dia e as melhores expectativas da altura, a 13 de Junho deste ano, quando o crematório entrou em funcionamento, já foram ultrapassadas. «O estudo que tínhamos apontava para uma cremação por dia, mas estamos acima disso», avançou um dos responsáveis da Ambinecro Coimbra, que explora o espaço.

Boas e modernas instalações fazem com que o Complexo Funerário Municipal de Coimbra seja cada vez mais procurado. Quem compra o serviço, garante o responsável da Ambinecro, sente-se agradado e o «passa a palavra» acaba por fazer com que outros clientes procurem aquela que é uma opção em crescendo na hora da "despedida". «A cremação é algo que não choca as pessoas como elas pensariam que iria chocar», explica ainda o responsável.

Cremar é, pois, uma opção que cada vez tem mais clientes. Na grande Lisboa, segundo o presidente da Associação Portuguesa de Empresas Lutuosas (ANEL), Carlos Almeida, 53% dos mortos são cremados. Coimbra está longe disso, mas segue por esse caminho, garante o responsável da ANEL, falando de uma opção que, apesar de mais evidente na capital, segue tendência de crescimento no resto do país. «Daqui a três ou quatro anos o crescimento em Coimbra vai ser exponencial», garante.

«Motivos sociológicos» estão, na opinião do responsável da ANEL, na origem da cada vez maior procura da cremação. Há, segundo Carlos Almeida, um «desenraizamento» das pessoas relativamente às suas origens e, a somar a isso, factores ligados à «higiene» e mesmo o próprio «simbolismo do cuidar da sepultura» que perde terreno. Não esquecer ainda factores económicos que «desincentivam» quem chega ao momento de ter de se despedir de um ente querido. Se é verdade que se compram campas a «200 ou 300 euros» nas aldeias, também o é que em Lisboa «chegam aos 10 mil euros», garante Carlos Almeida.

Destino das cinzas

Uma hora e meia depois do início do processo, o corpo encontra-se cremado. Há, então, que escolher o destino a dar às cinzas. «A maior parte das pessoas levam as cinzas», revela o responsável da Ambinecro Coimbra, explicando que são menos os que optam pelo Cendário (depósito de cinzas comum) ou pelo Jardim da Memória existente no Complexo Funerário Municipal de Coimbra. Esta não será, contudo, a tendência geral, e o presidente da ANEL garante que a maior parte das pessoas opta pelo Cendário, cumprindo a vontade da Igreja que, preferindo a sepultura dos corpos, admite a cremação desde que os defuntos sejam objecto de orações e de memória por parte da comunidade cristã. Boa parte ainda opta pelo seu lançamento na natureza, no meio terrestre ou no meio aquático, e há ainda estranhas ideias para o destino das cinzas, como fazer com elas jóias.

Qualquer que seja o destino a dar às cinzas, com culto cristão ou não, a cremação, que surgiu em Portugal em 1985, começa a assumir-se como opção preferencial e em crescendo contínuo. Dados do INE demonstram essa tendência: em 2010 foram feitas 9 mil cremações e em 2014 foram feitas cerca de 14 mil.

Milhares nos cemitérios para homenagear finados

ARQUIVO



Cemitérios são "invadidos" no Dia de Todos os Santos

HOJE Estava Portugal algures nos anos de 1830 quando surge no país o primeiro cemitério, acabando assim com as sepulturas nas igrejas e templos sagrados. Primeiro Braga, depois Lisboa e por aí fora em todo o país. Os cemitérios foram-se instalando, dando resposta à necessidade de enterrar os mortos num lugar que permitisse o culto religioso.

O culto, que se vai sentindo ao longo do ano, assume hoje a sua expressão máxima, com a celebração do Dia de Todos os Santos, muito embora o Dia dos Finados seja amanhã. Porque hoje é feriado, são milhares as pessoas que rumam aos cemitérios para prestar a sua homenagem a quem próximo já partiu.

Mantém-se viva a tradição entre os portugueses de celebrar o Dia de Finados.

As campas são cuidadosamente limpas e enfeitadas. Há milhares de flores que dão outra cor aos cemitérios, há outro tanto número de velas acesas em homenagem a quem partiu. Há também um negócio associado, que é inevitável e que a Igreja não condena, desde que honesto.

O Dia dos Finados celebra-se oficialmente amanhã, 2 de Novembro, mas a conveniência do feriado ser hoje, leva a que praticamente se tenha instituído que a ida aos cemitérios acontece no dia de hoje. Hoje sim, e pela Igreja, é dia de Todos os Santos, dos que não tendo um dia consagrado para a sua celebração são assim adorados em conjunto. M.A.

Fig.128 - Artigo Diário de Coimbra de 1 de Novembro de 2016

Diário de Coimbra

SEGUNDA-FEIRA | 19 AGO 2019 | 07

COIMBRA

Pensar um local e edifício para morada dos mortos

Arquitectura Coimbra recebe iniciativa internacional que propõe um panteão para cinzas dos que são cremados mas não professam religião alguma

Aceitar a cremação e manter as cinzas num local sagrado foi um passo da Igreja Católica em 2016. Mas como resolver onde guardar as cinzas de quem não professa de nenhuma religião e queira ser cremado? Guardar as cinzas dos que não professam religião alguma e pretendam ser cremados é um dos desafios do workshop internacional de arquitectura "Finita Existência – Panteão Para Cinzas", que decorre entre 17 e 27 de Setembro em Coimbra, integrado na programação convergente do Anozero19.

O objectivo deste encontro com vários especialistas é reflectir sobre «um lugar para todos aqueles que pretendam ser cremados e desejem ser guardados: uma casa de memórias (in)finitas que os acolha e os lembre», referem os organizadores da iniciativa, Désirée Pedro e Luís Miguel Correia.

D.R.



Criar um espaço para as cinzas de não religiosos é o desafio

O workshop, que tem como base as perspectivas de áreas como a História, a Antropologia, a Teologia e a Psicanálise, e cujos resultados irão integrar uma exposição no Anozero – Bienal de Arte Contemporânea de Coimbra, pretende que seja pensado um edifício capaz de acolher uma morada dos mortos. Os locais escolhidos, devido ao carácter de fronteira que apresentam e para que se integrem no quotidiano da cidade, foram a colina do actual Cemitério da Conchada e o Alto de Santa Clara/ Cerca do Convento de Santa Clara-a-Nova.

O workshop é aberto ao público. Terá conferências orientadas por Carme Pinós, Manuel Aires Mateus e Maria Manuel Oliveira, tutores principais, e conta ainda com a presença dos oradores Fernando Catroga, Luís Quintais e Vasco Santos e dos tutores Dériée Pedro e Luís Miguel Correia.

As inscrições no workshop são feitas através da página anozero-bienaldecoimbra.pt/convergentes ou do email workshops@anozero-bienaldecoimbra.pt e têm o valor de 200 euros, sendo que os participantes com matrícula activa no presente ano lectivo 2019/2020 na Universidade de Coimbra usufruem de um desconto de 35 por cento. Por mais 150 euros, é ainda possível obter alojamento no Seminário Maior de Coimbra durante o workshop (11 noites).

A colina da Conchada e o Alto de Santa Clara são dois locais possíveis para o panteão

"Finita Existência – Panteão Para Cinzas" está integrado na programação convergente do Anozero'19 e vai ter lugar, de 2 de Novembro a 29 de Dezembro, no Anozero – Bienal de Arte Contemporânea de Coimbra, com uma exposição intitulada A Terceira Margem, reflexão artística contemporânea a partir do conto "A terceira margem do rio", de João Guimarães Rosa.

A programação de arquitectura no Ano Zero resulta da colaboração com o Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra (DARQ), com iniciativas como workshops e exposições.

Fig.129 - Artigo Diário de Coimbra de 19 de Agosto de 2019

"Ao café com Rosa Maria Castro Pita", nascida e criada na Conchada até 2003

Reprodução na integra da entrevista em áudio com a interlocutora e da sua experiência de vida na Conchada

R.-Rosa
I.- Inês

R.- A Conchada propriamente dita, é única e exclusivamente o bairro da Conchada lá em cima no alto, na Quinta da Misericórdia, onde está o centro operário católico, onde estão aquelas casas sociais (creche, jardim de infância, actualmente), o bairro da Conchada é isso.

R.- Claro, que todas as zonas limitres a esse núcleo do bairro da Conchada, passou a chamar-se Conchada. A Conchada para todos os efeitos começava cá em baixo na Sá da Bandeira, no início da antiga rua de Montarroio e do alto da rua de Saragoça e por aí acima, e abrangia a rua António José de Almeida até onde é hoje o cruzamento da rua Nicolau Chanterene, abrangia a primeira rua que foi construída naquela zona, foi a rua Frei Tomé de Jesus, é uma rua sem saída de casas de um lado e do outro, com construção igualzinha, que eram umas casas que foram construídas em 1940/50 e pouco, talvez entre 1940-50, então depois foi aberta a avenida da Conchada, que é a que vai do largo da Conchada para o cemitério.

R.- Porque a primeira construção mesmo foi ...

R/I.- A do cemitério

I.- Exactamente, foi um elemento que formou a origem daquela zona toda

R.- Foi essa a primeira construção, que foi mesmo aí

I.- Sabe-se que era a quinta do Padre Joaquim Pio, que depois ...

R.- Inicialmente aquilo veio muito de trás como pode ver neste artigo, aquilo desconfia-se e você vai ler neste artigo que, há indícios que os povos pré-históricos por lá andaram, há indícios, não há documentação, não há nada que prove concretamente mas há indícios que os pré-históricos por ali andaram, por isso aquilo vem de quintas antigas

I.- Uma sucessão de quintas ...

R.- Sim!

R.- A Conchada, impendentemente da sua urbanização, foi uma urbanização dentro do próprio bairro da Conchada, não é uma urbanização antiga, tem uma urbanização recente no alto da Conchada, porque o casarão, o chamado casarão (que era a casa da Misericórdia) onde viviam 25 famílias, o casarão que eu conheci bem, que eu via as condições durante muitos anos em que vivia aquela gente, que eu ainda me lembro da Conchada com os bairros de lata, ainda sou do tempo em que os bairros de lata ainda era cá em baixo.
Ora bem, aqui nesta zona do Rego Bonfim na rampa, aí havia bairros de lata, isso ainda é do meu tempo.

R.- Umas barracas de madeira com zinco, jornais, cartões, com várias coisas onde viviam ali famílias, e só a partir daí em 1949-52 é que então se começaram a construir as casas sociais do alto da Conchada e foi daí que foram para o casarão.

R.- Claro que depois mais tarde, e por isso é que eu digo que a urbanização de hoje do alto da Conchada não tem nada a ver com a anteriormente, foram construídos aqueles prédios.

I.- Sim, de habitação social

R.- Do casarão foram retiradas as pessoas, foram para o bairro da Rosa e para outros bairros por enquanto estavam a construir novas habitações e algumas regressaram ali.
A Conchada tem para além e para mim tão importante como o seu início, o que envolve, tudo isso, a Conchada era um bairro, era e hoje já não é assim, era um bairro onde convivia toda a gente que vivia daquela zona ali

I.- Era vivida em comunidade

R.- Na rua Dias Ferreira, na rua Infante D. Henrique, na rua António José de Almeida, na rua Frei Tomé de Jesus, na rua Montarroio (actualmente rua de Saragoça), que não havia a rua de Aveiro, nessa zona toda viviam familias muito conceituadas em Coimbra, com poder económico bastante bom, até porque tinham construído aquelas suas casas, casas todas naquela encosta, tinham comprado aquelas quintas e tinham construído.
Você vai à rua Dias Ferreira, que vem da Conchada até ali abaixo e que vai dar atrás da polícia, aquelas casas de um lado e do outro eram quintas. Você sobe a rua Saragoça e do lado esquerdo e direito mas do lado esquerdo da rua de

quem sobe, todas aquelas casas, mesmo os prédios têm quintais com árvores de fruto, onde as pessoas cultivam, com poços de água para se abastecerem e depois mais tarde passou a ser para rega, tudo isso eram quintas e toda aquela gente que ali vivia, era o bairro da Conchada, sendo que o bairro era efectivamente o alto da Conchada – mesmo aquele bairro ali.
Com a rua Fernandes Tomás, que foi a última rua a ser aberta, que vem lá de cima do alto da Conchada e que vem também dar aqui ao largo, e aí ao cimo havia muitas barracas e por aí abaixo havia barracas.
Ainda hoje, se for à rua Fernandes Tomás, ao início da rua, que penso que é uma lavandaria e for por essa rua fora e pequenina, chega ao fundo e para ali você vê as casas que ainda ali estão e talvez ainda lá ao fundo vê as casas de madeira.
A convivência no bairro da Conchada era uma convivência sã, uma convivência de respeito, de uns pelos outros, de camaradagem, mas com muito respeito e de muita brincadeira. Mesmo aqueles que vinham do bairro da Conchada das barracas, eram respeitados e eles respeitavam os outros, havia ali quase como um pequeno código não escrito mas assumido por todos de defendemo-nos uns aos outros, aquele território era nosso tanto nos o defendíamos como defendiam o do bairro de lata, que ninguém se metia com eles, pois mais tarde evoluiu para a droga e coisas incríveis.
O bairro da Conchada como lhe digo, falamos do cimo da rua Saragoça, cimo da rua Infante D. Henrique, rua Frei Tomé de Jesus e etc. Porquê? Porque aquilo era uma protecção que eles davam ali ...

I.- Basicamente era como uma muralha

R.- ... ao seu território e por sua vez, nós que até lá nascemos também, nascemos nas casas, nós protegíamos a eles. Havia uma certa vivência, era um bairro e uma zona com muita gente e de gente nova.
Havia duas repúblicas, a do “Põem-te a pau” e a dos “? Pachás”, que inicialmente a república dos “Pachás”, esteve na rua Dias Ferreira, mas depois passou para o Largo da Conchada, por cima do café “Apolo” (que hoje já não existe e agora é uma farmácia). Era uma zona que tinha três cafés sempre cheios onde se convivia, tinha três mercearias que penso que pelos menos uma ainda existe

I.- Conheço uma, que é naquela rua que vai dar ao cemitério

R.- Sim, é a única que existe. É a mais antiga actualmente e é a das mais antigas, manteve-se sempre ao longo do tempo e teve sempre uma característica e penso que ela ainda tem, que tinha a mercearia e um balcãozinho de tasca para beber vinho

I.- Isso já não lhe consigo confirmar

R.- Essa era aonde se iam abastecer os mais pobres do alto da Conchada, essa aí

I.- Pois, devia haver uma para cada situação económica

R.- Sim era o livro dos acentos, as pessoas tinham livros de acentos e só pagavam quando recebiam.
Mas o bairro da Conchada tinha uma característica que mais nenhum outro bairro de Coimbra teve, nem o bairro de Celas com as suas características próprias, que era um bairro de uma grande solidariedade entre classes sociais na altura, podia haver alguém que o fizesse mas não havia ali distinção e acudia-se a tudo, acudiam-se tudo uns aos outros, malta nova do meu tempo, eu por exemplo posso por o meu exemplo: fui para o Colégio de S. José com 2 anos para a pré-primária, isto depois mais tarde para a primária, liceu e etc.
Eu vinha de lá, eu apanhava os rapazes e raparigas que tinham grandes dificuldades e que tinham fome, eu agarrava neles e trazia-os comigo, entrava e vinha pela quinta, porque a casa dos meus avós dava para a rua Dias Ferreira mas eles tinham comprado aquela quinta toda até cá cima, ao cimo da rua Saragoça, onde está hoje um prédio que era da minha família, que foi feito no resto daquela quinta, eu passava a quinta, abria o portão, vinha por ali abaixo e ia para casa dos meus avós, que era muito grande e na cozinha eles sentavam-se a comer, eu fazia isso e outros faziam a mesma coisa. E por isso fez-se ali uma comunidade, formou-se ali uma comunidade na Conchada, que sendo nós de uma outra ocupação, formação, com uma educação, sendo que eles os influenciavam-nos. A convivência e a ajuda, e o todo esse trabalho que nós fazíamos, com brincadeiras, sem nada e sem estarmos a pensar no que nos estávamos a fazer, estávamos a influenciar essa gente que ali vivia e que essa gente que ali vivia com fraca especial miseravelmente, que chegaram a viver numa barraca 8 pessoas da mesma família, com pouco menos mais de 1 metro de altura.
Essa gente tinha por nós e pelos nossos mais velhos, respeito.

I.- Respeito entre todos, não é o que se vê agora ...

R.- Não! Sendo ali aquela zona problemática ou chamar-se-ia um bairro problemático, não sei se hoje é assim, não me parece ... Eu não quero dizer que não haja droga, isso é capaz de haver, isso há de certeza. Porque há ali umas famílias no bairro da Conchada que sempre viveram disso, agora ali já não é um bairro problemático, mas naquela altura era e havia ali figuras castiças, que era uma coisa que Coimbra tinha.

O bairro da Conchada tinha o “Tatonas”, o “Tatonas” foi nascido, criado e morreu no bairro. É uma figura castiça de Coimbra, um rapaz com graves deficiências e com problemas psíquicos, que andava pela cidade a pedir “óh doutor! Dê-me um tostão para as minhas férias na Figueira da Foz”. Mas era uma figura querida por toda a gente! Porque essas figuras eram acarinhadas pela cidade inteira ...

I.- Era uma figura estimada por todos os cidadãos ...

R.- Era o “Teixeira”, era o “Tatonas”, era o “Carlitos”, enfim montes deles. O “Tatonas” era uma figura ali nascido e se fosse ainda vivo teria a minha idade, porque ele era da minha idade. Quantas vezes eu andei a brincar com o “Tatonas” na rua e eu ainda o levei a minha casa para ele comer, a casa dos meus avós.
Havia a “Gracindita” e aí sim, ao lado da Casa Amarela havia uma porta de madeira para um quintal que estava completamente sem nada, onde havia uma barraca

I.- Estamos a falar da encosta?

R.- Sim, na encosta. Aqui é a Casa Amarela que segue para o cemitério, logo a seguir um bocado à frente, em frente à Casa Amarela, há ali um bocado que devia ter sido um terraço e era ali que ela vivia. Ela, a mãe e o filho, que só acabou a barraca no dia em que ela morreu

I.- Ou seja que neste momento só tem uma porta

R.- Não tem uma porta! Não tem nada

I.- Não, não tem nada, mas tem um vestígio de uma antiga entrada, de uma porta

R.- Eu penso que a gente entrando para esse sítio

I.- Que é ao lado daquele “novo” prédio?

R.- Qual prédio novo?

I.- Ora bem, nós estamos a olhar nesta direcção ...

R.- Não, não! Você vai a caminho do cemitério, certo?

I.- Certo!

R.- E aqui tem a Casa Amarela

I.- Exacto!

R.- Anda pelo muro da Casa Amarela e aqui em diante ...

I.- Ah! Mesmo em direcção ao cemitério?

R.- Sim! Havia aí uma ... que já não existe lá do lado esquerdo, do lado da Casa Amarela havia um sítio onde havia uma barraca de madeira, que era uma barraca de madeira que tinha 1,50 metros de altura, de madeira e na altura era aquelas coisas de zinco, em que ela vivia, a mãe e o filho. E ela vivia de quê? Do que lhe davam, mas andava o dia inteiro aos caixotes do lixo.
Agora, essa comunidade aí que eu estou a dizer, por muito que se quisesse tirar de lá ...

I.- Ela não saía?

R.- Não, não! Então foi-lhe oferecida uma casa ao lado do cemitério da Conchada, construída de raiz e de isso tudo. Mas a "Gracindita" não, só morta! Era uma pessoa que durante anos até morrer que nunca soube o que foi estar sóbria, começava logo de manhã a correr os tascos, a beber bagaço e dizia muita asneia, fazia muito barulho ali na rua. Era para lá o fim do mundo! A gente já sabia "olha a "Gracindita" hoje está com uma que não se endireita!" e depois desaparecia, e tornava a aparecer ao fim do dia. Quer dizer, desaparecia porque ia dormir para a barraca. Está a ver?
Aquela comunidade da Conchada tem muito que se lhe diga sociologicamente e tem muito que se lhe diga em termos de, não dando grandes nomes às coisas, não é preciso dar grandes nomes, um nome muito pomposo ou o que se está a fazer aqui ou acolá.
Não! A própria vida e a convivência vão estabelecendo regras, com tractos entre as pessoas, vai-se fazendo coisas fantásticas e o bairro da Conchada era o mais conhecido dos bairros de Coimbra, o mais famoso e mais conhecido. E porquê? Também estava lá muita gente

I.- De muita gente conhecida também

R.- Conhecidas, famílias muito conhecidas na cidade e fora da cidade, com muitas poses, com engenheiros, advogados, médicos. Essa república deu muita vida ao sítio, porque deram muita vida e pronto.
Isso a partir dos anos 60 e pouco, antes da crise académica de 1969, essas

repúblicas começaram a desaparecer, não tiveram mais gente, mas em 1969 aquilo ainda tinha grande dinâmica e havia muita droga.
Na minha casa, na casa dos meus pais onde eu vivia, no prédio que eu lhe disse, que fica ao lado do café Infante, um prédio grande que até tem uma grande hera no lado da parede, não sei se já a tiraram. Eu chegava a casa às 3/4h da manhã porque eu era noctiva daí e eu entrava tarde e eles estavam ali sentados, a negociar a droga, e eu chega ali e dizia "boa noite" e lá eu subia a escada.
Era conhecido por "escritório"!
E por isso está a ver, que as coisas ali não eram como os outros sítios.
"Mas tu vives no bairro da Conchada? Aquilo é uma coisa horrível!
Mas aquilo é horrível aonde?" dizia eu para os meus amigos, é uma comunidade que ensina a vida. Eles ensinam o que é a vida, o que custa a vida, o que nos custa e outras coisas. Havia ali uma pergunta que era pela brincadeira, claro porque depois faziam-se amizades pois, eram todos e todos por um.
Eu acho que essa parte da Conchada é muito importante porque a Conchada começou porque começou com o cemitério. O cemitério começou ali e foi a partir dali que se começou a chegar pessoas que vinham da província para ali, nem era gente que vinha da Alta porque as pessoas que viviam na Alta e que foram desalojadas já eram pessoas que viviam com dificuldade e tinham uma casa, tinham quer dizer alugada ...
Ao fim da rua da Figueira da Foz e começa a rua Infante D. Henrique aí havia um muro até 1960 e poucos porque tudo antes de se fazer a rua de Aveiro era um quartel, era aí que todos os militares faziam todos os seus exercícios e nós vínhamos para muro ver os militares a fazerem exercícios, a cavalo e sem ser a cavalo, tudo! Porque o quartel era cá em baixo na rua da Sofia, na rua dos Colégios.
Ali hoje onde é hoje a Manutenção Militar ou onde esteve a polícia militar e eu ainda não sei se ainda está, a polícia militar esteve durante muito tempo, aquilo ainda são quintais ali e eu ia lá às tileiras buscar folhas para os bichos de seda, porque lá é que havia muitas arvores.
Portanto nesse sítio aí tem uma escada, que é a Ladeira do Carmo onde tem o clube dos mais antigo de Coimbra que se chama as "Patelas" e "Patelas" porquê? Porque era ali que se juntavam os operários, onde havia bailes, onde se jogava as cartas, onde havia fogueiras. Onde nós íamos todos e aquela gente toda, tudo era sócio das "Patelas".
Vem pela rua Dias Ferreira abaixo e chega ao fundo e tem um muro, tem um largo e esse largo tem aqui uma casa que tem uma entrada numa coisa de pedra, você chega ai, vai ali espreitar e vê um bairro ali dentro, o bairro de Montarroio, começa ali e depois você vem outra vez para o largo, que tem aqui uma casa com umas escadinhas e vai por ali abaixo a pé e depois mete numa rua muito estreitinha e logo à sua direita que vai dar ao Pátio da Inquisição. Essa ruazinha estreitinha aí como eu estava a dizer, era o bairro de Montarroio e aí vivia num

corredor porque eu sei e porque vi, porque a cozinha da casa dos meus avós e que depois foi viver para casa dos meus avós e que era cozinheira, vivia ali com os filhos todos, aquilo era uma miséria.
O bairro de Montarroio, claro que o bairro da Conchada também tinha essas características todas e quanto a mim, o bairro da Conchada aguentou-se muito graças ao cemitério, que era o único tirando o do Santo António dos Olivais e graças também a todas aquelas casas que foram feitas na encosta. Aquelas construções são muito antigas que ali está, algumas dos anos 42, outras dos anos 40-50

I.- E aqueles prédios altos?

R.- Ah isso já não, isso já são outras aberrações, a rua de Aveiro? Isso já são outras aberrações e isso já não tem nada a ver com a conchada, isso já são modernices.
Mas isso já é de 1961.

I.- Pois! Porque na altura como abriram a estrada e ...

R.- Não, não! Já foi muito depois de abrirem a estrada, a rua de Aveiro foi aberta e aquilo não foi construído logo. A primeira casa a ser construída foi a torre, que é da providência portuguesa, essa foi a primeira a ser construída e depois construíram aquela coisa, embora com alguns pareceres e quanto sei negativos, porque a estrutura e aquilo é argila e tem água aquela encosta, onde está a famosa Casa Amarela, que para nós nunca teve importância nenhuma e nunca nos disse nada, aquilo era uma casa abandonada, o dono daquilo tudo era o Dr. Anísio

I.- Anísio, exactamente! Que era médico na Casa de Saúde na rua da Sofia

R.- Era o Dr. Anísio, que era médico pediatra ou obstrecta, acho que era obstrecta

I.- Devia ser obstrecta, para estar na Casa de Saúde

R.- Era ele e o Dr. Rapouso. Eu nasci e o foi o Dr. Anísio que me pôs cá fora.
Ele era o dono disso tudo.
Bom! A casa esteve sempre abandonada e ciclicamente iam por lá passando ...

I.- Pessoas de má fama, basicamente!

R.- Ciganos que se encaixavam, mas ciganos foi ultimamente mais tarde, grupos

de pessoas que não tinham onde estar e iam para ali, aquilo não tinha janelas nem portas e não tinha nada, mas tinha telhado.
A partir de certa altura foram para lá umas pessoas que faziam ali coisas inacreditáveis que para além de droga, de contrabando de armas de isso e daquilo, havia tiroteio ali que era uma coisa doida. As autoridades tentaram tirar de lá várias vezes, o proprietário também, houve ali muitas coisas dessas, mas nunca conseguiram, até que eles próprios quando viram foram cercados pela polícia e quando foram cercados pela polícia, e que sabiam que não nunca mais iam para ali, pegaram fogo aquilo e aquilo morreu ali e penso que ainda está como estava

I.- Sim ainda está

R.- Pronto! Essa casa não tem ...

I.- Apenas só tem as paredes interiores e as exteriores

R.- Ah pois! Não tem mais nada que é para não ir para lá ninguém

I.- Não tem os pisos intermédios e nem telhado

R.- Pois e depois deitaram aquilo abaixo sobe pena de cair alguma coisa em cima de alguém que lá fosse.
A Conchada tinha toda a sua volta uma coisa que era tudo olivais, atrás do bairro da Conchada, no morro da Conchada aquilo que chamam ...

I.- De Coselhas

R.- De Coselhas e toda aquela encosta, que está atrás daqueles prédios do Colégio de S. José e que havia lá em cima um bairro de uma dúzia de casas, de pessoas que trabalhavam nos correios, na construção civil e que tinham ali a sua casinha e cultivam aquilo e que tinham muitas oliveiras, arvores de fruto, que vão dar à rua Machado de Castro ao pé do seminário dos italianos, isso aí também era um bairrozinho. Depois mais tarde é que se construiu o bairro de Celas para alojar os desalojados da Alta

I.- Porque a Alta vai “invadida” pelos estudantes?

R.- Não, não! A Alta foi deitada abaixo pelo estado novo e o Professor Bissaya deitaram abaixo a Alta para construir as faculdades, deitaram a parte histórica mais importante da cidade.
(...)

R.- Você sobe a rua António José de Almeida, a que vai dar a Cruz de Celas, a que vai dar da Conchada à Cruz de Celas, à esquerda tem a Nicolau Chanterene e continua, e a determinada altura há uma recta, ela é a subir mas a determinada altura dessa cortada para a esquerda é uma recta com casas de um lado esquerdo, com casas todas iguais que foram mandadas fazer pela Emissora Nacional para os seus técnicos que vinham de fora, ao fundo há um beco e nesse beco há um clube também. Esse beco era o bairro de Celas, o bairro de Montes Claros, que ainda hoje é o bairro de Montes Claros. Está a perceber? Havia esses sítios que uniam ...

I.- Que uniam a comunidade toda

R.- Que uniam as pessoas todas, está a ver?
Depois tem o bairro de Celas que serviu para alojar as pessoas, como o bairro da Arregaça e o bairro Norton de Matos com rendas ...

I.- Rendas baixas

R.- Muito baixas que pagavam uma renda e que ao fim de 25 anos ficavam como propriedade sua.
De bairro para bairro, o bairro de Coselhas, o da Conchada são os mais idênticos, tem as componentes todas, os outros já eram clubes, tinham o clubezinho, não é? Já eram pessoas completamente diferentes, já eram pessoas com cerimónias, pessoas que conviviam como “ó vizinha!”.
Ali, se me disser assim: os meus avós que viviam na Conchada e os amigos dos meus avós e aquela gente toda que eu conhecia, pais dos meus amigos da minha idade, conviviam diariamente com o pessoal do bairro da Conchada, conviviam quando saiam do eléctrico onde encontravam algum e pediam “ó doutor dê-me um cigarro”, “ó Senhor dê-me um tostão” ou “não queres comer, tens fome?”, era esse tipo! Nós não, nós brincávamos, percebe?
Havia ali um grupo brutal ali na Conchada de gente nova, muito grande mesmo. Não tínhamos problemas nenhum desses e quando era preciso fazer uma malandrice íamos chamar um tipo ao bairro da Conchada para fazer a malandrice.
Agora! A vida social que havia, a vida de inclusão, que foi sempre hoje uma palavra muito em voga no bairro da Conchada, foi sempre a palavra voga na Conchada e por isso era um bairro com características muito especiais, nem eram características urbanísticas. Urbanisticamente aquilo eram casas da época, era tudo como a casa da minha avó, era tudo casarões enormes, com hall pela entrada brutal e depois nos quartos era um outro hall brutal, tudo casas assim. Tinha era essa componente da inclusão, que era a componente mais importante quan-

to a mim do lado da Conchada porque a partir de 1980/90, também porque a malta nova do meu tempo foi toda para fora, saiu dali e só ficamos lá meia dúzia, e nessa altura as pessoas também só se viam nos cafés, no café Coimbra que foi o primeiro café na Conchada e depois foi o Apolo como eu digo, que foi logo a seguir, que era mais para bilhares e depois havia o da Conchada, aqui no D. Infante e isso tudo, onde ia tudo e que também tinha bilhar, onde havia ali muita gente, havia mesmo ali uma comunidade e isso perdeu-se! Uns foram morrendo outros saíram de lá

I.- E porquê que a senhora saiu?

R.- Saí de lá porque herdei dos meus pais um andar enorme e para mim sozinha não tinha (...) com umas vistas fabulosas, aliás se eu fosse a si ia à Conchada, mesmo à rua de Aveiro e tirava dalí umas fotografias. Eu da minha casa eu via os campos do Mondego e como eu via a Lapa lá em baixo, eu tinha uma vista que era única

I.- A Conchada é mesmo aquele topo do topo
R.- É! Mas não é só a Conchada, ao pé do cemitério virada

I.- Aquela varanda?

R.- A Conchada que está virada para a Rainha Santa, para frente a da Santa Clara, na Conchada eu vivia acima da rua Saragoça ali de frente, aí tira umas fotografias.
As saudades que eu tenho, para além da vivência que tive com os meus pais, com os meus irmãos, com a minha família, mas isso a vida é assim! As saudades que eu tenho mais da casa era as vistas, era uma pessoa abrir a janela de manhã

I.- E ver aquele panorama todo!

R.- É ter na varanda cheia de sol com aquilo tudo e eu ficava ali na varanda que ...

I.- Que parecia que estava noutro lado, não era?

R.- Mas com uma particularidade, é que não tendo nós nessa altura, porque construiu-se a casa para rendimento da minha avó e não tenho já o quintal, todo o lado era quintais com arvores de fruto cultivados e com os tais poços, parecia que estava na aldeia e parecia que estava ali metida num gueto, aquilo era um gueto. O bairro da Conchada, no alto da Conchada propriamente dito era um

gueto, que deixou de ser gueto quando aqueles terrenos foram vendidos e só se começaram a construir as casas da rua Dias Ferreira, as casas da rua Saragoça, tudo isso. O começou a deixar de ser gueto com ida para lá de outro tipo de pessoas, as pessoas foram para ali e com a sua postura e com a sua maneira de falar, com a sua vivência foram modificando, educando. Era muito raro encontrar um rapaz da Conchada e alguns tiveram presos bastante tempo e eu lidei com muitos, era amiga de muitos, mas não faltavam o respeito às pessoas, tinham aprendido. Eu lidei muito com essa gente, sabe? Como já percebeu, eu saia do colégio das freiras e eu ia para as barracas que estavam ali no Largo da Conchada. Os meus amigos (...) levava uma bola feita com uma meia da minha mãe com coisas lá dentro e jogávamos o futebol no Largo da Conchada

(...)

A construção da Conchada em termos urbanísticos, é uma construção de uma época e se for ver bem todas aquelas ruas, Dias Ferreira e Infante D. Henrique, do lado esquerdo de quem sobe e do lado direito já houve ali umas casas que até foi o meu pai que construiu aqueles prédios que ali estão, eram casas mas as pessoas deixaram de viver ali e pediram para ele construir as casas com 2/3 andares, mas do lado esquerdo ainda são casas da primeira época.
Você vai à rua Dias Ferreira depois corta e aquela casa é das primeiras dali da Conchada e todas aquelas casas ali da primeira época, que seria de 1930/41-44 e depois as construções já seriam diferentes.
Aquelas casas continuam ali e mantém-se o mesmo, mas não se mantém o espírito, a vivência nem nada disso.
A Conchada serviu de exemplo, penso! Para muitos estudos que foram feitos posteriormente para os outros bairros e sabe que uma coisa é o que se importa, outra coisa é o que se vive no sitio onde se está porque se vai adaptando tudo naturalmente sem estar a pensar que se está a adaptar-se e quando se transfere uma coisa para o outro lado as características já são diferentes porque as características do bairro de Celas é de um bairro operário, embora a Conchada seja chamada por bairro operário. Sim! Bairro operário porque aquelas pessoas trabalhavam na construção civil e nas fábricas, nas fábricas de têxteis, no Bota abaixo nas serrações, nas fábricas que havia de ferro forjado. Coimbra era uma zona industrial.

I.- Já agora! Como estamos a falar de fábricas, o que é aquela cá em baixo ao pé da Casa do Sal?

R.- Fábrica dos curtumes! Aquela grande que está abandonada?
I.- Sim!

R.-É a antiga fábrica dos curtumes, umas das maiores fábricas que havia em Coimbra.
Havia a fábrica da Arregaça que era de cerâmica, havia a fábrica de cerâmica no Terreiro da Erva, a fábrica das loucas de Coimbra, havia onde está hoje o Hotel Tivoli a fabrica dos Lima que era de têxtil, havia onde é hoje nas Lajes, onde está aquela urbanização, ainda está lá uma casa antiga. Aí era a fábrica dos Martins, de têxteis que era uma coisa enorme, havia também a fabrica dos Lima, que é onde estão a fazer um hospital para pessoas idosas por trás da autoindustrial

I.- Ah sim, onde estão a reabilitar aquela casa antiga

R.- Sim, a fábrica dos Lima, isto para falar dentro da cidade
Havia a fábrica Triunfo virada para o rio, do lado de lá da linha de comboio e depois é que passou para o Loreto e acho que é só ...
Só deixou de ser cidade com fábricas como deve ser, não quer dizer que não se mantivessem até falirem todas e acabarem, porque o Estado Novo de Salazar não permitia que se construíssem fábricas em Coimbra

I.- Porquê?

R.- Porque não se podiam juntar os operários com os estudantes que eram revolucionários porque tinha havido aquela crise de 1962 dos estudantes.
Então Salazar, todas as fábricas da Renaut e etc, tudo o que veio para Portugal, todas as fábricas não podiam ser em Coimbra porque não se podia juntar o operário com o estudante e porque isso dava mal resultado.
Perdeu-se na cidade de Coimbra o espírito do operário, da população e do estudante por causa disso.

Há coisas que se passaram que são de uma importância fulcral para o futuro de Coimbra e para se explicar muita coisa de Coimbra, percebe?

I.- Que nem toda a gente sabe disso

(...)

I.- Isto tudo sobre a Conchada porque a minha tese ...

R.- É só sobre a Conchada?

I.- Não, não é só sobre a Conchada, mas é um projecto na encosta que vai alber-

gar a Casa Amarela que é para um tanatório!

R.- Para um?

I.- Tanatório

R.- Mas está a fazer um projecto para um tanatório?

I.- É um trabalho académico
É um crematório só que tem outro tipo de serviços

R.- A CMC tem desde 1998/99 um dossier aberto, eu quando estive na câmara com o vereador em que o cemitério estava ao nosso encargo, foram feitos os primeiros estudos e foram feitas as primeiras coisas sobre o crematório do cemitério da Conchada, se for à câmara pedir a documentação e o dossiê do crematório, vai encontrar esses estudos feitos.
Só não foi feito na altura e nem foi pelo dinheiro, que era complicado em 1998/99 fazer o crematório por causa da igreja, nós tivemos reuniões com o bispo e com padres para começar a abrir o caminho para o crematório, não era assim uma coisa fácil porque a igreja opunha-se. O crematório não ficaria com certeza dentro do cemitério, não tem lá sítio. Nem o cemitério da Conchada pode ser alargado porque o cemitério está num perigo brutal.

R.- Sabe qual é?

I.- Devido ao deslizamento de terras

R.- Aquela na encosta que dá para Coselhas, onde está aqueles prédios novos que fizeram e que quando foram as grandes cheias aqui a uns anos atrás, o grande perigo daquilo tudo era que as urnas viessem por ali abaixo.

I.- Mas o meu trabalho é mesmo na encosta ao pé da Casa Amarela

R.- Sim, mas porquê aí uma coisa dessas?

I.- Para já acho que faz sentido um edifício desta natureza dentro da cidade

R.- Então, mas há!

I.- Dentro da cidade não, vai ser um edifício que vai trazer mais pessoas para aquele sítio, por ser o cemitério mais antigo da cidade, pelo sítio magnífico que

ali se encontra e também não deixando a Casa Amarela de fora ...

R.- Mas a Casa Amarela não tem nada

I.- Pois! Mas como estou a projectar um edifício, estou a criar novas funções para a mesma ...

R.- Mas a Casa Amarela nem era uma casa bonita pelo contrário, era uma casa que não tinha "pileca" nenhuma, parecia um ... era assim uma casa ... está a perceber? Umas janelas, uma escadinha, uma porta e mais nada. Havia casas muito mais bonitas na zona da Conchada, aquilo era uma coisa que estava ali era um mamarracho e nem o Dr. Anísio queria aquilo para nada.
Agora! Aquela encosta da Conchada sim é preciso ter cuidado e você faz essa proposta faz esse projecto, mas cuidado tem que o sustentar com o terreno e você não vai ter hipóteses de o fazer

I.- É uma tese, um livro aberto ...

R.- Sim, mas é bom que na sua tese ... você até pode pôr o que seria, o que ficaria ou como seria juntar o cemitério da Conchada com isto assim e assim ... porque vá aos estudos do terreno porque ali não se pode construir (este terreno é na encosta posterior ao jazigo municipal, encosta esta virada para Coselhas)

I.- Está como área verde

R.- Não, não! O problema não é esse ... Aquela última casa que foi feita na rua de Aveiro já foi uma última casa de alto risco, o terreno não permite construção porque está permanentemente a ser infiltrado de águas, aquilo é uma argila que está constantemente a ser infiltrada e que não permite. Vá à CMC e peça o dossier sobre o estudo em 1998/99 do crematório do cemitério da Conchada para ler.
Vai lá encontrar coisas que uteis, escusa de ir pesquisar porque está ali porque aquilo foi do nosso tempo, fomos nos que iniciamos aquilo e aquilo só não foi para a frente porque a igreja ainda não estava muito aberta as estas coisas porque a evolução foi rápida de 2000 para cá, uma pessoa que dissesse numa família "eu quero ser cremada" era logo isto ... era logo aquilo (documentação inexistente na CMC).

"Eu disse sempre que queria ser queimada"
E isso só seria crematório?

I.- Sim!

R.- Não se justifica em Coimbra! Não vai ter população para isso!
O que se justifica ali e quanto a mim, mas era preciso que se pudesse construir e uma coisa bem feita era uma coisa ... para idosos porquê? Aquela encosta que você está a falar e das encostas com as melhores vistas, mais bonitas e com mais sol daquela parte toda ali, já viu?

I.- Dai ter sido o sítio de eleição para o projecto

R.- Porque repare, já tem um crematório que dá razão. Se vai pôr ali um crematório no meio da cidade o pessoal da Conchada não admite isso

I.- Porquê?

R.- Porque não querem lá isso, eu quando falo não falo do pessoal da Conchada, falo no geral. São mortos, já lhes chegam o cemitério

I.- Sim, mas eles acabam por não interferir naquilo porque aquilo acaba por ser um edifício escondido na encosta, basicamente era isso

R.- Era o quê? Não percebi!

I.- Basicamente ninguém dava por ela

R.- Aí davam não, não davam!

I.- Como está na encosta ...

R.- Já viu como a encosta daquelas está tão mal aproveitada? Uma encosta que pode ser muitas coisas ...

I.- Eu aprovei para este edifício

R.- Aliás só não foi construído lá o hotel, porque na verdade a CMC não deixa construir pela natureza dos terrenos que é, porque se não tinham ali construído um hotel

I.- Para mim, acho que um hotel não fazia sentido um hotel lá

R.- Tinha uma vista privilegiada lá, tinha vista e tinha acesso. Então, mas porque

era ao pé do cemitério?

I.- Não, não! Não é por esse motivo! Acho que ... não sei

R.- Um hotel a vir pela rua de Aveiro? Aquilo era de sonho

I.- Eu por exemplo, se morasse lá não gostava

R.- Já foi à biblioteca? A municipal?

I.- Sim, mas não fui à procura ...

R.- Não viu projectos para a Conchada?

I.- Não! Fui só mesmo para trabalhar! Mas existe?

R.- Deve existir, é capaz de existir.

(...)

R.- A transição da construção primitiva para a construção da nova foi em 1962, na rua Infante D. Henrique, naqueles 3 prédios que lá estão, que foram feitos pelo meu pai, mas nuca fugiu muito àquilo que resta

(...)

R.- O quê eu posso dizer mais? Você focou-se no casarão amarelo, não foi?

I.- Sim! Como é uma zona que eu estou a intervir com o novo edifico ...

R.- Mas sabe que está lá outros terrenos da Misericórdia onde podiam ser feitos ... que são aqueles do outro lado de lá. Não há uma casa ao lado do cemitério, do lado esquerdo? Uma casa abandonada ao pé de uma arvore?

I.- Não sei!

R.- Vivia aí um tipo muito complicado, que depois teve a viver com a “Gracindita” na barraca.
O Colégio de S. José era de meninas, só de raparigas e tinha cerca de 500/600 e tal de raparigas internas, os pais estavam para a Angola, Moçambique etc e deixavam as meninas no colégio e depois vinham na altura das férias para esta-

rem com os filhos e depois voltavam. E quando deixava de chover, as meninas iam para o largo do cemitério, à porta do cemitério brincar, jogar às escondidas, jogar ao ringue. Era um sítio porreiro para passear

I.- Sim, aquela zona é muito gira e lá está

R.- Não havia perigos, não havia carros e os carros que iam para ali eram reduzidos, não é?

I.- Sim, havia muito poucos

R.- Era!
As repúblicas deram àquilo uma vida muito ... e depois os estudantes da república aproveitaram todas as figuras típicas que havia na Conchada, sabe? Aproveitaram, mas não é a explorar nem a gozar!
Tudo era doutor naquela terra! A gente sentava-se no engraxador e era doutor

I.- Tudo lá é doutor!

R.- Já não é tanto como antigamente

I.- Qualquer coisa é doutor ...

(...)

R.- Sobre esses terrenos daí, às tantas já não são dos donos antigos, eles foram vendidos alguns terrenos dai dessa encosta, eu sei que foram vendidos alguns terrenos dessa encosta

I.- A última pessoa era o Dr. Anísio

R.- Mas havia outro proprietário! Está a falar no que respeita à Casa Amarela ...

I.- Sim!

R.- Mas havia outros proprietários aí, que era o Dr. Figueiredo da farmácia Figueiredo da rua da Sofia, mas esse já foi vendido
Se você chegar à rua Figueira da Foz e se puser no muro, você encontra terreno do lado e do outro

I.- Sim sim! Porque também o que se suspeita é que aquela zona ali poderá ter

pertencido a uma colegiada da rua da Sofia

R.- A uma?

I.- Colegiada!

R.- Ah! Sim sim! Claro que pertencia porque aquilo pertencia à parte dos colégios, claro que aquilo fazia parte ... os colégios vinham até ali ... tem os colégios da rua da Sofia e tem onde era o quartel, ora o terreno que era aquela encosta toda e a parte de cima o de está a rua da Figueira da Foz até à Casa de Saúde da Sofia, aquelas traseiras todas aquilo era onde eles faziam os exercícios e isso pertencia aos colégios e tudo isso

(...)

R.- Havia ali uma grande comunidade, a que me orgulho muito de lá ter nascido, nasci na rua da Sofia, mas fui para lá no dia seguinte.
De ter ali nascido e crescido, foi bom para mim! E para muita gente como eu! Muitos que lá passaram!

I.- Acredito que sim!

R.- Temos saudades da Conchada, sabe? Sabe que a gente viveu numa comunidade assim e acaba por se ter saudades, nós eramos como se fossemos todos irmãos, um por todos e todos por um! E quem não era assim levava no nariz!

I.- Era obrigado!

R.- “És um importante, és um importante”, “tens a mania”, “vai-te embora daqui para fora”, havia alguns e de vez em quando aparecia um ou outro assim “menino, filhos dos papás! Ó seu caraças, vá-se embora”.
A Conchada era um máximo! Tinha um eléctrico bestial, o 4 que ia para Cruz de Celas e chegava a Cruz de Celas voltava para trás. Eu ia até à Cruz de Celas pendurada no eléctrico, na parte de fora para não pagar bilhete e depois vinha para baixo, continuava a vir pendurada para não pagar bilhete. É giro, não é?

I.- Ficam apenas as saudades!

R.- Hum?

I.- Ficam apenas as saudades!

R.- Não! Ficam boas recordações ...

I.- Sim é isso!

R.- Grandes amizades, coisas boas, fico então não fico? Ainda bem que eu tive oportunidades de viver essas coisas todas

I.- Claro!

R.- Hoje estamos noutra época e temos de nos adaptar! Todos os dias é uma época nova! O que era hoje, ontem já não é! Pois não? Já é outra coisa!
E cada vez vai ser mais porque isto evolui com uma velocidade brutal!
E por isso é que eu lhe dizia uma coisa, havia um estudo de agora que saiu, muito bem feito que em 2030 a população portuguesa será de 5 milhões de habitantes e envelhecida

I.- Sim, os mais novos estão a sair

R.- Não lhes dão as mesmas condições que dão lá fora cá dentro. Não se fazem reformas como se deviam fazer, para a economia crescer e eles terem aqui a sua.
Você está no Porto, na universidade?

I.- Sim estou na Faup, em arquitectura e pronto!
É o meu tema de tese.

R.- Gosta de arquitectura?

I.- Gosto muito!

R.- Vai estagiar por lá?

I.- Não sei ainda!
Eu só quero mesmo terminar isto porque já estou a ir para o segundo ano de tese

R.- Se eu fosse a si tentava estagiar lá pelo Porto!

I.- Se não for aqui, é lá fora!

R.- Ah bem!

Isto aqui em Coimbra não vai lá!
A arquitectura também não é só fazer projectos para casas.

I.- Não, é tudo um pouco!

(...)

I.- Obrigada D. Rosa por este tempinho que arranjou para me falar da Conchada

7 de Junho, Figueira da Foz